

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

O *BACKSTAGE* DA TELEVISÃO NO RIO GRANDE DO SUL

SÉRGIO LUIZ PUGGINA REIS

Dissertação apresentada no Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, para obtenção do grau de mestre em Comunicação Social, sob a orientação do prof. Dr. Antônio Hohlfeldt

Porto Alegre, setembro de 2012

R375b Reis, Sérgio Luiz Puggina

O back stage da televisão no Rio Grande do Sul /
Sérgio Luiz Puggina Reis. Porto Alegre, 2012.
296 f.

Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) –
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social,
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,
2012.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Hohlfeldt.

1. Televisão. 2. Tecnologia. 3. Televisão Rio-
Grandense. 4. História da televisão. I. Hohlfeldt, Antônio. II.
Título.

CDD 070.98165

Bibliotecária Responsável

Isabel Merlo Crespo

CRB 10/1201

“A beleza de ser um eterno aprendiz.”

Gonzaguinha

AGRADECIMENTOS

Concluir uma Dissertação de Mestrado traz a sensação do dever cumprido. Durante meses trilhamos caminhos que, muitas vezes, nos obrigam a retroceder para encontrar o rumo certo. É um ir e vir constante na busca das informações corretas e na montagem do verdadeiro quebra-cabeças, na junção das diversas peças que compõem o mosaico do todo. A experiência foi fascinante, pois me permitiu reviver tempos idos, corrigir distorções da memória, atingindo a verdade de fatos e sentindo a importância do passado em relação ao presente.

Dizem que escrever um livro é um trabalho solitário; escrever uma Dissertação de Mestrado é um trabalho coletivo, no qual o autor recebe orientações e influências e depende de terceiros. Por vezes é empurrado, em outras é freado; o auxílio externo nos mantém nos trilhos do conhecimento e na ordenação de seus processos.

A todos os que, de uma ou outra forma, colaboraram para a concretização deste trabalho, o meu agradecimento. Não existem pequenas ou grandes colaborações. Existem colaborações, e elas estão permeadas da primeira à última palavra deste texto. A todos o meu agradecimento.

Agradecimentos especiais:

- ao **professor Antônio Hohlfeldt**, meu orientador, pela ideia do tema, pela atenção e disponibilidade, sempre me colocando no rumo certo, e

por me mostrar que a academia pode ser tão atraente, ou até mais, do que o mercado;

- ao **professor Juremir Machado**, por ter me incentivado e compartilhado comigo seus amplos conhecimentos em aulas memoráveis;
- ao **professor Jacques Wainberg**, pelas palavras de apoio e por me transmitir sua sabedoria de forma sempre atraente;
- ao **professor Humberto Keske**, amigo de todas as horas, que aceitou o convite para avaliar este trabalho, trazendo suas sábias considerações;
- à **Lúcia, Patrícia e Marcos**, pela constante boa vontade, amizade e paciência, especialmente paciência, me ajudando a solucionar os problemas administrativos durante todo o transcorrer desta pós-graduação;
- aos **professores e palestrantes** da PUCRS, que ampliaram meus conhecimentos e minha visão crítica em relação ao mundo;
- aos **colegas/amigos** do Mestrado que ocupam grande espaço em meu coração;
- ao **meu mestre e guru, José de Almeida Castro**, por ter, há 52 anos, me apresentado a televisão e agora, mais uma vez, ajudado a acender dentro de mim, a chama de um novo caminho;
- à **minha filha Christine**, força motora desta busca de qualificação, incentivadora e parceira constante e incansável;
- ao **meu genro Francisco**, por nunca reclamar de minhas monopolizações, por vezes exageradas, de sua mulher;
- e, para encerrar com chave de ouro, à **minha mulher Vera**, que acredita em mim mais do que eu mesmo.

RESUMO

Por ser a televisão brasileira uma das melhores do mundo, mantendo um constante aprimoramento em seus mais de 60 anos de vida, este estudo apresenta um aprofundamento da sua perspectiva histórica.

Recuperaram-se sequencialmente os fatos, estabelecendo uma cronologia que facilita o entendimento da história da televisão no Rio Grande do Sul. Assim, este trabalho mostra os principais acontecimentos e, também, um resgate da memória do que foi feito e por quem foi feito, destacando as mudanças de práticas dos seus responsáveis que passaram por diferentes fases, durante os 50 anos de existência da televisão no estado rio-grandense. A abordagem realizou-se dentro de uma visão qualitativa onde buscou-se verificar como se deu a relação entre a evolução da tecnologia televisiva ante o desenvolvimento e as mudanças comportamentais na sociedade por ela atingida. Com o caráter exploratório e qualitativo, temos como metodologia a pesquisa bibliográfica, entrevistas e depoimentos pessoais, além do próprio exercício da memória. Baseado no problema da pesquisa mostra-se que os avanços técnicos específicos da televisão sul-rio-grandense foram compatíveis com os das emissoras cabeças de redes, guardadas as proporções quantitativas de número de equipamentos, pois atendia-se a necessidade da programação local. Mostra-se, também, a impossibilidade de uma emissora local sobreviver financeiramente na competição comercial com as emissoras filiadas.

Palavras chaves: Televisão; Tecnologia; Televisão Rio-grandense; História da televisão

ABSTRACT

Being one of the best television Brazilian in the world, maintaining a constant improvement in its over 60 years, this study presents a deeper historical perspective, examining it with a macro view. Recovered sequentially facts, establishing a chronology that facilitates the understanding of the history of television in the Rio Grande do Sul. Thus, this paper shows the main events and also a rescue from the memory of what was done and by whom it was made, highlighting the changing practices of its leaders who have gone through different phases during the 50 years of the television in the state Rio Grande. The approach took place within a qualitative view where we attempted to check how was the relationship between the evolution of television technology ante development and behavioral changes in society affected by it. With the exploratory and qualitative, as we approach the literature, interviews and personal testimonies, besides the exercise of memory. Based on the research problem shows that the specific technical advances of television in Rio Grande do Sul were compatible with the networks of broadcasters heads, kept the proportions of quantitative amount of equipment, for attending to the need of local programming. It shows also the impossibility of a local station financially survive in competition with commercial broadcasters affiliated.

Palavras chaves: Televisão; Tecnologia; Televisão Rio-grandense; História da televisão.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 1 A TELEVISÃO NO BRASIL E NO MUNDO..... | 16 |
| 1.1 O desenvolvimento da televisão no mundo..... | 16 |
| 1.2 O desenvolvimento da televisão no Brasil | 21 |
| 2 TV PIRATINI: A CHEGADA DA TELEVISÃO A PORTO ALEGRE | 36 |
| 3 TV GAÚCHA | 73 |
| 4 TV DIFUSORA | 102 |
| 5 TV GUAÍBA | 146 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 171 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 182 |

| | |
|--|-----|
| ANEXO 1 – <i>E-MAIL</i> DOS ENTREVISTADOS..... | 185 |
| ANEXO 2 – A TV PIRATINI | 272 |
| ANEXO 3 – A TV GAÚCHA | 278 |
| ANEXO 4 – A TV DIFUSORA | 291 |
| ANEXO 5 – A TV GUAÍBA..... | 295 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 – Curso Preparatório de Profissionais de Televisão | 43 |
| Quadro 2 – Inaugurações das televisões RBS interior RS..... | 100 |

LISTA DE IMAGENS

| | |
|---|----|
| Imagem 1 –Imagens de rostos humanos produzida por John Logie Baird .. | 18 |
| Imagem 2 –John Logie Baird e seu invento | 18 |
| Imagem 3 –Assis Chateaubriand | 21 |
| Imagem 4 –Curumim, simbolo da TV Tupi | 21 |
| Imagem 5 –Visita do Chateaubriand a TV Piratini | 26 |
| Imagem 6 –Inauguração da TV Piratini | 36 |
| Imagem 7 –Obras da TV Piratini | 37 |
| Imagem 8 –Revista TV Sul com frente da TV Piratini | 37 |
| Imagem 9 –Folder TV Piratini | 40 |
| Imagem 10 – José de Almeida Castro | 43 |
| Imagem 11 – Programa "Grandes Reportagens Banmércio" | 54 |
| Imagem 12 – Revista TV Sul: Charge tele-vizinhos | 62 |
| Imagem 13 – Grade de Programação - Horário Eleitoral | 65 |
| Imagem 14 – Grade de Programação - Horário Eleitoral | 66 |
| Imagem 15 – Programa "Em mangas de camisa" | 67 |
| Imagem 16 – AnúncioMullard | 69 |
| Imagem 17 – Inauguração da TV Gaúcha | 73 |
| Imagem 18 – Anúncio de página inteira da TV Gaúcha | 74 |
| Imagem 19 – Texto informando que a cantora Vanja Orico | 75 |
| Imagem 20 – Equipamento PYE | 76 |
| Imagem 21 – Grade de programação da TV Gaúcha | 78 |

| | |
|--|-----|
| Imagem 22 – Equipe inicial da TV Gaúcha | 79 |
| Imagem 23 – Programa de Natal: Movimento gaúcho pelo menor | 81 |
| Imagem 24 – Programa "Ringue Doze" | 83 |
| Imagem 25 – Programa "Grande Desafio" | 93 |
| Imagem 26 – Investimentos para incentivo à expansão | 94 |
| Imagem 27 – O Adeus à Margarida Spessato | 96 |
| Imagem 28 – O canal 10 ilumina o Rio Grande | 103 |
| Imagem 29 – Direção da TV Difusora | 104 |
| Imagem 30 – Cameras e Video-Tape RCA | 105 |
| Imagem 31 – Jornal de Vanguarda | 110 |
| Imagem 32 – Símbolos das TVs da época | 112 |
| Imagem 33 – Reunião da TV Difusora com a Tv Record | 121 |
| Imagem 34 – Prédio TV Rio | 127 |
| Imagem 35 – Comunicado interno TV Rio | 129 |
| Imagem 36 – Festa da Uva 1972 - Primeira transmissão a cores - Câmeras | 136 |
| Imagem 37 – Festa da Uva 1972 - Primeira transmissão a cores - Desfile | 138 |
| Imagem 38 – Primeiro jogo de futebol a cores | 139 |
| Imagem 39 – Comunicado interno TV Difusora | 140 |
| Imagem 40 – Inauguração TV Guaíba | 147 |
| Imagem 41 – Câmera TK 45 - RCA | 150 |
| Imagem 42 – Câmera TKP 45 - RCA | 150 |
| Imagem 43 – Video-Tape TR 600 - RCA | 150 |
| Imagem 44 – Caminhão de externas TV Guaíba | 152 |
| Imagem 45 – Programação TV Guaíba | 155 |
| Imagem 46 – Anúncio Jornalismo TV Guaíba | 159 |
| Imagem 47 – Anúncio visita Papa ao Rio Grande do Sul | 160 |
| Imagem 48 – Anúncio Guaíba Feminina | 162 |
| Imagem 49 – Capa Jornal da TV | 164 |

INTRODUÇÃO

A sociedade vem alterando comportamentos através dos tempos, devido a diversos fatores, entre os quais, na época mais recente, situa-se como o mais importante, a televisão. Unindo som e imagem, o impacto do veículo, nos seres humanos, é abrangente, formando opiniões e criando hábitos e costumes, ditando valores éticos e morais, realizando programas, eventos e transmitindo notícias. Este é o ponto de partida desta dissertação de mestrado que versa sobre “O *backstage*¹ da televisão no Rio Grande do Sul”.

A abordagem realiza-se dentro de uma visão qualitativa, compreendendo um movimento reflexivo e crítico, objetivando verificar como se deu a relação entre a evolução da tecnologia televisiva ante o desenvolvimento e as mudanças comportamentais na sociedade por ela atingida.

Por ser a televisão brasileira uma das melhores do mundo, mantendo um constante aprimoramento em seus mais de 60 anos de vida, faz-se relevante um aprofundamento da perspectiva histórica, evitando-se destacar pontualmente um ou outro programa de eventual menor qualidade, e levando esta visão para o todo. Ao recuperarmos sequencialmente os fatos, buscaremos estabelecer uma cronologia que facilitará o entendimento da história da televisão no Rio Grande do Sul. Assim, este trabalho vem agregar valor tanto para a comunidade profissional, quanto para a sociedade em geral, por ser um estudo científico dos principais acontecimentos e, também, um resgate da memória do que foi feito e por quem foi feito, destacando as mudanças de práticas dos seus responsáveis que passaram por diferentes fases, durante os 50 anos de existência da televisão no estado rio-grandense.

¹ *backstage* - bastidores

Este trabalho, de caráter qualitativo, tem como metodologia a pesquisa bibliográfica, entrevistas e depoimentos pessoais, além do próprio exercício da memória.

O presente estudo tem como objetivo específico:

- Registrar e discutir as transformações tecnológicas da televisão no Rio Grande do Sul, desde o surgimento da TV Piratini até a constituição da TV Guaíba.

Para dar conta deste objetivo, serão abordados itens como:

- o surgimento da televisão no Brasil, em 1950, (São Paulo) e 1951 (Rio de Janeiro), numa iniciativa do empresário de comunicação Assis Chateaubriand, dono do grupo Diários e Emissoras Associados; as diferenças entre as programações das duas praças e o porquê destas diferenças; a opção pela compra de equipamentos nos USA, o que veio a nortear a legislação da televisão brasileira e o padrão eletrônico a ser utilizado;
- os aspectos de logística técnica (compra de equipamentos iguais para todas as praças), humana (profissionais para operar as emissoras que surgiriam em centros onde não havia emissoras e, conseqüentemente, gente especializada) e de construção do prédio específico em Porto Alegre;
- a inauguração da TV Piratini, Canal 5, em dezembro de 1959; os resultados obtidos e o início dos seus trabalhos, tratando da programação e da relação com a TV Tupi do Rio de Janeiro, especificando os tipos de programas apresentados e a tecnologia disponível;
- a ênfase dada aos valores artísticos locais, em diferentes segmentos (balés, conjuntos de folclore, cantores, redatores, atores e atrizes, apresentadores e entrevistadores...), inclusive telenovelas, bem como acompanhar mudanças de hábitos dos porto-alegrenses, com o surgimento dos *televizinhos* e a possibilidade de assistir a espetáculos antes restritos a teatros e clubes;

- a mudança no campo da publicidade local, pelo surgimento dos fantásticos recursos do novo veículo, a televisão. A necessidade da criação de mensagens televisivas, com uma linguagem própria, que terminou por impactar a sociedade, criando novas necessidades e a ampliação de bens de consumo;
- a mudança nas transmissões esportivas, notadamente o futebol, com apresentações ao vivo dos jogos. A discussão inicial sobre o possível esvaziamento dos estádios mostra uma faceta surpreendente: o público presente aumenta juntamente com a audiência da TV Piratini;
- o surgimento do *video-tape*, em dezembro de 1961. Alguns programas locais passaram a ser gravados, outros continuaram ao vivo. Mas, com o novo equipamento, a programação paulista e carioca começa a se infiltrar na programação local;
- o surgimento, em dezembro de 1962, da TV Gaúcha (hoje RBS TV), Canal 12;
- o surgimento, em 1965, da Embratel – Empresa Brasileira de Telecomunicações, e o início das operações com as emissoras de televisão em 1968;
- a realização do primeiro programa nacional ponto-a-ponto, feito ao vivo, via Embratel, entre Porto Alegre e Curitiba, chamado “O Grande Desafio”, pela TV Gaúcha e TV Iguazu, de Curitiba, em 1969;
- o surgimento, em 10 de outubro de 1969, da TV Difusora, Canal 10 (hoje Band TV), da Ordem dos Freis Capuchinhos;
- a tentativa da Difusora, em 1971, de formar uma rede, a REI – Rede de Emissoras Independentes, assumindo o controle da TV Rio, do Rio de Janeiro e da TV Alvorada, de Brasília;
- a inauguração da televisão a cores no Brasil, em fevereiro de 1972, realizada pelas TV Difusora/TV Rio, com a transmissão da Festa da Uva em rede nacional, sob direção do autor dessa pesquisa, atendendo a um desejo do governo federal;
- a inauguração da TV Guaíba, Canal 2, em 10 de março de 1979, e os problemas de comercialização existentes no grupo Caldas Júnior;

- a cassação da licença da TV Piratini, Canal 5, em 1980, no governo do General João Baptista Figueiredo;
- a derrocada da TV Guaíba, até sua compra pelo empresário Renato Bastos Ribeiro, em 1986, e, posteriormente, a venda para a Rede Record, em 2007.

O problema da pesquisa é: como os avanços técnicos específicos da televisão sul-rio-grandense ocorreram ao longo do tempo?

No primeiro capítulo abordaremos o desenvolvimento da televisão no mundo e o desenvolvimento da televisão no Brasil.

No segundo capítulo abordaremos a chegada da televisão a Porto Alegre, com a inauguração da TV Piratini, desde seu início em dezembro de 1959 até sua cassação em julho de 1980.

No terceiro capítulo abordaremos a TV Gaúcha, desde sua inauguração em dezembro de 1962 até sua transformação em RBS TV, filiada a Rede Globo de Televisão.

No quarto capítulo abordaremos a TV Difusora, desde sua inauguração em outubro de 1969, suas iniciativas pioneiras como a implantação do primeiro Telecentro de Produções Comerciais, na América Latina, a pioneira transmissão nacional de televisão a cores e sua ligação com a TV Rio, do Rio de Janeiro, que a levou à derrocada.

No quinto capítulo abordaremos a TV Guaíba, desde sua inauguração, em março de 1979, a intenção de seu proprietário, Breno Caldas, de não se filiar a nenhuma rede nacional, as dificuldades financeiras que levaram à queda dos jornais, rádio e televisão da Caldas Junior, sua venda para o empresário Renato Ribeiro, em 1986, e a nova programação, culminando com a venda, em julho de 2007, para a Rede Record.

A TELEVISÃO NO MUNDO

A televisão se tornou possível com a descoberta do selênio, em 1817.

O barão Jöns Jacob Berzelius, médico, químico e professor sueco, nascido em Väfversunda Sörgard, próximo a Linköping, descobridor do *efeito de catálise* e das substâncias catalisadoras (1815), inventor dos símbolos químicos e considerado um dos fundadores da química moderna, professor de química no Instituto Médico-Cirúrgico de Estocolmo (1815-1822), descobriu, em 1817, o selênio, que descreveu como um elemento sem utilidade prática, identificando-o como *selenium* por se assemelhar à luminosidade lunar.

Setenta anos depois, o inglês Willoughby Smith encontrou o selênio de Berzelius e descobriu que aquele elemento químico possuía fotossensibilidade que desprendia elétrons quando exposto à luz, transformando a energia luminosa em força elétrica. Surgia uma utilidade prática para a descoberta de Berzelius (CASTRO, 2000).

O elemento químico selênio está na base do processo de transmissão de imagens por permitir, como se descobriu, transformar a energia luminosa em energia elétrica. Esse foi o caminho para se chegar à transmissão de imagens por corrente elétrica, a chave para a origem da televisão.

1.1 O desenvolvimento da televisão no mundo

Raramente uma descoberta científica é fruto de um trabalho isolado. Diversos pesquisadores, por diferentes caminhos, trabalham em projetos semelhantes, com iguais objetivos, fazendo com que, muitas vezes, a descoberta atribuída a um único cientista seja, na verdade, fruto do somatório do trabalho

de muitos, por vezes em diferentes continentes. Assim foi com a televisão, durante mais de um século: o alemão Heinrich Geissler, o inglês William Crookes e o norte americano Thomas Alva Edison descobriram os efeitos das cargas elétricas no vácuo, quase que ao mesmo tempo.

O alemão Paul Julius Gottlieb Nipkow, técnico e inventor, ficou mundialmente conhecido por ter inventado o Disco de Nipkow, em 1884, um *scanning disc* (disco de escaneamento). Com os impulsos elétricos em uma célula de selênio, Nipkow propagou uma imagem em movimento. Foi o primeiro sistema de televisão eletromecânica. Segundo Mattos (2002), “prosseguindo nas pesquisas, em 1897, outro alemão, K. F. Braun, desenvolveu o tubo de vidro a vácuo, invento que viabilizou a televisão eletrônica. Já neste século, em 1906, a *válvula de três polos* foi patenteada pelo norte-americano Lee de Forest (MATTOS, 2002 : 164).

Ainda em 1884, o alemão Heinrich Hertz provou a existência de ondas eletromagnéticas, que passaram a se chamar *ondas hertzianas*. É pelas *ondas hertzianas* que trafegam os sinais de rádio e de televisão. No rádio, as ondas sonoras são codificadas através do microfone, em impulsos eletromagnéticos; na televisão, os impulsos luminosos são codificados pela câmera, em impulsos eletromagnéticos. Estes impulsos são os sinais de rádio e de televisão.

A palavra *televisão* é criada em 1900, pelo francês Constantin Perskyi. A palavra vem da junção das palavras *tele* (*longe*, em grego) e *videre* (*ver*, em latim). Perskyi apresentou um projeto (uma tese) no Congresso Internacional de Eletricidade em Paris, cujo título era "Televisão". A tese descrevia um equipamento baseado nas propriedades dos fotocondutores do selênio, que transmitiam imagens à distância (CASTRO, 2000)

Em 1909, no Instituto de Petrogrado, na Rússia, o professor Boris Rosling e seu aluno Wladimir Zworykin, inventam o primeiro tubo de raio catódico de reprodução de imagens. Conforme Mattos (2002), foi em 1913 que cientistas alemães conseguiram substituir o selênio da célula fotoelétrica por outro elemento, derivado do potássio, dando maior sensibilidade à célula, facilitando, assim, o aumento da velocidade de transmissão das linhas. E em 1917, as experiências americanas constataram que, variando a carga de energia,

era possível modular a luz. Essa descoberta foi usada, em 1923, pelo escocês John Logie Baird e pelo norte-americano Charles Francis Jenkins, nas experiências com a televisão eletromecânica.

Também em 1923, Wladimir Zworykin (que se diplomara em Petrogrado, aos 23 anos, em 1911), já então um imigrante nos Estados Unidos, trabalhando para a Westinghouse, onde reiniciara suas experiências e estudos, patenteou uma válvula emissora de raios, o iconoscópio². Poucos anos depois, transferiu-se para a RCA (Radio Corporation of America), onde ampliou seus horizontes, colocando a empresa na dianteira das pesquisas, ao projetar e produzir, com sucesso, nos anos 1940, o novo tubo de imagens, o orticon.

Apesar do avanço dos Estados Unidos na busca da televisão, os registros de todas as fontes são unânimes em apontar que John Logie Baird, em Londres, em 1926, foi o responsável pelas primeiras demonstrações de imagens de rostos humanos com tonalidades de luz e sombra.



À esquerda imagem composta pelo Iconoscópio. À direita o aparelho e seu criador.

Fonte: <http://lahistoriadelosmedios.wordpress.com>³

Para Castro, em toda a década de 1930, os cientistas trabalharam e obtiveram alguns resultados favoráveis. Nos Estados Unidos, a RCA, com sua

² O iconoscópio é um instrumento que mostra, em escala reduzida, a imagem de um lugar que vai ser fotografado e permite assim escolher o ponto de vista, a objetiva e a disposição conveniente.

³ <http://lahistoriadelosmedios.wordpress.com/> acessado em 10.02.2012

emissora de Nova York, a NBC, e a CBS, como seu direto competidor, empenharam-se na busca da solução definitiva. David Sarnoff, o presidente da RCA, que prestigiara Wladimir Zworykin, mantendo-o sob vantajoso contrato, celebrou as vantagens advindas do cinescópio e do tubo iconoscópio, ambos desenvolvidos pelo cientista russo, e anunciou, em 1938: “A televisão nos lares já é praticamente possível” (CASTRO, 2000).

Segundo Castro (2000) em 1936, a BBC de Londres já mantinha no ar duas horas diárias de programação regular de televisão. As transmissões foram interrompidas em fins de 1939, com a Segunda Guerra Mundial.

Em 1938, técnicos da Alemanha viajaram pelo mundo, numa promoção da Repartição de Correios do III Reich, sob o patrocínio do Departamento Nacional de Propaganda, para promover suas novas pesquisas científicas. Suas equipes chegaram a vir ao Brasil e fizeram demonstrações de televisão, em circuito fechado, na Feira Internacional do Rio de Janeiro, no Calabouço, onde hoje está o Aeroporto Santos Dumont (CASTRO, 2000).

Em abril de 1939, os Estados Unidos, tendo superado a Depressão de 1929, realizam a Feira Mundial em Nova York, marco inicial para que a NBC – propriedade da RCA – e sua concorrente, CBS, começassem a era da televisão americana. Paralelamente, França, Alemanha, Inglaterra e Itália também trabalhavam para implantar este veículo eletrônico.

As pesquisas mundiais sobre televisão, objeto deste capítulo, sofrem uma interrupção a partir de setembro de 1939, com a invasão da Polônia pelos exércitos alemães, início da Segunda Guerra Mundial. Assim, os trabalhos, pelos europeus, só seriam retomados com o fim da guerra, em 1945.

Nos Estados Unidos, que só entrariam na guerra a 4 de dezembro de 1941, após o ataque japonês a *Pearl Harbour*, a evolução da televisão continuava a passos firmes: em fins de 1939, a RCA fez uma exibição pública de sua nova câmera, transmitindo uma partida de beisebol, na área de Nova York; em 1940, a FCC – Federal Communications Commission – órgão de controle dos meios e veículos de comunicação, nos Estados Unidos, reconheceu oficialmente a televisão e baixou as primeiras normas legais, adotando o padrão

de transmissão de 525 linhas por quadro, com alimentação de 60 ciclos e 30 quadros por segundo, o denominado padrão M. Além destes importantes passos legais, a televisão americana amplia suas atividades em transmissões externas e em suas normas de comercialização. A NBC apresenta à FCC – Federal Communications Commission, um plano de cobertura de costa a costa, através de repetidoras; o plano foi aprovado, mas só seria posto em atividade depois de 1945 (CASTRO, 2000).

A partir de 1942, com a entrada efetiva dos Estados Unidos na guerra, e o direcionamento de todas as atividades para o esforço bélico americano, a televisão sofre uma diminuição de velocidade em seu processo de crescimento, mas continua a se expandir.

Com o término da guerra, em 1945, a televisão recomeça a ocupar seu espaço, mesmo na Europa, que encarava um difícil processo de reconstrução, em todos os países do continente. A França volta a transmitir televisão com equipamento instalado na Torre Eiffel, e a BBC-TV, depois de sete anos fora do ar, retoma sua transmissão externa, em junho de 1946, mostrando o desfile do primeiro aniversário da vitória na guerra. Uma nova rede de televisão norte-americana, a ABC – American Broadcasting Company dava seus primeiros passos.

A RCA apresenta receptores de televisão de 18 e de 24 polegadas, uma enormidade, se comparados aos anteriores, de 8 e 12 polegadas. Entra em funcionamento o invento de Zworykin, o eficiente tubo de imagem orticon, com maior vida útil e que funcionava com menor iluminação, apresentando melhor resolução nas imagens da época, todas em preto e branco.

Apesar de as transmissões em preto e branco atenderem à demanda do público, em 1946 já começavam as discussões, nos Estados Unidos, entre a NBC e a CBS, sobre o sistema a cores que deveria ser adotado.

Naquele mesmo período, países europeus apresentam um comportamento diferente, não alterando sua forma de ver e fazer televisão. Eles entendem que o veículo televisão, por sua importância e influência política, deve ser estatal, sendo sustentado através de taxas pagas pelos proprietários dos receptores. Nos

Estados Unidos, mantém-se a iniciativa privada e a comercialização através de patrocinadores de programas, como era desde seu início.

Em 1950, Wladimir Zworykin, agora alto executivo da RCA, numa iniciativa privada, vem ao Brasil para acompanhar o lançamento da TV Tupi, em São Paulo, primeira emissora da América Latina.

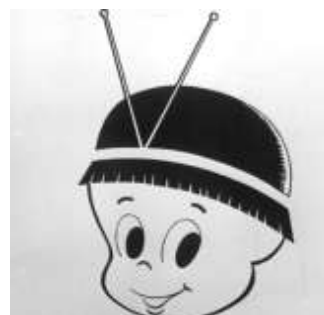
Neste capítulo, viu-se o surgimento da televisão no mundo e como esta se estruturou como um novo meio de transmitir mensagens à sociedade. A seguir, como apontado no parágrafo anterior, mostrar-se-á como este invento chegou ao Brasil e aqui se estruturou.

1.2 – O desenvolvimento da televisão no Brasil

A televisão, no Brasil, começou com a TV Tupi, Canal 3 (depois Canal 4), no dia 18 de setembro de 1950, uma segunda feira, na cidade de São Paulo, numa iniciativa de Assis Chateaubriand, dono do grupo de comunicação Diários e Emissoras Associados, proprietário de diversos jornais, de emissoras de rádio e da, hoje lendária, revista O Cruzeiro, editada, semanalmente, de 1928 a 1975. Era a primeira emissora de TV no Brasil.



Assis Chateaubriand



Curumim, imagem símbolo das TVs Associadas

Fonte: Tupi: Pioneira da Televisão Brasileira (2000).

De acordo com Castro (2010), o projeto começou em 1944, quando, em visita aos Estados Unidos, Chateaubriand, em Nova York, recebeu honras de Chefe de Estado, sendo recebido pelo prefeito Fiorello La Guardia, deu

entrevista coletiva para outros jornais americanos, correspondentes estrangeiros e agências noticiosas, na redação do mais importante jornal americano, The New York Times, e foi recebido pelo presidente da RCA, David Sarnoff, para negociar a compra de novos transmissores, com potências de 50 e 100 *kilowatts*, em ondas médias, para suas emissoras de rádio no Rio de Janeiro, em São Paulo, Porto Alegre e Salvador. A guerra estava no fim, era uma questão de poucos meses, e o mundo já dava os primeiros passos para reencontrar a paz. Empresários com visão de futuro, Chateaubriand entre eles, negociavam para o pós-guerra.

Após uma reunião em que foram acertadas as negociações, Sarnoff levou Assis Chateaubriand para uma grande sala de reuniões, com espetacular vista sobre a cidade de Nova York e a vizinha Nova Jersey. Ali, nas janelas, estavam montadas câmeras de TV e monitores, mostrando nitidamente, em cores naturais, o que se via a olho nu. Ao lado de Sarnoff, um senhor, aparentando simplicidade, foi apresentado como Vice-Presidente da RCA, Wladimir Zworykin, na época com 56 anos. O presidente e o vice da RCA mostravam o futuro a Chateaubriand (CASTRO, 2000).

Empolgado com o que via e com as explicações que recebia, naquele momento, Chateaubriand fez o pedido para a primeira ordem de compra de equipamentos para a instalação de duas emissoras de televisão para fora dos Estados Unidos. Só esperaria pelo término da guerra. Mas o negócio já estava fechado!

Segundo Castro (2010), acreditando no futuro da televisão, e desejando aumentar seu conglomerado de mídia, Chateaubriand decidira, de inopino, trazer a televisão para o Brasil. Antes que se completassem dois anos do fim da guerra, em 1947, Chateaubriand voltaria àqueles escritórios para fechar o negócio concretamente. Toda a aparelhagem para a TV Tupi de São Paulo foi comprada do fabricante RCA, após longas reuniões de negociações nos meses seguintes, entre técnicos e executivos brasileiros e americanos. Assis Chateaubriand optara pelos americanos, pela longa relação comercial anterior, na compra de equipamentos para suas emissoras de rádio, pela robustez do equipamento e, ainda, pelos custos praticados para um grande cliente.

Adotava-se, por força de um pioneirismo avassalador, e não por decisão fruto de longas discussões técnicas, legalmente, o padrão americano de televisão: 525 linhas por quadro, com alimentação de 60 ciclos e 30 quadros por segundo, o já aludido padrão M. Havia, aí, um problema técnico de razoável magnitude: poucas cidades brasileiras, São Paulo entre elas, tinham sua distribuição de energia elétrica em 60 ciclos. A maioria (Rio de Janeiro entre elas) tinha sua energia distribuída em 50 ciclos, ocasionando problemas como, por exemplo, rádio vitrolas que funcionavam em São Paulo, mas não funcionavam no Rio de Janeiro, e vice-versa. Esta diferença de ciclagem obrigou as emissoras das cidades com 50 ciclos, quando da montagem de suas televisões, a comprarem equipamentos produzidos especialmente para funcionarem em 50 ciclos, o que os encarecia, por serem fora da linha de montagem, ou a colocarem conversores para transformar 50 ciclos em 60. O uso de conversores, no entanto, só se viabilizou quase dez anos depois de 1950, pois, até então, não houvera necessidade de converter a ciclagem em nenhuma cidade brasileira.

Para a TV Tupi do Rio de Janeiro, Chateaubriand adquiriu equipamentos produzidos pela empresa americana Dumont, uma subsidiária da RCA, que aceitou fornecer material para funcionar em 50 ciclos, e, ainda, por um custo menor do que o da RCA. Meses mais tarde, chegaram duas câmeras GE – General Electric (CASTRO, 2000).

As programações de cada canal televisivo eram diferentes. Na TV Tupi paulista, predominavam programas de tele-teatro, com peças clássicas e de entrevistas, enquanto, no Rio de Janeiro, a TV Tupi local apresentava programas musicais e *shows* de humor, a exemplo dos espetáculos dos teatros de revista. Obedeciam a características próprias de cada público.

Assim, a televisão no Brasil começava por decisão de um empresário da iniciativa privada, e não por uma vontade de governo. Por esta razão, atrelou-se definitivamente, não só ao padrão técnico, mas, também, à forma americana de fazer TV: iniciativa privada, essencialmente comercial – exatamente a visão de Chateaubriand - diferente da europeia, na época somente com emissoras

estatais, sem veiculação de comerciais, que se sustentavam mediante taxas pagas pelos possuidores de receptores de televisão.

Não é lícito imaginar-se que Chateaubriand, não só um empresário audacioso, mas, fundamentalmente, um ser político, estivesse vendo na televisão apenas uma forma de aumentar suas receitas, até porque elas eram uma incógnita. Certamente, ele já intuía o fantástico poder de persuasão, manipulação e difusão de valores e ideias do novo veículo. Mais do que dinheiro, a televisão significava Poder, com P maiúsculo.

Na época, sequer havia legislação específica no Brasil para o novo veículo. Somente em 22 de novembro, dois meses após a inauguração da TV Tupi, de São Paulo, as concessões do governo, para exploração dos canais televisivos, passaram a existir. As primeiras concessões foram para a TV Tupi, Canal 3 (depois 4), de São Paulo; a TV Record, canal 7, de São Paulo e a TV Jornal do Comércio, Canal 2, de Recife. E o primeiro diploma legal nesta área foi emitido dois anos após através do Decreto n.º 31.835/52, que promulgou um plano de distribuição de canais para esse serviço (VIANNA, 1976).

Nos anos 1950, foram inauguradas diversas emissoras de televisão, a maioria no eixo Rio/São Paulo: TV Paulista, em 14 de março de 1952, em São Paulo; TV Record, em 27 de setembro de 1953, em São Paulo; TV Rio, em 15 de julho de 1955, no Rio de Janeiro e TV Itacolomi, dos Diários e Emissoras Associados, em Belo Horizonte, no dia 8 de setembro de 1955, a única fora do eixo Rio/São Paulo, além da TV Continental, propriedade das Organizações Rubens Berardo, em 15 de março de 1959, no Rio de Janeiro. Segundo Castro (2010), uma grande etapa estava sendo vencida, com a dilatação do eixo Rio / São Paulo:

Em fins de 1958, duas importantes etapas do nosso trabalho estavam sendo vencidas. Em Belo Horizonte, ajudara a consolidar a TV Itacolomy, primeira emissora de televisão fora do eixo Rio-São Paulo e no Rio de Janeiro, a TV Tupi já operava integralmente em suas novas instalações no antigo edifício do Cassino da Urca. João Calmon determinou então, que, cumulativamente com a direção geral do Canal 6 carioca, assumisse o comando do programa de expansão das emissoras associadas de televisão. Assis Chateaubriand, então Embaixador do Brasil em Londres, decidira que, começando por Porto Alegre, emissoras associadas de TV seriam pioneiras em todo o Brasil (CASTRO publicado no Boletim nº 82 – abril 2010 – da Pro TV, sem especificação de página. Anexo 1).

Em 20 de dezembro de 1959, foi inaugurada, em Porto Alegre, a TV Piratini, Canal 5, dos Diários e Emissoras Associados. Era a primeira emissora de televisão no Rio Grande do Sul e terá sua importância detalhada no capítulo 3 desta dissertação. Para Castro (2010), em *e-mail* no Anexo 1, este plano de expansão, difícil e ousado, elaborado pelas equipes da Tupi do Rio, foi fielmente respeitado na sua execução. Três linhas mestras foram seus eixos:

a) padronização obrigatória dos equipamentos de estúdios e transmissores em todas as emissoras do grupo Associados;

b) realização de cursos em tempo integral, por conta dos Associados, para formação das equipes de novos profissionais, selecionados em cada um dos estados que sediariam as novas emissoras de TV;

c) meta de celebrar os dez anos das pioneiras TVs Tupi (Rio/S. Paulo), inaugurando emissoras associadas de televisão do Extremo Norte ao Rio Grande do Sul.



Assis Chateaubriand em Porto Alegre, maio 1959, para visitar obras da TV Piratini.

Fonte: <http://tvpiratinicanal5rs.blogspot.com/>⁴

Conforme Castro (2010),

na execução, respeitados os conceitos básicos, houve uma pequena alteração no *modus operandi*. São Paulo, isoladamente, ficou encarregado do Paraná e, sob nossa supervisão, Vitor Purri, que comandara a instalação da TV Itacolomy, cuidou, com Edilson Varela na Superintendência, da TV Brasília. Igor Olimpiew dirigiu toda a parte técnica, com o apoio, no Rio, de Orazio Pagliari e de Herbert Guzman. A Tupi do Rio se reequipara, com grande êxito, na Urca, com equipamentos RCA, os escolhidos para cumprir o plano de padronização, inclusive com a compra de 10 máquinas de gravação de imagens em fita magnética, os TV Tapes (a Ampex era a detentora da denominação *vídeo - tape*) (CASTRO, Boletim nº 82 / abril 2010 / da Pro-TV, sem especificação de página. Anexo 1).

Também em dezembro de 1959 é inaugurada, em São Paulo, a TV Excelsior, com seus estúdios na Rua da Consolação, propriedade de Mário Wallace Simonsen, grande empresário cafeeiro e dono da Panair do Brasil. Seu primeiro Diretor Artístico foi Álvaro Moya, que tinha como assistentes Manoel Carlos, hoje autor de novelas na Rede Globo, e Abelardo Figueiredo que, anos depois, transformar-se-ia em empresário de *shows* teatrais de grande sucesso.

⁴ <http://tvpiratinicanal5rs.blogspot.com/> acessado em 12.02.2012

A partir da década de 1960, o veículo televisão se expande no Brasil, com cada capital de estado tendo, pelo menos, uma emissora geradora. Em cerca de dez anos, o número subiria para três ou quatro emissoras por capital. O projeto de expansão dos Associados continuava cumprindo seus objetivos. Para Castro (2010),

seguiu-se o planejado. Há 50 anos, em 1960, no décimo aniversário da pioneira paulista, se inauguravam tevês pioneiras em Brasília, em Curitiba, em Salvador, em Fortaleza, no Recife e em Belém do Pará. Em Brasília, João Batista do Amaral com a sua repetidora da TV Rio, marcava sua presença em seguida, e no Recife um destaque: inaugurado 15 dias depois do Canal 6 associado, o Canal 2 foi também legítimo pioneiro. E como Assis Chateaubriand é impossível esquecer outro notável nordestino, o grande líder e realizador, o Dr. Francisco Pessoa de Queiroz, e sua primorosa realização a TV Jornal do Comércio, do Recife. (CASTRO, publicado no Boletim nº 82 / abril 2010 / da Pro-TV, sem especificação de página. Anexo 1).

No início dos anos 1960, as programações eram predominantemente locais, abrindo generosos espaços, em horários nobres, para o mundo artístico, empresarial e político dos estados em que as emissoras estivessem localizadas. Fora do Rio de Janeiro e de São Paulo, não existia *vídeo-tape*⁵ e nem satélites ou rede de micro-ondas que possibilitassem transmissões interestaduais.

Em 31 de outubro de 1963, é promulgado o decreto que regulamenta os serviços de radiodifusão, fixando **os objetivos de emissoras de rádio e de televisão**⁶. A televisão já existia no Brasil desde 1950; o governo demorou 13 anos para legislar sobre tema tão importante.

Em 29 de dezembro de 1962, é inaugurada, em Porto Alegre, a TV Gaúcha, propriedade de Arnaldo Balvé (20%), Frederico Arnaldo Balvé (20%), Nestor Rizzo (20%), Manoel Arroxelas Galvão (20%) e Maurício Sirotsky Sobrinho (20%). A TV Gaúcha foi o embrião do grupo RBS de Comunicações.

⁵ *Video-tape* – equipamento que grava em fita magnética imagens e sons, possibilitando centenas de repetições. Permite, também, que se apaguem imagens gravadas e que se reutilize a fita para novas gravações.

⁶ Grifo do autor

A criação e a importância da TV Gaúcha será abordada, em detalhes, no capítulo 4 deste trabalho.

Até este momento, tudo o que era produzido e feito para a televisão tinha a característica de ser ao vivo. Com a disseminação do *video-tape*, a partir de 1963/64, as televisões localizadas nas duas principais cidades brasileiras, Rio de Janeiro (já não era a Capital Federal, mas conservava todo o poder, o charme e a intensa vida artística que mantém até os dias atuais), e São Paulo (eterna capital econômica, face a suas capacitações técnicas, artísticas e econômico-financeiras), começam a se transformar em emissoras geradoras de produções nacionais, mas, ainda, sem serem cabeças de rede. Neste período, os programas eram vendidos um a um para as emissoras de outras cidades que se interessassem em comprá-los. Uma geradora vendia diferentes programas para diferentes emissoras, em uma mesma praça.

O caso mais emblemático deste período é o da novela **O direito de nascer**, drama do autor cubano Félix Cagnet, maior sucesso da década, apresentada em diversas emissoras de rádio em toda a América Latina, Brasil inclusive, e nos Estados Unidos, para comunidades de língua espanhola. Levada ao ar na televisão brasileira, a partir de dezembro de 1964, a novela, apesar de produzida pela TV Tupi, de São Paulo, no Rio de Janeiro era exibida pela TV Rio, concorrente direta da Tupi carioca. Segundo Castro (2011) aconteceu que,

quem tem certos amigos nem precisa de inimigos para ser derrotado. Eu começara a negociar a compra dos direitos da novela de Felix Cagnet, embora a Tupi de São Paulo (pelo acordo Edmundo-Calmon) concentrasse a produção de novelas e o Rio os *shows*. Costalima seguia a tendência interna do Sumaré de escolha de originais para as novelas e não se entusiasmou com a história de Mamã Dolores. David Raw era ligado à TV Rio, segunda emissora carioca em audiência, onde estava Walter Clark com programação tipo "Casamento na TV" e "Dercy Gonçalves". David, atuando de forma independente junto a contatos no México, fez um pré contrato com os representantes de Cagnet e procurou os caminhos para produzir a novela aqui no Brasil (CASTRO, *e mail* 2011. Anexo 1).

Castro (2011) ressalta ainda que o fato teve desdobramentos prejudiciais:

A TV Rio não tinha qualquer condição de produzir e gravar a novela e, fazendo o que lhe cabia para segurar o contrato, confidencialmente David negociou com São Paulo algo muito estranho: a Tupi de São Paulo assumiria a produção e em troca teria direitos exclusivos de transmissão em São Paulo, para Paraná e Santa Catarina, cedendo uma cópia do *tape* para a TV Rio no Rio de Janeiro e demais praças. Ao saber da negociação comuniquei ao Calmon, e protestei. Apenas me desgastei e fui cuidar de outras áreas. Esta é a história, em síntese (CASTRO, *email* 2011. Anexo 1).

A novela **O direito de nascer** bateu recordes de audiência e teve seu último capítulo exibido em um telão no Maracanãzinho lotado, a exemplo do que acontecera no Ibirapuera, em São Paulo.

A TV Excelsior inaugurou, em 2 de setembro de 1963, sua segunda emissora, agora no Rio de Janeiro, concentrando a produção de *shows* e musicais no Rio e a teledramaturgia e jornalismo em São Paulo. Os diretores da Excelsior já tinham a visão de rede e buscavam, sem sucesso, realizar contratos de exclusividade com emissoras, em outras capitais. Seriam as afiliadas. A Excelsior inovou, criando a programação horizontal (mesmo programa, ou tipo de programa, todos os dias no mesmo horário: novelas, *shows*, etc.) e a programação vertical (sequência de programas que iniciam buscando o público infantil, depois adolescente, adulto, levando todos os públicos a permanecer no canal). O modelo existe até hoje.

Os programas das emissoras paulistas e cariocas passam a ser distribuídos para emissoras-clientes (que ainda não eram chamadas de afiliadas, por serem contratos estabelecidos para cada programa, sem uma relação de compra e venda do total da programação, em caráter de exclusividade), em outros estados, através de um enorme tráfego aéreo de milhares de fitas de *video-tapes* quadruplex – duas polegadas, cada uma pesando cerca de oito quilos, com todos os percalços inerentes a estes despachos físicos e com as defasagens dos programas que obrigavam algumas televisões, em plena quaresma, a por no ar sensuais programas carnavalescos. Isso, em uma época

em que, nas Sextas Feiras Santas, as emissoras de rádio tocavam somente músicas clássicas e as de televisão faziam pontuais alterações na programação, apresentando programas especiais, com corais ou tele-teatros, e com histórias bíblicas. O público telespectador, sem imaginar a instantaneidade que o veículo viria a ter, não estranhava a defasagem de tempo entre a gravação e a exibição.

Este panorama muda radicalmente a partir de 1968, com a estatal Embratel – Empresa Brasileira de Telecomunicações, passando a prestar serviços às emissoras de televisão. A Embratel, que fora fundada em 1965, interligou todo o país via micro-ondas, dando um grande impulso à telefonia e às comunicações em geral. Sua primeira finalidade foi a telefonia, mas, numa segunda etapa, televisão, rádio e comunicações em geral.

A partir da Embratel, a televisão dá um grande salto. Liberta-se das circulantes fitas e começa a conquistar público via programas em tempo real. Acaba o tráfego de fitas, pois o que não ia ao ar ao vivo, era gerado na madrugada e gravado em cada praça, com enorme economia de tempo e custos. Um mesmo programa ia ao ar, ao vivo ou em *vídeo-tape*, no mesmo dia e horário, em todo o país.

Outra grande mudança na televisão brasileira ocorre com esta nova realidade: os profissionais das praças do Rio de Janeiro e de São Paulo se transformam em geradores de conteúdo nacional; os profissionais das demais cidades, habituados a produzir e realizar seus programas locais, em horários nobres, vêem seu mercado de trabalho se apequenar, sobrando-lhes, para trabalhar, poucos programas levados ao ar em horários periféricos. O que quer dizer que o mercado das televisões cresce exponencialmente, para alegria dos empresários, mas o mercado dos profissionais encolhe. Nas áreas comerciais, financeiras e de conteúdo, os executivos das cabeças de rede são instados a planejar nacionalmente. Começam a existir duas classes de profissionais de televisão, tanto internamente, nas emissoras, quanto junto ao público telespectador: os nacionais e os locais. Assim, exige-se destes profissionais nacionais um novo pensar. Um pensar nos níveis e moldes da forma americana de fazer televisão: exploração dos canais pela iniciativa privada, buscando sua sobrevivência através de veiculações de comerciais.

Em 1965, a TV Globo, do Rio de Janeiro, fechou um contrato de parceria com o grupo americano Time-Life, e recebeu uma injeção de cerca de U\$ 5 milhões de dólares, dando como garantia 41% de suas ações. Veículos de comunicação e parlamentares se manifestaram, afirmando que o contrato seria contrário à legislação brasileira, tendo sido criada uma CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito, no Congresso Nacional, que, no entanto, concluiu pela legitimidade do contrato. Em 1966, a TV Globo comprou a TV Paulista e mudou o nome da emissora para TV Globo. Com a contratação de executivos altamente competentes, artistas e autores de renome, auxiliados pelo aporte do capital estrangeiro, começava o crescimento do que viria a ser a Rede Globo (WALLACH⁷, 2011).

Em setembro de 1968, o contrato entre a TV Globo e o grupo Time-Life foi considerado válido e correto, após análise, pelo CONTEL – Conselho Nacional de Telecomunicações, pelo Banco Central e pelo Escritório do Consultor Geral da República.

Outra transformação importante para a televisão ocorreu em 1967, com a criação do Ministério das Comunicações, englobando rádio, televisão e telefonia, apesar de a televisão já existir no Brasil há 17 anos e o rádio, há 45 anos! Estes veículos, até então, como os Correios e Telégrafos, eram subordinados ao Ministério dos Transportes,

Em 13 de maio de 1967, depois de montada há quatro anos, sem entrar no ar, finalmente é inaugurada, em São Paulo, a TV Bandeirantes, de propriedade do empresário João Saad⁸.

Em 1º de setembro de 1969, uma segunda feira, foi ao ar a primeira edição do “Jornal Nacional”, da Rede Globo de Televisão. Primeiro telejornal ao vivo, em rede nacional, tornou-se um marco na televisão brasileira.

7 Joseph (Joe) Wallach era empregado do Grupo Time-Life e foi o executor do contrato com a TV Globo. Posteriormente, assumiu como Executivo da TV Globo, naturalizando-se brasileiro.

8 Corria em São Paulo a seguinte piada: perguntado por autoridades que visitavam as instalações da emissora, por que não a colocava no ar, respondeu: “Como está, a TV me dá um prejuízo mensal de U\$ 85.000,00 dólares. Quando entrar no ar, o prejuízo irá para U\$ 200.000,00 dólares. Oitenta e cinco eu aguento; duzentos, não!”

Em 28 de setembro de 1970, a concessão da TV Excelsior é cassada pelo presidente Emílio Garrastazu Médici, depois de 10 anos no ar. Foi o momento do início de um endurecimento político e repressivo do governo militar, a quem não interessava a existência de uma eventual rede de televisão de propriedade de empresários ligados ao extinto governo de João Goulart, presidente deposto em março de 1964. Além do aspecto político, havia problemas de ordem jurídica e econômica.

Em 1970, a TV Globo, que já possuía emissoras no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Belo Horizonte, comprou uma nova geradora em Recife e inaugurou uma televisão em Brasília. Com 36 afiliadas, centenas de retransmissoras e de profissionais competentes, além de uma sociedade com o grupo jornalístico americano Time-Life, a televisão do Grupo Globo, que recebera mais de U\$ 6.000.000,00 (depois dos cinco milhões de dólares, houve um aporte de mais um milhão e duzentos e cinquenta mil dólares) do Grupo Time-Life, e sem a concorrência da TV Excelsior, consolidou-se como a maior rede de televisão nacional, em apenas 7 anos de operação. Em 1969, as partes decidiram cancelar a sociedade. Roberto Marinho, dono das Organizações Globo, compraria a parte do Grupo Time-Life por U\$ 3.850.000,00 para pagamento entre 1970 e 1974. O acordo foi integralmente cumprido por ambas as partes (WALLACH, 2011).

Para que se compreenda e avalie o crescimento da TV Globo, na época, vale destacar trecho de memorando ao Conselho da Time-Life sobre o investimento na TV Globo, em outubro de 1965, que deixa entrever como os jogos de interesses mesclavam-se naqueles tempos de arbítrio.

Em segundo lugar, o Dr. Marinho participou de uma dolorosa batalha política com Carlos Lacerda, o governador do estado da Guanabara. O candidato que Lacerda apoiava para sucedê-lo não conseguiu ganhar a importante eleição ocorrida várias semanas atrás. O Dr. Marinho há um ano e meio vem conduzindo as relações políticas com o governo federal de forma brilhante (WALLACH, 2011, p. 223).

Este texto insinua uma cumplicidade existente entre TV Globo/Marinho e governos militares. Enquanto outros canais eram prejudicados (TV Excelsior), a TV Globo era beneficiada com facilidades aduaneiras e outras. A estrutura política montada por Roberto Marinho, junto ao Governo Federal, foi, tanto quanto a capacidade e criatividade de seus executivos, essencial para o desenvolvimento da TV Globo, depois Rede Globo. Assim se fez uma boa parte da televisão brasileira.

Em 10 de outubro de 1969, uma sexta feira, entra no ar a TV Difusora Porto-alegrense, Canal 10, propriedade da Ordem dos Freis Franciscanos, os Capuchinhos, instalada no Morro Santo Antônio, em Porto Alegre.

Em 19 de fevereiro de 1972, um sábado, mais um ato político incentivou o desenvolvimento da televisão em nosso país. Atendendo a um desejo do Ministro das Comunicações, Higino Corsetti, acontece a primeira transmissão a cores na televisão brasileira. Operacionalmente, o trabalho foi fruto da junção de forças da TV Rio carioca e da TV Difusora porto-alegrense. Na época, a TV Rio era de propriedade de Walmor Bergesch (13,5%), José Salimen (13,5%), e dos freis franciscanos José Pagno (6,75%), Antônio Guizzardi (6,75%), Cyrillo Mattiello (6,75%) e Isaías Borghetti (6,75%). Walmor e Salimen acumulavam as funções de Diretores da TV Rio com as de Superintendentes da TV Difusora. Os freis acumulavam as funções de Diretores, tanto da TV Rio, quanto da TV Difusora, representando a Ordem Franciscana em ambas as emissoras. A família Machado de Carvalho, dona da TV Record de São Paulo, detinha os restantes 46% da TV Rio, mas sem qualquer posição de mando ou direção (SOSA, 2010).

O evento escolhido para a transmissão pioneira a cores no país foi o desfile de carros alegóricos e temáticos da Festa da Uva, direto de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, com direção geral do autor desta Dissertação de Mestrado. Os detalhes daquele momento, extremamente importante para a televisão brasileira, serão narrados no capítulo 5 deste trabalho, quando se abordará a TV Difusora, em Porto Alegre.

As televisões dos Diários e Emissoras Associados começam a operar em rede, somente, em 1973 formando a Rede Tupi. Até então, como se viu no depoimento de José de Almeida Castro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina

estavam sob o comando de Edmundo Monteiro e o restante das emissoras (sul, norte, nordeste e centro oeste) sob o comando de João Calmon. Esta divisão viria a ser uma das causas para a desagregação do império de comunicações montado por Assis Chateaubriand.

Em outubro de 1975, o Presidente Ernesto Geisel assina a outorga de concessão da TVS, a primeira emissora de Silvio Santos que, cinco meses depois, entra no ar, no Rio de Janeiro.

Em 1977, a TV Bandeirantes passa a ser cabeça de mais uma rede de televisão no Brasil.

Em março de 1979, vai ao ar a TV 2 – Guaíba, em Porto Alegre, de propriedade do jornalista Breno Caldas, também proprietário da Empresa Jornalística Caldas Júnior e da Rádio Guaíba, com o objetivo de realizar uma programação predominantemente local, sob a direção de programação do autor desta Dissertação de Mestrado. A TV Guaíba será objeto do Capítulo 6 deste trabalho.

Em julho de 1980, o Presidente João Batista Figueiredo cassa todos os canais das emissoras de televisão dos Diários e Emissoras Associados, passando-os para a TVS, posteriormente SBT, de Silvio Santos e para o Grupo Manchete, de Adolpho Bloch, ambos com previsões de atuação nacional. A alegação para o ato foram os atrasos em impostos e o não recolhimento de obrigações sociais de seus empregados (BERGESH, 2011, p. 198).

Em 1983, é inaugurada a Rede Manchete de Televisão, do Grupo Bloch, que se propõe a realizar uma programação de classe A.

Em junho de 1994, a Rede Record passa a pertencer ao Bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus, que a comprou da família Machado de Carvalho.

Em agosto de 1999, após inúmeras crises, a Rede Manchete é vendida para o Grupo TeleTV (uma *shopping TV*)⁹, do empresário Amilcare Dalevo. É o fim da Rede Manchete e o início da RedeTV!.

Com a consolidação das redes, a televisão brasileira passa a agir como as emissoras americanas, desde seu início, e as europeias, desde o término da exclusividade das emissoras estatais, abrindo canais para emissoras comerciais: fazendo concessões, manipulando, jogando com o público em busca de audiência.

Com o grande número de emissoras locais e com quatro redes, a partir dos anos 1980 (Globo, SBT, Record e Bandeirantes), disputando acirradamente o mercado publicitário, os índices de audiência se transformam em peça fundamental para o faturamento e consequente sobrevivência das redes.

Hoje, no Brasil, temos institutos de pesquisa que medem a audiência minuto a minuto, com informações estratificadas de classes sócio-econômicas, faixas etárias e gênero.

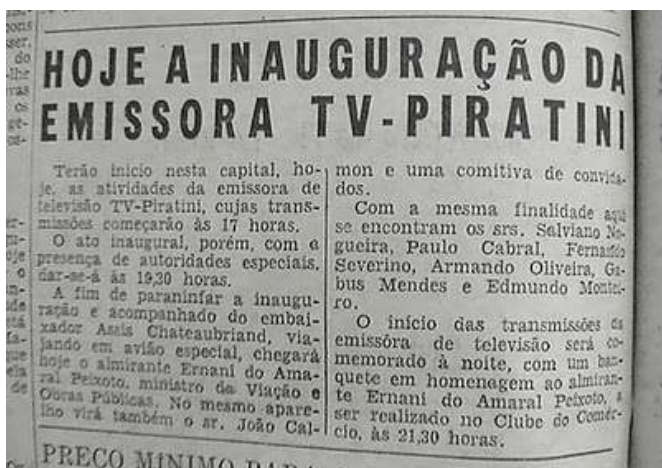
Neste capítulo, acompanhou-se o surgimento da televisão no Brasil, sua implantação e as janelas que se abriram para a sociedade. No próximo capítulo, iremos focar mais profundamente a chegada da televisão no Estado do Rio Grande do Sul.

⁹ “*Shopping TV* é uma emissora, geralmente a cabo ou por satélite, que transmite unicamente mensagens comerciais. São comerciais longos, elaborados, com apresentadores(as) especialmente treinados. A maioria das vendas é por internet”.

TV PIRATINI: A TELEVISÃO CHEGA A PORTO ALEGRE

O Rio Grande do Sul começava a se ver pela TV Piratini.

A TV Piratini, Canal 5, propriedade dos Diários e Emissoras Associados, do jornalista Assis Chateaubriand, como já dito anteriormente, primeiro canal de televisão a operar na capital do Rio Grande do Sul, entrou no ar oficialmente às 19 horas e 30 minutos do dia 20 de dezembro de 1959, um domingo de sol e calor, com seus estúdios instalados no topo do Morro Santa Tereza, Rua Cel. Correa Lima, nº 2118, no bairro Menino Deus, em Porto Alegre. Conforme Higino Germani, engenheiro técnico (*e-mail* no Anexo 1), a área abrigara anteriormente os transmissores e a antena da rádio Difusora Porto-alegrense.



Notícia da inauguração da TV Piratini em 20/12/59

Fonte: Correio do Povo 20.12.1959

Na inauguração, estavam presentes o Ministro da Viação e Obras Públicas, almirante Ernani do Amaral Peixoto, representando o Presidente da República Juscelino Kubitschek; o governador do estado Leonel Brizola; o

embaixador Assis Chateaubriand; o Arcebispo Metropolitano, D. Vicente Scherer; o deputado federal Fernando Ferrari e inúmeras outras autoridades e convidados.

O prédio, de 6.500 metros quadrados, fora especialmente construído para a televisão e levou pouco mais de um ano para ficar pronto. As obras começaram devagar, por falta de dinheiro, apesar da administração eficiente de Nelson Dimas de Oliveira, Pai, e só tomaram impulso com a venda da rádio Difusora, então de propriedade de Chateaubriand, para a Ordem dos Freis Capuchinhos, como relata Almeida Castro (*e-mail* no Anexo 1).



Obras da fundação e fachada da TV Piratini

Fonte: Arquivo do autor e Arquivo do NUPECC



No final de 1958, o Dimas disse que tinha equilibrado as empresas. Nós já tínhamos visto o material em fabricação na fábrica da RCA em Trento. ... Mas a construção “ralentava” quase parando. ... a Tupi ia muito bem, mas Dimas dizia: sem dinheiro novo não posso fazer mais nada do que está sendo feito a duras penas. Uma velha proposta de negócio reapareceu: os frades capuchinhos tinham dinheiro vivo e queriam começar fortes com uma boa rádio em Porto Alegre. Se não me engano o porta voz da solução foi o Ibanor Tartarotti. Em 31 de maio de 1959, três frades pagaram o exigido e ficaram com a rádio Difusora, que era quase um peso morto no reinado do Dimas. Assim, o Sol voltou a brilhar e eu pessoalmente tive a felicidade – e por que negar – o orgulho de realizar um sonho. Tudo OK com Porto Alegre. Odorico Tavares me apoiou incluindo a Bahia (CASTRO, 2012).

A venda da rádio Difusora viabilizou a TV Piratini e foi, simultaneamente, o embrião da TV Difusora, que nasceria em 10 de outubro de 1969, fazendo forte concorrência à TV Piratini.

A instalação dos equipamentos no prédio da TV Piratini foi relativamente rápida: cerca de dois meses de trabalho ininterrupto. Dois estúdios de 500 metros quadrados cada um, amplo estacionamento e diversas salas de apoio, inclusive para jornalismo, copistas, discoteca e um bar para uso dos funcionários e convidados. Marcenaria para confecção de cenários e rouparia, com cinco costureiras para confecção de roupas de época e um espaço de cerca de 100 metros quadrados para adereços de cena. Marceneiros e carpinteiros completavam o quadro operacional da cenografia, sob o comando de dois talentosos cenógrafos: Emil Zsielinsky, gaúcho, e Gilberto Ruiz, argentino (BERGESH, 2010).

Uma Central de Cópias, com quatro mimeógrafos e diversas máquinas de escrever, fazia as cópias dos *scripts*¹⁰ e roteiros de todos os programas, distribuindo-os para os intérpretes e operadores, inclusive de telejornalismo. Alguns realizadores escreviam os textos de seus programas já em papel matriz de mimeógrafo, facilitando, assim, a vida dos copistas.

De acordo com Germani (2012) (*e mail* no Anexo 1), o transmissor fora instalado junto à área técnica e a antena transmissora estava localizada na frente do prédio, no alto de uma torre semelhante à Torre Eiffel, montada especialmente para esta finalidade, no mesmo local onde se situava uma das torres (eram duas) que sustentavam a antena transmissora, de polarização horizontal, da antiga rádio Difusora, também de propriedade dos Diários e Emissoras Associados,

Ainda na frente do prédio, localizava-se o Conversor, que convertia a ciclagem recebida da CEEE – Cia. de Energia Elétrica, de 50 para 60 ciclos.

10 *script* – roteiro de um programa de rádio ou televisão onde constam as falas dos atores e as marcações cênicas .

O transmissor, no prédio, era uma vantagem no que se refere à operação e sua manutenção, mas tecnicamente não era o melhor dos lugares, tanto que, anos depois, todas as emissoras de televisão de Porto Alegre, estivessem seus estúdios onde estivessem, inclusive a Piratini, migraram seus transmissores para o Morro da Polícia, no bairro Glória, 139 metros mais alto do que o de Santa Tereza (o morro da Polícia tem 287 metros e o morro Santa Tereza tem 148 metros), conseguindo, assim, maior alcance. A TV Piratini possuía equipamentos suficientes para sofisticadas produções. Sete câmeras RCA, sendo cinco com orticon TK11 (três com tripés e duas com *dollys*); uma câmera *vidicon* TK15 (de estúdio e usada para comerciais ao vivo) e uma câmera *vidicon* TK21B (para filmes, *slides*¹¹ 35mm e cartazes). Um conjunto de tele-cine com *multiplex*¹² de espelhos, dois projetores de filmes 16mm, dois de *slides* 35mm e um projetor *Gray Telop, ou GT*, que, conectado ao multiplex do tele-cine, possibilitava a exibição de cartões do tamanho de um postal, ideal para aberturas e encerramento de programas. Nove monitores para as câmeras e para *preview* e de imagem de saída da mesa; um *boom*¹³ e cinco *girafas*¹⁴, para microfones suspensos, pois não existiam microfones de lapela ou sem fio; duas *Studio Switchers*¹⁵ RCA TS-11, de 9 canais de entrada, com recursos de corte, fusão e *dissolve*; uma unidade de externas, com dois pares de micro-ondas, que usava as câmeras de estúdio, operada por oito técnicos, davam a mobilidade necessária para as coberturas de eventos de futebol, desfiles e outros.

11 *slide* cromo de 35 mm, próprio para projeção como diapositivo, montado em moldura de plástico ou papelão

12 *Multiplex* é o conjunto de projetores de filmes, *slides* e cartões que usam apenas uma câmera (no caso, uma TK21B), para captar as diferentes imagens. A seleção de qual projetor teria sua imagem transmitida é feita através de um conjunto de pequenos espelhos, selecionados pelo Operador de Tele-cine, que escolhe qual imagem será rebatida.

13 *Boom*, equipamento trabalhado por dois operadores de áudio-estúdio, composto por três rodas, uma plataforma e um tubo horizontal expansível, com um microfone na extremidade, que fica sobre as cabeças dos participantes do programa.

14 *Girafa*, equipamento utilizado por um operador de áudio-estúdio, composto de três pequenas rodas pneumáticas, ligadas a um tubo vertical graduável na altura, com um tubo horizontal que tem, na extremidade, um microfone que fica sobre as cabeças dos participantes do programa.

15 *Studio switchers*, mesa de corte, possui uma botoneira em que cada botão corresponde a uma câmera (trocando de um botão para outro troca-se a câmera que está no ar). Uma alavanca que se movimenta para a frente e para trás permite fazer fusões (mixando as imagens) de uma câmera para outra e, também, escurecimentos na imagem.



Folder promocional da TV Piratini, dezembro 1959

Fonte: **Os televisionários** (2010).

Importante ressaltar que a TV Piratini deveria gerar seu próprio conteúdo, o que justificava os enormes estúdios, para montagem de diversos cenários dos muitos programas que iam ao ar num mesmo dia; outros ficavam montados durante os meses em que uma novela fosse ao ar. O *vídeo-tape* existia apenas no Rio de Janeiro e em São Paulo; filmes para televisão eram poucos e, muitos, com problemas de dublagens e legendas, que só seriam sanados em longo prazo.

O som das dublagens, na maioria dos casos, era muito ruim, pois não existiam laboratórios no Brasil que oferecessem um serviço de qualidade. Dublagens no exterior, onde existiam laboratórios excelentes, eram impensáveis, pois o custo seria muito elevado, por ser o Brasil o único país da América Latina a falar português, além do problema de encontrar no exterior atores e diretores brasileiros ou estrangeiros que fossem fluentes em português. Já o custo de uma única dublagem em espanhol era diluído por toda a América Latina e pelas televisões de língua espanhola no exterior, diminuindo sensivelmente o valor unitário.

Legendas era outro problema. A inserção de textos nos filmes tinha pouco contraste, dificultando a leitura, piorados por ser a televisão em preto e branco e de recepção muitas vezes *ruidosa* (imagem com chuviscos) por deficiência de antenas ou dos próprios aparelhos.

No que se refere aos recursos pessoais de marceneiros, carpinteiros e cenógrafos, eram relativamente fáceis de encontrar em Porto Alegre, pois a cidade, desde os anos 1950, era um importante polo teatral, com diversas companhias locais que se revezavam usando o Theatro São Pedro, Teatro Belas Artes, Teatro de Arena e outros. Em 1959, arranjar técnicos também não era grande dificuldade, pois havia cinco emissoras de rádio operando na capital, Farroupilha e Difusora (Diários e Emissoras Associados), Gaúcha, Itaí e Guaíba (Caldas Junior), além de inúmeras lojas de consertos de aparelhos receptores de rádio, com pessoal especializado.

A dificuldade estava nos operadores artísticos: diretores de programas, redatores, apresentadores, diretores de TV (*suítes*), iluminadores, operadores de câmeras, operadores de áudio, sonoplastas, operadores de tele-cine, etc.

Esse era um pessoal especializado, que não existia no Rio Grande do Sul, pela singela razão de que nunca existira televisão no estado. Quem escreveria os complexos *scripts* para peças tele-teatrais, com marcações de cenários, movimentações cênicas e tantos outros detalhes? Quem seria o Diretor de TV (*suite*) dos programas? Quem iluminaria os cenários? Quem operaria a mesa de áudio, com a complexidade dos deslocamentos de microfones de um cenário para outro? Quem operaria o tele-cine, um equipamento totalmente

desconhecido? Quem trabalharia com as pesadas câmeras, sem lentes *zoomar*, o que obrigava movimentações constantes do equipamento? Quem operaria os microfones que deveriam estar sempre sobre as cabeças de atores, cantores e apresentadores, sem nunca aparecer? Enfim, quem faria a máquina andar, preenchendo as telinhas com os programas e os comerciais?

Trazer profissionais dos grandes centros sequer foi cogitado. Transferir no mínimo 20 profissionais, arcando com os custos de suas mudanças e os problemas decorrentes: familiares que tinham empregos fora da televisão, filhos em escolas, amigos e amigas, namorados e namoradas, aluguéis de moradias com avais, salários que teriam de ser majorados e que seriam pagos por uma praça em que os rendimentos certamente seriam menores do que os do Rio de Janeiro e de São Paulo, escolha de médicos, dentistas, adaptações ao inclemente clima sul-rio-grandense e tantas outras dificuldades, como enfrentar isso?

A solução surgiu pela cabeça e pelas mãos do então Diretor Geral da TV Tupi do Rio de Janeiro, José de Almeida Castro, um baiano que tinha o respeitoso apelido de Don Pepe. Castro, em 1959, aos 37 anos era um experiente profissional de televisão, com 3 anos de cursos nos Estados Unidos, homem de absoluta confiança de Assis Chateaubriand e de João Calmon, o diretor geral dos Diários e Emissoras Associados. A seguir, seu depoimento sobre o Curso de Televisão que criou e realizou no Rio de Janeiro, o ponto B do ambicioso projeto das novas emissoras, e no qual este autor foi incluído.

O fundamental ponto “b” se tornou efetivo em meados de 1959, quando o diretor geral dos Associados, João Calmon, numa sala da TV Tupi na Urca, falou aos 40 alunos do 1º Curso de Preparação de Profissionais de Televisão do Brasil, vindos de Porto Alegre, de Salvador e do Recife, na presença dos Superintendentes Regionais Nelson Dimas de Oliveira (Rio Grande do Sul), Odorico Tavares (Bahia), Edilson Varela (Brasília) e dois convidados especiais – Carlos Lage, da J. Walter Thompson e Emil Farhat, da Mc Cann Erickson. Como responsável pelo curso, coube-me apresentar os mestres, Alinor de Azevedo, Alcino Diniz, Herbert Guzman, Mauricio Dantas, Péricles Leal (Péricles depois foi o grande mestre de cearenses e paraenses) (CASTRO, 2012).



J. Almeida Castro (no destaque) no curso de pós-graduação de TV em Denver, Colorado, USA, examinando um orticon com o engenheiro da KLZ Television em 1952

Fonte: Arquivo pessoal de Almeida Castro

Dezesseis funcionários da Rádio Farroupilha foram escolhidos pelo diretor da emissora, Ruy Rezende, e seu assistente, José Salimen, para participar do Curso Preparatório de Profissionais de Televisão.

| |
|---|
| Enio Rockenbach. Era locutor e foi escolhido para ser Chefe de Programação e Produtor/Realizador |
| Athayde Carvalho. Era autor de novelas e programas e rádio-ator. Foi escolhido para ser Produtor/Realizador |
| Érico Kramer. Era autor de novelas e rádio-ator. Foi escolhido para ser Produtor/Realizador |
| Walmor Bergesch. Era locutor e redator de notícias. Foi escolhido para ser Suite (Diretor de TV) |
| Sérgio Reis. Era locutor, rádio-ator e redator de notícias. Foi escolhido para ser Suite (Diretor de TV) |
| Nelson Cardoso. Era autor de programas e rádio-ator. Foi escolhido para ser Produtor/Realizador |
| Gilson Rosa. Era diretor de palco dos programas de auditório. Foi escolhido |

| |
|--|
| para ser Operador de Telecine |
| Jorge Teixeira. Era locutor. Foi escolhido para ser Operador de Câmera |
| Renê Martins. Era cantor. Foi escolhido para ser Operador de Câmera |
| João Carlos Paiva. Era auxiliar de manutenção. Foi escolhido para ser Operador de Telecine |
| Ângelo Moraes. Era trompetista da Orquestra Farroupilha. Foi escolhido para ser Operador de Áudio de Estúdio |
| Vidal de Negreiros. Era autor de programas infantis. Foi escolhido para ser Iluminador |
| Santo Ventura. Era auxiliar técnico de manutenção. Foi escolhido para ser Iluminador |
| Neide Marques. Era auxiliar de manutenção. Foi escolhido para ser Operador de Vídeo |
| Danúbio Fernandes. Era técnico de manutenção. Foi escolhido para ser Operador de Áudio |
| Jorge Silva. Era auxiliar de manutenção. Foi escolhido para ser Operador de Vídeo |

Fonte: **Os televisionários** (2010).

Como se pode notar, alguns exerciam funções que tinham algo a ver com suas futuras atribuições na televisão; outros, entretanto, em nada coincidiam.

Soube-se, através de José Salimen, anos depois, que os critérios tinham variado entre demonstrações de capacidade artística até necessidades pessoais de afastamento de Porto Alegre em função de casamentos fracassados, ou dificuldades na profissão. O que tínhamos em comum era que nenhum de nós vira televisão até então.

Foram quatro meses no Rio de Janeiro, ou melhor, na TV Tupi. Diariamente, entrávamos na televisão por volta das oito horas e saíamos à uma da madrugada. Muitas vezes, em que avançamos na madrugada, dirigindo o programa educativo de Gilson Amado (que terminava às 2h da manhã), dormia-se lá mesmo, em sofás de cenários. Desde agosto, até novembro, morávamos em hotel, com todas as despesas pagas, e recebendo nossos salários

integralmente e em dia, o que não era hábito nos Diários e Emissoras Associados.

Após quatro meses de aulas diárias e provas práticas, aqueles entusiastas profissionais realizaram programas, com a participação de artistas veteranos, como exames finais, transmitidos nas madrugadas da Tupi.

Junto com a equipe da Rádio Farroupilha, estavam cerca de 20 baianos, que iriam inaugurar a TV Itapoan.

Os gaúchos logo retornaram a Porto Alegre para os trabalhos preparatórios da inauguração da sua televisão. E convidaram todos do Curso para a *prova de fogo*. Com a previsão de atraso na montagem da TV Itapoan (que só conseguiria entrar no ar no dia 19 de novembro, um sábado, de 1960, praticamente um ano depois da TV Piratini), os baianos vieram para trabalhar no Canal 5. Foram mais três ou quatro meses de experiência para eles, e uma maravilhosa ajuda para os gaúchos.

A TV Piratini começara suas transmissões experimentais mais de um mês antes da inauguração. Alguns filmes iam ao ar. Muitos eram material promocional de consulados, exibidos sem qualquer aviso prévio, e por vezes eram interrompidos abruptamente, sem que fossem mostrados os finais. Isso se deveu ao fato de que seu uso era para que os técnicos que trabalhavam na montagem ajustassem os equipamentos. Para eles, importava apenas a forma, a imagem e o som. Quanto ao conteúdo, esse era de somenos importância.

Quando a equipe, o autor desta Dissertação inclusive, que estivera no curso no Rio de Janeiro, voltou, no final de novembro, o comando destas exibições de testes passou a ter critérios de programação, com cuidados mínimos operacionais. Começava ali a se respeitar o público telespectador. E entrávamos em uma autêntica roda-viva.

Em 20 de dezembro de 1959, num fim de tarde, com sol de 40 graus, desde lá do alto do Morro Santa Teresa, surgiram as imagens da TV Piratini – Canal 5. Seguiu-se o planejado.

O primeiro diretor da TV Piratini foi o produtor e professor do curso, Péricles Leal. Ele trouxe, da TV Tupi do Rio de Janeiro, um casal de conhecidos atores cariocas, Dilma Cunha e Alfredo Murphy, para mesclarem sua experiência, participando de novelas e peças tele-teatrais, com as gaúchas e os gaúchos ainda não familiarizados com o novo veículo.

Autor e diretor de tele-teatros e de ótimas adaptações de clássicos, Leal deu o impulso inicial de que a TV Piratini precisava. Criativo e audacioso, não tinha nenhum apreço por trâmites burocráticos e organizacionais. Em meados de 1960, Péricles Leal foi substituído por Cambises Martins, um organizador nato, que pôs ordem na casa, permanecendo no comando da Piratini até 1963, quando se transferiu para a TV Gaúcha, que entraria no ar no dia 29 de dezembro daquele ano.

A TV Piratini enfrentava problemas de toda a ordem, característicos do pioneirismo. Não havia nenhum tipo de transporte para o topo do morro de Santa Tereza, e só dois acessos: um, pela Rua Correa Lima, tinha calçamento apenas até o quartel do CPOR, cerca de trezentos metros do seu início, antes da subida. O restante do trajeto era de chão batido, com verdadeiras *crateras* e difícilíssimo de trafegar em dias de chuva. O outro acesso, pela Rua Silveiro, era pior. Também ali não havia calçamento e, por se tratar de uma rua muito mais íngreme do que a Correa Lima, em dias de chuva abriam-se valetas de quase meio metro.

Isso obrigou a empresa a montar um esquema de transporte para seus funcionários. Duas caminhonetes, com tração nas quatro rodas e capacidade para dez pessoas, trafegavam de meia em meia hora, das 8 da manhã até o encerramento da TV, por volta de uma hora da madrugada. Saíam, uma do Largo da Prefeitura, no centro de Porto Alegre, em direção à televisão, e outra, no caminho inverso. Isto durou quase dois anos. As caronas em carros, *lambrettas* e *vespas* eram institucionalizadas.

Almeida Castro, o grande mentor do processo de viabilização da emissora, tentou implantar uma nova nomenclatura para as funções na televisão, começando pela TV Piratini e se estendendo pelas que viriam e, mais tarde, adotada pelo Rio e São Paulo. Nada melhor do que uma televisão e um público

zero quilômetro para serem criadas novas designações. Castro não conseguiu alcançar suas metas, pois Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte não fizeram alterações em função de anos de convivência com o público e, também, por carteiras profissionais assinadas, o que criaria problemas jurídico-trabalhistas.

Mas certas mudanças ocorreram em Porto Alegre, durante algum tempo. Com a exibição local de programas produzidos no Rio e em São Paulo, houve um período de confusão, com duplas titularidades, vencendo os cariocas e paulistas.

Algumas mudanças que vigoraram por três ou quatro anos: *Garota Propaganda*, por exemplo, no sul, passou a ser denominada *Anunciadora*, até porque, algumas, especialmente as do Rio de Janeiro e as de São Paulo, tinham sido garotas há muito tempo; as *Garotas Propaganda* eram essenciais para vender produtos, em uma época sem *vídeo-tape* e sem a possibilidade de fazer filmes. Era simples e direto, ligando o nome do produto à simpatia da anunciadora. *Diretor de TV* passou a ser denominado *Suite*, palavra que não significava nada. Aqui cabe uma explicação: nos programas dos Estados Unidos, o corte de uma câmera para a outra, os enquadramentos e as movimentações, o comando sobre o áudio, etc., é feito por duas pessoas: o(a) *Technical Director* que, por meio de fones, e enxergando todos os monitores da sala de controle, comunica-se com todo o pessoal operacional, comandando quando e para qual câmera cortar, colocando sua imagem no ar; e o(a) *Switcher*, que apenas executa as ordens do *Technical Director*, apertando os botões correspondentes às câmeras, sem sequer olhar para os monitores.

Diferentemente dos Estados Unidos, que usam dois(duas) operadores(as), no Brasil esta função é exercida por apenas um(a) operador(a). Esta pessoa é peça-chave em qualquer programa de televisão, exigindo concentração total, experiência e capacidade de comando. Cortes errados ou apropriados podem destruir ou valorizar um programa. A importância desta função individual fez com que seus executores fossem chamados *Diretores de TV*. *Switch*, em inglês, significa *troca, mudança*. *Switcher* seria o *trocador, mudador*. *Suite*, então, foi um abasileiramento. Hoje, algumas emissoras usam

Diretor de Imagens. Operador de Boom ou de *Girafa* passaram a ser *Operadores de Áudio Estúdio. Diretor de programa* passou a ser *Realizador*, nome pomposo, que diminuía o *Switcher. Camera Man* virou *Operador de Câmera*.

Com a chegada de novos equipamentos, novas denominações foram criadas, como *Operador de Vídeo-tape, Editor de Vídeo-tape, etc..*

Outra mudança que deu certo durante algum tempo: em São Paulo e no Rio de Janeiro, desde o início da televisão, *Anunciadoras/Garotas Propaganda* eram contratadas pelos anunciantes, diretamente, ou através de agências de publicidade.

Em Porto Alegre, tendo em vista o total desconhecimento do veículo e seu funcionamento, por parte de clientes e agências, que sequer sabiam como fazer o roteiro de um comercial e quais recursos poderiam ser utilizados, a TV Piratini optou, para facilitar a vida dos anunciantes, por criar um Departamento de Comerciais ao Vivo, cuja direção entregou a Mário Argolo, um jovem estudante de odontologia. O motivo da escolha de um futuro dentista para uma função tão específica se deveu ao fato de que Argolo estava desempregado e seu pai era vizinho e conhecido de Franklin Peres, um dos diretores dos Diários Associados no Rio Grande do Sul. A bem da verdade, mesmo sem experiência, Mário Argolo teve êxito em sua atividade televisiva.

Abriam-se testes para Anunciadoras, que deveriam se apresentar na Rádio Farroupilha, na Rua Sete de Setembro, no centro da cidade, pela facilidade de acesso. Longas filas se formaram durante dias seguidos. Foram contratadas, com carteira profissional assinada, Margarida Spessato, Lélia Parizzoto, Inês Schneider, Irena Zeleniakas, Marly Chassot, Leatrice Sardo, Marina Conter, Liane Ruschinsque, Gisela Brandenbursky e Manon (foto no Anexo 2). Tipos físicos distintos, cada uma era adequada a determinado tipo de produto (BERGESH, 2010).

Heloisa Helena, atriz de novelas da TV Tupi do Rio de Janeiro, veio a Porto Alegre orientar os primeiros momentos daquelas jovens gaúchas pioneiras.

O Departamento de Comerciais ao Vivo recebia, das agências de publicidade/clientes diretos, os textos dos comerciais que iriam ao ar e escolhia qual anunciadora faria qual comercial. Os textos deveriam ser enviados com, no mínimo, dois dias de antecedência. Os clientes não podiam escolher quem seria sua anunciadora, decisão exclusiva do diretor Mário Argolo.

Depois de menos de um ano no ar, algumas anunciadoras, como seria de prever, destacaram-se mais do que outras, sendo mais solicitadas pelos clientes, que começaram a não aceitar algumas das escalas de Argolo. Simultaneamente, agências e clientes aprendiam a fazer roteiros, singelos, é verdade, mas era um início. As anunciadoras se deram conta de que poderiam ganhar, por cada comercial que apresentassem, o que ganhavam por mês na emissora. Note-se que, sem *vídeo-tape*, o mesmo comercial poderia ser apresentado três ou quatro vezes por dia, o que significava três ou quatro cachês.

Margarida Spessato, a mais carismática e verdadeira estrela das anunciadoras, foi a primeira a pedir demissão e partir para o vôo solo, tratando diretamente com agências e anunciantes, sendo imediatamente seguida pela maioria de suas colegas. O Departamento só não foi extinto porque havia necessidade de apoiar os comerciais com cenografia, sonoplastia e adereços.

Afora as anunciadoras, as outras maneiras de levar comerciais ao ar eram em filmes 16mm, sonoros, ou em *slides* 35mm. A maioria dos clientes usava *slides*, com fotos dos produtos e dos preços. Tinham menor custo e atendiam às necessidades das contas de varejo, com grande número de ofertas e mudanças constantes de produtos e preços. O áudio era ao vivo, com locução de cabine. Na medida em que o texto era lido, o operador de tele-cine trocava os *slides*, numa sincronia perfeita. Um locutor na cabine, um operador de áudio no controle mestre, para abrir e fechar o microfone e colocar música em BG¹⁶, e um operador de *slides*, no tele-cine, em uma terceira sala! Logicamente, as imagens dos *slides* eram estáticas, perfeitamente aceitáveis naqueles tempos

16 *Back Ground* – Música veiculada em volume baixo, como fundo musical, para locução em primeiro plano.

pioneiros. Inaceitáveis nos dias atuais! Atualmente, nenhuma emissora de televisão possui tele-cine.

Nos primeiros meses, a programação entrava no ar às 19h25m e se estendia até as 22h30m, ou um pouco mais, dependendo dos programas. Cerca de seis meses depois, as transmissões começaram a partir das 17 horas, com o programa apresentado, diariamente, pela jornalista Célia Ribeiro, “Desfile na TV”. (fotos no Anexo 2). Mais um ano, e o início foi antecipado para as 15h30m, permanecendo neste horário até cerca de um ano após a entrada no ar da TV Gaúcha, que seguiu o mesmo esquema de horários da TV Piratini. Aos sábados e domingos, a programação começava às 11h, apresentando ao meio dia um tele-teatro de 90 minutos de duração, o “TV de Comédia” (BERGESH, 2010).

O jornalismo, que era chamado de Cine-Reportagem, foi ponto importante desde o primeiro dia da TV Piratini, com a apresentação diária de dois tele-jornais: um, o “Repórter Esso”, de segundas a sextas feiras, exatamente às 20h, com quinze minutos de duração era lido pelo locutor e publicitário Helmar Hugo Schumaker (foto no Anexo 2) e ficou no ar de 2 de janeiro de 1960, um sábado, até 31 de dezembro de 1965, uma sexta feira. O “Esso”, como era chamado internamente, tinha um departamento de produção próprio, a exemplo de como ocorria no rádio. As imagens locais eram captadas pelos cinegrafistas da TV Piratini, mas o forte do noticiário eram os filmes fornecidos pela UPI – United Press International com imagens de acontecimentos nacionais e internacionais. Este material, enviado das centrais de distribuição da UPI, no Rio de Janeiro e em São Paulo, para Porto Alegre, chegava com quatro a cinco dias de defasagem, mas, ainda assim, tinha grande repercussão. O outro noticiário era o “Diário de Notícias na TV”, também de segundas a sextas feiras, como último programa do dia, com 25 minutos de duração, apresentado pela dupla Almir Ribeiro e Celestino Valenzuela.

Fisicamente, a Cine-Reportagem ocupava dois espaços distintos. Um, no centro nervoso de Porto Alegre, o Largo dos Medeiros, na Rua dos Andradas, esquina com a Rua General Câmara, a chamada Esquina de Porto Alegre, na sobreloja da Galeria Di Primio Beck (Anexo 2). Ali ficavam o pauteiro, dois

redatores e os dois cinegrafistas (Nelci Castro –o Leca– e Odilon Lopes, que era também excelente ator), que operavam as minúsculas, robustas e eficientes filmadoras em 16mm, de corda, Bell & Howell, mesmo modelo que fora usado pelas agências noticiosas e pelo exército americano, na cobertura da Segunda Guerra Mundial. O ponto, no Largo dos Medeiros, era estratégico: centro da cidade, onde tudo o que era importante acontecia, naqueles anos de 1950/1960, além da proximidade com os poderes Executivo, Legislativo, Judiciário, religioso e, até, policial, pois a Central de Polícia era na rua Siqueira Campos. O outro espaço era no prédio da televisão, ocupando quatro salas, onde estavam instaladas uma redação de textos, um laboratório para revelação dos filmes, uma rudimentar, mas eficiente, máquina de secagem dos filmes e uma mesa com moviola, para montagem de filmes, onde atuava o dublê de montador e cinegrafista, Dany Kid (TV Sul Programas nº 2 de 1º/9/63, sem identificação de p. pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas).

Os cinegrafistas trabalhavam com um auxiliar, o *pau-de-luz*, e faziam às vezes de captadores de imagens e de repórteres. Não havia a figura do repórter de televisão, como hoje conhecemos, por razões óbvias: sem gravação de som, não existiam entrevistas nem boletins. O *pau-de-luz* tinha este nome por carregar o modesto equipamento que iluminava as cenas a serem captadas: era uma cruz de madeira, cerca de um metro de altura por 50cm., nos braços. Na extremidade superior e nas pontas dos braços, estavam instaladas lâmpadas de 150 *watts* cada. Um comprido e grosso cabo de energia era ligado onde houvesse uma tomada, iluminando a cena (TV Sul Programas nº 16 de 1º/4/64 sem identificação de p., pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas).

Por vezes, o Departamento Comercial solicitava à Cine-Reportagem a cobertura de algum evento de um cliente, geralmente inaugurações de lojas, festas de funcionários, etc.. Nada de qualquer interesse jornalístico. Os pedidos que eram para valer, vinham com o nome *Pauta 500*, no item “Assunto”, do comunicado interno. Quando se tratava de algo sem qualquer interesse, no qual não valia a pena sequer gastar filme, não havia o registro de *pauta 500* e acontecia o que chamávamos *banho de luz*, onde o *pau-de-luz* era ligado e o cinegrafista operava a câmera sem filme, apenas com o ruído da catraca, deixando o cliente convencido de que seu pedido fora aceito.

A máquina de secagem de filmes vale uma explicação. Era um equipamento caseiro, simples, construído pela equipe de marcenaria da televisão. Compunha-se das seguintes peças: duas rodas, de madeira, com cerca de 130cm. de diâmetro, presas uma a outra por cerca de 12 cabos de vassouras. Cada cabo ficava cerca de 15cm. distante do outro. Isto formava um cilindro, que operava horizontalmente, preso a um eixo que, por sua vez, estava conectado a um motor elétrico que fazia o conjunto girar em grande velocidade. Os filmes, recém-revelados e úmidos, eram presos, por percevejos de metal, aos cabos das vassouras, enrolando-se no cilindro. Embaixo do cilindro, latas de filmes continham algodão embebido em álcool, que ficava em fogo enquanto o cilindro girava velozmente. Secavam-se os filmes em menos de 10 minutos. Esta máquina simples, e feia, substituía com eficiência um equipamento da indústria cinematográfica de milhares de dólares.

Os filmes usados nos noticiários eram mudos, pois ainda não existiam câmeras filmadoras de pequeno porte, sonoras, e as portáteis, eletrônicas, nem eram imaginadas. O jornalismo usava apenas filmes negativos, em todas as etapas do processo (filmagem, revelação, secagem, montagem e exibição). A inversão da imagem negativa para a positiva era feita eletronicamente, na câmera do tele-cine. Isso dava agilidade, evitando-se a etapa da cópia do negativo para o positivo. O problema é que a película em negativo arranhava com muita facilidade, pela emulsão própria do produto ser macia. Três ou quatro exposições deixavam o filme cheio de riscos (VIOTTI in CASTRO, 2000).

Os projetores que compunham o tele-cine eram em 16mm., sonoros, servindo desta forma para exibir, além do jornalismo, os filmes da programação, estes em cópias positivas/sonoras. Os filmes para uso nos noticiosos seguiam para a exibição em pequenos carretéis, um para cada matéria, obrigando o operador a colocar no projetor um filme de cada vez. A exibição separada era preferível, pois o disparo do filme era mais eficiente do que se estivessem todos, sequencialmente, em um único rolo, obrigando a avanços e recuos para posicionar o primeiro fotograma. Naquela época o locutor lia o texto diretamente do *script*, olhando, ora para o papel, ora para a câmera.

Os filmes e as matérias subiam para o *Morro*, como dizíamos, cerca das 16 horas. A partir disso, a azáfama se instalava naquelas salas, até então, relativamente, tranquilas.

Erasmu Nascentes, chefe do setor, e Durval Garcia eram os nomes de destaque na equipe de jornalismo. Poucos meses depois da inauguração, Lauro Schirmer, que trabalhava no jornal A Hora, dos Diários e Emissoras Associados, substituiu Erasmu Nascentes. O jornalismo não se limitava a realizar os noticiários. Muitos programas especiais produzimos com Lauro Schirmer, como a série “Grandes Reportagens Banmércio”, que fazem parte da história e do pioneirismo da TV Piratini. Dentre os especiais desta série, o que teve maior repercussão foi pioneiro no Brasil: uma cirurgia cardíaca, com circulação extra-corpórea, em um menino de 9 anos, que sofria de um vazamento inter-ventricular, misturando sangue venoso com sangue arterial. Suas chances de sobrevivência eram poucas, pois haveria um enfraquecimento progressivo de suas defesas.

A produção foi de Flávio Correa, o Faveco, posteriormente publicitário de renome nacional. A logística do programa foi complicada: as câmeras ficaram na sala de cirurgia por 48 horas, para esterilização; a cirurgia começou às 6 horas e terminou às 14h30m. A imagem era gerada da unidade de externas, no dia 26 de julho de 1962, para ser gravada no estúdio. O *vídeo-tape* não tinha edição e ainda não era sequer o tempo das edições cortando a fita do VT. Em função disso, decidimos esperar pela total recuperação do jovem paciente para levar o programa ao ar, pois seríamos obrigados a mesclar cenas antigas, filmadas em 16mm com o menino ainda doente, curtas entrevistas ao vivo, com o cirurgião, Dr. Cid Nogueira, no estúdio, com imagens da cirurgia, posicionando o *vídeo-tape* nas cenas que interessavam. O programa foi ao ar sem falhas, emocionando profundamente os telespectadores, especialmente com a cena final em que o menino corria, ele que mal caminhava, no enorme estúdio para abraçar seu salvador.



Primeira cirurgia transmitida.
Em destaque: Sala de operação
e equipe de transmissão
composta por Geraldo Pessoa,
Sérgio Reis, Lauro Schirmer e
João Manoel.



Fonte: Última Hora de 27/8/62, p. central.

A repercussão foi enorme. Poucos dias depois, recebemos solicitação da Faculdade de Medicina da UFRGS para que fosse apresentado o *vídeo-tape* completo da gravação da cirurgia, para um grupo de formandos e recém formados. Contatamos o departamento técnico para marcar dia e hora, pois teriam que assistir na televisão, e recebemos a informação que o programa não existia mais, pois a fita fora usada para gravar um importante jogo de futebol entre o Esporte Clube Cruzeiro e o São José Atlético Clube...

Com as mesmas dificuldades e a mesma equipe, realizamos outros programas memoráveis nesta série: uma das enormes câmeras embaixo d'água, no rio Guaíba, numa caixa de ferro especial, com visores de vidro, para mostrar o trabalho dos homens rãs do Corpo de Bombeiros; graças a uma autorização expressa do Papa João XXIII, conseguida pelo Faveco, colocamos duas câmeras

e caminhão de externas um dia inteiro dentro do convento das Carmelitas, reclusas eternas, mostrando todas suas atividades.

O autor desta Dissertação de Mestrado foi o Diretor de TV de todos os episódios da série “Grandes Reportagens Banmércio”.

Juntamente com o telejornalismo, também a área esportiva, mais especificamente o futebol, ocupou importantes espaços na programação. Os jogos aos domingos eram transmitidos ao vivo, do estádio dos Eucaliptos ou do Grêmio Portoalegrense. Inicialmente, houve a intenção, por parte da Federação Gaúcha de Futebol, de proibir as transmissões, alegando que afastariam o público dos estádios. Acertado um período de experiência, o que se constatou foi que o público aumentara. Guilherme Sibemberg, Renato Cardoso, Enio Mello e Batista Filho eram os expoentes do esporte no canal 5. Marcou época o “Conversa de Arquibancada” (foto no Anexo 2), um programa simples, que tinha por cenário uma arquibancada e mais nada, mas que trazia semanalmente os grandes nomes do futebol gaúcho para debates, muitas vezes, acalorados. A cobertura dos jogos era feita pela Unidade de Externas, com duas câmeras, localizadas no alto das arquibancadas e sem lentes *zoomar*!

Além das tele-novelas, sempre em adaptações de clássicos da literatura inglesa (**Morro dos ventos uivantes**, **Jane Eyre**, etc.), que apresentavam dois ou três capítulos por semana, e de peças completas, como o consagrado “Histórias do Sul”, revivendo as tradições gaúchas, em *scripts* de Nelson Cardoso, a TV Piratini se notabilizou por apresentar clássicos bíblicos nas Sextas Feiras Santas.

O primeiro deles foi **Marcelino, pão e vinho**, realização de Érico Kramer. Cambises Martins foi o Diretor de TV.

Na Sexta Feira Santa de 1961 a TV Piratini levou ao ar, ao vivo, seu primeiro grande programa bíblico: **A tragédia do Gólgota**. Três horas e meia de duração, 80 figurantes, 16 atores de primeira linha e 12 de segunda linha, roupas da época, feitas pelas costureiras da TV para mais de cem pessoas, além de diversos animais, como ovelhas, cabras, cavalos e cães. Os dois estúdios totalmente tomados por mais de duas dezenas de cenários de Emil Zsielinsky: a

cidade de Jerusalém, com muralhas em painéis pintados, imitando pedras, vielas, escadas, casas e rochedos, com muitas árvores nativas representando oliveiras e com metade do Estúdio A tomada pela íngreme subida de cerca de seis metros de altura, do Monte Calvário (o Gólgota), culminando, no topo, com as três cruzes da crucificação. Mais de um mês para confeccionar os cenários. *Script* com mais 100 páginas, ensaios diários durante dois meses, texto e direção de Érico Kramer. O autor desta Dissertação foi o Diretor de TV, usando as cinco câmeras disponíveis, doze microfones, alguns escondidos nos cenários, e todos os recursos de áudio e sonoplastia, por João O'Donell, iluminação de Santo Ventura, assistentes de estúdio Amilcar Zabaleta e Antônio Fagundes. Isso tudo em uma televisão que tinha menos de três meses de vida!

A cena final, conforme a criação de Kramer, pedia a imagem mostrando o corpo de Jesus deitado no Santo Sepulcro, envolto no Santo Sudário. Era um plano geral. A imagem ficaria fixa durante cerca de 90 segundos quando o espírito de Cristo sairia de dentro do corpo, subindo aos céus. Não era muito difícil realizar o truque: em um cenário, estaria Wilson Fragoso, como o Cristo morto, reclinado sobre uma grande pedra. Em outro ambiente, com um fundo com mais de 12 metros de altura por 6 de largura, totalmente preto, e com o chão pintado de preto em cerca de 10 metros, estaria outro ator, com a estatura de Wilson, envolto em um tecido branco. Uma câmera focalizaria Wilson e outra focalizaria o dublê. Na televisão em preto e branco, o que for preto não aparece, pois a válvula orticon não lê o preto. Para fazer a cena, bastaria sobrepor as duas imagens, acertando os dois corpos exatamente um mixado com o outro, e fazer uma panorâmica vertical com a câmera que enquadrava o dublê. O resultado seria o vulto, um pouco desfocado e tênue, de um homem saindo de dentro do corpo de Jesus e subindo aos céus, até desaparecer na parte superior da tela da televisão.

O problema foi que não havia espaço, em nenhum dos dois estúdios, para montar o enorme cenário preto, com cerca de 130 metros quadrados.

A solução foi desmontar diversos cenários, sem fazer qualquer ruído, abrindo espaço para a montagem do cenário preto, enquanto Jesus subia o Gólgota e era crucificado, numa sequência que durava 30 minutos. A

desmontagem dos cenários foi realizada duas vezes pela equipe de cenografia, a título de ensaio. Tudo aconteceu conforme o planejado, sem improvisações.

Este espetáculo marcou a estréia do ator Wilson Fragoso interpretando Jesus Cristo em eventos do gênero. Ao saber que seria escalado para o papel, quatro meses antes, Wilson parou de se barbear e de cortar o cabelo, usando, no dia do espetáculo, apenas um curto *mega-hair* para compor a imagem. Wilson era um ator extremamente exigente, que mergulhava no personagem, compondo-o nos mínimos detalhes. Sua interpretação foi a de um Jesus Cristo que está no imaginário das pessoas. Em todos os teatros bíblicos posteriores, Wilson estava automaticamente escalado para ser o Messias (BERGESH, 2010).

Outra apresentação grandiosa, nos primeiros meses de 1960, ocorreu no estúdio da TV Piratini: da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, a OSPA, completa, com seus 116 músicos, regida pelo maestro Pablo Komlós, interpretando trechos famosos de óperas consagradas.

Também para este mega espetáculo, o autor desta Dissertação foi escalado para ser o Diretor de TV, o *suite*. Um verdadeiro desafio, pois nosso desconhecimento musical era total. Dias antes da apresentação, reunido com o maestro Komlós, explicamos nossa dificuldade e ele prometeu que escalaria alguém para ficar ao nosso lado, no controle, com cópias de todos os arranjos, com a função de nos indicar, sempre com antecedência suficiente, para que pudéssemos deslocar as câmeras para o ponto indicado, quais instrumentos iriam tocar, quem iria realizar algum solo, etc..

No dia aprazado, enorme cenário montado, microfones sendo estrategicamente colocados, cinco câmeras já dispostas em locais previamente estudados (duas em praticáveis com dois metros de altura, uma por trás da orquestra que, através de pequeno buraco no cenário, enquadraria o maestro de frente e as outras duas com possibilidade de se movimentar em meio aos músicos), iluminação em seus retoques finais, orquestra afinando os instrumentos, conhecemos nosso auxiliar: um garoto de 18 anos. Explicamos-lhe o que precisávamos que fizesse e em poucos minutos estávamos entrosados.

Minutos após o início, ele já não mais indicava o local que deveria ser mostrado, mas dizia qual câmera deveria ser utilizada. Foi fácil e perfeito. Ao nos despedirmos, agradecemos e pedimos-lhe que nos dissesse seu nome completo, talvez para procurá-lo em caso de apresentação com outra orquestra.

“Szidon, respondeu-nos, Roberto Szidon”¹⁷.

Nos primeiros três ou quatro meses da TV Piratini, nós – realizadores, suítes e o pessoal em geral – fizemos o que denominamos “fazer TV para o bar”. Explicamos.

No que se poderia chamar de *terceiro piso*, parte da frente do prédio da TV Piratini, fora construído um bar que servia sanduíches, refrigerantes e refeições. Sua existência era imprescindível, pois estávamos isolados no topo do morro e, com frequência, passávamos 16/18 horas diariamente lá, ensaiando, testando recursos, desenvolvendo ideias e colocando os programas no ar.

No bar, cabiam cerca 45/50 pessoas, acomodadas em dez mesas ou no balcão. Um grande receptor de televisão, preso junto ao forro, permanentemente ligado, mostrava-nos o que estava no ar e quanto tempo tínhamos até nosso próximo trabalho. Ali era nosso ponto de reuniões, pois não possuíamos salas individuais. Quem não tinha o que fazer, ia para o bar. Além de satisfazer o estômago, o local atendia à nossa criatividade e servia de ponto referencial de avaliações, feitas por nós mesmos, de nossos trabalhos. Sempre que algum de nós fosse colocar no ar um programa mais elaborado, os outros corriam para o bar, para assistir. Ao término, existia uma reunião informal, onde analisávamos o que fora bom e o que fora ruim.

Durante um almoço na televisão, o realizador Athayde Carvalho, informou que estava escrevendo uma peça em que havia um fantasma que aparecia e desaparecia em cena. E, enfático, lançou um desafio: o fantasma não

¹⁷ **Roberto Szidon** nasceu em Porto Alegre, 21 de setembro de 1941. Pianista de música erudita, com nove anos realizou seu primeiro concerto. Estudou composição com Karl Faust, e foi se aperfeiçoar nos Estados Unidos da América, com os mestres Illona Kabos e Claudio Arrau. Como solista, integrou mais de cinquenta orquestras. Szidon faleceu em 21 de dezembro de 2011.

poderia aparecer por *corte*, troca da imagem instantaneamente, mas por fusão, isto é, sua imagem iria ficando nítida gradativamente e, ao final da cena, desapareceria do mesmo modo. Ou seria assim, ou ele não montaria a peça. Estávamos em 1960, não havia computadores nem *vídeo-tapes*. Nelson Vaccari aceitou a tarefa. Quebramos cabeças por alguns dias, até que surgiu a solução.

Seriam feitos dois cenários absolutamente idênticos, montados um ao lado do outro. Duas câmeras seriam posicionadas, cada uma frente a um dos cenários, com ângulos, altura, enquadramentos e lentes iguais. O fantasma ficaria em um dos cenários. A cena abriria com a câmera do cenário vazio e seria feita uma fusão lenta para a câmera do outro cenário. Como a única diferença entre os dois cenários seria a figura do fantasma, o que aconteceria no vídeo era a imagem dele surgir, ou desaparecer, lentamente, em meio aos móveis.

O truque acontecia três ou quatro vezes e, em todas, funcionou perfeitamente. Estávamos no bar acompanhando a performance e aplaudíamos Vaccari e os câmeras Jorge Teixeira e Fredy Litowsky, a cada entrada e saída do fantasma.

No dia seguinte, perguntamos a amigos e familiares o que tinham achado da peça. Ninguém gostara. O galã morria no final, deixando sua noiva desesperada. Quanto ao fantasma, ninguém notara nada. Era muito natural que fantasmas aparecessem e desaparecessem lentamente. Ampliamos a modesta pesquisa para familiares e amigos de outros colegas e o resultado foi o mesmo.

Foi uma frustração, mas a experiência valeu. Aprendêramos a equilibrar forma e conteúdo.

Os primeiros 18 meses da TV Piratini foram uma época de ouro, no sentido financeiro, para os suítes. Seis ou sete meses após a inauguração, alguns clientes começaram a pressionar suas agências de publicidade para que criassem comerciais *diferentes*, sem o uso de anunciadoras. Criativos, os publicitários eram, mas desconheciam até onde poderiam criar comerciais com efeitos e trucagens de imagens. Os funcionários da TV, especializados nesta área, eram os Suítes (Walmor Bergesch, Nelson Vaccari e o signatário desta Dissertação).

A agência escolhia um de nós, marcávamos uma reunião, na qual definíamos o que seria feito (frequentemente, criávamos o comercial) (no Anexo 2 um exemplo de comercial criado na época), combinávamos o cachê e púnhamos mãos à obra, acertando todos os trâmites internos da televisão para a apresentação do comercial, sendo o suíte que o colocava no ar. Por vezes, usávamos atrizes e atores. O cachê que cobrávamos para cada apresentação correspondia, no mínimo, a 40% de nosso salário mensal. Como o comercial ia ao ar duas ou três vezes por noite, durante 15 ou 20 dias, pode-se imaginar a receita extra de cada suíte, com um só comercial. Fazíamos, em média, três comerciais diferentes por mês! Com frequência, esquecíamos-nos de buscar nossos salários na tesouraria.

A Direção Comercial não se incomodava com o esquema, pois comerciais bem produzidos e bem dirigidos eram veiculados mais vezes pelos clientes, empolgados com o diferencial qualitativo, e, conseqüentemente, aumentando a verba de veiculação; a Direção de Programação tampouco se sentia desconfortável, pois cumpríamos rigorosamente com nossas obrigações.

Com o passar do tempo, as agências de publicidade foram aprendendo a usar sua criatividade, conforme os recursos do veículo, e surgiram, entre seus funcionários, alguns com aptidão para dirigir comerciais em troca de um modesto salário mensal, fazendo com que as cores de nosso arco-íris esmaecessem e nosso pote de ouro secasse.

Naquela época, recebemos convite da PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, para dar aulas no curso de jornalismo, sem precisar sair da televisão. Como o salário era pequeno, em relação ao que se ganhava, e o trabalho muito grande, não aceitamos o convite. Passados 50 anos, buscamos resgatar a decisão errada.

A TV Piratini mudou o Rio Grande do Sul. Com o começo de suas atividades, alguns hábitos foram ultrapassados e outros foram criados.

No início, os televisores eram caros e só diminuíram seus preços quando as vendas aumentaram. Poucos tinham poder aquisitivo para comprar o atraente aparelho, símbolo de entretenimento, informação e *status*. Surgiu a figura da

qual se sabe existiu no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Belo Horizonte: o *tele-vizinho*. Eram pessoas que moravam no mesmo prédio ou na mesma rua, ou nem isso, do dono da TV, e que saíam de suas casas para assistir televisão na casa dos amigos melhor abonados. Tivemos essa experiência na casa de nossa mãe. Sabendo que seu filho iria fazer parte da televisão, imediatamente ela comprou um receptor RCA Victor, três meses antes da TV Piratini entrar no ar. Com o início das transmissões, ela convidava alguns vizinhos do mesmo edifício em que morava para assistirem a televisão. Em menos de um mês, ela se deu conta que, às 19 horas, já estava arrumando as cadeiras na sala como se fosse um cinema, preparando pipocas e cafezinhos para servir. As visitas chegavam, sentavam e, silenciosamente, assistiam aos programas. Ao encerramento, sem sequer um *obrigado*, todos se despediam e ela rearrumava a casa.

Esta prática era quase uma instituição estadual: primeiro, o exibicionismo de ter televisão em casa e, depois, o constrangimento de não saber como se livrar dos mal-educados. O hábito desapareceu lentamente, na medida em que os *tele-vizinhos* compravam suas próprias televisões. Mas demorou (KILPP, 2000)!

Os *tele-vizinhos*, se incomodaram alguns donos de receptores de televisão, por outro lado ajudaram a alavancar a publicidade do novo veículo, pois o cálculo do número de telespectadores era feito, não pelo número de receptores multiplicado por 4 telespectadores (média familiar), mas, sim, por 10, que era a média real, graças à presença dos telespectadores avulsos frente aos aparelhos.



Fonte: TV Sul Programas nº 3 de 15 de outubro de 1963, sem identificação de p. pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas

Nos anos 1950/1960, moças prendadas e de boas famílias, no Rio Grande do Sul, tinham como currículo obrigatório estudar em colégio de freiras, debutarem em algum clube importante e estudar balé. Na capital, existiam diversas escolas conceituadas, como as de Salma Chemale, João Luiz Rolla, Tony Seitz Petzhold (posteriormente, foi contratada como coreógrafa da TV), que ensinavam às meninas o balé clássico, com sapatilhas e saíotes *frou-frou*, acompanhadas por meninos magrelos de gestos suaves. Em 1962, surgiu um novo balé em Porto Alegre, o da professora Marina Fedosseieva, uma russa imigrante, que ousava uma dança moderna, ao som de orquestras como as de Ray Coniff e Burt Bacharach, sem as tradicionais sapatilhas, mas com sapatos sem salto, colados aos pés. Suas bailarinas não eram meninas, como nas tradicionais escolas, mas jovens mulheres de corpos esculturais. Fedosseieva foi um sucesso! Além dos balés, existiam corais que interpretavam músicas atuais, os sucessos de cantores famosos, e conjuntos musicais, alguns do interior do estado.

Este material humano, vasto e de boa qualidade, passou a ser utilizado pela TV Piratini. Os espetáculos de balé faziam parte da programação, a convite

- na verdade, em troca da promoção que aumentava exponencialmente o número de alunos - assim como os corais, conjuntos e cantores até então pouco conhecidos.

Estes grupos artísticos, escolas de balé inclusive, tradicionalmente montavam espetáculos, nos finais de ano, que eram assistidos por reduzido grupo de pessoas, geralmente familiares dos que estavam no palco. Alguns poucos, mais abonados, conseguiam o Theatro São Pedro para suas apresentações; os menos afortunados tinham que se contentar com teatros mais modestos. A televisão trouxe, para uns e outros, a celebridade instantânea.

O mesmo fenômeno aconteceu com atores e atrizes dos diversos conjuntos teatrais amadores que havia em Porto Alegre, um centro efervescente que, na época, contratava conceituados diretores do Rio de Janeiro e de São Paulo para dirigir peças de autores famosos, como Tennessee Williams, Anton Tchekov, William Shakespeare e outros. Este pessoal, aproveitado pela televisão, deu um salto para a fama. A maioria dos atores e atrizes da rádio Farroupilha foi aproveitada na televisão, passando a receber generosos cachês por seus trabalhos no vídeo. Passaram a dar autógrafos na rua. O público começava a ter novos ídolos, ao alcance de seus olhos e de suas mãos (TV Sul Programas nº 8 de 15/12/63, sem identificação de p., pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas).

A fama, porém, tinha seu preço, especialmente para o pessoal do tele-teatro. Ensaios exaustivos, durante dias, muitas vezes começando pela manhã e avançando até a noite. A necessidade de decorar todas as falas de um capítulo ou de uma peça, como se fosse para apresentação em um palco. Sem *vídeo-tape*, com tudo sendo feito ao vivo, não havia condições de fazer cena por cena, decorando as falas por frases. Contrariamente ao que muitos imaginam, não havia espaço para o improviso. Trabalhava-se arduamente para que tudo acontecesse da forma prevista, pois o verbo *refazer* era impensável. Conjugávamos, apenas, o verbo *fazer*!

Os pais e as mães, telespectadores daqueles dias, não tiveram problemas para mandar seus filhos, meninos e meninas para a cama cedo. Precisamente às 21 horas, entrava no ar um comercial, em filme, mostrando, em desenho

animado, um menino e uma menina, vestindo camisolas compridas, chinelos e toquinhas de dormir, tendo cada um na mão um castiçal com uma vela acesa. Eles caminhavam até suas camas, deitavam e sopravam as velas, ao som de um *jingle* em que uma cantora dizia: *Já é hora de dormir, / não espere mamãe mandar. / Um bom sono prá você / e um alegre despertar.* A tela escurecia e aparecia o letreiro dos Cobertores Parahyba, com texto de locutor. Era tiro e queda! As crianças obedeciam sem discussões. A televisão falava com elas!

A origem deste comercial, que ficou no ar muitos anos na TV Piratini, era remota. Começara em 1950, nos primeiros meses da TV Tupi paulista. Na época Luiz Gallon, um *faz-tudo* que estava na Tupi desde o primeiro dia, e Mário Fanucchi, um maravilhoso ilustrador, criaram o que passou a se chamar “Próxima atração”: a imagem do Curumim (o indiozinho símbolo das televisões associadas), vestido com roupas que caracterizassem o programa que viria a seguir. Foi um sucesso tão grande que, em pouco tempo, surgiu um patrocinador para a mensagem. Isso era feito no *gray telop* ou GT, que exibia, via tele-cine, imagens desenhadas num cartão postal, ou seja, com imagem estática.

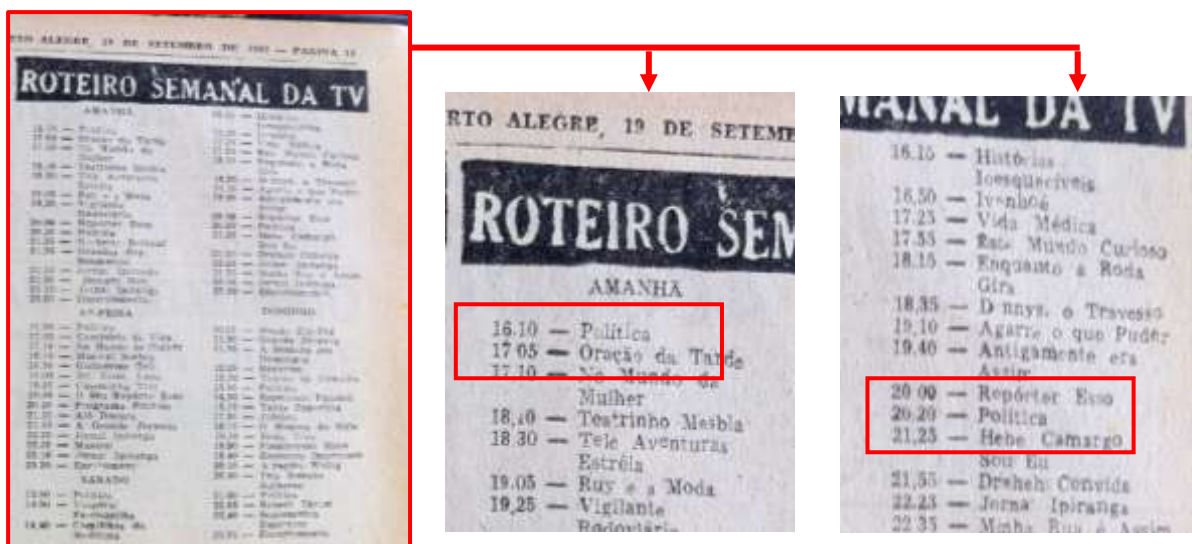
Com a entrada nesta dupla de criação de um terceiro elemento, o maestro Erlon Chaves, foi criado o desenho do Cururim dormindo em uma rede na oca, tendo como áudio a canção, interpretada por uma cantora, com a letra acima citada, criada por Fanucchi e musicada por Chaves. Repetiu-se o sucesso da “Próxima atração” e as crianças iam direto para a cama. A TV Piratini, dez anos depois, recebeu o comercial do cliente Cobertores Parahyba com a versão alterada, pois saía o Curumim e entrava um casal de crianças, e sofisticada: em filme 16 mm, preto e branco (ALVES, 2008).

O *vídeo-tape* chegou na TV Piratini em dezembro de 1961. Com o novo equipamento, alguns programas passaram a ser previamente gravados e outros continuaram ao vivo. O *vídeo-tape* gravava e reproduzia gravações, sem nenhum recurso de edição, nem mesmo corte de fitas. Em 1962, chegaram os equipamentos que possibilitavam editar programas cortando e, posteriormente,

emendando as fitas com outras cenas. Fazíamos com o *video-tape* o que se fazia com filmes. Emendávamos *frames*¹⁸, ao invés de fotogramas.

O Horário Eleitoral Gratuito foi ao ar, pela primeira vez, em agosto e setembro de 1962, para as eleições de 7 de outubro, um domingo, daquele ano. Seriam escolhidos governadores, senadores, deputados estaduais e federais, que assumiriam em 1963. Eram duas edições diárias: à tarde e à noite, de 25 minutos cada, divididos entre os partidos. Os políticos se apresentavam ao vivo, frente à câmera *vidicon* (de má qualidade), em um estúdio minúsculo. Se ultrapassassem o tempo eram, simplesmente, tirados do ar em meio a uma palavra. Imediatamente após, entrava o seguinte da fila. Ildo Meneghetti foi eleito governador do Estado.

No ano seguinte, 1963, já com a TV Gaúcha no ar, houve novamente Horário Eleitoral Gratuito, mas, pela primeira vez, em cadeia dos canais 5 e 12, para as eleições de 7 de novembro, um domingo. Foi durante setembro e outubro, com geração da TV Piratini, para a escolha de prefeitos e vereadores, mantendo o mesmo esquema do ano anterior. Sereno Chaise venceu a eleição para prefeito de Porto Alegre.



¹⁸ *Frame*: pulso eletrônico gravado em fita de *video-tape*. Corresponde ao fotograma em um filme

| HOJE É DIA DE ERONTAX DA SORTE UM SIMCA JANGADA POR SEMANA | |
|---|------------------------------|
| CANAL 9 — QUARTA-FEIRA, 6/11/62 — CANAL 11 | |
| 16.00 Programa Político | 15.20 Programa Político |
| 17.00 Conselho de Vida | 16.30 Fuma |
| 17.10 Let's Learn English | 17.10 Programa Célia Ribeiro |
| 17.45 CARNET SACI | 18.10 Tete-Novela |
| 18.00 Faça você mesmo em seus presentes | 18.35 Os Reis do Rio |
| 18.20 Wyatt Earp | 18.55 A Mulher e o Tempo |
| 18.50 Showzinho Kellag's | 19.05 Zé Colmeia Show |
| 18.50 INSTANTANEOS ESPORTIVOS PANITZ | 19.40 |
| 19.00 Instruções Corde | |
| 19.35 A Marca do Zorro | |
| 20.00 Programa Político | 20.00 Programa Político |
| 21.05 SEU REPORTER | 21.05 |
| ESSO | OS DAVILA |
| 21.25 Papai Sabe Tudo | 21.30 Moneyr Franco Show |
| 22.00 ERONTAX DA SORTE | 22.35 SÉCULO XX |
| | 23.10 Peter Gunn |
| | 23.45 ENQUETE PANITZ |
| | 23.55 Plantão Esportivo |
| 22.30 | |
| | |
| 22.45 Jóias da Tela | 00.00 |
| 23.10 Encontro com a Verdade | |

Fontes: Diário de Notícias 15 de setembro de 1962 p. 13 e TV Sul Programas de 1º de novembro de 1963, sem identificação de p., pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas.

O Rio Grande do Sul, tradicionalmente politizado, teve, na TV Piratini, a potencialização das discussões neste campo. Os políticos, conhecidos pela voz ou fotos em cartazes, graças à TV Piratini, passaram a ser vistos humanizados, literalmente, entrando nas casas das pessoas. Os programas com políticos eram garantia de grande repercussão. Os assuntos que interessavam a todos, de uma ou outra maneira, eram debatidos e o contraditório se fazia presente. “Em Mangas de Camisa”, programa onde os convidados se apresentavam sem casaco, patrocinado pelas camisas Torre e apresentado por Enio Rockenbach, consagrou-se desde as primeiras edições (REIS, 1995).



Entrevistados Egydio Michaelson, Brochado da Rocha, Loureiro da Silva e o entrevistador Enio Rockenbach. Fonte: Arquivo pessoal do autor

O programa de maior repercussão neste segmento era “Encontro Marcado”, apresentado pelo corajoso e contundente jornalista pernambucano, Helio Polito, com *suite* do signatário desta Dissertação. Polito, morador no Rio de Janeiro, fazia as perguntas em *off*, sem nunca aparecer. Trazia, semanalmente, um político de expressão nacional, realizando com ele uma entrevista com características de agressividade.

Na verdade, “Encontro Marcado” ia ao ar em Porto Alegre, em Belo Horizonte, em Salvador e em Recife, na mesma semana, acontecendo, praticamente, a mesma entrevista em cada praça, com o convidado ficando à disposição durante os cinco dias do périplo. A Direção de TV (*suite*) era agressiva, abusando de *closes* e pequenos defeitos faciais ou de vestuário, e, preferencialmente, não mostrando os melhores ângulos do entrevistado. Os participantes aceitavam o jogo, pois tinham seus 60 minutos de fama nas mais importantes cidades brasileiras. Durante quase um ano, autorizado pela TV Piratini, viajamos todas as semanas para as capitais citadas, via Real Aerovias, sendo o *suite* dos programas. Foi exaustivo, mas prazeroso. Após, reassumimos na TV Piratini.

Além do “Encontro Marcado”, era comum a vinda de artistas famosos do Rio de Janeiro e de São Paulo para apresentações, tanto como convidados, para participar de programas especiais, quanto para atuar em programas fixos, semanais. Hebe Camargo, em 1961, vinha semanalmente a Porto Alegre para o

seu “Hebe”, onde cantava e entrevistava pessoas locais durante 60 minutos, por mais de um ano.. O sucesso era total. Famílias aguardavam Hebe no aeroporto, com buquês de flores e convites para que fosse jantar em suas casas. Dependendo de quem fosse o portador do convite, ela aceitava. As famílias cresciam em *status* junto aos seus pares.

Outra atriz, esta de São Paulo, que realizou durante mais de um ano um tele-teatro “água com açúcar” chamado “Alô, Doçura”, com *scripts* de Cassiano Gabus Mendes, em 1961, foi Marly Bueno. O programa foi sucesso na TV Tupi paulista, durante anos, com Eva Wilma e John Herbert. O parceiro de Marly era o galã local Gudy Emunds. Marly Bueno faleceu em abril de 2012, aos 78 anos.

Em 1961, Celso Kaufman, produtor, Walmor Bergesch, *suíte* e diretor de programas, José Maurício Pires Alves, produtor, e Milton Ferreira, produtor de programas jornalísticos, todos funcionários da TV Piratini, fundaram a Sul Promoções, empresa dedicada à produção e comercialização de programas independentes. Em 1963, a empresa mudou o nome para Spot Produções. Mas, mais importante que os programas que criou e lançou pela TV Piratini, foi o lançamento, em 1962, do *Telecontrole*, atendendo a uma sugestão de Plínio Cabral, diretor da Norton Publicidade.

O *Telecontrole* consistia em uma sala (rua Cel. Vicente, 456, 4º andar), um televisor, uma mesa com mimeógrafo, um cronômetro e dois funcionários. Um controlava os intervalos comerciais da televisão, acusando quaisquer falhas operacionais e registrando o horário em que foram ao ar e a duração, que variava muito quando eram comerciais ao vivo, com anunciadoras. Alguns chegavam a dois minutos.

O trabalho era rudimentar, feito à mão, com planilhas e usando um cronômetro Heuer. Após a emissora sair do ar, todos os dados eram datilografados em papel *stencil* e, a seguir, feitas as cópias em mimeógrafo. Na manhã seguinte, bem cedo, o outro funcionário passava na sede da empresa, pegava o material mimeografado e o distribuía para as agências.

Todas as agências que programavam televisão compravam o *Telecontrole*, a um custo que, atualizado, seria de R\$ 150,00.

Segundo José Maurício Pires Alves e Celso Kaufman (*e-mail* no Anexo 1), o *Telecontrole* existe até hoje, propriedade de Celso Kaufman e de seu irmão Clovis. É totalmente informatizado, controla todas as emissoras de televisão no Rio Grande do Sul e pode ser acessado no *site* www.spotcom.com.br.

As vendas nas lojas de eletrodomésticos e vestuário deram um salto. O novo veículo era caro, mas compensava. Tudo o que ali se anunciava, era vendido. O público telespectador crescia dia-a-dia. O volume de vendas era puxado pelos receptores de televisão. Foram anos gordos para lojas de varejo. Imcosul, JH Santos, Ibraco, Renner, Hermes Macedo e outras se transformaram, da noite para o dia, em grandes anunciantes, do porte de nomes consagrados de grandes empresas, como Varig, Springer Admiral, Fogões Geral e Fogões Wallig. Os supermercados Real abriam novas lojas em ritmo invejável.

Empresas paulistas vendiam, em São Paulo, *kits* de televisores para, através de manuais, serem montados em casa. O custo era muito barato, pois os televisores não tinham caixa, ficavam com suas válvulas à mostra. Mas funcionavam! As lojas Ibraco compraram centenas destes *kits*, contrataram técnicos para montá-los e marceneiros para fazer as caixas, criaram a marca de televisores Caravelle e inundaram o mercado com o novo produto. Baixo preço, boa qualidade, altíssimo lucro.



Fonte: Jornal Correio do Povo, 07 de setembro de 1962

A Televisão Piratini, de 1959 até 1963, atuou sozinha no mercado de televisão no Rio Grande do Sul. Mesmo tendo 100% de audiência, o Canal 5

continuou investindo e inovando, preocupando-se em manter o público já conquistado, e tentando novos segmentos.

O fato de ser a única emissora e, também, o de estarmos realizando acertos e ampliando nossa experiência, fazia com que, nos primeiros meses acontecessem, com indesejável frequência, atrasos na entrada de algum programa no ar. Por vezes, um *slide* identificador da TV Piratini ficava no ar, estático, por 15 ou 20 minutos, esperando tudo ser acertado no estúdio.

Mas o público começava a ficar exigente e as reclamações chegavam via cartas ou telefonemas, especialmente de anunciantes e agências de publicidade.

José Maurício Pires Alves, produtor, criou um programete de espera, chamado “Tele Recortes”. Uma solução simples, de baixo custo e eficiente. Consistia em exibir, via *GT – Gray Telop*, cartões postais com fotos de cidades européias, americanas, asiáticas, brasileiras e o mais que ele conseguisse em livrarias. O texto do cartão postal era lido, ao vivo, pelo locutor de cabine, enquanto o sonoplasta punha no ar uma gravação com música condizente ao tema. Podia durar um, 5, 10 ou 30 minutos, conforme a necessidade.

Os “Tele Recortes” ficavam previamente montados em alguns *pentes* (armação onde se colocavam os cartões postais) do *GT*. O texto ficava na cabine e o *LP - long play*, disco em acetato com músicas para trilha musical, separado, junto à mesa de áudio. Algumas vezes passavam-se dias sem que o material fosse usado; em outras, tudo era consumido em duas ou três horas, forçando José Maurício a preparar novos temas apressadamente.

Foi um sucesso! E resolveu um problema, até que não precisássemos mais atrasar programas.

No segundo semestre de 1962, o Diretor de Programação da TV Piratini, Cambises Martins, transferiu-se para a futura TV Gaúcha – Canal 12 (hoje RBS TV) para exercer igual função na emissora que seria inaugurada em dezembro daquele ano. Sucedeu-o, na Direção, Renato Cardoso e, posteriormente, Fernando Costa, um profissional com origem na publicidade.

Como era de se esperar, a entrada de um novo canal televisivo no estado alterou substancialmente o jogo de forças da audiência e a distribuição das verbas publicitárias.

Em fins de 1963, premida por problemas internos do Grupo Associados e sofrendo o impacto da entrada da TV Gaúcha no mercado, a TV Piratini enfrentou grave crise financeira, demitindo dezenas de artistas, cantores, orquestra, o Conjunto Farroupilha, técnicos e afins. A programação começou a ser preenchida com programas gravados no Rio de Janeiro e em São Paulo (KILPP, 2000).

A TV Tupi carioca, no início da TV Piratini, na época pré *video-tape*, participou da programação do Canal 5, com *scripts* de teleteatros e com roteiros e ideias de programas de sucesso no Rio de Janeiro, adaptados para o Rio Grande do Sul, mantendo as características da sociedade rio-grandense. Entre estes programas, podemos citar “Você estava lá”, que levava ao estúdio alguém que estivera em algum lugar onde acontecera algo excepcional. O fato era narrado e ilustrado com notícias de jornal, fotos, etc. e o participante acrescentava detalhes. “Esta é a sua Vida”, programa emocionante em que o entrevistado ia para o estúdio pensando que daria uma entrevista ou algo parecido. Sua vida, previamente investigada, era narrada, através de depoimentos de parentes e pessoas amigas, para surpresa do convidado. Geralmente, terminava com choro convulsivo de participantes e telespectadores. “Quero saber mais”, uma criação de José de Almeida Castro, apresentado por Walmor Bergesch, respondia dúvidas dos telespectadores. “Este mundo curioso”, também apresentado por Bergesch, era ilustrado, muitas vezes, com filmes cedidos pelo Consulado Norte Americano de Porto Alegre. Note-se que a idéia viera da TV Tupi do Rio de Janeiro, mas os assuntos, sempre que possível, eram locais, com personalidades gaúchas.

Entretanto, a dura realidade econômico-financeira, o advento do *video-tape*, com o avanço dos programas de São Paulo e do Rio de Janeiro, os patrocinadores nacionais e a dura concorrência apresentada pela TV Gaúcha, as verbas publicitárias se dividindo entre os dois canais televisivos, com maior peso para o Canal 12 e, posteriormente, a entrada no ar, em 1969, da TV

Difusora, mais uma concorrente, impuseram novas regras, rompendo o vínculo romântico entre o veículo e a cultura local. Daí para frente, o fosso só se ampliou.

A TV Piratini se manteve no ar enfrentando diversos problemas operacionais, em face de não reposição de equipamentos e baixo faturamento, até ter sua concessão cassada, em julho de 1980, juntamente com mais seis emissoras, das nove que compunham a Rede Tupi dos Diários e Emissoras Associados, pelo governo do presidente João Baptista Figueiredo. Além da Piratini, foram cassadas as emissoras de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Belém, e Fortaleza. A justificativa para o ato foi a inadimplência em dívidas para com a União, débitos trabalhistas e não recolhimento de FGTS. Assim, o Canal 5, da TV Piratini, foi outorgado, em 1981, à TVS de Silvio Santos, hoje SBT. Em contrapartida o novo concessionário se obrigava a admitir em sua empresa, com todos os direitos trabalhistas que tinham na extinta TV Piratini, os ex-funcionários do Canal 5 (BERGESH, 2010 e *e-mail* de Enio Rockenbach no Anexo 1).

Neste capítulo, vimos a entrada do primeiro canal de televisão no estado do Rio Grande do Sul. Seu pioneirismo e os problemas que enfrentou por ser o primeiro canal de TV no estado. Os desafios vencidos e o espaço que preencheu. Neste momento, faz-se necessário mostrar a ampliação deste mercado e o surgimento da TV Gaúcha, hoje nominada RBS TV.

A TV GAÚCHA

Segunda emissora no estado, a TV Gaúcha – Canal 12 foi inaugurada no dia 29 de dezembro de 1962, um sábado. Propriedade, como já se disse anteriormente, de Arnaldo Balvé (20%), Frederico Arnaldo Balvé (20%), Nestor Rizzo (20%), Manoel Arroxelas Galvão (20%) e Maurício Sirotsky Sobrinho (20%), a TV Gaúcha veio disposta a enfrentar a experiente TV Piratini. Quando Jayme Sirotsky entrou para a Rádio e TV Gaúcha, em 1962, cada um dos sócios acima lhe vendeu 10% de suas cotas, ficando, conseqüentemente, cada sócio com 18% e Jayme com 10% (BERGESH, 2010).

A inauguração da TV Gaúcha teve a presença do Presidente da República, João Goulart; do Governador do Estado, Leonel Brizola; inúmeras autoridades do país, do estado e do município, além da benção de Dom Vicente Scherer, Arcebispo Metropolitano.



Da esq. para a dir.: Maurício Sirotsky. Nelson Sirotsky, Marlene Sirotsky, Presidente João Goulart e Governador Leonel Brizola. Fonte: **Os televisionários** (2010).

A TV Gaúcha foi notícia nos jornais Correio do Povo e Folha da Tarde, da Companhia Jornalística Caldas Júnior, do dia 29 de dezembro de 1962, diferentemente da inauguração da TV Piratini, ignorada pelo Correio do Povo, merecendo apenas uma pequena nota, de 6 cm x 2 colunas, na edição de 21 de dezembro de 1959, uma segunda feira, da Folha da Tarde. O Canal 5 permaneceu fora das páginas do Correio e da Folha até a inauguração da TV Gaúcha, quando ambos os jornais passam a publicar a programação diária dos dois canais do Rio Grande do Sul (matérias do Correio do Povo e Folha da Tarde no Anexo 3).

Na edição do dia 31 de dezembro, dois dias após a inauguração, a Folha da Tarde voltou a publicar, na página 48, matéria da inauguração com foto da primeira dama do Estado, Neuza Brizola, e do Presidente da República, João Goulart, cortando a fita inaugural, ao lado de Maurício Sirotsky. A página 21 da mesma edição traz um anúncio de página inteira da TV Gaúcha – a imagem viva do Rio Grande!



Fonte: Folha da Tarde, dezembro de 1962

Apenas a título de evidenciar a diferença de tratamento entre as televisões: poucos dias antes, na quinta feira 24 de dezembro, fora publicado na página 8, do Correio do Povo, um texto informando que a cantora Vanja Orico,

já uma atriz e cantora de fama internacional, estaria se apresentando na TV Piratini, às 20,35h, num patrocínio da Casa Masson e das Ópticas Masson. O texto concluía dizendo que os patrocinadores davam “... seu apoio e aplausos à primeira emissora do Rio Grande do Sul”. Logo a seguir estava o número 15.447, identificador de matéria paga, eximindo, portanto, o Correio do Povo do elogio à TV Piratini.



Em suas notícias, Correio e Folha fizeram elogios espontâneos à qualidade de imagem e dos equipamentos da nova emissora, desejando sucesso ao empreendimento.

Breno Caldas, proprietário da Companhia Jornalística Caldas Júnior, declaradamente contrário à forma de Assis Chateaubriand fazer jornalismo e se conduzir na vida pública, apoiava o surgimento de um novo veículo que, tudo indicava, prejudicaria a televisão de seu desafeto. Na visão de Caldas, os irmãos Sirotsky não representavam perigo para ele, por não possuírem um jornal. Impossível prever que, cerca de trinta anos depois, aquele veículo seria o embrião de um grupo de comunicações que iria colaborar na derrocada de sua Caldas Júnior.

A TV Gaúcha apresentou em sua programação, logo após a inauguração no prédio da TV, um mega-*show* ao vivo, televisionado diretamente do Salão de Atos da UFRGS, a partir das 20h, com Leny Eversong, Agnaldo Rayol,

Carminha Mascarenhas, Roberto Luna, Juca Chaves, Francisco Egidio, Tony Campelo, Alberto Salinas, Marco Antônio e outros, todos contemplados com o prêmio “Melhores de 62”. A apresentação foi de Amilton Fernandes, gaúcho, ex-locutor da rádio Farroupilha e ator de sucesso na TV Tupi paulista. Logo após o *show* na UFRGS, foi ao ar, em *vídeo-tape*, a peça **Visita de uma velha senhora**, com Cacilda Becker e Sérgio Cardoso, encabeçando um elenco de 60 atores e atrizes, numa produção da TV Excelsior de São Paulo (matérias do Correio do Povo e Folha da Tarde no Anexo 3).

A TV Gaúcha veio ocupar seu espaço, na Rua Silveiro, perto do entroncamento com a Rua Correa Lima, distante da TV Piratini cerca de 400 metros, com um prédio de cinco mil metros quadrados, com três estúdios, um deles com auditório para 300 pessoas; outro para tele-teatros e um terceiro para noticiosos, comerciais e entrevistas. O Departamento de Jornalismo, diferentemente da TV Piratini, estava todo localizado no prédio da televisão. Equipamento *PYE*, inglês, *vídeo-tapes* Ampex, seis câmeras orticon para estúdio, uma *vidicon* para filmes e *slides*, duas unidades móveis para transmissões externas, lente *zoomar*, conjunto de tele-cine, pavilhões para cenografia e setor de arte, com tipografia própria. O transmissor e a antena estavam instalados no mesmo prédio da televisão. Posteriormente, foram transferidos para o Morro da Polícia, no bairro Glória.



Fonte: <http://www.tvcameramuseum.org>¹⁹

Além disso, o prédio da emissora ainda tinha, no último andar, um apartamento completo, mobiliado luxuosamente, para moradia do Diretor

¹⁹ <http://www.tvcameramuseum.org> - acessado em 22 janeiro de 2012

Técnico. Os proprietários imaginavam facilitar a vida do Diretor e garantir a sua presença, para sanar panes, 24 horas por dia.

Moraram neste apartamento, durante dois anos, o Diretor e Planejador Técnico da TV Gaúcha, engenheiro Oswaldo Leonardo, na época com 36 anos, gaúcho com larga experiência no Rio de Janeiro, São Paulo e no exterior, e sua esposa, a jovem de 21 anos, Iris Lettieri. Iris, carioca, dona de uma voz considerada das mais bonitas do mundo, durante sua estada em Porto Alegre, trabalhou como locutora na Rádio Gaúcha e, quando a TV entrou no ar, como apresentadora de programas.

Segundo Iris Lettieri²⁰, ao final de dois anos, o casamento desandou: Oswaldo se apaixonara por uma senhora de 35 anos, desquitada e com dois filhos. As frequentes brigas do casal, tornadas públicas pelos funcionários que trabalhavam à noite, criaram problemas de disciplina e constrangimentos. Desquitaram-se. Iris voltou para o Rio de Janeiro. Mesmo com a separação, Oswaldo optou por não mais morar no apartamento, que foi desativado.

Alguns dos problemas enfrentados pela TV Piratini não mais existiam. As Ruas Correa Lima e Silveiro estavam calçadas. A empresa de ônibus Maracanã, com sede no bairro Menino Deus, atendia o transporte de passageiros até o alto do Morro Santa Tereza, com regularidade.

O projeto eletrônico da TV Gaúcha era suficiente para a emissora que se inseria em um mercado onde já começavam a despontar, em outras praças, pretendentes a serem fornecedoras de conteúdos e onde já existiam, também, diversas séries filmadas e longas-metragens à disposição. Diferentemente da TV Piratini, que, quando começou, gerava 100% do que ia ao ar, a TV Gaúcha gerava cerca de 40%.

Piratini e Gaúcha entravam no ar de 2^a a 6^a feiras das 15h30m às 23h30m e aos sábados e domingos, das 11h às 24h.

²⁰ www.irislettieri.com.br acessado em 18.11.2011

| 5 Piratini | Programação de Sábado | 12 Gaúcha |
|---|---|---|
| 11:30 Disco-Padrão 3 11:50 Panorama Panamericano 12:30 Imagens da Espanha 13:40 Patrulha Fantasma 14:40 Hora de 15:30 O Mito da Escola 16:30 Telefone Mistral 17:40 Fênix 2 17:55 Caravana 18:30 Jovens Guarda | 18:40 Vida Operária - Religiosa 19:15 Pipoca e Tostada Especialmente para os leitores 19:30 Documentários Históricos De grande interesse geral 19:45 Um dia, Frijão e arroz - Tipo humorístico 19:55 Sábado Espectacular Com música preciosa 20:20 Travesseira Gessy Lever Edo Basso da Felicidade 20:30 A Programar | 19:30 RENNER Of. de A. J. Renner S.A. Indústria do Vestuário O Preço de cada Um Of. de SAMBIO e seus produtos de qualidade 20:22 A ramada do Sul Of. de SAMBIO e seus produtos de qualidade 21:20 O tempo perdido 21:30 Show Willy-45 22:00 IPIRANGA Of. da Refinaria de Petróleo Ipiranga S.A. |
| PARA SEU ÁLBUM TV SUL Confira regularmente nossas listas, com o auxílio de 16 de 16 nomes, já os colecionadores das (Produtoras TV SUL poderão obter em nossa redação as listas dos seguintes nomes de TV: 13 (produtoras) André, Dreyfus e Silva, São e Assessor; Sérgio Cardoso; Edson Pinheiro; Lúcia Rodrigues; Tereza e Glória; Carlos Sato; Paulo Roberto; Regina Duarte; Edo. Basso; Armando Régis; Wanderley; Carlos; Zena e Tico, etc. | | ATUALIDADES Admiral O fechamento de São Paulo e Tupyptaga 19:40 Telejornal Notícias - A Grande Vitória 20:25 Encontro com Lúcia Vieira Show musical ao vivo 21:00 Sábado de Estafetas - Filmes Um bom trabalho em cada sábado 22:45 Dr. Bibiane - Filmes 23:30 Encerramento |
| * ESPORTE ALGERIA: apresentado pela Patrulha das 23:00 às 23:30 horas, permitindo assim assistir ao jogo. Atraição nacional, esporte, humorismo e música desportiva em cada edição. | | * Em matéria de Televisão, neste mês a lista de nomes para incluir, diariamente, pelo Canal 5, o correspondente Renner. Atividade importante para o público com um título e roteiro Ipiranga Cultural, sendo como exemplo Lúcia Pinheiro. |

Fonte: TV Sul Programas, sem identificação de p., pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas).

Oswaldo Leonardo e seu assessor direto, Fredy Litowsky, com passagens como operador de câmera e técnico em emissoras de São Paulo e do Rio de Janeiro, inclusive a TV Piratini, em Porto Alegre, planejaram uma emissora com profissionais altamente qualificados, treinados para terem o máximo de rendimento, sem causar danos nos equipamentos. Na visão de ambos, o pessoal da TV Piratini estava *viciado*, com erros cristalizados.

Organizaram um curso, voltado principalmente para a área de operações. Colocaram anúncios nos jornais. As exigências eram de, no mínimo, o que hoje corresponde ao ensino médio completo. A fila de pretendentes se estendeu por mais de um quilômetro.

Cambises Martins, ex-TV Piratini, estava como Diretor de Programação da TV Gaúcha, desde maio/junho de 1962, e convidou Walmor Bergesch, também ex-TV Piratini, para ser seu Chefe de Programação. Walmor se transferiu em julho de 1962 para o Canal 12.



Maurício e Jayme Sirotsky com dirigentes da MPM Propaganda em frente ao prédio da TV Gaúcha. Fonte: **Os televisionários** (2010).

A TV Gaúcha entrou no ar com seus profissionais recém treinados. A adaptação de uma equipe é sempre algo difícil. Precisa de tempo para que seus elementos se entrossem. Não foi diferente na TV Gaúcha. O que era aceito pelo público nos quatro ou cinco meses iniciais da TV Piratini, como, por exemplo, um *slide* ficar no ar, com sua imagem parada, durante 15 ou 20 minutos, enquanto o programa acertava seus detalhes finais, conforme já comentado, uma externa demorar a entrar no ar, enquanto um intervalo comercial era aumentado para 20 minutos ou mais; um microfone não ser aberto no momento em que alguém, ao vivo, começa a falar; uma lente de câmera ser *trocada* no ar, fazendo com que a imagem parecesse estar virando de cabeça para baixo²¹,

²¹ As câmeras dos anos 1950/60 vinham com as chamadas Torres de Lentes. Num tambor giratório, colocado frente à válvula orthicon (que capta luminosidade, transformando-a em impulsos eletrônicos) são rosqueadas quatro lentes (50mm, 90mm, 135mm e 150mm). Quanto maior o número de milímetros de uma lente, mais próxima a imagem parecerá. Com um simples girar do tambor, o operador de câmera colocará uma lente que mostrará a imagem mais perto ou longe, sem necessidade de movimentar a câmera. Quantos menos milímetros, mais distante a imagem. Esta troca de lentes, girando o tambor, só pode ser feita quando a câmera não estiver no ar, caso contrário passará um escurecimento e um pulso da imagem. Naqueles anos, as lentes zoomar estavam engatinhando.

passados três anos, estas falhas não eram mais aceitas. O público aprendera que televisão podia ter mais ritmo, sem esperas desnecessárias e sem erros que distraíssem a atenção do principal, quebrando o encantamento. Mas para que isso acontecesse, era imprescindível uma equipe afinada. Para se colocar no ar um simples noticioso, com um único apresentador atrás de uma bancada, eram necessários: dois operadores de câmera, um operador de áudio-mesa, um operador de áudio-estúdio, um operador de *vídeo-tape*, dois operadores de telecine, um *suite*, um diretor, um assistente de estúdio: dez pessoas que deveriam exercer suas funções sincronicamente. Por mais capaz que cada um fosse, era indispensável certo tempo para as acomodações individuais. Curso nenhum dá isso. Só a prática.

Em 1º de abril de 1963, o autor desta Dissertação de Mestrado foi contratado pela TV Gaúcha, no Anexo 2, fotos da Carteira de Trabalho, para as funções de Suíte e Realizador. Para apresentações de programas, haveria remuneração por cachê. No mesmo mês, trocaram de canal mais dez profissionais. O curso do canal 12 não atingira, na totalidade, seus objetivos, mas revelaria futuros grandes profissionais.

Maurício Sirotsky tinha sua origem como animador de programas de rádio apresentados no cinema Castelo, no bairro Azenha, em Porto Alegre, para um público de duas mil pessoas. Por exigência pessoal de Sirotsky, o estúdio A da TV Gaúcha tinha um auditório para 300 pessoas.

Ao entrar no ar, a TV Gaúcha pautou sua presença cobrindo um espaço que a TV Piratini deixara em aberto: a integração com a comunidade. A nova emissora ocupou este espaço com campanhas benemerentes. A esposa de Maurício, Ione, era presidente do MGM - Movimento Gaúcho pelo Menor, que apoiava diversas entidades sociais, creches, realizava doações de livros escolares, proporcionava atendimento médico a pessoas carentes, etc..

Durante seus três primeiros anos, a TV Gaúcha promoveu, anualmente, em Porto Alegre, um evento chamado “Pedágio do Carinho”. Sempre em um sábado, no outono, o Canal 12 instalava suas câmeras no cruzamento da Rua dos Andradas com a Avenida Borges de Medeiros. Na época, o trânsito era liberado em toda a extensão da Borges. Ali era instalado um posto de

arrecadação de dinheiro, com moças bonitas circulando, portando sacolas onde era colocado o dinheiro das doações. A transmissão ao vivo, durante o dia inteiro, consistia, simplesmente, em fazer rápidas entrevistas com quem estava passando de carro e doando algum dinheiro. Os apresentadores se revezavam a cada 60 minutos. A maior parte do tempo, no entanto, o microfone ficava com Maurício Sirotsky, na época chamado preferencialmente de Maurício Sobrinho, seu nome artístico.

A fila de carros era interminável, com as pessoas querendo aparecer na televisão. Vovôs trazendo netinhos e netinhas para fazer doações e abanar para as vovós que estavam em casa. Eram os quinze minutos de fama a um baixíssimo custo. Milhares de cruzeiros eram arrecadados, sob a supervisão do Banco do Estado do Rio Grande do Sul ou da Caixa Econômica Federal.

No Natal de 1965, a TV Gaúcha e o MGM realizaram a campanha “Dê uma Alegria a Cada Criança”. Dia 16 de dezembro, uma quinta feira, das 9 da manhã à meia noite, num coreto montado no Largo da Prefeitura, as equipes do MGM se desdobravam recebendo os donativos ao vivo, enquanto nos telefones os artistas da TV Excelsior, Tarcísio Meira, Glória Menezes, Edson França e Geraldo José de Almeida atendiam aos doadores. Foram muitos milhares de cruzeiros doados (TV Sul Programas nº 58 de 1º/01/66, sem identificação de p. pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas).



Fonte: TV Sul Programas nº 58 de 1º/01/66, sem identificação de p. pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas

Como se viu anteriormente, a TV Excelsior operava desde 1959, em São Paulo, e desde 1963, no Rio de Janeiro. Grupo arrojado, tinha visão de formação de rede de televisão e trabalhava nesse sentido. Dois anos após a inauguração do Canal 12, a TV Excelsior fez uma proposta irrecusável aos seis proprietários da TV Gaúcha. Maurício e Jayme não queriam vender, mas foram votos vencidos pela maioria que considerava a operação da emissora cara demais e se preocupavam com as dívidas remanescentes da construção do prédio e da compra de equipamentos. O Grupo Excelsior comprou 100% da televisão e da emissora de rádio. Maurício e Jayme permaneceram, de 1964 a 1967, apenas como funcionários executivos, não mais como sócios (BERGESH, 2010)

Em dezembro de 1963, acabou a chamada Cadeia Wallig. Durante mais de seis meses, o programa “Grande Show Wallig”, sucesso absoluto nos domingos, desde os primeiros dias da TV Piratini, era exibido em rede pelos dois canais, conforme Anexo 3. A repercussão junto ao público não era boa, pois reclamava da falta de opção, nos domingos à noite. Inventaram um trocadilho que dizia: “Cadeia da Wallig”, isto é, os telespectadores ficavam presos a um único programa. Os 100% de audiência provocaram baixa de qualidade no *show*, pela ausência de competição. Dali para frente, passaram a ser dois programas da Wallig diferentes, um em cada canal (TV Sul Programas n° 09 de 15/12/1963, sem identificação de p. pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas).

Entre os programas locais de grande audiência da TV Gaúcha, merece citação o “Ringuedeze”, de 1964. Era um programa de luta-livre, apresentado ao vivo, nos domingos, no, hoje denominado, Ginásio da Brigada Militar, na época chamado Ginásio da Universidade, por ter sido construído especialmente para a realização daquele evento de jogos universitários mundiais, realizados em Porto Alegre, em 1963, e encerrados no dia 8 de setembro.

Mais de quatro mil pessoas lotavam o ginásio para acompanhar as lutas dos astros, vindos do Rio de Janeiro e de São Paulo, que usavam nomes artísticos que ficaram famosos: Ted Boy Marino, Phantomas, Gran Caruso, Múmia e mais uma dezena. A narração era de Wilson Rivoire, os comentários

do Professor Jorge Aveline e a apresentação no ringue, de Éldio Macedo, intitulado “O Marrom Elegante”, por ser negro e vestir-se sempre na última moda, com ternos caros e bem cortados.

ORGANIZAÇÃO DE ESPETÁCULOS
VERA CRUZ LTDA.
apresenta todos os domingos às 21,30 hs. no
Ginásio da Brigada Militar
RINGUE DOZE
com os maiores «ases» dos tablados



Luta entre Romão e Gran Curuso

Atenção
cidades do interior:
Para a programação de suas lutas, ligar para 5020

5 DOMINGO

| | |
|-------|-------------------------------|
| 8:00 | ORACÃO DO POVO DE DEUS |
| 8:00 | DISNEYLANDIA |
| 8:00 | POPOTE |
| 10:30 | A PROGRAMAR |
| 11:30 | SHOWINHO KELLOGG'S |
| 12:30 | REVISTA DA SEMANA |
| 12:45 | SHOW MILIONARIO SEQUINHA |
| 13:15 | TELE-VESPERAL |
| 14:30 | NOS BASTIDORES DA GLORIA |
| 14:45 | FLASHES ESPORTIVOS |
| 15:15 | TARDE ESPORTIVA |
| 15:30 | FLASHES ESPORTIVOS |
| 15:45 | TARDE ESPORTIVA |
| 15:50 | ATUALIDADES |
| 17:40 | GADGAS |
| 17:40 | INDUSTRIAS EM FOCO |
| 18:00 | OS VIKINGS |
| 18:35 | TELE SEMANA SULBANKO |
| 19:00 | VIDAS DE VERDADE |
| 19:30 | SERENATA MODERNA |
| 19:40 | GOLDEN SHOW WALLIG |
| 20:30 | SERENATA MODERNA |
| 20:40 | FRONTEN SHOW |
| 21:40 | A ULTIMA PALAVRA |
| 22:30 | SUPLEMENTO ESPORTIVO IPIRANGA |
| 23:00 | PONTO CRITICO |



Fonte: TV Sul Programas nº 58 de 1º/01/66, sem identificação de p. pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas

As lutas eram combinadas, mas o público não acreditava que isso fosse possível. Havia sempre o lutador *bom* contra o *mau* e os juízes fingiam não ver as maldades e, pelo contrário, puniam os bons. Às vezes, um dos lutadores *maus*, chamados de *especialistas*, por saber fazer o truque, entrava no ringue com uma lâmina de barbear escondida entre os dedos indicador e médio. Depois de alguns empurrões, habilmente e conforme combinado, ele dava uma pequena batida com a lâmina acima da sobrelanceira do oponente. Por ser uma zona muito vascularizada, o sangue começava a jorrar. Se estancasse, um leve soco reabria a ferida. O público delirava, entre a revolta e o prazer.

Em um dos programas, o juiz Nilo Rizo, um perfeito *show-man*, que fingia não ver as irregularidades cometidas pelo lutadores desleais, mas sempre advertia e punia os corretos, irritou demais a torcida. O público jogou as cadeiras que ficavam na pista para dentro do ringue. Os lutadores conseguiram

pular as cordas e correr para o camarim. Rizo, de baixa estatura e sem ser um atleta, não conseguiu sair, ferindo-se com certa gravidade. Deste dia em diante, as cadeiras ficavam presas uma nas outras, com barras de madeira. Mas a marmelada continuou por mais dois anos (TV Sul Programas n° 10 de 15 de janeiro de 1964, sem identificação de p., pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas).

Em novembro de 1963, aconteceu um fato, possivelmente, inédito na televisão mundial. As TVs Piratini e Gaúcha colocavam seus melhores programas para competir com a concorrência. Os telespectadores se indignaram com a prática, pois não conseguiam assistir aos dois ao mesmo tempo. Foram feitas três cópias de um abaixo assinado, com centenas de assinaturas, entregues uma na TV Gaúcha, outra na TV Piratini e uma terceira na revista TV Sul Programas, reclamando da estratégia e solicitando que, sempre que uma das emissoras transmitisse um bom programa, a outra deveria transmitir um programa de segunda linha! A solicitação não foi aceita. Os gaúchos daqueles anos eram mais ingênuos do que os deste século XXI (TV Sul Programas n° 06 de 1° de novembro de 1963, sem identificação de p., pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas).

Em 1963, a Televisão Gaúcha já exibia diversos programas e novelas da TV Excelsior, produzidos em São Paulo. Com a entrada em operação, em setembro de 1963, da TV Excelsior carioca, mais programas começaram a ser veiculados pelo Canal 12, aumentando o vínculo entre as emissoras.

Mesmo sem nunca ter produzido novelas, a TV Gaúcha em seu primeiro ano de existência, seguiu a prática de apresentar mega espetáculos bíblicos na Semana Santa. A produção especial, em 1964, foi **O manto sagrado**, com direção de Nelson Vaccari, outro egresso da TV Piratini. Vaccari dirigira, na TV Piratini, em 1962, **Os dez mandamentos**.

A TV Piratini, desde 1962, não mais apresentava este tipo de programa, por falta de diretores e autores para realizá-los. A TV Gaúcha parou com estas produções em 1965, devido aos seus altos custos, sem retorno financeiro, através da publicidade.

Um dos mais criativos (talvez o mais criativo) profissionais da televisão brasileira, Fernando Barbosa Lima, foi contratado para o telejornalismo da TV Excelsior carioca. Já em outubro de 1963, um mês após a inauguração, Fernando lançou com sucesso o “Jornal de Vanguarda – um *show* de notícias”.

Erroneamente, autores mal informados, denominam o noticiário como “*Show* de Notícias”. O nome correto era “Jornal de Vanguarda – Um *show* de notícias”, patrocínio dos equipamentos de televisores, refrigeradores e ar condicionados Admiral.

Em uma época de ainda poucos recursos, se comparados aos que hoje estão à disposição dos profissionais, e com telejornais sendo feitos todos iguais - um locutor atrás de uma bancada com o logotipo do programa ao fundo, usando filmes mudos 16mm. - Barbosa Lima inovou. Criou um telejornal que ia ao ar às 22,30h de 2ª a 6ª feiras, com duração de 40 minutos. Cenário não existia: era o fundo do estúdio, mostrando escada de iluminador, tapadeiras soltas, *spots* em cima de tripés. Microfones podiam aparecer, quatro excelentes locutores sentados em bancos de bar, numa postura descontraída, uma silhueta de um locutor com voz cavernosa, dando informações exclusivas e mantendo seu anonimato. Oswaldo Sargentelli, famoso pela voz potente, e por nunca aparecer no vídeo, narrava informações ilustradas por charges, que iam sendo desenhadas por trás de um papel vegetal, colado em um vidro, preso a uma armação de madeira, na medida em que o texto se desenvolvia. O desenho se formava na tela da televisão como se fosse vindo do nada.

Sérgio Porto, Millôr Fernandes, Gilda Müller, Jacinto de Thormes e Luiz Jatobá apresentavam seus comentários, cada um com seu estilo. O noticiário tinha um jeito descontraído, despojado. O texto, vindo de agências noticiosas ou de repórteres da TV Excelsior, era todo reescrito por Barbosa Lima, para que tivesse um só estilo, uma única maneira de falar.

Foi sucesso absoluto, desde o primeiro mês.

O “Jornal de Vanguarda – Um *show* de notícias”, passou a ser apresentado pela TV Gaúcha, a partir de novembro de 1963 (conforme Anexo

3). Como não se tratava de um programa comum, em que apenas se rodasse o *vídeo-tape*, havia toda uma logística para que ele fosse ao ar.

A direção era de Lauro Schirmer, que também migrara da TV Piratini para a TV Gaúcha, e contava com experientes redatores: Carlos Bastos, Werner Becker, Ibsen Pinheiro e Carlos Fehlberg. Foi selecionado um grupo de locutores de primeira grandeza: Euclides Prado, Egon Bueno, Antônio Carlos Rezende, Fernando Ernesto Correa, Ivete Brandalise e Sérgio Nunes. O chargista e desenhista Sampaio fazia as charges locais no ar, usando o mesmo truque do Rio de Janeiro.

O autor dessa Dissertação foi o *suite* deste programa, que marcou o telejornalismo gaúcho (TV Sul Programas nº 12 de 1º de fevereiro de 1964, sem identificação de p., pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas e TV Sul Programas nº 19 de 15 de maio de 1964, sem identificação de p., pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas).

O noticiário do Rio era gravado, diariamente. A fita era despachada para Porto Alegre, no primeiro vôo da manhã, para que o *vídeo-tape* do jornal fosse revisado e se selecionasse o que poderia ser aproveitado à noite. Trechos do jornal do Rio eram intercalados com o noticiário produzido em Porto Alegre, valorizando a produção local. Invariavelmente, as participações de Millôr Fernandes, Sérgio Porto, Gilda Müller, Jacinto de Thormes e Oswaldo Sargentelli eram aproveitadas, pois, mesmo com a defasagem de 24 horas, os textos permaneciam válidos. Ivete Brandalise, misto de apresentadora e atriz, com impressionante capacidade de decorar textos, em uma época em que o *teleprompter* não era sequer imaginado, brilhava no telejornal, fazendo comentários políticos, dizendo de cor textos mordazes, criados por Ibsen Pinheiro (foto no Anexo 3). O trabalho de *suite* era difícilíssimo, com pessoas falando e aparecendo em todos os cantos do estúdio, com gente entrando e saindo do ar e com entradas de material em *vídeo tape*, obrigando os três operadores de câmera a correrem de um lado para o outro. Os intervalos comerciais eram o espaço de dois minutos que havia para desembaraçar os cabos das câmeras, que voltavam a se embaralhar no segmento seguinte.

Havia espaço para todo o tipo de notícias no “Jornal de Vanguarda”: desde desfiles de moda ao vivo, até entrevistas que duravam exatamente um minuto! Aparecia o rosto do entrevistado em *close*, um locutor fora de quadro dizia o nome do convidado e falava a frase padrão: “Responda em um minuto”. E fazia a pergunta. Se o entrevistado se alongasse na resposta seria cortado, impiedosamente, aos 60 segundos de resposta, com o locutor dizendo em cima de sua fala: “Tempo esgotado!”. Havia fila de políticos dispostos a subir o Morro Santa Tereza para falar durante um minuto no tele-jornal! E treinavam o que iam dizer para não serem cortados (BERGESH, 2010).

Por caber de tudo no “Jornal de Vanguarda”, em 1964, plena ditadura militar, Lauro Schirmer decidiu apresentar no tele-jornal um monoquíni, lançamento do verão europeu e que, logicamente, chegara ao Brasil no inverno. O monoquíni fora apresentado, durante o dia, na vitrine da Casa Louro, uma loja de moda feminina que existia na esquina da Rua dos Andradas com a Avenida Borges de Medeiros. Enorme público se juntou frente à loja, mas poucos puderam ver o monoquíni, tamanha a aglomeração. Tratava-se de uma bermuda curtíssima e justa ao corpo, tendo a encobrir o busto apenas duas finas tiras de pano, tipo suspensório, sem blusa ou camisa. Era quase um *top less*. Contratada a manequim, uma jovem de seios fartos, a TV Gaúcha colocou chamadas no ar durante todo o dia. O arcebispo metropolitano, Dom Vicente Scherer, contatou o patrocinador do tele-jornal, Paulo Vellinho, presidente da Springer-Admiral, para que impedisse a apresentação. Vellinho explicou que não podia interferir na editoria do jornal.

Lauro Schirmer combinara com o autor desta Dissertação que a modelo apareceria somente no final do noticiário, parada em frente a um painel neutro, com as tiras de pano cobrindo parcialmente os seios. Tudo acertado com a modelo, colocamos o jornal no ar, com os locutores lembrando a cada 5 minutos que, no final, teríamos um monoquíni ao vivo. Orientamos criteriosamente a manequim. Os créditos finais rolariam sobre a imagem dela, numa apresentação *light*, procurando não ofender famílias e religiões. Quando colocamos a imagem da manequim no ar, microfones de estúdio desligados, alguém no estúdio falou: “Querida, mudou o combinado! Sérgio está pedindo para desfilar normalmente”. A jovem começou a andar, fazendo voltas de desfile, o

suspensório sumiu e os seios ficaram totalmente à mostra. Por mais que gritássemos para ela parar, nada mais havia a ser feito. Foi um sucesso e um escândalo!

No dia seguinte, o então Secretário Estadual de Justiça, Paulo Brossard, pressionado pelo Arcebispo Metropolitano, Dom Vicente Scherer, puniu a TV Gaúcha por atentado à moral e aos bons costumes, tirando-a do ar por 24 horas. Após meses de luta jurídica, a televisão foi obrigada a cumprir a penalidade, injusta e ilegal, pois televisões são concessões federais, portanto, sob controle federal e não estadual. Eram tempos de arbítrio e se cometiam abusos de poder (BERGESH, 2010).

O “Jornal de Vanguarda – Um *show* de notícias” saiu do ar, nacionalmente, em maio de 1966. A ditadura apertava o garrote da censura, proibindo notícias minutos antes do jornal entrar no ar ou, até, já com o jornal no ar. Ficou impossível manter o noticiário.

O “Jornal de Vanguarda” foi substituído pelo “Teleobjetiva”, com pessoal local e *vídeo tapes* de notícias vindos da TV Rio (conforme Anexo 3). Um arremedo pobre, em todos os sentidos, daquele que era um *show* de notícias. (TV Sul Programas nº 67 de maio de 1966, sem identificação de p., pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas).

A experiência com a censura durante o período militar foi das mais desgastantes, profissionalmente. Desde 1964, o signatário desta Dissertação era Chefe de Programação da TV Gaúcha e o responsável pelos contatos com os órgãos oficiais sobre o que podíamos ou não podíamos levar ao ar. Não havia nada escrito. Eram ordens verbais, por telefone, por pessoa que não se identificava. O início da fala era sempre o mesmo, após a ordem para que quem atendesse o telefone se identificasse: “Aqui é da Censura Federal. De ordem superior está proibida a exibição, etc. etc.”. Se alguém desejasse impedir a veiculação de alguma notícia, poderia usar este expediente. Não havia controle; só obediência.

Entre 1965 a 1966, Maurício Sirotsky se transferiu para o Rio de Janeiro, para dirigir a TV Excelsior carioca. Na TV Gaúcha, continuaram Jayme Sirotsky, Cambises Martins e Walmor.Bergesch.

Maurício e Jayme só viriam a recomprar a TV Gaúcha e a rádio Gaúcha, com 100% de suas ações, quatro anos depois daquela venda, em 1968, quando a TV Excelsior começava a enfrentar os problemas econômicos e políticos que culminariam com a cassação de seus canais, em 1970, no governo do então presidente militar Ernesto Geisel.

Naquele mesmo ano, as TVs Piratini e Gaúcha tinham suas programações, de 2^a a 6^a feiras, das 15h às 23h30m horas. Aos sábados e domingos, das 10h às 23h30m. A programação local, especialmente tele-teatros, entrava em declínio, com o uso intenso de programações em *vídeo-tape* e filmes. A TV Sul Programas, revista que existia desde 1963, dando ampla cobertura aos artistas locais, passa a ocupar 90% de suas páginas com informações sobre astros do Rio de Janeiro e de São Paulo e, até, de estrelas de Hollywood, presentes nas séries filmadas e longas-metragens exibidos.

Desde 1966, ainda que se beneficiasse com programas produzidos no Rio de Janeiro e em São Paulo, a TV Gaúcha esforçava-se por manter programas locais, dentro da filosofia dos irmãos Sirotsky de manutenção de identidade com Porto Alegre e o Rio Grande do Sul. Assim, em março de 1967, foi lançado “GR Show”, um programa para as tardes de sábado, apresentado por Glênio Reis, no início com duração de 2 horas e 30 minutos; um mês depois, com 4 horas e, dois meses depois, com 6 horas de duração; “Domingo Espetacular” (conforme Anexo 3), que em poucos meses se transformaria em “O Show do Gordo”, com Ivan Castro, com duração de 2 horas semanais, em horário noturno; “Dozelândia – O Reino da Alegria”, programa infantil, nas tardes de segundas a sextas feiras, apresentado por Hipólito Alves Garcia, o Vovô Joaquim, um simpático vovô, maquiado com cabeleira e barbas brancas, brincando com crianças, e apresentando desenhos animados (conforme Anexo 3). (TV Sul Programas n° 76, de 01/10/66, sem identificação de p. pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas e TV Sul Programas n° 60 de

15/02/66, sem identificação de p., pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas).

Cada programa destes, e outros, compunha-se de diversos programetes, com brincadeiras entre os participantes. Alguns quadros eram hilários, outros altamente emotivos, levando os telespectadores às lágrimas. Onde conseguir tanto material criativo?

Na Argentina. A televisão no país vizinho, nos anos 1960, superava em diversos quesitos o que se fazia no Brasil, especialmente na área de programas de variedades. Em qualidade técnica, pessoal operacional, apresentadores, artistas e tudo o mais que valida um canal de televisão, os argentinos estavam melhores do que o Brasil. Diversos profissionais, altamente capacitados, da televisão cubana, fugidos do país em 1958/1959, com a revolução de Fidel Castro, foram trabalhar na Argentina, melhorando sensivelmente o que era feito no país (BERGESH, 2010).

Curiosamente, quando dos regimes militares, lá e aqui, a situação se inverteu: os militares brasileiros fizeram a televisão no Brasil crescer tecnicamente, criando a Embratel, facilitando a importação de equipamentos, forçando a entrada do país nas cores, enquanto os militares argentinos, estatizando todos os canais e colocando coronéis para dirigirem as emissoras, demitiram todos os profissionais de grande capacidade, por considerarem seus salários elevadíssimos. Os militares, praticamente, destruíram a televisão argentina, sucateando-a e fazendo-a retroceder em todos os sentidos.

Desde fins de 1966, e durante todo o ano de 1967, no auge da televisão buenairense, o autor desta Dissertação viajou para Buenos Aires a cada dois meses, permanecendo na capital portenha durante duas semanas, para assistir televisão e copiar ideias. No futuro, este tipo de cópia, em qualquer ramo, ganharia internacionalmente o nome de

(...) *benchmarking*, que numa tradução livre significa banco de marcas, ou seja, lugar de idéias, algo como identificar e assimilar as melhores práticas das empresas líderes de seu setor de atividade em qualquer lugar do mundo, e transferir esse conhecimento e, com um pouco de sorte, fazer um pouquinho melhor (BERGESH, 2010).

Chacrinha, o Velho Guerreiro, alguns anos mais tarde, desconhecendo o *benchmarking*, cunharia sua famosa frase: “Na televisão pouco se cria, muito se copia”.

Não era um trabalho fácil! Nos fins de semana, quando aumentava a incidência de programas de variedades, era impossível sair do hotel. Como não existia *vídeo-tape* portátil, tudo que era visto era anotado em uma minúscula máquina portátil de escrever: cenários, música, estilos, participantes, o que acontecia, como acontecia, enfim, tudo para ser discutido com o Departamento de Produção, em Porto Alegre e, depois de devidamente adaptado, colocado no ar. O trabalho exigia um profissional experiente, fluente em espanhol/castelhano e bom datilógrafo. Como alguns programas que interessavam aconteciam, simultaneamente, em diferentes canais, obrigávamos-nos a assistir três receptores de televisão ao mesmo tempo, no quarto de hotel, aumentando ora o volume de um, ora de outro televisor.

Na primeira vez que, após preencher a ficha de admissão, solicitamos à portaria que instalasse três televisores em nosso apartamento, um ao lado do outro, o recepcionista olhou incrédulo e começou a explicar que, na televisão, via-se um programa de cada vez e que podia se trocar os canais, mediante um botão no aparelho (não existia controle remoto), assistindo-se, assim, a todas as emissoras.

Prometeu que explicaria como funcionava numa demonstração prática. Foi uma dificuldade convencê-lo a instalar os equipamentos, mesmo aceitando sem discussões o pagamento de uma substancial taxa extra na diária. Ao fazer a reserva, para as outras vezes em que voltamos ao hotel, o pedido de três televisores era aceito sem discussões. Mas os olhares irônicos ao “brasileño loco” continuaram.

Nas três primeiras idas a Buenos Aires, viajamos sozinhos. Para as próximas viagens, convencemos a direção da Televisão Gaúcha da necessidade de irem duas pessoas realizar o trabalho, permitindo um revezamento indispensável e evitando desgaste pessoal. Viajaram conosco os colegas

Fernando Miranda, Marco Antônio Birnfeld, e José Maurício (BERGESH, 2010).

Em dezembro de 1963, a TV Gaúcha inaugurou suas três primeiras retransmissoras em Pelotas, Rio Grande e Caxias do Sul (conforme Anexo 3). A TV Piratini tinha retransmissoras em Pelotas, Rio Grande e Osório, chegando a Caxias com seu sinal direto.

Em junho de 1969, o autor desta Dissertação de Mestrado lançou, pela TV Gaúcha, o primeiro programa no Brasil com transmissão de televisão bi-direcional, usando os recursos da Embratel. Chamava-se “O Grande Desafio” e era apresentado, simultaneamente, de Porto Alegre e de Curitiba, ao vivo. O programa consistia em um candidato respondedor, em Porto Alegre, e um em Curitiba. Os temas eram escolhidos pelos respondedores. Cada cidade tinha três professores perguntadores, que questionavam o respondedor da cidade oponente. Só as respostas certas valiam pontos. Cada rodada durava dois meses e os pontos iam sendo somados.

Os prêmios eram em dinheiro: metade para o respondedor e metade para uma instituição de caridade. Uma das atrações de “O Grande Desafio” era a imagem: o vídeo era dividido ao meio, de um lado Curitiba, e do outro, Porto Alegre. No Rio Grande do Sul, pela TV Gaúcha, o apresentador era Mendes Ribeiro; no Paraná, pela TV Iguazu, Jamur Júnior, uma estrela local comparável a Mendes. Os dois ficaram amigos no ar, conversando como se estivessem lado a lado e ampliaram suas legiões de fãs.

Na época, foi um impacto para o público e para os técnicos entendidos nas dificuldades de sincronizar duas imagens díspares, ficando o comando final em uma das praças, no caso, Porto Alegre. A imagem/sinal era gerada de Curitiba. Vinha por linha fechada para a TV Gaúcha. Este sinal era mixado ao sinal da Televisão Gaúcha e devolvido para a TV Iguazu, em Curitiba que, só então, colocava-o no ar. Ainda não usávamos satélite, tudo era feito via microondas (TV Sul Programas nº 143 de junho de 1969, sem identificação de p., pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas).



No destaque: Mendes Ribeiro (RS) e Jamur Júnior (PR) duas atrações de “O Grande Desafio”
 Fonte: TV Sul Programas n° 143 de junho de 1969, sem identificação de p., pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas).

“O Grande Desafio” tinha produção de Érico Kramer, um dos pioneiros da TV Piratini, que também se transferira para a TV Gaúcha, e a direção geral do autor desta Dissertação. A criação do programa, porém, foi adaptação de um sucesso que existia, desde 1962, entre Buenos Aires e Montevidéu, chamado “A Batalha do Rio da Prata”, nos mesmos moldes de perguntas e respostas entre as duas cidades. Lá, a conexão entre as duas cidades era feita pelo cabo submarino existente entre as capitais dos países vizinhos, o que facilitava, em muito, a realização técnica, pois a conexão era por meio físico e não eletrônico, como no caso do microondas, que exige inúmeros e sensíveis ajustes.

“O Grande Desafio” foi mais um *benchmarking*, fruto de nossas viagens à Argentina, mas só se viabilizou a partir de 1969, quando a Embratel ofereceu condições técnicas para este tipo de transmissão simultânea.

A Embratel, Empresa Brasileira de Telecomunicações, estatal, ao ser criada, em 1965, começou a montagem de uma rede nacional de micro-ondas que só se concluiria em 1968. Seu foco principal era a telefonia. Televisão era, na visão dos militares dirigentes da empresa, um subproduto que poderia usar os recursos da Embratel, quando e se houvesse disponibilidade.

Em 1968, essa possibilidade se tornou realidade. Foi o fim do tráfego aéreo de fitas de VT: na madrugada, horário em que as linhas de transmissão ficavam livres da grande demanda da telefonia, os programas eram gerados

desde os centros produtores (Rio e São Paulo) e gravados em todas as demais emissoras das redes. Os telespectadores de norte a sul passaram a assistir aos mesmos programas, ao mesmo tempo. O Brasil começava a ter, verdadeiramente, redes de televisão.

Eram os anos da preocupação governamental com a segurança nacional, doutrina que imperou para além dos anos 1970, mesmo com a abertura proposta pelo governo Ernesto Geisel. A Embratel não visava lucro, não havia qualquer preocupação com receita/despesa, não via as emissoras como clientes e não se definia como fornecedora de um serviço.

Inicialmente, foi uma relação difícil, a dos técnicos das emissoras com os da estatal. A distensão política, iniciada na segunda metade dos anos 1970, e a entrada de militares menos rígidos nas visões da caserna, permitiu um melhor convívio entre clientes e fornecedores. O problema só desapareceu totalmente quando entraram em operação os satélites.

Em fins de 1965, Cambises Martins pede demissão da TV Gaúcha e volta para o Rio de Janeiro. Walmor Bergesch assume a Direção e o autor desta Dissertação assume a Chefia de Programação. Juntos, montamos uma nova, e cara, programação, com dezenas de lançamentos. O *slogan* era “66 é mais um ano 12” (TV Sul Programas nº 64 de abril de 1966, sem identificação de p., pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas).



Walmor Bergesch, de gravata, Diretor da TV Gaúcha e Sérgio Reis, Chefe de Programação.

Fonte: TV Sul Programas nº 64 de abril de 1966, sem identificação de p., pois a TV Sul Programas não numerava suas páginas).

Desde a entrada no ar de um segundo canal de televisão no Rio Grande do Sul, o IBOPE começou a fazer pesquisas de audiência para a televisão. O esquema era de amostragem por flagrante, ou seja, o pesquisador tocava a campainha na casa de uma família, perguntava se possuíam televisão, se estava ligada e em que canal. Isso valia, também, para edifícios. Os pesquisadores circulavam livremente pelos corredores. O limite de horário para pesquisa em casas e apartamentos era 22 horas. A partir do segundo dia da pesquisa, incluía-se mais uma pergunta: que canal fora assistido ontem após as 22 horas.

As respostas eram registradas em uma planilha, com dia e horário.

Havia, porém, um problema que distorcia a pesquisa. O trabalho era feito de três em três meses, durante duas semanas. Sabedores que o IBOPE “estava na praça”, como dizíamos, os programadores escolhiam os melhores programas para colocar no ar. Filmes, *shows* e reportagens especiais eram guardados, às vezes por meses, esperando o IBOPE. As chamadas dos programas eram objeto de produção excepcional, em sua confecção, e sua mídia era planejada cuidadosamente.

Margarida Spessato Miranda, alta, elegante, sempre usando jóias, postura e dicção perfeitas, era a mais carismática de todas as anunciadoras, a que tinha a admiração incontestada dos telespectadores. Ter um comercial anunciado por Margarida era sinal de prestígio, pois, comentava-se, seus cachês eram altíssimos. Depois de menos de um ano na TV Piratini, Margarida ficara *freelancer*, como já se disse. Com o surgimento da TV Gaúcha, ela passou a apresentar comerciais nos dois canais, num corre-corre exaustivo. Fazia um comercial na TV Piratini, corria para a TV Gaúcha e apresentava outro comercial, e voltava para a Piratini para um terceiro e, às vezes, um quarto comercial. Um táxi ficava à sua disposição para as idas e vindas. Por vezes, trocava colar, brincos e anéis no táxi. Numa época em que não se imaginava gravar comerciais, pois os *vídeo-tapes* eram exclusivos para programas, telespectadores se perguntavam como ela conseguia estar em dois lugares ao mesmo tempo e com roupas e adereços diferentes. Certamente, a proximidade entre os prédios dos dois canais ajudava.

Seu casamento com o colega de televisão e publicitário, Fernando Miranda, levou à igreja do bairro Menino Deus centenas de pessoas que aplaudiram a saída dos noivos.

Em 9 de outubro de 1966 Margarida morreu, aos 29 anos, vítima de câncer. Seu enterro causou comoção em Porto Alegre, especialmente no Cemitério São Miguel e Almas, onde milhares de pessoas acompanharam seu sepultamento, em meio a convulsivos choros coletivos e gritos de *Adeus*.

Ninguém de televisão no Rio Grande do Sul, antes ou depois, com maior ou menor fama, em tempo algum, causou tanta repercussão popular ao morrer.

Margarida, “Guida” para os amigos, fora a grande intérprete de seu próprio personagem.



Fonte: Folha da Tarde de 10 de outubro de 1966

A estrutura de vendas de espaços da Televisão Gaúcha era muito mais agressiva do que a da TV Piratini. Jayme Sirotsky, responsável pela área comercial, mantinha uma marcação cerrada de visitas de seus contatos às agências de publicidade. No dia do aniversário de qualquer agência, grande, média ou pequena, a TV Gaúcha invadia a empresa com músicos, garçons, champanhe e refrigerantes, salgados e doces, carrocinhas de sorvetes e de pipocas, e fazia a festa para todos os funcionários. Foi instituído o sistema de *bonificação por volume*: sempre que a agência ultrapassasse um valor pré-estabelecido em suas autorizações, ela ganharia um determinado número de

veiculações gratuitas, as quais poderia vender para seus clientes, com lucro de 100%. A emissora mantinha presença constante em jantares do Ano dos Publicitários, oferecendo prêmios, como passagens aéreas e estadias no exterior, para os vencedores em quaisquer categorias e muitas outras promoções, como brindes, em épocas festivas. Diretores de agências e clientes importantes eram convidados para almoços aos sábados, no restaurante da empresa, com Maurício, Jayme, diretores da área comercial e contatos. Foi montado um Departamento de Diretos, uma verdadeira agência de publicidade da TV Gaúcha, com a tarefa de atender aos clientes que não estavam vinculados a nenhuma agência e por isso eram chamados de *diretos*: criavam-se comerciais, textos, confeccionavam-se *slides* e fazia-se plano de mídia.

A concorrente, TV Piratini, fazendo parte de um, outrora, grande grupo de comunicação e, agora, quase uma nau à deriva em função do AVC – acidente vascular cerebral - que deixara seu proprietário, Assis Chateaubriand, tetraplégico, em 1960, não conseguia montar esquema, sequer, semelhante ao da TV Gaúcha, envolvida que estava, ainda, com problemas financeiros e de programação. Dependente do que era produzido no Rio de Janeiro e em São Paulo, de onde não vinham programações regulares, em virtude das disputas internas entre os condôminos associados, a TV Piratini não conseguia se manter. Basta lembrar o episódio da novela **O direito de nascer** e o *e-mail* de Almeida Castro, já focado nesta dissertação, explicando a divergência entre diretores, o que terminou por levar uma novela de sucesso, produzida em São Paulo, para a TV Rio, concorrente da TV Tupi, do Rio de Janeiro.

A TV Excelsior, no início dos anos 1960, fez a primeira mudança importante na relação entre anunciantes e o veículo, introduzindo o intervalo comercial e o apoio comercial aos programas, quando ainda não havia tabelas, nem *pacotes* com descontos para horários de menor audiência e outras estratégias para atrair anunciantes de diferentes portes (COSTA, SIMÕES & KEHL, apud KILPP 2000).

A grande mudança ocorrida na comercialização de todas as emissoras de televisão, em 1968, deve ser citada neste trabalho, pois ela alterou, também, os esquemas comerciais da TV Piratini e da TV Gaúcha.

Até 1968, os anunciantes eram, praticamente, donos dos programas, muitas vezes pagando diretamente os cachês de apresentadores, cantores, repórteres, produtores, etc..

Desde o início da televisão, no Brasil inteiro, criara-se o hábito de acoplar o nome do patrocinador ao nome do programa: “Grandes Reportagens Banmércio”, “Grande Show Wallig”, “Repórter Esso”, “Atualidades Admiral”, “Grande Jornal Ipiranga”, “Teleobjetiva Crefisul”, e muitos outros. Além disto, o que existia era o patrocínio exclusivo, ou seja, durante todo o horário em que o programa ia ao ar só apareciam comerciais do patrocinador. Mesmo se as emissoras cobrassem valores extremamente elevados (o que não era o caso) por estes patrocínios, ainda assim, centenas de preciosos segundos eram desperdiçados diariamente.

Em 1968, através de acordo informal entre as emissoras, criou-se o *patrocínio americano*, desaparecendo o exclusivo. Pelo patrocínio americano, todos os programas passaram a ter três, quatro ou mais janelas comerciais. O patrocinador passou a ter seus comerciais veiculados em primeira posição no intervalo comercial do programa, mas os minutos restantes podiam ser comercializados para outros clientes da emissora, que não recebiam o título de patrocinador. Os programas também passaram a ter dois ou mais patrocinadores. Isso ampliou, consideravelmente, a receita das emissoras que tiveram acesso a anunciantes de menor porte.

Os nomes dos programas começaram, assim, a ser desvinculados das marcas dos patrocinadores.

A duração do intervalo comercial (inter-programa) diminuiu, até desaparecer totalmente, agradando o telespectador. O equacionamento do espaço, porém, nos termos altamente rentáveis de hoje, veio quase dez anos depois, com as grades de programação horizontalizadas e inserções nacionais, regionais e locais, aperfeiçoadas pela Globo, o que se estendeu para as demais emissoras (KILPP, 2000).

Em 22 de fevereiro de 1969, numa parceria com empresários da localidade, a TV Gaúcha inaugura a primeira de suas emissoras geradoras no

interior do Rio Grande do Sul: a TV Caxias – Canal 8. Afiliada à TV Gaúcha, gerava programação e faturamento locais. O autor desta Dissertação de Mestrado participou ativamente da montagem do novo canal, dotado de todos os recursos disponíveis na época (BERGESH, 2010).

O sucesso do Canal Ôto, como era e é chamado, irônica e carinhosamente, até hoje, imitando o sotaque italiano da região, mostrou a Maurício Sirtosky que seu sonho de uma rede de emissoras de televisão no interior do estado era viável. Sucederam-se as inaugurações das televisões:

| |
|--|
| 1969 - dezembro = TV Imembuí, canal 12, de Santa Maria. |
| 1972 – abril = TV Erechim, canal 2 – Erechim |
| julho = TV Tuiuti, canal 4 – Pelotas |
| 1974 – abril = TV Uruguaiana, canal 13 – Uruguaiana |
| 1977 – janeiro = TV Bagé, canal 6 – Bagé |
| outubro = TV Rio Grande, canal 9 – Rio Grande |
| 1979 – julho = TV Cruz Alta, canal 5 – Cruz Alta |
| 1980 – maio = TV Umbu, canal 7 – Passo Fundo |
| 1982 - TV Gaúcha troca seu nome para RBS TV, juntamente com todas as suas geradoras no interior do estado do Rio Grande do Sul. A logotíпия RBS periodicamente se atualiza, seguindo de perto o padrão de logotíпияs da Rede Globo. |
| 1988 – setembro = RBS TV Santa Cruz, canal 6 – Santa Cruz do Sul. |
| 1992 – agosto = RBS TV Santa Rosa, canal 6 – Santa Rosa |

Fonte: **Os televisonários** (2010, p. 393).

A partir de 1970, a TV Gaúcha, que até então oscilava nas compras de programas entre a TV Excelsior e a TV Globo, com a cassação da TV Excelsior pelo governo militar, em 28 de setembro de 1970, volta-se inteiramente para a TV Globo, que já começava a se estruturar como Rede Globo.

Na medida em que a Rede Globo crescia, a TV Gaúcha também crescia, alicerçada na forte programação recebida. Neste período, começam a se moldar

mudanças no relacionamento entre as emissoras: os contratos deixaram de ser por programas e passaram a ser por programação; os aproveitamentos comerciais se tornaram rígidos, com espaços previamente delimitados e muitos outros detalhes e responsabilidades de parte a parte, até chegarmos ao modelo das afiliadas e o sentido de rede.

Na década de 1970, é criada a Rede Brasil Sul de Comunicações, nome geral para todas as empresas do grupo que incluía o jornal Zero Hora, a TV Gaúcha, a rádio Gaúcha, a rádio Atlântida e outras emissoras AM e FM,

A marca Rede Brasil Sul de Comunicações começa a mudar para Grupo RBS e, finalmente, só RBS.

Nos últimos anos, a RBS TV mantém inalterada sua relação com a Rede Globo de Televisão e produz programas locais em praticamente todos os poucos espaços disponibilizados pela geradora Globo.

Lembramos que, em 1976, quando voltáramos a trabalhar na TV Gaúcha, como Gerente da Central Gaúcha de Produções Comerciais, em reunião com Jayme Sirotsky, ouvimos dele a informação que a forte audiência da TV Gaúcha/Rede Globo significava 70% de todo o faturamento do grupo RBS. Isso representava uma dependência econômico/financeira enorme. Desfazer o contrato com a Rede Globo poderia levar a uma possível derrocada do grupo gaúcho. Sirotsky trabalhava para diminuir este percentual, mas não estava logrando êxito.

Neste capítulo, vimos a inauguração e o desenvolvimento da TV Gaúcha, no Rio Grande do Sul, em seus primeiros anos o seu trabalho voltado à comunidade, suas estratégias comerciais, sua ênfase inicial na produção de programas populares, alguns com participação de público em auditório, seu jornalismo inovador e seu pioneirismo em implantar emissoras de televisão nos principais polos gaúchos.

No próximo capítulo, veremos o surgimento da TV Difusora e a parceria entre os freis Capuchinhos, da Ordem Franciscana, proprietária da rádio e da televisão, com os profissionais da área que colocaram a emissora no ar. Veremos as estratégias empregadas para criar uma programação de sucesso,

diferenciada da TV Piratini e da TV Gaúcha. Abordaremos, ainda, a criação do Telecentro Difusora de Produções Comerciais, iniciativa pioneira na América do Sul, na produção de comerciais em *video-tape*, a transmissão pioneira que inaugurou as cores na televisão brasileira e a ligação da TV Difusora com a TV Rio, do Rio de Janeiro, e a TV Alvorada, de Brasília, que culminou por arrastar a TV Difusora ao estado falimentar daquelas duas emissoras, forçando sua venda para a TV Bandeirantes.

A TV DIFUSORA

A TV Difusora – Canal 10, terceira emissora de televisão a operar em Porto Alegre, pertencia à Ordem Franciscana, dos Freis Capuchinhos, e fora montada na Rua Delfino Riet, nº 183, Morro Santo Antônio, no prédio onde operava a Rádio Difusora que, conforme já mencionado nesta Dissertação de Mestrado, foi comprada dos Diários e Emissoras Associados pelos religiosos, nos primeiros meses de 1959, viabilizando a construção do prédio da TV Piratini.

Até sua inauguração, em 10 de outubro de 1969, uma sexta feira, muitas negociações, marchas e contramarchas ocorreram. Conforme Frei Osébio Borghetti (Anexo 1), a data marcou a conclusão de um projeto iniciado em 1961, quando os freis receberam a outorga do Canal 10, concedida pessoalmente pelo Presidente Juscelino Kubitschek, para operar em Porto Alegre.

Meses antes de entrar no ar, a emissora estava pronta no que se referia à parte técnica-operacional, com equipamentos instalados e, uma novidade para a época, com dimensionamento de dutos e salas de operação capacitados para instalação de futuros equipamentos a cores (BERGESCH, 2010).

A inauguração da emissora contou com a presença de várias autoridades e convidados, destacando-se o Governador do Estado, Walter Peracchi Barcellos; o Prefeito de Porto Alegre, Telmo Thompson Flores; o Arcebispo Metropolitano, Dom Vicente Scherer; e o General Emílio Garrastazu Médici,

Comandante do III Exército que, na ocasião, fez seu primeiro pronunciamento na televisão, após já ter sido escolhido para a presidência da República.



Fonte : Jornal do Comércio 13.10.1969

Vale ressaltar, porque se refere à televisão a cores, objeto de grande importância neste capítulo, que, apesar de ainda não ter sido decidido, pelo Governo Federal, qual o sistema que seria adotado para as transmissões a cores, a TV Difusora já comprara monitores para televisão a cores e câmera de telecine da RCA, prontos para operar no sistema NTSC – National Television System Committee americano.

O responsável técnico pelo planejamento e montagem do canal foi frei Cyrillo Matiello, auxiliado pelo técnico Luiz D'Ávila, com cursos preparatórios nos Estados Unidos, Japão e Alemanha. Tudo indicava, como se explica adiante, que a escolha do sistema a cores recairia no americano NTSC. Mas, caso isso não acontecesse, D'Ávila assegurava que, qualquer que fosse a opção governamental, ele adaptaria os equipamentos da TV Difusora para sua entrada no ar, cumprindo a legislação.

A TV Difusora tinha quatro frades como diretores estatutários: José Pagno, Diretor Presidente; Cyrillo Matiello, Diretor Técnico; Osébio Borghetti, Diretor Financeiro e Antônio Guizzardi, Diretor Operacional. O quarteto tinha plenos poderes para decidir os rumos da emissora.



Da esq. para dir.: Fernando Etcheverry, Frei Antônio Guizzardi, Frei José Pagno, José Salimen, Nelson Vaccari, Frei Cyrillo Matiello, Waldomiro Salimen e Frei Osébio Borghetti.
 Fonte: **Os televisionários** (2010)

A TV Difusora, segundo Wladimir Sosa (Anexo 1), tinha instalados e em condições operacionais, desde os primeiros meses de 1969: uma ilha de telecine com *multiplex*, com capacidade de operar dois projetores de filmes 16mm e um projetor de *slides* 35mm; três câmeras RCA TK 60 de estúdio e uma de telecine; dois *vídeo-tapes* quadruplex de duas polegadas; um TR4, que não gravava, só reproduzia imagens e sons, com *drop-out compensator*²² e um TR5 com editor eletrônico²³, único no estado. Uma mesa de *switcher* RCA e uma mesa de áudio Telefunken, com capacidade para 16 microfones, iluminação de estúdio com *spots* e luz geral, microfones, girafas, monitores e adereços cênicos completavam o quadro de equipamentos operacionais.

22 As fitas de VT quadruplex, de duas polegadas, quando muito usadas, desgastavam a limalha de ferro existente na fita, abrindo claros em alguns pontos. Onde não havia mais limalha, ao ser rodado o vídeo-tape, apareciam, na tela dos televisores, riscos brancos, chamados *drop-out*. O equipamento *drop-out compensator* evitava que os riscos aparecessem, por mais velha que fosse a fita.

23 *Editor eletrônico*, equipamento que permite, ao se parar uma gravação, retoma-la posteriormente, sem que haja quebra de sequência, funcionando como um corte entre câmeras. Antes do editor eletrônico, estas emendas eram feitas cortando-se a fita do VT e emendando-a com outra fita, como se fosse uma montagem cinematográfica. Uma vez parada uma gravação, não havia como se dar sequência sem pulos na imagem, por falta de sinal de sincronismo.



Câmera TK 60

Vídeo-tape TR 4

Vídeo-tape TR 5

Fonte: Catálogo RCA

Os dois *vídeo-tapes* citados permitiriam montar o Telecentro Difusora de Produções Comerciais, como será relatado adiante.

O transmissor localizava-se no mesmo prédio dos estúdios, com a torre de transmissão no pátio de estacionamento, seguindo os exemplos da TV Piratini e da TV Gaúcha. Somente em maio de 1973 o transmissor seria transferido para o Morro da Polícia, aumentando exponencialmente a área de cobertura (SOSA, 2010).

No prédio havia, também, uma pequena marcenaria para confecção de cenários e sala de maquiagem, além das salas de manutenção técnica e administrativas. A rádio Difusora localizava-se em área do edifício, totalmente independente da TV.

Frei Cyrillo Matiello, Luiz D'Ávila, Nelson Nunes, Sérgio Giugno, Wanderley Barbosa e outros tinham plena capacidade técnica. Mas o problema era que ninguém sabia o quê colocar no ar. Qual programação deveria ser montada para enfrentar as duas outras emissoras, TV Piratini e TV Gaúcha, que estavam em operação desde 1959 e 1962, respectivamente, com o suporte de programas vindos do Rio de Janeiro e de São Paulo, ambas consolidadas junto ao público telespectador.

Dúvidas como onde comprar programas e filmes? Quem contratar? Quais programas criar? Como fazer uma grade de programação? A experiência

acumulada na operação da Rádio Difusora, durante dez anos, revelava-se inútil para suprir as necessidades do novo veículo.

Os meses passavam rápidos, o prazo da outorga para colocar a emissora no ar estava próximo a findar e, apesar das discussões internas entre os freis e os seus assessores, o impasse continuava.

José Salimen, na época, era um dos proprietários da agência de propaganda Panam – Casa de Amigos, em sociedade com o publicitário Daltro Franchini.

Salimen tinha sua origem no rádio, com experiência nas emissoras Farroupilha e Gaúcha, como locutor, rádio-ator, animador de programas de auditório e apresentador de entrevistas, bem como nas TVs Piratini e Gaúcha, como apresentador de programas. Sua agência tinha negócios com a Rádio Difusora e, através de seus contatos, tomou conhecimento dos problemas que emperravam a entrada no ar da TV Difusora.

Os problemas dos freis eram uma oportunidade para Salimen, que procurou seu amigo de longa data e compadre, Walmor Bergesch, com uma proposta para que assumissem a direção da TV Difusora. Bergesch se encarregaria da programação, produção de conteúdos e operação técnica; Salimen assumiria a área comercial, a administrativa e a de relacionamento com o mercado (BERGESCH, 2010).

Os dois se mostravam os homens certos para a empreitada. Bergesch, com sua experiência como diretor de programação da TV Gaúcha, durante seis anos, conhecia o mercado, os distribuidores de filmes e os equipamentos. Salimen, logicamente, desligar-se-ia da agência, e seria valioso por sua vivência e trânsito na área comercial. Juntos, formavam uma dupla, considerada pelos profissionais da área, na época, de pesos-pesados no mercado televisivo.

Sigilosamente, pois Bergesch era diretor de programação da TV Gaúcha, foram feitos contatos com os freis diretores da TV Difusora e o contrato final, no qual eles seriam nomeados Superintendentes, foi acertado em poucos dias, através dos advogados Manoel Sampaio, representante de Bergesch e Salimen, e Luiz Etcheverry, pelos freis. Os problemas dos diretores capuchinhos,

aparentemente, tinham acabado. Os dois Superintendentes Bergesch e Salimen começavam: criar grade de programação, adquirir séries filmadas e longas-metragens, contratar pessoal, criar peças promocionais, buscar anunciantes para o novo canal e muitas outras atividades.

O desligamento de Bergesch da TV Gaúcha foi traumático, em função dos laços de amizade que existiam com Maurício Sirotsky, Fernando Ernesto Correa e, especialmente, Jayme Sirotsky, o mais próximo entre seus amigos, com quem tinha grande afinidade profissional e pessoal (BERGESCH, 2010).

Maurício e Jayme sentiram-se traídos, misturando negócios com emoções pessoais. A situação piorou quando Bergesch, sem se preocupar em formar novos operadores, buscou no mercado os profissionais que necessitava. Assim, foram para a TV Difusora importantes profissionais da TV Gaúcha, como Fernando Miranda, que assumiu a direção de programação; José Maurício Pires Alves, que foi dirigir a área comercial; Marco Antônio Birnfeld, com sua larga experiência como produtor de programas, operadores de câmeras, iluminadores, operadores de áudio, de tele-cine, de *video-tape* e muitos outros.

As relações desandaram de vez, e de forma ampla, atingindo todos os que trocaram de canal. Maurício e Jayme consideravam que aqueles profissionais tinham formado seu aprendizado e sua capacitação operacional graças à TV Gaúcha. Os irmãos Sirotsky entendiam que haviam investido dinheiro, propiciando viagens e cursos para os profissionais, e que este investimento beneficiaria a concorrência.

Tanto quanto as mágoas pessoais e a perda de pessoal, havia a preocupação com a evidência de que a TV Difusora seria uma concorrente respeitável. Mesmo depois de inaugurada, outros profissionais ainda trocariam de emissora, como o autor desta Dissertação que, no primeiro momento, não foi convidado a fazer parte da equipe que implantaria a TV Difusora, só se desligando da TV Gaúcha em 5 de fevereiro de 1970, quatro meses após a entrada no ar da nova emissora, e quase um ano desde a saída de Bergesch da TV Gaúcha.

Os primeiros meses na TV Difusora tinham sido de acertos burocráticos, e os meses iniciais no ar foram de aperto financeiro, com despesas altas e receitas baixas, pois o mercado publicitário esperava para ver o que aconteceria. O salário, para a época, era elevado: Cr\$ 1.500,00 cruzeiros.

A programação criada por Bergesch se diferenciava das programações da TV Piratini e da TV Gaúcha: poucos *shows* musicais e humorísticos, sem grandes espetáculos bíblicos e sem transmissões externas. Aliás, a emissora não possuía unidade de externas.

Nos primeiros meses, a TV Difusora ficava no ar de 2^a a 6^a feira, das 16h30m às 00h30m e, aos sábados e domingos, das 10h30m às 00h30m, seguindo os horários das TVs Piratini e Gaúcha. Depois de cerca de um ano de operação, a programação já iniciava pela manhã, diariamente.

A base da programação foram filmes e programas humorísticos, além de musicais e algumas novelas da TV Record.

Para os primeiros meses, em uma reunião com a Lintas Internacional, agência de propaganda que tinha a conta publicitária do grupo Gessy-Lever, Bergesch recebeu a oferta de exibir a novela **Sangue do meu sangue**, com Francisco Cuoco, Henrique Martins, Nicete Bruno, Tônia Carrero e Fernanda Montenegro, entre outros. A novela, de excelente qualidade, era propriedade da Lintas e fora produzida e exibida pela TV Excelsior em todo o Brasil, menos em Porto Alegre, pois a TV Gaúcha já se ligara à TV Globo e a TV Piratini tinha seus compromissos com as TVs Tupi, do Rio de Janeiro e de São Paulo. Naquela época, patrocinadores arcavam com os custos de produção dos programas, uma relação comercial que estava entrando em desuso.

Sangue do meu sangue tivera seus primeiros dez capítulos apresentados pela TV Gaúcha no princípio de 1969, mas fora interrompida abruptamente, em função de acordo feito com a TV Globo, que exigiu a saída da novela, por ser uma produção da concorrente, a TV Excelsior.

Programada para as 21h50m, a novela foi um achado para a TV Difusora, que a recebeu sem qualquer custo, dando em troca apenas as veiculações de comerciais do patrocinador Gessy-Lever, podendo, ainda, vender espaços para

outros clientes não concorrentes. Além disso, havia um público telespectador da TV Gaúcha frustrado por não saber a continuação e o final da história, e que se sentiu atendido pela TV Difusora.

Sangue do meu sangue foi importantíssima na arrancada do novo canal. Nos primeiros meses a TV Difusora também apresentou a novela **Algemas de ouro**, de 2^a à 6^a feira, às 19h30m, uma produção da TV Record, que não teve grande repercussão (BERGESCH, 2010). Posteriormente, outras novelas foram adquiridas da TV Record.

Séries filmadas de grande sucesso nos Estados Unidos constituíram-se em atração da TV Difusora, sendo programadas em horário nobre. Um dos maiores destaques nesse gênero foi **Os detetives**, nos Estados Unidos intitulado **Mystery Movie**, composta por três séries diferentes que formavam um só conjunto, com 11 episódios cada. Os 33 episódios iam ao ar, em revezamento, um por semana. Os filmes tinham 90 minutos de duração, a mesma de um longa-metragem para cinema, diferenciando-se das demais séries, que tinham duração de 60 minutos. Cada uma das séries era estrelada por um astro de Hollywood: **Columbo**, com Peter Falk interpretando um tenente-detetive de Los Angeles; **McMillan and wife**, com Rock Hudson e Susan Saint James, ele como um comissário de polícia de São Francisco; e **McCloud**, com Dennis Weaver, no papel de um rústico detetive rural de Taos, Novo México, que fora mandado a Nova York para aprender modernas técnicas policiais, formavam a trilogia.

Outras séries importantes faziam parte da grade de programação, desde filmes infantis e adolescentes, até longas-metragens, sucessos no cinema, que formavam os sustentáculos do horário nobre. Pela manhã e à tarde foram compradas séries filmadas que tinham feito sucesso na TV Gaúcha, há 7 e 8 anos: **Batman**, **Combate**, **Perdidos No Espaço**, **Viagem ao Fundo do Mar**, **A Feiticeira**, **Pernalonga**, **Os Monkees** e outras. A TV Difusora teve alguns programas infantis, como o “Recreio”, apresentado pela Tia Bitá, e, mais tarde, o “Carrossel”, apresentado pelo mágico Tio Tony.

Programas de bancada²⁴ ocupavam o espaço dos programas locais. “Porto Visão”, levado ao ar ao vivo, ao meio dia, foi um sucesso, com Clóvis Duarte, José Fogaça, Tânia Carvalho, Sérgio Jockyman, Paulo Santana, Ana Amélia Lemos, Tatata Pimentel, Fernando Vieira, Magda Beatriz e, alguns anos depois, Renato Pereira e José Antônio Daudt, já, então, desfalcado de muitas das estrelas iniciais. O programa inovou pela forma descontraída dos apresentadores e pelos comentários corajosos que faziam, até mesmo políticos, em uma fase de dura repressão dos governos militares. “Porto Visão” disputava a audiência com o “Jornal do Almoço”, da TV Gaúcha.

O telejornalismo estava sob o comando de Carlos Bastos, profissional com anos de trabalho na TV Gaúcha, onde fora um dos editores do “Jornal de Vanguarda – Um *show* de notícias”. Bastos levou, para apresentar o novo telejornal, o “Câmera 10”, Yeda Maria Vargas, ex-Miss Universo 1963; Walmor Chagas que se recuperava em Porto Alegre da morte de sua mulher, a atriz Cacilda Becker, em junho de 1969; Ayrton Fagundes, Sérgio Schüeller, Magda Beatriz, Ana Amélia Lemos e outros.



Da esq. para a dir.: Ana Amélia Lemos, Magda Beatriz, Sérgio Schüeller e Yeda Maria Vargas.

Fonte: “Memórias da Televisão Brasileira”: Janela Mágica, Dana Cultural. Acessado em 10.06.2012²⁵

Um dos pontos importantes na programação da TV Difusora eram as chamadas dos programas. Foi contratado Nestor Tippa, que já possuía experiência no setor. A chamada de um programa corresponde ao *trailer* de um filme no cinema. São escolhidas as melhores cenas, despertando-se a

²⁴ Programa de bancada é o que tem um, ou mais, apresentadores, sentados atrás de uma mesa, com uma tapadeira simples ao fundo. A sustentação destes programas é a fala dos participantes, sem ilustrações ou montagens especiais.

²⁵ http://www.dana.com.br/cultural/janelamagica/pgs/temas_painel27.htm acessado em 10.06.2012

curiosidade do telespectador e criando-se um suspense positivo sobre o que a história tem a oferecer. É preciso um talento especial para isso. Tippa assistia todos os filmes que iriam ao ar, fazia as montagens das melhores cenas, criava textos que iam do humor à tragédia, gravando o produto final em *vídeo-tape*. A programação das chamadas obedecia a rígidos critérios de horários e de quantidade de veiculações. Em períodos de pesquisa local do IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, o que acontecia durante uma semana, a cada três meses, como já explicitado anteriormente, Tippa se superava, praticamente se mudando para as dependências da TV Difusora: contratava atores e, apagando o som da dublagem original, montava em *vídeo-tape* novas falas dubladas dos famosos que estavam na tela, convidando os telespectadores a assistirem o programa, usando termos gauchescos.

Era extremamente trabalhoso, mas de forte resposta na audiência. A TV Gaúcha e a TV Piratini não exploravam, até então, este filão. Tentaram, sem sucesso, seguir a TV Difusora, mas lhes faltava gente capacitada.

Vinhetas musicais, com um grande número 10 girando na tela, com duração de 10 segundos aproximadamente, entravam em todos os intervalos. Os textos variavam: “Canal 10, o canal dos grandes espetáculos”; “Canal 10, nota máxima em todas as provas”; “Canal 10, sempre junto a você”; “Em Porto Alegre, só dá dez”, e muitas outras. Era uma novidade simpática.

Naqueles anos, ainda sem a presença efetiva das redes, divulgava-se muito o canal da emissora. Quando as redes se consolidaram, com a produção das chamadas de programas sendo realizadas no centro gerador de conteúdos, forçosamente aconteceu a necessidade de divulgar o nome da rede, pois os canais emissores variavam de cidade para cidade.

A TV Piratini tinha como símbolo a figura simpática do indiozinho Curumim, que significa *criança*, na língua tupi. A TV Gaúcha, por algum tempo, usou os bonecos da TV Excelsior: as figuras de um menino e uma menina, de frente, com as mãos dadas. A TV Difusora usou a figura estilizada de um leão, com uma cara sorridente. Na verdade era uma cópia do *gimmick*²⁶ do Canal 11 argentino, que o apresentava com um trocadilho: como o canal era

26 Boneco representativo de um evento, emissora ou empresa.

o 11, eles diziam *Tele Once*, daí, para Leôncio, referência ao leão, em espanhol, era um passo. O Leôncio foi *importado* sem qualquer outro motivo que não fosse criar um elo com o público infantil.



Fonte: **Tupi: Pioneira da Televisão Brasileira** (2000), Revista Universitária do Audiovisual²⁷; Anuncio Jornal NH, de 10.10.1969; *blog* “Tele Retro”²⁸.

Os melhores filmes e reportagens especiais, logicamente, eram guardados para os períodos em que o IBOPE estaria realizando pesquisa de audiência na praça, uma semana a cada três meses.

Um acordo operacional com o Jornal do Comércio trocava comerciais do jornal, veiculados na TV Difusora, por anúncios da programação no jornal, suprimindo a lacuna de não haver um veículo impresso no grupo Difusora, como ocorria com a TV Gaúcha que tinha o jornal Zero Hora, e a TV Piratini,

²⁷ <http://www.ufscar.br/rua/site/?p=2510>.

²⁸ <http://teleretrotv.blogspot.com.br/> acessado em 10.06.2012.

com o Diário de Notícias e A Hora. A Rádio Difusora abria amplos espaços para chamadas dos programas da televisão, e vice-versa.

Em resumo, a TV Difusora trouxe uma proposta totalmente inovadora para um público que não se satisfazia apenas com os clássicos programas de humor, musicais e novelas.

A programação, sem grandes montagens, espetáculos de auditório ou externas, era relativamente fácil de ser executada: tele-cine exibindo os filmes e câmeras no estúdio, com programas ao vivo, de bancada, nos espaços locais, ou *vídeo-tapes* de programas humorísticos, musicais e novelas da TV Record, de São Paulo.

Especiais, quando havia, eram programas *garimpados* em televisões européias e apresentados em *vídeo-tape*. Foi assim com a série de oito das mais famosas óperas italianas compradas da RAI – Radiotelevisione Italiana e reportagens especiais da BBC – British Broadcasting Corporation, de Londres.

Esta estratégia, somada à escolha criteriosa de programas especiais, em períodos de pesquisas e a eficiência das chamadas, deu à TV Difusora o primeiro lugar em audiência, em todas as pesquisas realizadas pelo IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, de 1969 a 1973. A TV Gaúcha ocupava o segundo lugar, restando à TV Piratini o terceiro posto (BERGESCH, 2010).

O autor desta Dissertação, tão logo foi contratado pela TV Difusora, em fevereiro de 1970, deslocou-se para os Estados Unidos, por três meses, para conhecer como funcionavam as produtoras independentes de televisão, especialmente as que produziam comerciais em *vídeo-tape*, serviço inexistente na América Latina.

Naquele ano, nos Estados Unidos, já havia centenas de produtoras de programas de televisão independentes. A legislação americana, desde o início da radiodifusão naquele país, era diferente da brasileira, evitando distorções existentes no Brasil.

Pelas regras da FCC – Federal Communications Commission, órgão regulador dos serviços de radiodifusão norte americanos, são vedadas às emissoras, ou redes, a produção de programas, podendo produzir somente noticiários. As emissoras são obrigadas a comprar seus programas de produtoras independentes, não podendo adquirir mais do que 25% de suas programações de uma mesma produtora. Ou seja, um canal televisivo deverá ter, no mínimo, quatro fornecedores de conteúdos. Já uma produtora poderá vender seus programas para quaisquer emissoras de televisão.

Isso, além de incrementar a existência de produtoras de programas em *video-tape* ou filmes, impedia que uma emissora passasse a ter índices de audiência muito superiores aos das concorrentes, como aconteceu no Brasil, nos anos 1970, 1980 e 1990 com a hegemonia da Rede Globo. Nos Estados Unidos, as diferenças entre os índices de audiência oscilam muito pouco entre as três redes. NBC, CBS e ABC têm, praticamente, um terço da audiência cada uma.

Em contrapartida, as produtoras independentes são as grandes empresas, com unidades de externas²⁹, equipamentos de última geração e em quantidades que, invariavelmente, superam as emissoras de televisão. Estas produtoras de conteúdo têm como clientes as emissoras de televisão e produtores de grandes eventos.

Outro tipo de produtoras são as que se dedicam à produção de comerciais em *video-tape*. Também são grandes empresas, mas com um trabalho diferenciado, detalhista, pois se dedicam a gravar comerciais onde o tempo se conta por segundos, e que irão ao ar diversas vezes por dia, em diferentes canais. Serão vistos centenas de vezes e, por esta razão, não há margem para erros que, fatalmente, terminarão por serem notados.

A maioria das produtoras de comerciais se localiza na Flórida, pois a região ensolarada, sem neve, com clima seco e pouca chuva, propicia gravações contínuas em ambientes externos.

Bergesch tinha um plano ambicioso e audacioso: montar o Telecentro Difusora de Produções Comerciais, um centro de produções de comerciais em

²⁹ Caminhões especialmente construídos para acomodar e operar todos os equipamentos necessários para uma transmissão de televisão

vídeo-tape, na TV Difusora, aproveitando a ociosidade que existia nos equipamentos, pelo tipo de programação que a emissora colocava no ar.

Por isso a viagem aos Estados Unidos. Fixamo-nos em Nova York e Miami, numa imersão total em diversas produtoras, onde aprendemos tudo sobre aquelas empresas: critérios para preços, controles operacionais, uso racional dos equipamentos, arquivo de cenas de acervo e muitos outros detalhes. Até mesmo as simples claquetes foram objeto de estudo e aprendizado.

Menos de um mês após nosso retorno, em maio, o Telecentro Difusora de Produções Comerciais começava a funcionar, após um coquetel de lançamento para agências de publicidade e clientes. Conosco estavam os colegas Nestor Tippa, que acumulou suas funções com as do setor de chamadas de programas, e Marco Aurélio, hoje (2012) chargista de renome nacional, atuando no jornal Zero Hora.

Tippa e Marco Aurélio atendiam agências e clientes, auxiliando-os na criação e orientando-os durante as gravações. Nós éramos o diretor e o suíte. Uma secretária e um operador/editor de *vídeo-tape*, Joubert Rolão, completavam o quadro do novo departamento. Os dois *vídeo-tapes* TR4 e TR5 permitiam que se captassem as cenas que, depois, eram editadas como se fosse a montagem de um filme.

Até o surgimento do Telecentro, os comerciais eram levados ao ar em filmes ou em *slides*. Comerciais ao vivo eram praticamente inexistentes, pela complexidade e, principalmente, pela dificuldade em se cumprir, com alguém falando ao vivo, a duração previamente estipulada. Aceitáveis nos primeiros anos, eram impensáveis desde 1966.

Filmes comerciais eram caros e demorados em sua confecção. Não se prestavam para clientes de lojas de varejo, que precisavam mudar as ofertas de um dia para outro, por término de estoque ou diferença de preço na concorrência. Além disso, o custo de um filme representava, no mínimo, quinze inserções de um comercial.

Os *slides* tinham custo irrisório, mas eram estáticos, pobres em imagem e, por consequência, em captação de interesse dos telespectadores. Um comercial de 30 segundos usava 5 ou 6 *slides*. O áudio, que nos primórdios da TV Piratini e TV Gaúcha, era feito com locução de cabine ao vivo, naquele ano de 1969 era gravado. Mas ainda era uma operação complexa, pois o operador de áudio, obedecendo ao roteiro comercial, soltava a gravação enquanto o operador de tele-cine, com idêntico roteiro em mãos, trocava os *slides*, de acordo com o texto.

O custo de um comercial em *vídeo-tape* dependia do tempo que se despendesse em sua confecção, desde a captação das imagens, até sua finalização em edição, mas nunca ultrapassaria em 12% o custo de um filme. Em média, gravava-se um comercial em 3 horas, o que permitia realizar 4 ou 5 comerciais por dia.

O Telecentro, gravando comerciais para todos os canais de Porto Alegre, era inteiramente independente do Departamento Comercial da TV Difusora. Sob hipótese alguma, a Direção da emissora permitiria que um cliente com grande verba de veiculação tivesse alguma vantagem ou desconto para gravar seus comerciais. Departamento Comercial e Telecentro tinham a noção de que, se isso acontecesse, seria o fim da Produtora.

O Telecentro foi um sucesso! Em menos de quatro meses foi contratado Fredy Litowsky, ex-funcionário das TVs Piratini e Gaúcha, para dividir conosco o trabalho de suíte e de diretor de comerciais, sendo o horário de gravação aumentado em 50%. Imagens externas eram captadas em filmes 16mm. O faturamento passou a ser importante no equilíbrio financeiro da emissora.

Em poucos meses de funcionamento, o Telecentro criou um problema para a operação técnica da TV Difusora e, também, para os outros dois canais de Porto Alegre. Colocar um filme no ar é uma operação simples: um bom operador de tele-cine coloca um filme no projetor em 10 segundos, rebobinando-o posteriormente, em uma mesa adaptada para enrolar carretéis de filmes. Um *vídeo-tape* é muito mais complexo, devendo a fita passar pela cabeça de vídeo, cabeça de áudio e ser enrolada em outro carretel. Diferentemente de um filme, o operador não vê a imagem para colocar no ponto

de começo, sendo obrigado a rodar a fita, assistindo-a em um monitor, para acertar o ponto inicial da imagem. Após a exibição, a fita deve ser rebobinada para o seu carretel de origem, usando o mesmo equipamento. Isso demanda preciosos 90 segundos, aproximadamente, mais o tempo da exibição do comercial.

Veicular um ou dois comerciais em *vídeo-tape*, por intervalo, não apresentava problema nenhum. Porém, quando o número de exibições subiu para 10, depois 12 e enfim 15, por intervalo, mais a exibição de abertura, meios e encerramento de programas, também em *vídeo-tape*, a operação tornou-se impraticável.

A TV Difusora foi obrigada a gravar o que se denominou *faixa*. Durante toda a madrugada, da zero às 7 horas, dois operadores montavam os comerciais, que estavam em suas fitas matrizes, em uma única fita, na ordem em que seriam exibidos. Desta forma, se um comercial fosse ao ar cinco ou seis vezes no dia seguinte, ele seria colocado na fita da faixa tantas vezes quantas fosse ao ar e, rigorosamente, na ordem de exibição. Foi a solução para a operação. Durante a programação, uma máquina de *vídeo-tape* ficava ocupada com a fita da faixa, devendo o operador, nos intervalos, rodar a fita sempre para a frente. Como as posições e números de inserções dos comerciais variavam de um dia para o outro, a faixa era gravada diariamente. As TVs Piratini e Gaúcha se viram obrigadas a adotar o mesmo esquema. O problema só desapareceu, internacionalmente, quando os computadores passaram a ter em suas memórias o material gravado e a operar a programação.

Em 1976, a TV Gaúcha montou a Central Gaúcha de Produções Comerciais e, em 1979, antes de sua entrada no ar, a TV Guaíba, como será narrado adiante, montou o Telecentro Guaíba de Produções Comerciais, ambos sob a direção do autor desta Dissertação.

Em março de 1970, o Ministério das Comunicações decidiu que o Brasil adotaria o sistema PAL, com o padrão M, para suas transmissões a cores. Um erro que gerou graves consequências e prejuízos aos rádio-difusores brasileiros.

Há muita confusão entre o que é *padrão* e o que é *sistema*. *Padrão*, em televisão, é o número de linhas da transmissão e sua relação com a ciclagem de energia elétrica, e isso vale para todo um país. Assim, nos Estados Unidos e no Brasil, o padrão é de 525 linhas por 60 ciclos, denominado M; na Alemanha, é de 625 linhas por 50 ciclos, denominado B; na França, é de 725 linhas por 50 ciclos. São inúmeras as composições entre o número de linhas com a ciclagem e a decisão é interna, de cada país. Os receptores de televisão, vendidos aos telespectadores, são construídos obedecendo ao padrão das emissoras geradoras. Isso faz com que um televisor construído para operar em um determinado país não consiga captar transmissões em outro país, pela diferença do número de linhas e/ou da ciclagem.

Sistema se refere unicamente à cor. Em 1970, existiam três sistemas de transmissões a cores: o americano NTSC – National Television System Committee, o alemão PAL – Phase Alternating Line e o francês SECAM – Séquentille Couleur à Mémoire, em inglês Sequential Color with Memory.

Para uma transmissão em preto e branco, é necessário um padrão. Para uma transmissão a cores, são necessários um padrão e um sistema. É como se a cor fosse acoplada ao padrão. Isso permite que uma transmissão a cores possa ser captada em televisores preto e branco.

Quem fez a análise para a escolha do sistema que o Brasil adotaria na sua televisão a cores, foram os engenheiros do IME – Instituto Militar de Engenharia que, na época, foi muito criticado pelos empresários de comunicações pela escolha de um sistema, o PAL, que, ligado ao padrão M, já existente no país, transformava-se em um caso único no mundo.

Por uma questão de lógica empresarial, o Ministério das Comunicações deveria ter optado pelo sistema NTSC, pois o padrão brasileiro é o mesmo dos Estados Unidos, o M que, logicamente, era e é o mesmo de todos os televisores brasileiros. Uma das justificativas para a escolha foi a má qualidade das transmissões em NTSC; outra, foi que isso impediria o contrabando de equipamentos e, por último, que seriam criadas condições para uma indústria eletrônica de televisão brasileira.

Como o tempo mostrou, nada disso aconteceu. O sistema NTSC solucionou seus problemas técnicos, o contrabando sempre existiu e a indústria brasileira de equipamentos de televisão não saiu do papel.

O que aconteceu foi uma defasagem na compra de equipamentos de última geração pelos empresários brasileiros, pois nenhuma fábrica produzia equipamentos especiais para um único país. Os custos aumentavam e a demora nas entregas se estendia por meses.

O problema era insolúvel, pois não se poderia trocar de sistema, indo para o NTSC, ou de padrão, sob pena de ter que trocar todos os televisores do país!

Segundo o engenheiro Higino Germani, ex-funcionário do Ministério das Comunicações durante os governos militares, planejador e diretor técnico da TV Guaíba, que seria inaugurada em março de 1979,

a análise da turma do IME estava correta. O que estava errado foi a pressa em implantar o sistema a cores, pois se o Brasil tivesse aguardado um ano mais, o NTSC teria corrigido (como efetivamente ocorreu) o seu problema de erro de fase e o custo teria sido muito mais barato. O preço dos televisores e de todo o equipamento das estações de TV ficou, no mínimo, 10% mais caro em decorrência da necessidade de adaptar equipamento NTSC para PAL M. Como quase todo o equipamento usado no Brasil era procedente dos EUA... as estações analógicas, hoje, são, internamente, todas NTSC, e convertem para PAL M na saída (...) O Brasil e o Lesoto (uma tribo [sic] que fica incrustada dentro da África do Sul) são os únicos países do mundo a adotar o PAL M... De qualquer forma, com a técnica digital em implantação, tudo isso é passado (*e-mail* de Higino Germani no Anexo 1).

Como enfatiza Germani, em seu *e-mail*, com a digitalização, este problema deixará de existir.

Hoje, conforme Germani, por decisão do Ministério das Comunicações, emanada em 2.000, todas as emissoras de televisão operam internamente com o sistema NTSC mas, na saída do transmissor, há um conversor de sinal que muda para o sistema PAL. Isso permitiu que nossas emissoras acompanhassem os novos lançamentos em equipamentos, adquirindo-os por custos de mercado.

Esta decisão de escolha do sistema PAL obrigou o técnico Luiz D'Ávila, da TV Difusora, a trabalhar muito para cumprir a promessa de adaptar os equipamentos NTSC para PAL.

Nos primeiros meses de 1971, Bergesch e Salimen, pelo seu trabalho na TV Difusora, começaram a ser vistos como os novos gênios da televisão brasileira. *Les enfants terribles*³⁰, no dizer de alguns de seus admiradores.

Seus permanentes primeiros lugares nas pesquisas de audiência, vencendo a TV Gaúcha e, por extensão, a TV Globo, chamaram a atenção dos profissionais da área.

Paulo Machado de Carvalho Filho, diretor da TV Record de São Paulo, e filho do dono da emissora, ofereceu a Bergesch e a Salimen 54% das ações da TV Rio, do Rio de Janeiro, e da TV Alvorada, de Brasília.

A TV Rio, Canal 13, inaugurada em julho de 1955, como já visto nesta dissertação, era de propriedade do Grupo Paulo Machado de Carvalho, dono da TV Record, que detinha 50% do controle acionário, e do empresário João Batista do Amaral, cunhado de Paulo Machado de Carvalho, conhecido como Pipa Amaral, dono dos restantes 50%.

Enquanto Brasília estava sendo construída, o Governo Federal abriu licitação para três canais de televisão, dois deles para os mesmos grupos que já operavam na, então, Capital Federal, o Rio de Janeiro: um, para o governo federal; outro, para o Grupo Diários e Emissoras Associados e um terceiro para o Grupo TV Rio, ligada, como se viu, ao Grupo Paulo Machado de Carvalho. Esta última emissora recebeu a denominação de TV Alvorada, Canal 8. Repetiu-se o mesmo esquema de divisão de ações: 50% para o Grupo Paulo Machado de Carvalho e 50% para Pipa Amaral.

A TV Rio, localizada no prédio onde existira o Cassino Atlântico, na Avenida Atlântica - Posto 6, em Copacabana, obteve total sucesso em seus anos iniciais, mas, com o surgimento de concorrentes, como a TV Continental, TV Excelsior e TV Globo, entrou em uma fase de declínio. Pipa Amaral dedicava-se mais a fazer jús à sua fama de *play-boy* do que a administrar a televisão.

30 *Os meninos terríveis.*

Todos os membros da família Machado de Carvalho detestavam viajar de avião. Suas idas ao Rio de Janeiro eram, por esta razão, raríssimas. A televisão era dirigida pelo pessoal do segundo escalão, com muito mais erros do que acertos. A saída do diretor comercial, Walter Clark, em 1966, com sua equipe, para a TV Globo, foi um golpe mortal no faturamento da TV Rio. Clark era um profissional de credibilidade, tinha fortes relações com anunciantes e agências de publicidade, além de um eficiente grupo de vendas.

Com a emissora altamente endividada e, praticamente, inviabilizada, Pipa Amaral passou seus 50% em ações, sem qualquer custo, para seus sócios do Grupo Machado de Carvalho. Um verdadeiro presente de grego. A solução encontrada, pelo Grupo, foi oferecer o controle acionário aos Superintendentes da TV Difusora. Se Bergesch e Salimen conseguissem no Rio de Janeiro e em Brasília a metade do que estavam fazendo no sul do país, todos os problemas estariam resolvidos.



Reunião na TV Record em São Paulo. Da esq. para a dir. José Salimen, Paulo Machado de Carvalho Filho, Walmor Bergesch, Paulo Machado de Carvalho Pai, o Diretor Técnico da TV Record e Alfredo Machado de Carvalho.

Fonte: **Os televisionários** (2010)

A oferta do controle acionário a Bergesch e a Salimen aconteceu em março de 1971, logo após a TV Rio ter sido despejada do prédio da Avenida Atlântica, por falta de pagamento do aluguel. A emissora, no auge da decadência, estava instalada em um barracão, no bairro Vila Isabel, zona norte do Rio de Janeiro (*e-mail* de Nelson Vaccari, no Anexo 1).

O oferecimento foi aceito na hora. Os 54% foram repassados para Bergesch e Salimen, 27% para cada um, a custo zero. Melhor dizendo, sem que desembolsassem um centavo, mas em troca de assumirem 54% da dívida das TVs Rio e Alvorada. Os novos donos desconheciam o valor que estavam se comprometendo a pagar, mas, confiantes em sua capacidade profissional, acreditavam que, com o faturamento, pagariam a operação e amortizariam as dívidas que, souberam depois, iam desde muitos milhões de cruzeiros para a Receita Federal, o INPS e outros órgãos governamentais, nas esferas estadual e municipal, até milhares de cruzeiros para ações trabalhistas, além de fornecedores diversos, incluindo postos de combustíveis e restaurantes.

O descontrole administrativo interno nunca permitiu que se avaliasse o valor total do endividamento. Inúmeros credores mantinham seus comprovantes de valores a receber guardados em cofres, à espera de um milagre. Protestar títulos ou promissórias significaria, pela legislação de veículos de comunicação eletrônicos, obrigar o Governo Federal a decretar a falência da TV Rio. Se isso acontecesse, os credores seriam os últimos na lista de prioridades de recebimentos: primeiro, os empregados; depois, os governos e, por último, credores em geral, ou seja, possibilidade zero de ser ressarcidos. O melhor a fazer era esperar.

Bergesch e Salimen começaram a operar a TV Rio, revezando-se com a Superintendência da TV Difusora. Desta forma, a cada semana, um dos dois estava no Rio de Janeiro, enquanto o outro estava em Porto Alegre. Por vezes, para resolver problemas administrativos, os dois passavam juntos dois ou três dias no Rio de Janeiro.

A TV Difusora começou a se ressentir das ausências permanentes de, pelo menos, um de seus Superintendentes. Por vezes, dos dois. Decisões ficavam proteladas e assuntos importantes eram minimizados ou, até, esquecidos.

Passados pouco mais de dois meses do novo esquema de trabalho, e com as notícias da mudança de donos nas TVs Rio e Alvorada, que teve seu nome mudado para TV Rio de Brasília, os quatro freis diretores da TV Difusora convocaram Bergesch e Salimen para uma reunião, na qual lhes foi lembrada

uma cláusula do contrato existente entre as partes: exclusividade total de trabalho para a TV Difusora. Teriam que escolher entre a TV Rio e a TV Difusora.

Optar pela TV Rio significaria abrir mão dos expressivos ganhos mensais com que ambos se sustentavam. Optar pela TV Difusora seria, na visão daqueles dias, abrir mão de serem donos de duas emissoras de televisão: uma no Rio de Janeiro e outra em Brasília.

Os próprios freis ofereceram a solução intermediária: Salimen e Bergesch dividiriam com os quatro freis diretores suas ações, continuariam a trabalhar na TV Difusora, recebendo seus proventos, e trabalhariam, juntamente com seus colegas acionistas, na TV Rio e TV Rio de Brasília, ex-Alvorada, ficando liberados, naquele caso, da cláusula de exclusividade. Era pegar ou largar. Pegaram.

A TV Rio ficou com a seguinte composição acionária: 46%, Grupo Machado de Carvalho; 13,5%, Walmor Bergesch; 13,5%, José Salimen; 6,75%, Frei José Pagno; 6,75%, Frei Cyrillo Matiello; 6,75%, Frei Antônio Guizzardi e 6,75%, Frei Osébio Borghetti. Idêntica composição acionária foi feita com a TV Alvorada (*e-mail* de Frei Osébio Borghetti, no Anexo 1, e *e-mail* de Nelson Vaccari, no Anexo 1).

Com esta decisão criou-se o amálgama que misturou a TV Rio, e sua associada TV Rio de Brasília, ex-TV Alvorada, com a TV Difusora. A visão dos seis acionistas era que a TV Difusora alavancaria a salvação da TV Rio. Em nenhum momento foi cogitado que a TV Rio pudesse arrastar a TV Difusora para o fundo do poço.

A partir deste momento não se pode mais abordar aspectos operacionais da TV Difusora, sem se ater ao que acontecia na TV Rio.

A chegada dos novos diretores e o *relançamento* da TV Rio foi notícia no mercado carioca. Correu o boato de que seriam feitos grandes investimentos na emissora e que havia muito dinheiro vindo do Vaticano, pelo envolvimento da TV Difusora. Começaram a aparecer dívidas a serem pagas.

A entrada dos freis, se por um lado significava diminuição das cotas de Bergesch e Salimen, deixando de, juntos, serem os acionistas majoritários na empresa, por outro lado, representaria o suporte da TV Difusora como avalista de empréstimos que seriam necessários para a viabilização da TV Rio e da TV Rio de Brasília. Salimen e Bergesch não teriam, pessoalmente, bens a oferecer como avalistas e o Grupo Machado de Carvalho deixara claro, quando da cessão das ações, que não participaria, de nenhuma forma, na gestão das televisões, especialmente no que se referia a investir dinheiro.

A emissora foi totalmente reequipada tecnicamente, inclusive com novo transmissor. O material necessário foi comprado da RCA, com carência de dois anos para início dos pagamentos, e com os avais da TV Difusora. O prazo de entrega foi de oito meses. Foram adquiridos, também, filmes de longa-metragem e séries filmadas, as mesmas exibidas na TV Difusora. Também aí houve carência de dois anos para início dos pagamentos, tendo como avalista a TV Difusora (*e-mail* de Frei Borghetti, no Anexo 1).

Frei Antônio Guizzardi foi transferido para o Rio de Janeiro, como Diretor da TV Rio e representante da alta direção da TV Difusora, com poderes para tomar decisões em negócios que envolvessem as duas emissoras.

Desde que assumiram as direções da TV Rio e da TV Rio de Brasília, cumulativamente com a da TV Difusora, Bergesch e Salimen propuseram aos proprietários da TV Record que se criasse a REI – Rede de Emissoras Independentes. Começariam com cinco emissoras: TV Record, de São Paulo; TV Rio, do Rio de Janeiro; TV Rio, de Brasília; TV Difusora, de Porto Alegre e TV Paranaense, de Curitiba. A REI existiria nas duas principais cidades brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo, na Capital Federal, em uma importante capital no sul, Porto Alegre, e em outra importante capital no sul, Curitiba. O que não era considerado pouca coisa.

A ideia de funcionamento da REI diferia do conceito de rede que vinha tomando forma no Brasil: o de uma emissora geradora, fornecendo programação para todas as afiliadas. Na REI, cada televisão participante geraria programas para a rede, fazendo com que os estados onde estavam localizadas as emissoras passassem a ter expressão nacional. Desta forma, dividir-se-ia o trabalho de

gerar conteúdos e haveria forte presença dos diferentes estados. Haveria inclusive autonomia para a realização de programações locais.

Em maio de 1971, o autor desta Dissertação foi enviado, novamente, para os Estados Unidos, agora por nove meses, para tomar conhecimento do funcionamento das redes americanas, buscar parceiros que pudessem fornecer material jornalístico e estabelecer eventuais pontes comerciais. Buscava-se dar base internacional à REI e criar um diferencial em relação ao que começava a existir no Brasil. Queria-se programas especiais, tanto quanto possível falado em português, mas com imagens captadas nos Estados Unidos. A ideia central era entrevistar, com âncora brasileiro, personalidades americanas especialistas em diversos assuntos, sobretudo medicina.

Um ex-colega da rádio Farroupilha, o locutor Emílio Breier, na época funcionário da Voz da América, em Washington, foi contatado. Explicado o projeto, ele, particularmente, não tinha interesse, no mesmo, mas apresentou um colega, também locutor, Hélio Costa.

Durante um almoço, em restaurante às margens do rio Potomac, Costa mostrou interesse pela ideia e revelou seu projeto de vida: fazer fama no Brasil, via Estados Unidos, voltar ao seu país e fazer política, elegendo-se prefeito de sua cidade natal, Barbacena; depois deputado federal; depois senador, ministro e, por fim, presidente da República. Havia, sim, interesse em participar semanalmente de um programa em rede nacional de televisão no Brasil.

A ideia não se realizou pelos mesmos motivos que a REI não se concretizou: interesses momentâneos e pontuais, de uma ou outra emissora, prevaleceram sobre o conjunto. Hélio Costa alcançou participação semanal no programa “Fantástico”, da Rede Globo, em 1973. Os planos políticos de Costa, por inverossímeis que tenham parecido, em 1971, realizaram-se em grande parte, faltando apenas a Presidência da República.

Baseados em Nova York, deslocamo-nos, frequentemente, para Washington e Miami. Escolheu-se Nova York por ser considerada a *capital do mundo*. Quanto a Washington, era a capital de fato e de direito, e Miami, o

centro cosmopolita que reunia expressivos contingentes de brasileiros e hispânicos.

Durante aquela permanência nos Estados Unidos, conseguiu-se programas especiais, eventos musicais e esportivos. Muitos não eram aceitos, contudo, pela TV Record ou pela TV Paranaense. A REI se inviabilizava antes de começar, pois a não obrigatoriedade de veicular um ou outro programa prejudicava a comercialização em nível nacional. Existia a intenção de atuar em rede, mas prevaleciam os interesses locais, por menores que fossem.

Nelson Vaccari, citado nos capítulos referentes à TV Piratini e à TV Gaúcha, na época trabalhando na TV Tupi de São Paulo, foi contratado, em novembro de 1971, como Superintendente da TV Rio (*e-mail* de Nelson Vaccari, no Anexo 1), logo após a decisão, em reunião no Ministério das Comunicações, de que a TV Rio e a TV Difusora lançariam a televisão a cores no Brasil, conforme relata-se a seguir.

Vaccari levou para a TV Rio profissionais experientes: Gerardo Lucas, para a Chefia de Programação; Gilberto Santa Thereza, para a Chefia de Produção; Orlando Carvalho como Diretor Financeiro e Administrativo; e Moacir Arêas, para a Chefia de Telejornalismo (*e-mail* de Nelson Vaccari, no Anexo 1).

Todos os antigos funcionários haviam sido mantidos em suas funções. Muitos eram estáveis, pois não haviam optado pelo FGTS – Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, e isso tornaria a TV Rio em uma emissora dispendiosa.

A empresa de representações de rádios e televisões, M. A. Galvão Ltda., com sede em São Paulo, assumiu a área comercial.

Era urgente a mudança do endereço da TV Rio, por razões comerciais e para viabilizar a instalação dos novos equipamentos, que estavam por ser entregues. Vaccari alugou parte da área de um audacioso projeto arquitetônico, localizado na Rua Alberto de Campos, 12, em Ipanema, próximo à lagoa Rodrigo de Freitas.

O projeto original era a construção de um hotel de alto luxo, o Panorama Palace Hotel. A obra estava parada, por falência dos sócios. A infraestrutura em concreto, incrustada em um morro, a uma altura correspondente a trinta andares, estava pronta, faltando divisórias, portas, janelas e acabamentos. Duas torres com elevadores, com capacidade de transportar 30 pessoas cada um, faziam a ligação entre a Rua Alberto de Campos e o alto do morro.

Funcionavam no local a boate On the Rocks e o restaurante, classe A, Berro d'Água. Almoços e jantares em que anunciantes e publicitários das principais agências do Rio de Janeiro eram presença assídua, como convidados, no restaurante ou na boate, virou rotina diária.

A TV Rio alugou dois andares do prédio e concluiu as obras de alvenaria necessárias para instalar a televisão, levantando paredes e divisórias. Um teatro, que fazia parte do hotel, foi concluído e serviria para programas de auditório. Da parte superior da estrutura, havia visual direto para o morro do Sumaré, onde estavam os transmissores de todas as televisões cariocas.

O custo, altíssimo, foi todo bancado pela TV Difusora (*e-mail* de Borghetti, no Anexo 1).



Fonte: Arquivo pessoal do Autor.

No mês de fevereiro do ano seguinte, 1972, houve a mudança para as novas instalações.

A programação inicial da nova TV Rio foi uma cópia da programação da TV Difusora, acrescida de alguns programas locais, em horários periféricos, nas primeiras horas da manhã, meio das tardes e madrugadas, de pouca expressão.

Em poucos meses, constatou-se que os programas que faziam sucesso em Porto Alegre, não funcionavam no Rio de Janeiro nem em Brasília. Houve a necessidade de serem criadas programações separadas. Por esta razão, o que seria uma minimização de custos, não aconteceu. As novelas produzidas pela TV Record alcançavam índices razoáveis em São Paulo, mas no Rio de Janeiro não despertavam interesse, conseguindo menos de 10% de audiência das novelas da TV Globo e da TV Tupi. Tentou-se realizar, no auditório da televisão, o “TV Rio Tele Catch”, nos moldes do “Ringuedoze” da TV Gaúcha, para os cariocas, uma reprise do que fora ao ar pela TV Excelsior em 1960 e, depois, pela TV Globo. Mas a fase dos *lutadores cênicos*, como eram chamados internamente, já passara. A audiência era baixíssima e a ocupação, com entrada gratuita, no auditório com capacidade para 380 pessoas, era de menos de 50% de público.

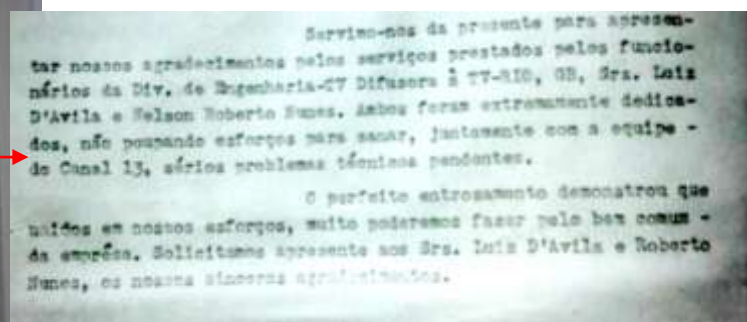
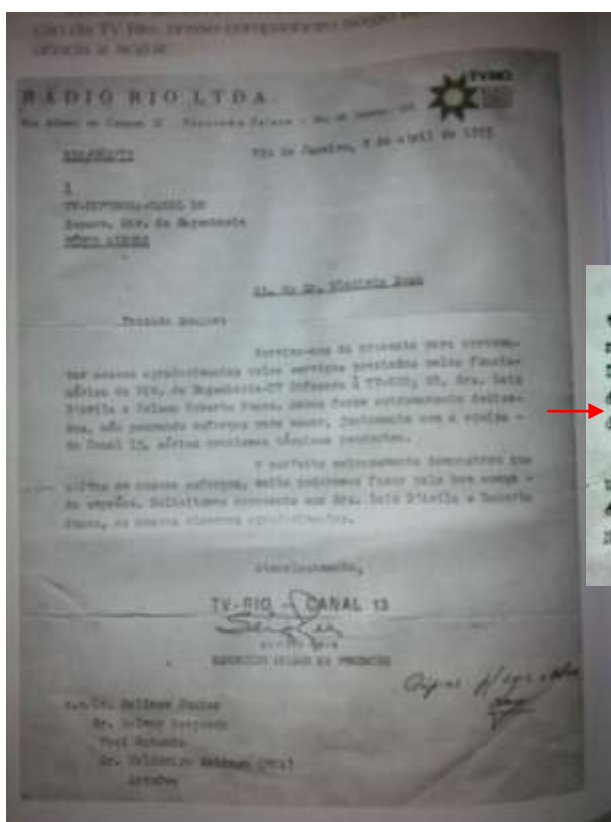
Buscou-se, também, nos fins de noites de sextas feiras, promover “TV Rio convida”, programa que tinha por cenário uma casa noturna, onde diversos convidados, sentados a mesas, eram servidos por garçons enquanto entrevistados pelo âncora. Era uma cópia do programa “Bar Doze”, que fora apresentado na TV Gaúcha, entre 1963 e 1964, com animação de Salimen Júnior. O “Bar Doze”, por sua vez, era uma cópia do programa “Almoço com as estrelas”, levado ao ar aos sábados ao meio-dia, pela TV Tupi, de São Paulo, com apresentação do casal Airton e Lolita Rodrigues. A produção conseguia entrevistados de renome no Rio de Janeiro, mas a audiência não entusiasmava.

Lançou-se um noticiário, de segundas a sextas feiras, às 21h, com 30 minutos de duração. Apresentação de Adalgisa Colombo, miss Brasil 1968, Sérgio Roberto e Ronaldo Rosas. Comparado aos outros programas, sua audiência e faturamento eram razoáveis.

Como se nota, a ligação da TV Rio com a TV Difusora passou a ser apenas e predominante financeira.

O engenheiro Wladimir Sosa, técnico com larga experiência na TV Gaúcha e na implantação da Embratel, foi contratado, em julho de 1971, pela TV Difusora, para assumir a Chefia da Divisão Técnica, que dava apoio, também, à TV Rio. Sua experiência, assessorado por Luiz D'Ávila, foi essencial para o êxito da primeira transmissão a cores no país (SOSA, 2010).

O comunicado interno a seguir, datado de 9 de abril de 1973, assinado pelo signatário desta Dissertação, na época Supervisor da Divisão de Produção da TV Rio, é de agradecimento aos técnicos Luiz D'Ávila e Nelson Nunes, funcionários da Divisão de Engenharia da TV Difusora, por serviços prestados à emissora, em fevereiro e março de 1973, numa comprovação da ligação existente entre a TV Difusora e a TV Rio.



Fonte: Vereda luminosa (2010).

Em novembro de 1971, houve uma reunião no Ministério das Comunicações, em Brasília, estando presentes o Ministro Higinio Corsetti, seus assessores diretos e os diretores das principais emissoras de televisão do país. Estavam lá: Walmor Bergesch e José Salimen, representando a TV Difusora e a

TV Rio; Walter Clark, como Diretor Geral da TV Globo; Murilo Leite, pela TV Bandeirantes; Paulo Machado de Carvalho Filho, representando a TV Record; José de Almeida Castro, pela Rede Tupi, e Maurício Sirotsky, pela TV Gaúcha. O assunto: televisão a cores no Brasil, com início nos primeiros meses de 1972 (BERGESCH, 2010).

O Ministro abriu a reunião com uma explanação sobre as intenções do governo em iniciar as transmissões a cores de televisão, dentro de apenas três meses, em fevereiro de 1972, transmitindo o carnaval do Rio de Janeiro ou a Festa da Uva, de Caxias do Sul.

O motivo da sugestão do carnaval carioca se explica por si mesmo: era a maior festa popular do país. A sugestão, e posterior escolha, da Festa da Uva, que surpreendeu muita gente, também não é difícil de entender: Emílio Garrastazu Médici, Presidente da República, nascera em Bagé; Higinio Corsetti, Ministro das Comunicações, era natural de Caxias do Sul; Mário Andreazza, Ministro dos Transportes, também, era nascido em Caxias do Sul.

A transmissão pioneira divulgaria o município gaúcho, e sua festa, para todos os rincões do Brasil. Seria, no dizer de Nelson Rodrigues, a celebridade instantânea.

Walter Clark, representando a TV Globo, contrapôs o Ministro, alegando que nenhuma emissora brasileira poderia realizar a transmissão, com a nova tecnologia, em tão exíguo tempo. Esclareceu que os custos, com a continuidade das transmissões a cores, seriam enormes, e lembrou que os telespectadores não possuíam receptores de televisão a cores e os que existiam no mercado tinham preços elevadíssimos. Concluiu dizendo que a TV Globo continuaria em preto e branco. Os representantes das demais emissoras concordaram com Clark (BERGESCH, 2010).

Bergesch informou ao ministro que a TV Difusora e a TV Rio tinham condições de realizar a transmissão a cores da Festa da Uva e iniciar, pelo menos, parte de sua programação a cores, a partir de fevereiro do ano seguinte.

Bergesch narra os detalhes do que aconteceu na reunião, a partir de sua afirmativa, no livro **Os televisionários**:

Instalou-se um tumulto na sala, com vários diretores falando ao mesmo tempo. Clark alterou-se e falava em voz alta que não seríamos capazes de viabilizar o que estávamos prometendo. Frente ao caos reinante o ministro convocou-me e a Salimen Jr., para nova reunião em seu gabinete para saber acerca das reais possibilidades do que estávamos nos propondo realizar, frente ao descrédito generalizado. Nós tranquilizamos o ministro (...), sobre os equipamentos que já dispúnhamos e os que tínhamos encomendado junto à EMI, na Inglaterra. Precisávamos apenas de agilidade burocrática na liberação alfandegária de alguns equipamentos (...). E precisaríamos também de um apoio logístico da estatal Embratel para colocar o sinal disponível em todas as emissoras do Brasil (2010, p.157).

Duas câmeras a cores modelo EMI³¹ 2005 PAL M, lançamento de 1970, com lente *zoom* fabricada pela empresa Varotal, tinham sido encomendadas da fabricante inglesa EMI para a TV Difusora, tão logo o Ministério das Comunicações se decidiu pelo sistema PAL. Ao assumirem o controle da TV Rio, os novos donos apressaram-se a encomendar mais duas. No entanto, pelas razões já explicadas, haveria demora na entrega de ambos os pedidos. Bergesch foi a Londres contatar com o fabricante, para acelerar a entrega. Houve a promessa de que, pelo menos, as duas câmeras da TV Difusora seriam entregues até fevereiro de 1972. De fato, as câmeras chegaram ao Rio de Janeiro, no dia 6 de fevereiro de 1972, treze dias antes da primeira transmissão a cores, em Caxias do Sul (BERGESCH, 2010).

Ao Ministério das Comunicações coube agilizar os trâmites burocráticos para a importação dos equipamentos necessários à transmissão, o que foi fielmente executado, e liberar, sem custos e total apoio, inclusive com cessão de equipamentos e implantação de novas torres, o uso da rede da Embratel para levar as imagens de Caxias do Sul para todo o Brasil.

A reação das emissoras brasileiras, não desejando transmitir a cores a partir de prazo tão curto, e a reação de Bergesch e Salimen, aceitando o encargo, justificam-se ao se analisar as programações que iam ao ar.

31 EMI, empresa inglesa, com sede em Londres, que atua na área de gravações musicais e de fabricação de equipamentos para televisão, especialmente câmeras.

TV Globo, TV Bandeirantes, TV Tupi e TV Record, produziam, cada uma, duas a três novelas por dia. Além das novelas, eram inúmeros os *shows* e os programas jornalísticos. Um programa transmitido em preto e branco era extremamente mais simples, em todos os sentidos: os cenários utilizavam apenas tinta branca e preta. Comumente, diz-se televisão em preto e branco, mas o que há, verdadeiramente, é televisão cinza. As mistura de tinta branca com tinta preta dá centenas de matizes de cinza. Nos cenários da televisão a cores, passariam a ser usadas dezenas de colorações de tintas. Os tecidos das roupas deveriam ser coloridos. Haveria profundas alterações nas maquiagens, necessitando contratação de pessoal especializado e, o mais caro de tudo, o equipamento. A complexa produção de suas programações exigiria um significativo aporte de capital por parte das emissoras, dinheiro que muitas não possuíam.

A TV Globo, lutando contra a poderosa maré do Governo Federal, lançou uma campanha, nos meses que antecederam a transmissão inaugural, e após a transmissão pioneira, publicada no jornal O Globo, com anúncios que diziam, em destaque: “O melhor continua em preto e branco”. Só em 1973, a TV Globo, rendendo-se ao inevitável, viabilizou transmissões de produções nacionais coloridas, colocando no ar sua primeira novela a cores: **O bem amado**, de Dias Gomes, com Paulo Gracindo como protagonista. TV Bandeirantes, TV Tupi e TV Record também começam, naquele ano, suas transmissões regulares a cores. Com a Copa do Mundo de 1974, a venda de receptores coloridos colocou definitivamente o Brasil no mundo da televisão a cores. Porém, seriam necessários ainda dois anos para que as programações fossem totalmente coloridas.

Diferentemente das demais emissoras brasileiras, para a TV Difusora, pelo tipo de programação que levava ao ar, era infinitamente mais simples passar para a nova tecnologia. A base da programação eram filmes. Bastaria que usassem cópias de filmes coloridos. Os programas de bancada tampouco necessitariam de grandes modificações. Uma câmera de telecine e câmeras de estúdio a cores eram os equipamentos básicos para ingressar no mundo colorido da nova televisão, inclusive na produção de comerciais em *vídeo-tape*, a cores.

A comparação das facilidades da TV Difusora com as dificuldades das demais emissoras, no entanto, não desmerece a coragem dos dois Superintendentes da TV Difusora em assumir altíssimos riscos: econômicos, políticos e profissionais.

Marcada a data de 19 de fevereiro de 1972, um sábado, para a primeira transmissão a cores do país, com a presença do Presidente Emílio Garrastazu Médici e diversos ministros, em Caxias do Sul, começou, na TV Difusora e na TV Rio, uma corrida contra o tempo.

Em janeiro de 1972, o autor desta Dissertação, que estava há nove meses a serviço, nos Estados Unidos, foi chamado de volta para a TV Difusora. Vinha assumir a direção de produção das externas da 12ª Festa da Uva, passando a trabalhar, juntamente com o pessoal da área técnica, a chamada “Equipe Cores”, naquelas que seriam as transmissões mais importantes de suas vidas (SOSA, 2010).

O trabalho era, inicialmente, de logística: definição de quem participaria, fazendo o quê; quem seriam os apresentadores; que roupas usariam; quem seriam os operadores de câmeras e os assistentes de produção; com que antecedência se viajaria para Caxias do Sul; onde se ficaria hospedado e onde seriam feitas as refeições; as localizações da unidade de externas e locais de apoio, como banheiros; dados sobre a Festa da Uva, sobre Caxias do Sul e sobre a televisão a cores, para municiar os apresentadores e diversos outros itens. Em uma segunda etapa, tratou-se das transmissões propriamente ditas: colocação das câmeras; captação do som ambiente; colocação dos apresentadores; etc.. Três apresentadores foram escalados para a histórica transmissão: Ayrton Fagundes, pela TV Difusora, e Éldio Macedo e Luiz Mendes, gaúcho radicado no Rio de Janeiro há mais de três décadas e narrador de esportes, pela TV Rio.

A cobertura da Festa da Uva só se viabilizaria juntando equipamentos da TV Difusora e da TV Rio. Como a TV Difusora não possuía unidade móvel, o velho ônibus de externas da TV Rio foi trazido. Em outros tempos, o veículo fora utilizado como transporte escolar. Estava enferrujado pela maresia e tinha perigosas goteiras no teto, o que punha em risco o equipamento, em caso de chuva. Por precaução, o ônibus veio em cima de um caminhão, do Rio de

Janeiro a Porto Alegre, onde sofreu reparos mecânicos e na lataria, tendo seus novos equipamentos sido instalados em tempo recorde. O trajeto de Porto Alegre a Caxias do Sul foi feito com sua própria força motriz.

O grande esforço coube à área técnica. Mais de vinte profissionais estavam envolvidos diretamente no projeto. Diversas reuniões foram realizadas entre o pessoal da TV Difusora e os técnicos da Embratel, para acertos de inúmeros detalhes. Wladimir Sosa, Luiz D'Ávila e suas equipes se instalaram em Caxias do Sul, dez dias antes de 19 de fevereiro, o Dia D (SOSA, 2010).

Na véspera do grande evento, dia 18, uma sexta feira, aconteceu algo inesperado: chegaram a Caxias do Sul dezenas de profissionais do vídeo, de diversas emissoras do país. Como a transmissão era aberta, via Embratel, sem qualquer custo para qualquer televisão que desejasse retransmiti-la, a participação no ar de figuras televisivas, de quaisquer canais, estava implícita. Não se tratava de um evento exclusivo de um canal de televisão. O que aconteceria em Caxias do Sul era o lançamento, pelo Governo Federal, da televisão a cores no Brasil. Como citado anteriormente, TV Rio e TV Difusora eram as viabilizadoras do avanço tecnológico e não as *donas* da transmissão.

A TV Globo sentiu-se obrigada a participar da transmissão, contrariando posicionamento anterior de seu diretor, Walter Clark, que veio ao evento, trazendo Heron Domingues, Hilton Gomes, Jô Soares, Rolando Boldrin, Tônia Carrero, Francisco Cuoco e mais cerca de dez atores de novelas. O mesmo aconteceu com a TV Bandeirantes, com a TV Tupi e com a TV Record.

Os famosos passaram o dia circulando pela cidade, confraternizando com o público, com o objetivo de marcar a presença de suas emissoras. A organização do evento Festa da Uva, com grande dificuldade, conseguiu que famílias hospedassem os inesperados participantes e que um hospital, recém construído, e ainda fora de atividades, em São Marcos, distante cerca de 40 quilômetros de Caxias do Sul, recebesse Blota Jr. e Sônia Ribeiro, âncoras da TV Record.

Foi uma sexta feira de trabalho insano, organizando as participações de mais de 30 apresentadores, em uma transmissão que duraria duas horas e trinta

minutos. O tempo previsto representava cerca de cinco minutos para cada um. O comando da transmissão, seguindo o roteiro original, coube a Ayrton Fagundes, da TV Difusora, Éldio Macedo e Luiz Mendes, da TV Rio. Ao final, conseguiu-se que todos os demais tivessem suas participações.

Estavam previstas três transmissões: a primeira seria às 10 horas do dia 19 de fevereiro, diretamente dos pavilhões da Festa da Uva e da Feira Agro-Industrial, onde hoje está instalada a Prefeitura do município, com a visita do Presidente Emílio Garrastazu Médici, ministros e comitiva. A segunda transmissão ocorreria às 14 horas, também do dia 19, com o Desfile de Carros Alegóricos; a terceira aconteceria no dia seguinte, domingo, a partir das 16 horas, no estádio Centenário, com o jogo entre o Grêmio Foot Ball Porto Alegre e a Associação Caxias de Futebol.

A primeira transmissão não aconteceu. Durante toda a noite de 18 para 19 de fevereiro, uma chuva fortíssima caiu sobre o município. Por precaução, os equipamentos do caminhão de externas, que estava estacionado nos pavilhões da Festa da Uva e da Feira Agroindustrial, para a primeira transmissão a cores, foram cobertos com plásticos, pois, apesar dos consertos, ainda existiam algumas goteiras.

Depois da chuva da noite anterior, Caxias do Sul tinha um sábado de sol com algumas nuvens, ideal para a transmissão a cores, com luminosidade média.

O *link*³² entre os pavilhões e o edifício Guadalupe (um alto prédio em construção na Rua Dr. Montauray, 1479, próximo a Catedral) – que transmitia para a torre da Embratel em Caxias do Sul – seria feito por um par de micro-ondas³³.

32 Ligação entre dois pontos, feita através de micro ondas.

33 *Micro-ondas*: equipamento eletrônico, composto por dois conjuntos idênticos, do tamanho de uma antiga câmera de televisão, apoiado em um tripé e com uma parábola de grandes proporções. Um transmite e o outro recebe os sinais de vídeo e áudio emitidos. A distância máxima que pode haver entre eles é de 60 quilômetros, sem nenhum obstáculo físico entre ambos.

Porém, às 7h30m, foi constatado um problema no micro-ondas que transmitiria o sinal³⁴ do edifício Guadalupe para a torre da Embratel, em Caxias do Sul. A unidade gerara curto circuito nas placas de circuitos impressos. O tempo necessário para a desmontagem do equipamento, secagem dos circuitos com secadores de cabelo, remontagem e, pelo menos, 30 minutos de teste em bancada, inviabilizava a transmissão prevista para as 10 horas.

Sosa nos avisou da impossibilidade da transmissão e acertamos o deslocamento imediato da unidade de externas para o ponto do Desfile de Carros Alegóricos. O próprio Sosa informou à Embratel e à TV Difusora sobre o problema. A Embratel comunicou às emissoras do Brasil que a primeira transmissão estava cancelada e confirmou a transmissão da tarde. Avisamos Bergesch e Salimen do ocorrido, para que eles informassem às autoridades presentes. A preocupação era geral (SOSA 2010).

O caminhão de externas, para a transmissão do Desfile de Carros Alegóricos, ficou localizado em frente à Catedral, na Praça Dante Alighieri, no centro de Caxias do Sul. Uma das câmeras foi instalada no teto da unidade de externas e a outra sobre um praticável, na parte alta da entrada da igreja. As duas câmeras focalizavam frontalmente o local onde estavam instaladas as autoridades e cobriam totalmente o desfile.



Fonte: Youtube – Festa da Uva - Caxias do Sul [RS] - Ano de 1972³⁵ acessado em 10.06.2012

34 Sinal - Em TV aberta analógica (enviada via ondas eletromagnéticas) o *signal* de TV é constituído por duas ondas portadoras (que *portam* os sinais de vídeo e áudio): a conjugação de ambas as portadoras resulta na possibilidade de recepção do *signal* de TV (áudio e vídeo).

35 http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=taCreFw0320 acessado 10.06.2012

As imagens e som gerados pelo caminhão, denominados, tecnicamente, como *senal*, foram transmitidos via cabo coaxial³⁶ para o topo do edifício Guadalupe, próximo à unidade de externas. Dali, o sinal foi repetido para a torre da Embratel, em Caxias do Sul, que o enviou para a torre de Morro Reuter; de Morro Reuter, o sinal era retransmitido para o Centro de TV da Embratel, em Porto Alegre, que o retransmitia para a sede da TV Difusora, onde eram colocados os caracteres necessários à identificação de local, equipes participantes, etc. e devolvia o sinal para o Centro de TV da Embratel, em Porto Alegre. Só então, o sinal era liberado para todas as emissoras do Brasil (SOSA, 2010).

Cerca de vinte minutos antes de entrar no ar, surgiu uma solicitação do Presidente Médici: ele queria ver, no palanque das autoridades, a transmissão da televisão. Não havia nada previsto neste sentido. Falha de todos os que, envolvidos com dezenas de outros problemas, não cogitaram que seria óbvio que o presidente e os ministros desejassem ver, também, a transmissão, razão principal da vinda à serra gaúcha.

O grande problema era que não se tinha sinal do ar suficientemente forte no palanque oficial. Ali, no centro de Caxias do Sul, seria necessária uma antena receptora externa de alto ganho, algo impensável naquele momento, faltando menos de trinta minutos para o início da cobertura.

Ocorreu, então, uma ideia salvadora: instalar, na frente do presidente, um monitor. Monitores são semelhantes a televisores, mas só funcionam se forem ligados ao equipamento, através de um cabo coaxial. Em um monitor, a imagem é sempre perfeita. No caso em pauta, o monitor ficaria ligado à saída da mesa de *switcher*, mostrando as imagens que estariam sendo levadas ao ar. Era necessário que se estendesse um cabo coaxial, do caminhão de externas ao monitor, no outro lado da rua, em frente ao presidente. Tratou-se de cavar uma canaleta, atravessando a avenida por onde passariam os carros alegóricos. Mas isso foi impedido pela segurança: ninguém poderia se aproximar do presidente, portando uma picareta. A solução foi passar o cabo pelo alto.

36 Cabo coaxial: cabo com inúmeros fios internos, usado para conexões entre câmeras, mesa de *switcher*, monitores e micro-ondas.

Os técnicos Sérgio Giugno e Jackson Sosa subiram ao ponto mais alto de postes de iluminação e levaram o cabo, cruzando a avenida por cima, até o monitor. O presidente e seus ministros pensavam estar vendo as imagens que estavam no ar, quando, na verdade, assistiam às imagens que saiam da unidade de externas, antes que fossem ao ar.

Dias mais tarde, assistindo ao *vídeo-tape* da transmissão, que foi reprisada diversas vezes por várias televisões, constatou-se que, aquilo que fora assistido ao vivo, por todo o Brasil, era exatamente igual, em qualidade técnica, ao que se vira no palanque presidencial (SOSA, 2010; REIS, 1955).



Presidente Emílio Garrastazú Médici e esposa.
Fonte: Foto Studio Beux – Caxias do Sul (RS)



Carro alegórico do Recreio Guarani

O autor desta Dissertação foi o *suíte* da transmissão. Conseguiram-se boas imagens dos carros alegóricos, da Rainha e Princesas da Festa da Uva, dos participantes e do público, mostrando a pujança daquela terra. Toda a equipe, ciente da responsabilidade, estava, paradoxalmente, calma. Ao final, houve uma interminável troca de abraços e parabéns, numa confraternização entre os colegas das demais emissoras que participaram da apresentação.

No domingo, dia 20 de fevereiro, direto da Baixada Rubra, hoje Estádio Centenário, em Caxias do Sul, aconteceu a transmissão pioneira, a cores, de um jogo de futebol no Brasil: Grêmio Foot Ball Porto Alegre X Associação Caxias de Futebol. O narrador foi Luiz Mendes, e o comentarista e repórter, Éldio Macedo. O placar decepcionou: 0 x 0 (*e-mail* de Éldio Macedo, no Anexo 1).

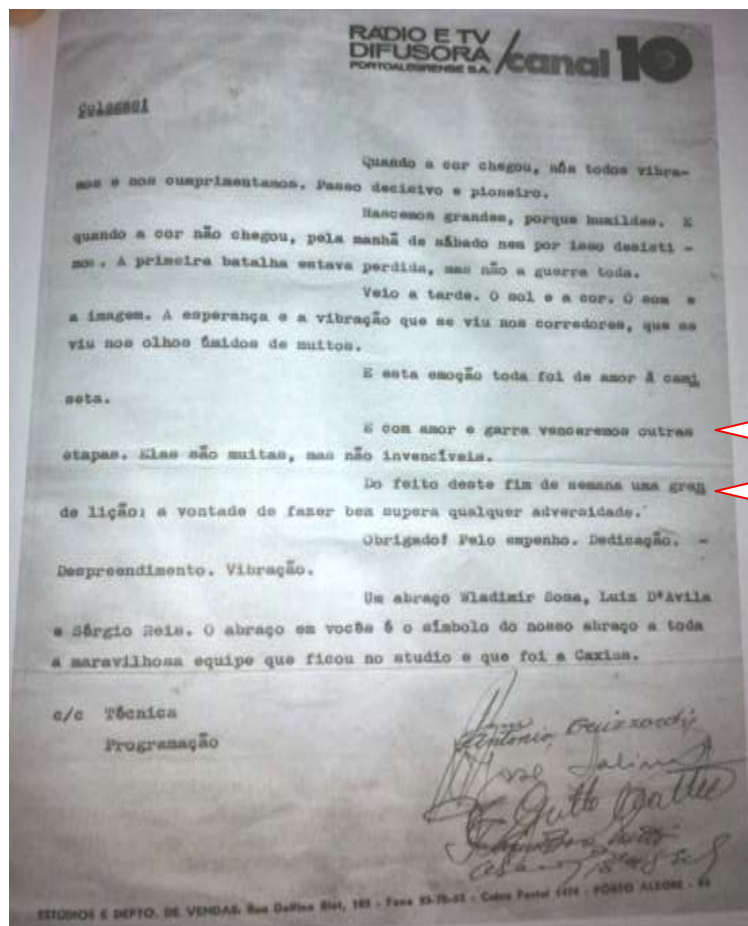


Fonte: Jornal Correio do Povo, de 22 de fevereiro de 1972

Na semana seguinte, os quatro Diretores e os dois Superintendentes da TV Difusora fizeram circular um comunicado destacando o trabalho realizado em Caxias do Sul, nominando Wladimir Sosa, Luiz D'Ávila e o autor desta Dissertação, estendendo os cumprimentos a todos quantos trabalharam para a concretização das transmissões pioneiras a cores. No meio do comunicado três frases se destacam, mostrando as ambições e projetos: *E com amor e garra venceremos outras etapas. Elas são muitas, mas não invencíveis. Do feito deste fim de semana uma grande lição: a vontade de fazer bem supera qualquer adversidade.*

O tempo nos mostraria que o ufanismo otimista precisaria estar apoiado em fatos concretos.

Estranhamente, o comunicado não foi datado.



Fonte: Vereda luminosa (2010).

O autor desta Dissertação permaneceu como funcionário da TV Difusora até 30 de março de 1972, e assumiu, em 1º de maio daquele ano, as funções de Supervisor de Produção da TV Rio. Com a saída de Nelson Vaccari, em março de 1973, assumimos a Direção Comercial e a Superintendência (*e-mail* de Nelson Vaccari, no Anexo 1).

Foram dois anos e meio na TV Rio, até outubro de 1974, de atividade extremamente desgastante. A TV Globo crescia exponencialmente; a TV Tupi se mantinha estável, no que se referia à audiência e ao faturamento. A TV Rio ocupava um distante terceiro lugar. As novelas da TV Globo e da TV Tupi disputavam a maior fatia da audiência. A TV Rio, sem a menor possibilidade de realizar novelas pela incapacidade de investimentos, fez diversas tentativas, sem sucesso, de colocar programas locais no ar, como já relatado, colocava filmes americanos no ar, mas não se identificava com o público carioca nem crescia em audiência. Com o faturamento baixo, as dívidas aumentaram.

A situação na TV Rio, de Brasília, era pior: sem estrutura comercial, sem penetração em áreas governamentais, e com imagem de má qualidade no ar, em face da caducidade dos equipamentos, a emissora significava total prejuízo. TV Rio e TV Rio de Brasília eram socorridas, mensalmente, com a transferência de numerário pela TV Difusora, para pagamento da folha de pessoal e demais despesas. Três emissoras de televisão eram sustentadas pelo faturamento de apenas uma.

Em junho de 1973 conseguiu-se contratar o apresentador Flávio Cavalcanti, sucesso no Brasil inteiro, pela TV Tupi. Em dois anos de operação na emissora, era o primeiro nome forte da televisão brasileira que se conseguia por no ar.

O “Programa Flávio Cavalcanti”, com seus jurados escolhendo “O melhor calouro” ou “O homem mais bonito do Brasil”, suas reportagens polêmicas, suas críticas contundentes, seus cantores e músicos consagrados, era um sucesso nas emissoras dos Diários e Emissoras Associados.

Flávio saía da TV Tupi por desavenças internas e foi ocupar as noites de domingo da TV Rio, no mesmo horário que o consagrara: das 20h às 23h. O programa era realizado no auditório da emissora e exibido, em rede, pelas televisões Difusora, Record e na Rio, de Brasília, via Embratel. No primeiro mês começaram a aparecer alguns pontos nas pesquisas de audiência, o que encheu a todos de esperança. Poderia ser a tão esperada volta ao sucesso.

A alegria durou pouco. Em agosto, a TV Globo, já se transformando em Rede Globo, lançou, aos domingos, às 20h, o programa “Fantástico”, a inovadora revista eletrônica que, naquele tempo, não tinha âncoras/apresentadores, uma surpreendente novidade. A incipiente audiência desapareceu, tragada pelo programa da concorrente. Flávio Cavalcanti cancelou o contrato e saiu do ar em novembro, com baixíssimos índices de audiência, comentando conosco que aquele programa era a televisão do futuro. Foi um melancólico fim de carreira de um grande apresentador/animador.

Dali para frente, a situação só piorou. Começaram a vencer os períodos de carência para início dos pagamentos de filmes e equipamentos, tanto da TV

Difusora, quanto da TV Rio e da TV Rio de Brasília. A TV Difusora que, se estivesse sozinha no mercado, honraria sem problemas seus compromissos, não tinha como pagar os avais que concedera às co-irmãs.

Os salários dos funcionários da TV Rio começaram a atrasar. Passou-se a receber dinheiro suficiente apenas para fornecer vales aos funcionários. Depois de algumas semanas, as remessas pararam. O clima interno ficou péssimo, com muitos casos de má vontade e alguns de indisciplina.

Foi necessária uma artimanha. Nas sextas feiras à noite, depois das 23 horas, trocava-se um cheque pessoal, no valor de Cr\$ 1.000,00, com um amigo, dono de uma boate em Copacabana. O dinheiro vinha em notas de diversos valores e era usado como vales, distribuídos nas madrugadas de sextas para sábados, aos funcionários.

Nas segundas feiras pela manhã, frei Gizzardardi era avisado. Ele telefonava para a TV Difusora, solicitando que depositassem o valor na conta corrente, pois, se não o fizessem, aquela conta bancária particular seria cancelada por falta de fundos. Este processo durou longos meses.

Bergesch, como o maior responsável, e Salimen, com menor parcela de culpa, foram vistos pelos sócios freis como os responsáveis pela baixa audiência e, conseqüentemente, pelo faturamento insuficiente. Culpados por má gestão. As vitórias de 1969, 1970, 1971 e 1972 foram apagadas por uma realidade cruel.

Em 1973, sem ambiente de trabalho, Bergesch vendeu seus 13,5% de ações da TV Rio e da TV Rio de Brasília, para um jovem empresário nordestino, Joaquim Ferreira Bisneto. A venda das ações da TV Rio significou, automaticamente, sua saída da TV Difusora. Bergesch só voltaria à televisão em 1980, para atuar em altos cargos na RBS TV. O tempo encarregar-se-ia de curar as mágoas pela sua saída para a concorrência, levando consigo inúmeros funcionários importantes. Aliás, quando a TV Difusora entrou em processo falimentar, nos anos 1977 a 1980, a maioria dos egressos da TV Gaúcha voltou a trabalhar na, já então, RBS TV (BERGESCH, 2010).

O autor desta Dissertação solicitou demissão da TV Rio, em 30 de outubro de 1974. Salimen permaneceu em seus cargos até os primeiros meses de 1975, quando voltou a atuar em publicidade, em Porto Alegre.

Frei Osébio Borghetti relata os momentos finais da TV Rio:

De parte da Difusora permaneceu na TV Rio, assumindo todos os riscos, incomodações e sem recursos, Frei Antônio Guizzardi. (...) Os inúmeros processos trabalhistas da TV Rio que repercutiram na TV Difusora, a falta de recursos para fazer frente ao futuro da TV Rio, as fracassadas tentativas de vender a emissora a quem a assumisse de verdade, acabaram levando a emissora à falência (...) e toda aquela estrutura fantástica, que tinha sido construída no prédio de Ipanema, com uma imponência de primeiro mundo, se acabou por volta de 1977 (...) (*e-mail* completo de Osébio Borghetti, no Anexo 1).

Em meados de 1974, Salimen convidou os professores de cursos pré-vestibulares, Clóvis Duarte e José Fogaça, para produzirem e apresentarem o programa “Porto Visão”, que iria ao ar de segundas a sextas feiras, das 11h30m às 14h30m. Comentários, piadas e entrevistas garantiam a audiência que era dividida com o “Jornal do Almoço”, da TV Gaúcha, existente há um ano.

“Porto Visão”, um programa de bancada, contava com nomes conhecidos dos telespectadores, como Tânia Carvalho, Tatata Pimentel, Magda Beatriz, Sérgio Jockyman, Pedro Américo Leal, Fernando Vieira e, alguns anos depois, José Antônio Daudt e Renato Pereira. Nos primeiros anos do programa, o quadro Verso e Reverso, em que Fogaça criticava o regime militar e Leal o defendia, era um de seus pontos altos. Foi um dos mais importantes programas da TV Difusora.

“Porto Visão” ficou no ar até 1980, quando desentendimentos entre seu produtor e apresentador, Clóvis Duarte e o, então, Supervisor Comercial, Gudy Emunds, levaram à retirada do programa da grade de programação.

A TV Rio, de Brasília, foi vendida para o Grupo Capital e passou a operar sob o nome de TV Capital. *Vendida* é força de expressão. Na verdade, a Rede Capital assumiu as dívidas da emissora, em troca da concessão do canal 8.

Em março de 1975, Ronald Pinto, ex-diretor comercial da TV Piratini e da TV Gaúcha, assumiu como Superintendente da TV Difusora. Gudy Emunds (Gottfried Maria Emunds), ex-ator da TV Piratini e ex-gerente comercial da TV Gaúcha, Tornava-se Supervisor Comercial em maio de 1975. Em 1984, Gudy foi promovido a Superintendente da TV Difusora. Gudy informa que, quando assumiu na TV Difusora, José Salimen e Walmor Bergesch não estavam mais na emissora (*e-mail* de Gudy Emunds, no Anexo 1).

O Presidente Ernesto Geisel cassou a concessão do sinal da TV Rio em abril de 1977. Frei Osébio Borghetti, em *e-mail*, relata o que aconteceu após a cassação.

Com respeito à saída da TV Rio, Walmor Bergesch, José Salimen, Cyrillo Mattiello, Antônio Guizzardi, José Pagno e Osébio Borghetti, nada ficou bem claro. Com a cassação do canal da TV Rio, o pessoal não teve mais nada a fazer a não ser tentar encerrar da melhor maneira possível as atividades. A situação não era bem clara, porque o Ministério das Comunicações não havia aprovado a negociação da compra da TV Rio e, por isso mesmo, a Junta Comercial do Rio não tinha oficializado a transação. Os freis não venderam suas ações a ninguém (...). Não tenho ideia do que fizeram Walmor e Salimen (*e-mail* de Osébio Borghetti, no Anexo 1).

Nos primeiros meses de 1979, a TV Difusora, através de seus diretores, frei Cyrillo Matiello, frei Ozébio Borghetti e frei José Pagno, assinou contrato com a TV Bandeirantes na condição de afiliada da Rede Bandeirantes de Televisão (Cadeia Verde Amarela Representações S.A.) (*e-mail* de Gudy Emunds, no Anexo 1).

Em junho de 1980, a TV Difusora, a Rádio Difusora AM e a Rádio Difusora FM, esta última em fase de montagem, foram transferidas, pela Ordem Franciscana, para a Rede Bandeirantes, em troca das dívidas que existiam junto a fornecedores de filmes, de equipamentos e outros. Imediatamente, os freis saem de cena (*e-mail* de Gudy Emunds, no Anexo 1).

A TV Difusora se transforma em Band TV; a Rádio Difusora passa a ser Band AM e a Rádio Difusora FM viria a ser a Band News.

Neste capítulo viu-se a montagem, a inauguração e o crescimento da TV Difusora, em seus 11 anos de existência. A criação pioneira do Telecentro Difusora de Produções Comerciais, a transmissão histórica que inaugurou as cores na televisão brasileira, desde Caxias do Sul, e a associação, através de seus Diretores e Superintendentes, com a TV Rio, do Rio de Janeiro, e a TV Rio de Brasília, que teve como consequência a sua falência e, por fim, a venda da televisão e das rádios para a Rede Bandeirantes, foram as etapas aqui discutidas.

No próximo capítulo, abordar-se-a o surgimento da TV Guaíba – Canal 2, em Porto Alegre. Sua inserção na Companhia Jornalística Caldas Júnior. Serão informados os motivos do atraso de sua entrada no ar, deixando passar um importante momento comercial e a decisão do seu proprietário, Breno Caldas, em apresentar uma programação predominantemente, local, mostrando-se as dificuldades e as consequências desta decisão.

TV GUAÍBA

A TV Guaíba - Canal 2, (denominada TV2 Guaíba), de propriedade do jornalista Breno Caldas, também proprietário da Empresa Jornalística Caldas Júnior e da Rádio Guaíba, foi a quarta televisão inaugurada em Porto Alegre.

Suas instalações, em prédio especialmente construído para a emissora, localizavam-se na Rua Correa Lima, nº 2222, alto do Morro Santa Tereza, bairro Menino Deus, em Porto Alegre. O amplo terreno de aproximadamente 2 hectares (20.000 m²) abrigava o imóvel principal, de 2.500 m², com dois estúdios, um de 10 x 15m e um de 5 x 7,5m, áreas administrativas e operacionais, e outro imóvel de, aproximadamente, 80 m², onde estava instalado o transmissor e onde havia uma marcenaria e espaço para depósito de materiais cênicos. Uma torre de concreto de 46,60 metros sustentava a antena transmissora. Seguindo o padrão das demais emissoras de Porto Alegre, a TV Guaíba, em meados dos anos 1980, transferiu seu transmissor para o Morro da Polícia (*e-mail* de Germani, com explicação técnica da transferência, no Anexo 1).

O início da programação ocorreu no dia 10 de março de 1979, um sábado, às 20 horas. Ao contrário dos demais canais anteriormente inaugurados em Porto Alegre, a TV Guaíba não teve ato solene, com autoridades, discursos e posterior recepção aos convidados. Simplesmente entrou no ar e o grande evento do início de suas operações foi, a partir das 21 horas, a transmissão ao

vivo do, na época, tradicional concurso de beleza Rainha das Piscinas, desde o Ginásio Gigantinho, na capital gaúcha. O concurso era promovido, desde 1953, pelos jornais Correio do Povo, Folha da Tarde e, mais tarde, pela Folha da Manhã e a Rádio Guaíba, que compunham a denominada Empresa Jornalística Caldas Júnior.



Folha da Tarde p. 13 de 12 de março de 1979



Folha da Tarde, p.3 de 10/3/79

A concessão da TV Guaíba, em nome da Rádio Guaíba S.A., era de meados dos anos 1960. A outorga para a montagem da televisão ficou na *gaveta* até 1974, quando o Governo Federal, através do Ministério das Comunicações, informou ao proprietário da Empresa Jornalística Caldas Júnior e da Rádio Guaíba S.A., Breno Caldas, que aquela outorga seria declarada perempta e que abririam nova concorrência para o canal, assegurando-lhe que a concessão seria mantida, sem alterações, a não serem as burocráticas. Breno criou a empresa TV Guaíba Ltda., com dois sócios: ele, com 90% das ações, e seu filho, Francisco Antônio Caldas, com 10%. Quase perdeu a concessão para o Jornal do Brasil, numa trama palaciana em Brasília. Ao final, a outorga foi concedida, novamente, para a TV Guaíba (*e-mail* de Germani, no Anexo 1).

Como se nota, a unidade Caldas Júnior não existia. O que havia eram três empresas, totalmente separadas e independentes: a Empresa Jornalística Caldas Júnior, uma limitada; a Rádio Guaíba, uma sociedade

anônima, com participação de parentes de Breno Caldas; e a TV Guaíba, também, uma limitada. Todas tinham em comum Breno Caldas como sócio majoritário. Para o grande público, no entanto, eram partes da Caldas Júnior.

A TV Guaíba começa a ser definida em 1975, com a contratação do engenheiro Higino Germani, ex-funcionário do Ministério das Comunicações, já citado nesta Dissertação, como planejador e Diretor Técnico da futura emissora.

Apesar de a Empresa Jornalística Caldas Junior possuir diversos terrenos em Porto Alegre, nenhum servia para o propósito de instalar os estúdios da televisão. Optou-se pela compra do terreno no Morro Santa Tereza, como citado anteriormente.

O projeto do prédio da televisão foi desenvolvido pelo arquiteto João Paulo de Abreu, a partir de um esboço de Germani. As obras tiveram início nos primeiros meses de 1976 e foram concluídas nos últimos meses de 1978.

Problemas técnicos surgiram para a montagem da televisão. Um deles foi que, entre os anos 1974/1978 aconteceu, na televisão mundial, a transição do filme para o *vídeo-tape*. Mas não se sabia, na época, se os *vídeo-tapes* substituiriam total ou parcialmente os filmes nas coberturas jornalísticas e se as câmeras portáteis de televisão conseguiriam substituir as filmadoras em 16mm em qualidade e mobilidade.

Muitas modificações estavam ocorrendo na área técnica, pois os equipamentos, miniaturizados e de alta qualidade, criados por diversos fabricantes para as transmissões das viagens do homem à Lua, estavam sendo liberados pelos militares norte americanos e pela NASA - National Aeronautics and Space Administration e começavam a chegar ao mercado consumidor. Tinha-se uma pálida ideia do que seria disponibilizado para uso em emissoras de televisão. A prudência recomendava que se comprassem os equipamentos essenciais e, na medida em que novos modelos fossem lançados, se fizessem novas aquisições.

Outro problema era a decisão de Breno Caldas que desejava para a TV Guaíba uma programação essencialmente local, sem se filiar a nenhuma das redes que começavam a despontar no Brasil, naqueles anos. Ninguém sabia

como seria esta programação, pois não havia um Diretor para a área. Sem sequer um esboço do que iria ao ar, não havia como saber quais as necessidades técnicas e, por força de consequência, novamente a dúvida: quais equipamentos comprar?

Quanto ao fabricante dos equipamentos, o próprio Breno simplificou o trabalho de Germani.

O Breno me facilitou muito o trabalho: disse que queria RCA. Perguntei por que e respondeu que o bando de loucos dos Associados massacraram os equipamentos da Piratini e a TV continua no ar, donde a RCA deve ser muito boa (*e-mail* de Germani, no Anexo 1).

Diante das indefinições sobre a programação e, também, da transição tecnológica, Germani definiu com a RCA os equipamentos, para o que ele denominou Primeira Fase, pois, conforme informou a Breno, dependendo da evolução da tecnologia e da programação a ser veiculada, talvez fosse necessário adquirir mais equipamentos (*e-mail* de Germani, no Anexo 1).

Foram feitos dois contratos com a RCA: um do equipamento de transmissão e Central Técnica, no valor de U\$ 1.000.000,00 e outro da OB Van – Outside Broadcasting Van que, numa tradução livre, significa Carro de Programação Externa ou, simplesmente, Unidade de Externas, completa, com todos os recursos técnicos, inclusive com *vídeo-tape* TR 600 *quadruplex*, no valor de U\$ 724.000,00.

O conjunto incluía duas câmeras TK-45, com grandes recursos de lentes *zoomar* e duas TKP-45 (a letra P significa *portable* – portátil). Na verdade, eram câmeras facilmente transportáveis, quase portáteis se comparadas às atuais. Todas as câmeras podiam ser deslocadas, tanto para os estúdios, quanto para a Unidade de Externas, possibilitando operar com quatro câmeras em qualquer ponto gerador (*e-mail* de Germani, no Anexo 1).



Câmera TK 45

Fonte: Catálogo RCA



Câmera TKP 45

Fonte: Catálogo RCA

Em termos de *vídeo-tapes*, foram adquiridos três TR-600, que ficariam, um na Unidade de Externas, e dois na Central Técnica.



Vídeo-tapes TR 600

Fonte: Catálogo RCA

Uma ilha de tele-cine, para exibir filmes 16mm e *slides*, mesas de *switcher* e de áudio, *spots*³⁷ e mesa de iluminação com *dimmer*³⁸ completavam o conjunto.

Equipamento chegando, prédio ficando pronto, era o momento de se tratar da programação da televisão.

Em maio de 1978, Francisco Antônio contratou, para a Direção de Programação, Francisco Carlos (Chico Carlos) Barros, profissional que iniciara sua carreira nos primeiros anos da TV Piratini, como datilógrafo do setor de cópias de *scripts* de programas mas chegara, rapidamente, às funções de Realizador e *suíte*. Em 1963, Chico Carlos se transferira para São Paulo, para assumir, como Diretor e Produtor, a série de programas nacionais de Bibi Ferreira, realizados na TV Excelsior paulista: “Brasil 62”; “Brasil 63”, “Brasil 64”... a cada ano se atualizava a data. A volta para Porto Alegre acontecera um mês antes do convite de Francisco Antônio.

Como a emissora não tinha condições de entrar no ar, pelos problemas de montagem da área técnica e pelas obras da construção, Chico Carlos ocupou seus primeiros meses em uma sala de propriedade de Breno Caldas, no edifício Ouvidor, na Rua dos Andradas, planejando a programação e fazendo contatos com distribuidores de filmes, tendo como Gerente de Produção, Paco Escajedo.

A TV Guaíba, já com sua Unidade de Externas completamente montada, viu nas gravações de comerciais em *vídeo-tape* um espaço para buscar faturamento, antes mesmo da entrada da emissora no ar. O autor desta Dissertação foi convidado a montar e dirigir o Telecentro Guaíba de Produções Comerciais.

Desde agosto de 1977, exercíamos as funções de Gerente da Central Gaúcha de Produções Comerciais, um departamento da TV Gaúcha. O Telecentro Difusora de Produções Comerciais, pioneiro nas gravações de comerciais em *vídeo-tape*, citado neste trabalho, em função dos problemas, já

37 *spot* – equipamento com lâmpadas de 1.000 ou 2.500 watts para iluminação de cenários. + **Dimer**
38 *Dimmer* – equipamento que possibilita que a luminosidade de um spot aumente ou diminua gradativamente.

relatados, na TV Difusora, decaíra em suas produções, ocupando cerca de 20% do mercado.

O convite foi aceito e, em 16 de junho de 1978, demitimo-nos da TV Gaúcha e assumimos na TV Guaíba.

As obras do prédio, gerando grande quantidade de poeira e de ruídos, impediam que se trabalhasse com equipamentos eletrônicos e que se gravassem áudios. Alugamos o salão de bailes do Grêmio Náutico Gaúcho, na Avenida Praia de Belas, nº 1948, no bairro Menino Deus, estacionando ali a Unidade de Externas e transformando o local em um estúdio de razoáveis dimensões. O Departamento Técnico foi fundamental para a realização do trabalho.



O.B.Van - Unidade de Externas TV Guaíba

Fonte: Arquivo pessoal do Eng. Higino Germani

Ficamos naquele local até o término das obras, cerca de quatro meses depois, quando o Telecentro foi instalado definitivamente no Morro Santa Tereza.

Neste período um grave problema abalou os projetos da emissora. Chico Carlos fora operado de câncer, em São Paulo, em julho de 1977. Nada pode ser feito e os médicos deram, para sua esposa, um prognóstico de seis meses de vida, talvez um pouco mais. Chico Carlos, no entanto, foi informado que a cirurgia fora bem sucedida e que estava curado (*e-mail* de Escajedo no Anexo 1).

Quando aceitou o cargo na TV Guaíba, ele desconhecia a gravidade de seu problema. A partir de setembro de 1978, sua saúde piorou sensivelmente, prejudicando seu trabalho (*e-mail* de Paco Escajedo, no Anexo 1).

Em novembro, o prédio estava pronto e os equipamentos instalados. A TV Guaíba tinha condições de começar sua operação. Chico Carlos continuava, apesar da saúde abalada, tentando trabalhar. Não conseguiu montar uma grade de programação.

Breno deixou a televisão em compasso de espera. Ele sabia que seu Diretor de Programação não conseguiria exercer as difíceis tarefas do cargo, especialmente em uma emissora iniciante. Não cogitou substituir Chico Carlos nem, sequer, diminuir suas funções. Simplesmente esperou.

Em meados do mês de janeiro de 1979, Chico Carlos faleceu, em sua casa na zona sul de Porto Alegre, vítima do câncer (*e-mail* de Paco Escajedo, no Anexo 1).

Uma semana após, foi contratado o ex-Gerente de Programação da TV Gaúcha, Clóvis Prates, como Diretor de Programação, tendo como Gerente de Produção Nelci Castro – o Leca – já citado nesta Dissertação, no capítulo sobre a TV Piratini. Escajedo foi demitido.

No mesmo mês de janeiro, houve uma reunião, no Rio de Janeiro, entre Breno Caldas e Roberto Marinho, dono da Rede Globo. Entre outros assuntos, foi aventada a possibilidade da programação da Rede Globo ser transferida da TV Gaúcha para a TV Guaíba. O assunto só não prosperou porque Marinho pediu participação nos jornais de Breno. Germani narra (em *e-mail*, no Anexo 1) os detalhes deste encontro, ouvidos do próprio Breno. Perguntado por que não aceitara a oferta, ouviu de Breno: “Meu filho, sou marinheiro. Como é que um barco pode navegar direito com dois caras no leme?”.

Uma sociedade com a Rede Globo seria duplamente benéfica: traria grande força à nascente TV Guaíba, que daria seus primeiros passos alicerçada em uma programação líder de audiência e, outro ponto nada desprezível, enfraqueceria seu principal concorrente, a TV Gaúcha e o jornal Zero Hora.

Estas razões comerciais não tinham, para Breno, contudo, grande significado.

Quando ele, jovem ainda, voltara da Europa, em 1935, tendo concluído seus estudos, encontrou o jornal Correio do Povo, que era administrado por sua mãe, à beira da falência. No final da década de 1920, o jornal quase fora vendido para o concorrente, Assis Chateaubriand (GRANDI, 2005).

Breno assumiu a direção, saneou as finanças e transformou o jornal no mais importante matutino do Rio Grande do Sul, mola inicial da Folha da Tarde, da Folha da Manhã, da Rádio Guaíba e da TV Guaíba.

Por sua personalidade, ele não admitia sócios com poder de mando. Seus valores pessoais ficavam acima de eventuais contratos comerciais, por mais vantajosos que fossem. Diversas atitudes, algumas delas narradas nesta Dissertação, corroboram esta afirmativa. Por ser Roberto Marinho o empresário que era, fica difícil imaginar-se Breno Caldas como seu sócio.

Foi marcado o dia de 19 de março, data da final do Concurso Rainha das Piscinas, para a inauguração da televisão. O novo Diretor e seu assessor tinham pouco mais de um mês e meio para criar uma grade de programação.

Prates, oriundo de uma televisão que recebia da Rede Globo cerca de 80% de sua programação, encontrou dificuldades para desenvolver e, principalmente, operar uma série de programas que se sucederiam com pequenos intervalos de tempo entre um e outro. A ausência de planejamentos de custos e a falta de diálogo com a área técnica, que desconhecia o que iria ao ar, impediam uma previsão de atividades do pessoal operacional. Os atritos foram inevitáveis e cresceram exponencialmente, obrigando a interferência de Breno e Francisco Antônio, pessoalmente, nas áreas de programação e técnica. Foi selada uma paz entre as partes, sendo a solução dos problemas de relacionamento transferida para após a inauguração, num prazo máximo de seis meses (*e-mail* de Germani, no Anexo 1).

Prates e Leca foram demitidos em junho. O autor desta Dissertação foi convidado, e aceitou, assumir a Direção de Programação, cumulativamente às suas funções no Telecentro Guaíba de Produções Comerciais. Contratou-se

ser construído um pequeno prédio, com estúdio de cerca de 40 m². junto ao da televisão.

Um centro de produções comerciais em *video-tape*, na época, era viável se usasse equipamentos que estivessem sem uso, em função de tempo ocioso pelo tipo de programação. Este era o caso da TV Gaúcha e da TV Difusora. Caso contrário, o faturamento da produtora não comportaria o investimento.

Como a TV Guaíba produzia, a partir da segunda e terceira fases, cerca de 60% do que colocava no ar, a produtora teria que diminuir seu ritmo operacional, para que não fosse necessário adquirirem-se novos equipamentos. Esta opinião era compartilhada pelo Diretor Técnico e pelo autor desta Dissertação. Ambos foram votos vencidos junto a Francisco Antônio (*e-mail* de Germani, no Anexo 1).

Francisco Antônio insistiu em equipar o Telecentro Guaíba de Produções Comerciais, jogando-o na concorrência com a Central Gaúcha de Produções Comerciais e com o Telecentro da TV Difusora. Como o Departamento Comercial da TV Guaíba não conseguia verbas expressivas, que sustentassem a emissora, Francisco Antônio via nas gravações de comerciais a solução para conseguir o faturamento necessário. No curto prazo, ele estava correto. O problema surgiria quando as faturas dos novos equipamentos começassem a ser pagas. A rentabilidade da produtora não comportaria as amortizações quando começassem a vencer. O Telecentro iria se transformar, em dois anos, após o período de carência, em mais um foco deficitário na emissora.

Não satisfeito com as compras de câmeras, mesa de *switcher*, *video-tapes* com recursos de câmera lenta, mesa de áudio e microfones, Francisco Antônio decidiu que fossem adquiridos equipamentos ENG – Electronic News Gattering, para o jornalismo: câmeras e *video-tapes* portáteis e ilhas de edição. A operação destes equipamentos significaria um substancial aumento de custos na rubrica do jornalismo, além da fatura de U\$ 1.500.000,00 que começaria a ser cobrada em dois anos (Germani, em *e-mail*, no Anexo 1).

Breno Caldas, que sempre dava a palavra final em decisões que significassem despesas, neste caso omitiu-se de opinar (Germani, em *e mail*, no Anexo 1).

A programação reduzida da Fase 1 tinha por objetivo economizar despesas, pois o faturamento enfrentava dificuldades. As verbas publicitárias dos anunciantes são decididas pelas agências de propaganda nos meses de outubro/novembro para todo o ano seguinte. A TV Guaíba, entrando no ar em março de 1979, depois de meses de indefinições, encontrou o mercado publicitário totalmente comprometido para aquele ano. Além deste problema, a emissora criou outro. Foi feita uma tabela de preços, baseada na grade de programação, em que todos os valores eram menores do que os da concorrência, mas, eram inegociáveis! Ora, quanto maior o total de uma verba publicitária, maiores serão as vantagens para o cliente. O Departamento Comercial da TV Guaíba, em sua irredutibilidade, tentava manter os mesmos critérios de negociações usados nos jornais e na Rádio Guaíba, veículos consagrados nacionalmente. Perdeu muitos negócios por esta conduta.

Outro ponto que prejudicou a comercialização foi a decisão de Breno Caldas de não contratar o IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, na época já com pesquisas diárias em Porto Alegre, para medir a audiência da TV Guaíba. Se uma emissora não assinasse a pesquisa, seus índices, simplesmente, não constavam das planilhas.

A Rádio Guaíba nunca comprou pesquisa do IBOPE e os jornais nunca assinaram o IVC – Instituto Verificador de Circulação. O que era dispensável para os veículos mais antigos, por tradição, confiabilidade e resposta publicitária que davam aos seus anunciantes, era indispensável para o novo veículo, pois, por mais baixos que fossem seus índices, eles serviriam como argumentação aos contatos comerciais. Caldas foi irredutível.

Para a Fase 1, Nestor Tippa, ex-funcionário da TV Difusora, já citado nesta Dissertação, foi contratado para o Setor de Chamadas de programas. Compraram-se séries filmadas, como **Doris Day, O Fantasma e a senhora Muir, Meu Marciano Favorito, Hazel, Terra de Gigantes, Batman, Daniel Boone, Os Monroes** e outros, além de pacotes de reprises de longas-metragens.

A série **Os Detetives**, sucesso na TV Difusora, em 1969, foi reapresentada pela TV Guaíba.

Não havia como adquirir filmes inéditos, pois as redes de televisão, ao comprar uma série, compravam para todas as suas afiliadas, ou seja, para todo, ou quase todo, o Brasil, o que significava pouco trabalho e alto lucro para os representantes dos distribuidores cinematográficos de Hollywood, no país. Se uma série inédita fosse vendida para uma única praça, isto significaria fechar o mercado nacional, pois nenhuma cabeça de rede adquiriria os direitos de exibição para todas as suas praças, menos uma. Isto tornava o custo de séries inéditas impraticável para uma emissora isolada, pois ter-se-ia que pagar pelos direitos de exibição em todas as cidades servidas por televisão. Séries que já tinham sido exibidas em duas ou três emissoras, em um mesmo estado, significavam baixa audiência. Era o caso da TV Guaíba.

Nos últimos meses de 1979, um novo programa foi lançado para ancorar a programação da Fase 1: “Guaíba ao Vivo”, das 19h30m às 21h30m. Programa de bancada, onde se revezavam, diariamente, de 2ª a 6ª feiras, comentaristas famosos da Rádio Guaíba ((Lauro Quadros, Lazier Martins, Rogério Mendelsky, Adroaldo Streck, Fernando Vieira, Edgar Schmidt e Sérgio Jockymann) e especialistas em economia, política etc.. Yeda Crusius e Carrion Jr. abriram espaços para suas carreiras políticas naquele programa. Uma das inovações era a previsão diária do tempo, “Meteorologia com Paulo Nilson”, ex-oficial da FAB – Força Aérea Brasileira, que ilustrava suas previsões com desenhos em cartolina. A dupla de estilistas X & C, da indústria da moda, composta por Francisco Gonçalves, o X (Xico), e César Vargas, o C, participava duas vezes por semana.

Suzana Saldanha, atriz de teatro, entrevistava na abertura do programa, em 30 minutos, nomes famosos locais. No meio do programa, entravam os comentaristas e, no último segmento do programa, ocorria o “Guaíba ao Vivo – Notícias”, com José Fontela e Sérgio Schüeller. A jornalista Vera Zílio, ex-editora de notícias da TV Gaúcha, foi contratada para gerenciar o Departamento de Telejornalismo, que contava com repórteres, operadores de câmeras portáteis, editores de *vídeo-tape*, redatores, motoristas e auxiliares, ocupando

uma área com oito grandes salas. A ênfase era para o noticiário local, pois as notícias nacionais ou internacionais só podiam ser ilustradas através de radiofotos, ou seja, com imagens estáticas. Não havia como contratar agências noticiosas internacionais de televisão, pelo mesmo motivo dos filmes: altos custos. Isto causou uma decepção nos telespectadores, que esperavam mais de uma televisão ligada a três importantes jornais e uma, não menos importante, emissora de rádio.



Folha da Tarde, de 18 de julho de 1980, p. 8.

A partir das 22 horas, iniciavam os programas de debates e entrevistas: “Cadeira Cativa”, produção esportiva, com Armindo Ranzolin e equipe; “Vox Populi”, com Rogério Mendelsky e entrevistadores convidados, que interrogavam um convidado, além de perguntas dos telespectadores; e “Espaço Aberto”, com Amir Domingues, que sempre tinha um político como convidado.

Aos sábados e domingos, a TV Guaíba abria espaços nos filmes que estavam em exibição e transmitia, ao vivo, os páreos do Jockey Club, com o programa “Turfe na Guaíba”. Investiu-se, também ao vivo, nas transmissões das corridas no autódromo de Tarumã, com o programa “Guaíba em alta velocidade”, aos domingos pela manhã. Eram atrações abandonadas pelos demais canais, mas que abriam espaços para anunciantes ligados àquelas áreas.

Havia uma preocupação básica: usar o nome Guaíba em todos os títulos de programas, para marcar a nova emissora.

Nos primeiros meses de 1980, entrou no ar a Fase 2: no período da tarde, foi lançada a programação “Guaíba Criança”, com o boneco Remendão, que adorava comer quindins, interpretado pelo ator Roberto Oliveira, criação do ator e cenógrafo Elton Manganelli. Juntamente com a atriz Cássia Aguiar, substituída um ano depois por Vera Muccilo, contadora de histórias que desenhava seus personagens em cartolinas, enquanto falava para as crianças, Remendão brincava, no estúdio, com meninos e meninas, sorteados para irem até a televisão, através do envio de cupons publicados na Folha da Tarde, e apresentava filmes e desenhos infantis.

Outro programa lançado, para as tardes de sábado, foi “Pergunte à Guaíba”, com o professor de português em cursos pré-vestibulares, Edison de Oliveira, respondendo às perguntas dos telespectadores. Ernani Behs fez parte desta fase, apresentando, também aos sábados, no fim de tarde, “Viajando com a Guaíba”, programa sobre turismo, mostrando paisagens brasileiras e de outros países, e entrevistando viajantes ou agenciadores de viagens.

O PAPA EM PORTO ALEGRE

Programação de hoje

16h
Chegada no aeroporto Salgado Filho.

19h
A Bênção na Catedral Metropolitana.

19h45min
Audiência na Catedral.

Organizado por
Zaffari

TV GUAÍBA

AGRADECIMENTO E CONVITE PARA MISSA DE 7.º DIA
A favor de
Jorge Longaray da Silva

MENINO DE CAXIAS GANHOU VOLKS DO INTER 88

Folha da Tarde, de 4 de julho de 1980, p. 17.

Nos últimos dias de junho e primeiros dias de julho de 1980, aconteceu a visita do Papa João Paulo II ao Brasil, passando por diversas capitais, entre elas, Porto Alegre, onde permaneceu dias 4 e 5, uma sexta feira e um sábado. A

programação, de dois dias, incluía visita ao Palácio Piratini, à Cúria Metropolitana, à Catedral e uma missa, que seria rezada por Sua Santidade, ao ar livre, no bairro Azenha, onde hoje se localiza a Rótula Vaticano.

Todos os locais deveriam ter cobertura nacional de televisão, ao vivo. A única maneira de viabilizar esta movimentação era um acordo entre as emissoras, TV Piratini, TV Gaúcha e TV Guaíba, cada uma se encarregando de uma transmissão. Coube à TV Guaíba a mais importante e mais difícil: a missa. Após diversas reuniões, ficaram estabelecidos os parâmetros daquela que se transformaria na melhor cobertura da visita Papal no Brasil.

O autor desta Dissertação foi o diretor e suíte daquela programação. Os Departamentos Técnico e de Programação uniram esforços. Quatro câmeras estrategicamente distribuídas, uma delas com lente *zoomar* de longo alcance, que permitia ver-se o anel de Sua Santidade em detalhe, e uma quinta instalada em um helicóptero que sobrevoaria o evento. Foi planejada uma narração repleta de detalhes sobre o Papa, a Igreja Católica e o histórico dos papados e detalhes da liturgia, num trabalho jornalístico de Ligia Tricot e narração de Rogério Mendelsky.

O grande destaque da transmissão ficou com as imagens do helicóptero. Na verdade, um truque. Não havia como transmitir em tempo real imagens do alto, pois não se possuía equipamento para tanto. A solução surgiu em uma das reuniões preparatórias.

Como a missa seria realizada a uma distância de dois quilômetros do prédio da televisão, um tempo de voo de três minutos, foi alugado um helicóptero, onde se instalou uma câmera e um *vídeo-tape* portáteis, com operadores municiados com quatro fitas para gravações. As imagens eram gravadas do alto, durante alguns minutos, após os quais o helicóptero voava até o prédio da televisão, baixando até quase pousar, quando a fita era jogada em um monte de colchões colocados na parte gramada do terreno, sendo levada direto para o controle-mestre. Ali, o suíte Luiz Carlos Costa e Silva colocava no ar as imagens aéreas, mesclando-as com as de solo, geradas, estas sim, em tempo real.

Como do chão focalizávamos o helicóptero, mostrando a câmera ali instalada, a ilusão era perfeita. Em nenhum momento foi dito que a transmissão do alto era ao vivo, pois havia um *delay*³⁹ de cinco minutos; o que era ao vivo, era a missa. A TV Guaíba recebeu dezenas de telefonemas, de todo o país, elogiando a cobertura.

A Fase 3 foi lançada em março de 1981, com o programa “Guaíba Feminina”, levado ao ar de 2ª a 6ª feira, das 11h30m às 14h30m, conduzido por cinco apresentadoras: Tânia Carvalho, ex-apresentadora do programa “Porto Visão”, da TV Difusora; Marina Conter, ex-rádio atriz da Rádio Farroupilha e ex-anunciadora da TV Piratini; Liliana Reid, ex-apresentadora do programa “Clubinho Gaúcha-Zero Hora”; Magda Beatriz, ex-apresentadora do noticiário “Câmera 10” e Aninha Comas, professora de culinária e estreante em televisão. O programa inovou pelo formato: as cinco mulheres interagiam em tudo o que acontecia no estúdio, com uma considerável dose de improviso. Aninha Comas cozinhava ao vivo, ensinando receitas e participava, eventualmente, como entrevistadora. Cada uma representava um tipo físico e social. X & C foram transferidos do “Guaíba ao Vivo” para o “Guaíba Feminina”, com três participações semanais.

Com um aperto de mãos, Figueiredo transmite o poder

o presidente João Figueiredo voltou ontem à tarde para a Colômbia, após uma visita de quatro dias, sendo esta a primeira visita de um chefe de governo brasileiro desde 1964. O presidente está acompanhado de sua esposa e de uma delegação de 150 pessoas. Na sua agenda de trabalho, o presidente Figueiredo encontrará o chefe de estado colombiano Álvaro Uribe, em Bogotá. Também, em sua agenda, estão as reuniões com o primeiro-ministro colombiano, Luis Carlos Galán, e o primeiro-ministro brasileiro, João Figueiredo, em Bogotá. O primeiro-ministro brasileiro, João Figueiredo, também encontrará o primeiro-ministro colombiano, Luis Carlos Galán, e o primeiro-ministro brasileiro, João Figueiredo, em Bogotá.

**TÂNIA, LILIANA,
MAGDA, MARINA,
ANINHA E VOCÊ
fazem o...**

**GUAÍBA
FEMININA**



de segunda à sexta 11 e meia da manhã,
um programa produzido, realizado e apresentado
por mulheres.









**Aplique seu
dinheiro com renda
igual à inflação.**

EM LETRAS DE CÂMBIO

**LETRISA
AXELROD**

GARANTIA E SEGURANÇA

Paguei neste manual, é possível ou impossível e não importa
a qualquer momento, está a disposição de quem quiser.

Porto Alegre - Rua São Paulo, 134 - fone 25.3390
Curitiba - Rua de Curitiba, 1080 - fone 22.899
Palmas - Rua 16 de Novembro, 821-A - fone 304 - fone 33-499

11 DE MARÇO DE 1981

- 13 -

Folha da Tarde

Folha da Tarde, de 11 de março de 1981, p. 13.

³⁹ *Delay*, atraso em inglês. Termo usado em televisão e rádio

O programa teve enorme repercussão, chegando a ser noticiado frequentemente no jornal Zero Hora, veículo do grupo da concorrente TV Gaúcha, sempre zeloso em ignorar a existência dos demais canais, pelo seu cronista de televisão Tiarajú Brockstedt, que citava as apresentadoras como “as panteras de Caldas”, numa alusão à série de televisão **Charlie’s Angels**, aqui no Brasil denominada As panteras. Breno Caldas, geralmente sisudo, divertia-se com a brincadeira.

A receita financeira não acompanhava a repercussão causada pelos programas locais apresentados. Começaram a surgir problemas operacionais, com enxugamento de despesas. Matérias jornalísticas deixavam de ser feitas e cenários eram simplificados.

Um dos problemas que se enfrentava era a independência que havia em cada veículo. O que funcionava muito bem no grupo formado pela TV Gaúcha, Rádio Gaúcha e jornal Zero Hora, com os veículos promovendo uns aos outros e se mantendo fechados para qualquer informação que fosse de concorrentes, não existia na Caldas Júnior.

Apenas a título de exemplo, a novela **Água viva**, da Rede Globo, exibida pela TV Gaúcha, ganhou página inteira, com matéria nas páginas internas, do suplemento “Jornal de TV”, da Folha da Tarde de 5 e 6 de julho de 1980, com a indagação: “Quem matou Miguel (Fragonard)?”, um dos personagens. Isso era uma constante, com os jornais da Empresa Caldas Júnior beneficiando as televisões da concorrência. As reclamações da direção da televisão, levadas a Breno Caldas e a Francisco Antônio, jamais resultaram em qualquer providência.



Capa do “Jornal da TV”, encartado na Folha da Tarde, de 5 de julho de 1980.

Por duas vezes, o autor desta Dissertação tentou abrir espaços que viabilizassem aumento de faturamento e redução de despesas. A primeira tentativa foi, em fins de 1979, através de um contato com Sílvio Santos que, na época, exibia seu programa dominical, das 10 às 22 horas, no Rio Grande do Sul, pela TV Piratini.

Sílvio se interessou em trazer seu programa para a TV Guaíba. O esquema seria simples: geração ao vivo, via Embratel. Cinquenta por cento do tempo dos espaços comerciais seriam comercializados por Sílvio Santos, com clientes nacionais, e os restantes 50% seriam de comercialização pela TV Guaíba, com clientes locais. Custo zero. Seriam 12 de horas de programação gratuita e com boa audiência, podendo-se usá-la para colocar chamadas dos programas da emissora e, o melhor, a possibilidade de conseguir expressivo faturamento.

Breno Caldas, contudo, não se interessou, informando que não construiria uma televisão com ar condicionado central, banheiros de mármore e móveis exclusivos, para que um camelô falasse nela durante um domingo inteiro.

Nos primeiros meses de 1983, ocorreu a segunda tentativa de filiar a TV Guaíba a uma rede nacional, pois a situação econômica piorara sensivelmente.

Foram feitos contatos com Rubens Furtado, profissional de televisão conhecido de muito tempo, e, na época, Diretor de Programação da Rede Manchete, que estava com data de inauguração prevista para dentro de sessenta dias, aproximadamente.

Houve grande interesse, não só de Furtado, como também de Expedito Grossi, Diretor Comercial, e de Oscar Bloch, Vice-Presidente da Manchete. Uma minuta de contrato foi esboçada, valendo a partir de 5 de junho de 1983, data do início das operações da Rede Manchete.

Breno Caldas e Francisco Antônio foram avisados sobre as tratativas que haviam sido feitas, orientando a que se avançasse no projeto. O contrato a ser firmado tinha, basicamente, o seguinte formato: programação fornecida pela Rede Manchete, espaços para programas locais da TV Guaíba, 50% dos espaços publicitários a serem comercializados pela Rede Manchete, com clientes nacionais, e os restantes 50%, pela TV Guaíba, com clientes locais.

Nos últimos dias de maio de 1983, foi marcado, pela Rede Manchete um coquetel, às 19 horas, no Hotel Plaza, sendo convidadas todas as agências de publicidade e os mais importantes clientes do Rio Grande do Sul. Ali, *de surpresa*, seria anunciada a filiação da TV Guaíba à Rede Manchete.

Às 14 horas do dia do coquetel, os três representantes da Rede Manchete: Oscar Bloch, Expedito Grossi e Rubens Furtado foram recebidos na TV Guaíba. Estavam presentes o Diretor Comercial, Paulo Russomano, e o Diretor Técnico, Higino Germani, da TV Guaíba. Breno e Francisco Antônio, em seus escritórios, no jornal Correio do Povo, na Rua Caldas Júnior, no centro de Porto Alegre, foram informados que suas presenças estavam sendo aguardadas, no Morro Santa Tereza, para a assinatura do contrato (*e-mail* Germani, no Anexo 1).

A reunião foi espichada até às 17 horas quando, tendo ficado claro que as únicas pessoas que podiam assinar compromissos comerciais pela TV Guaíba, não compareceriam, os representantes da Rede Manchete, irritados e ofendidos, dirigiram-se à TV Pampa. De lá, juntamente com o proprietário, Otávio Dumit

Gadret, foram para o coquetel no Hotel Plaza, onde anunciaram ao mundo publicitário gaúcho a parceria da Rede Manchete com a TV Pampa.

Indagado, no dia seguinte, sobre o motivo de sua não ida ao compromisso agendado, deixando seus representantes em situação desconfortável junto aos diretores da Rede Manchete, Caldas explicou que aquelas pessoas não eram confiáveis, em função de sua etnia.

Um mês depois, por vontade própria, desligamo-nos da TV Guaíba.

Com a saída do autor desta Dissertação, assumiu a Direção de Programação Jorge Cunha. Em *e mail*, Jorge Cunha escreve sobre seu período como Diretor da emissora, de 1983 até 1984, relatando sucintamente como foi aquele período.

Em meados de 1983, assumi a Direção de Programação e permaneci até outubro de 1984. O Telecentro de Produções Comerciais se manteve ativo somente até abril de 1984. A programação se manteve normal, no horário das 07:00 às 02:00. Mas (...) alguns funcionários pediram demissão, pois (...) os salários já estavam atrasados, na proporção de 15 dias. (...) Assumi, juntamente com meu pai, o Engenheiro Raul Cunha, a Direção Técnica. A partir de 1984, as Áreas Comercial e Técnica apresentaram grandes dificuldades. Somente a Área Operacional e de Produção se mantiveram. (...) Passei a dar vale semanal aos funcionários, para manter a TV no ar. Guardava uma relação profissional com o Dr. Breno e o Francisco Antônio Caldas, sempre acreditando nas promessas de solução dos problemas. (...) Incentivei a Equipe Operacional a acreditar que haveria novos horizontes (...) até eu mesmo deixar de acreditar na possibilidade de mudanças. Pedi demissão, em outubro de 1984. A televisão permaneceu no ar (...) Após 15 dias da minha saída, por conta de uma revolta dos funcionários, que cobravam soluções, a TV ficou fora do ar por dois dias e a partir daí, o horário de permanência da TV no ar foi reduzido (CUNHA, 2012).

Com a saída de Cunha, em 1984, assumiu a Direção de Programação o jornalista Sérgio Jockyman, que montou uma programação de baixo custo, com entrevistas, comentários e filmes antigos. Ao meio dia, entrava no ar “Aqui e Agora”, um programa de bancada, com notícias, comentários e variedades. Às 14 horas era apresentado o programa “Magda Beatriz”, com entrevistas culturais. O “Guaíba Feminina” passou para os finais de tarde, com

apresentações de Marla Martins, Isabel Ibias e Aninha Comas. O horário noturno tinha como atrações o “Guaíba Notícias” e alguns seriados americanos.

Os problemas operacionais, os atrasos nos pagamentos de salários, a ausência de peças de manutenção, contudo, transformaram a TV Guaíba em uma pálida emissora, se comparada aos primeiros anos de sua inauguração.

Jockyman permaneceu no posto até 1986, quando o empresário e economista Renato Bastos Ribeiro comprou a Empresa Jornalística Caldas Júnior, a Rádio Guaíba e a TV Guaíba, inclusive todos os imóveis, assumindo ativo e passivo.

Neste ponto desta Dissertação, pode-se fazer uma correção sobre informações errôneas que foram difundidas, na época, pela mídia e pelo público em geral, anunciando o que seria a falência da Empresa Caldas Júnior.

A Empresa Caldas Júnior nunca faliu, não houve processo de falência. Como já explicitado neste capítulo, juridicamente, eram três as empresas que formavam o que era denominado popularmente como Caldas Júnior.

Os jornais não faliram. Eram deficitários e tinham dívidas diversas, de muitos anos, especialmente com a Companhia T. Janer, fornecedora de papel para impressão. Deixaram de circular pela impossibilidade financeira de ser comprado papel para imprimi-los. Como o carro-chefe era o jornal Correio do Povo, as outras duas empresas foram afetadas.

A Rádio Guaíba nunca foi deficitária. Sempre deu lucro, mas, claro, sofreu o impacto das necessidades dos demais veículos.

A TV Guaíba era deficitária e havia dívidas de milhões de dólares, especialmente com fornecedores de equipamentos e bancos, entre os quais o Banco do Estado do Rio Grande do Sul - Banrisul. Só para a RCA, eram devidos mais de U\$ 1.000.000,00. A unidade de externas foi remontada e devolvida à RCA, que a revendeu para uma emissora de televisão da região centro-oeste. O restante da dívida foi amortizada através de acordos com os bancos credores, que se adonaram do patrimônio pessoal de Breno Caldas (*e-mail* de Germani, no Anexo 1).

Até onde sei, nenhum credor executou judicialmente qualquer das empresas. Breno tinha patrimônio para garantir (cerca de 40.000 hectares de terras, distribuídas em três fazendas, uma em Viamão e duas em Guaíba) mais o Haras do Arado (cerca de 1.700 hectares). Estimo que, hoje, este patrimônio represente algo em torno de meio bilhão! Breno não ofereceu nenhuma resistência aos credores, daí não terem executado nada. Apenas fechou questão em relação ao Haras, pois era sua residência, e tinha que “reservar algo para seu próprio sustento e de sua família”. Interessante que, apesar da situação crítica, Breno jamais pensou ou propôs a demissão de funcionários (GERMANI, *e-mail* 2012).

Nenhum credor protestou títulos da TV Guaíba, pois seria um tiro no pé. Conforme já explicitado, no capítulo referente à TV Difusora/TV Rio, pela legislação brasileira, empresa de comunicação eletrônica que tenha título protestado terá sua concessão imediatamente cassada pelo poder concedente, fazendo com que o credor não receba o que lhe é devido.

Muitos atribuíram à TV Guaíba a causa dos problemas financeiros enfrentados pela Empresa Caldas Júnior. Germani tem visão contrária a esta.

Resta a falsa imagem que foi a TV Guaíba que fez com que o Grupo Caldas Jr. entrasse em colapso. Podemos afiançar que isso não é verdade. Na realidade, a TV Guaíba prolongou a vida da Caldas Jr., a qual já vinha perdendo terreno, há cerca de 5 anos antes da entrada, no ar, da televisão. Um levantamento das dívidas do Grupo, por ocasião do colapso, poderá comprovar que o montante correspondente à TV era inferior a 1/5 do total (GERMANI, *e-mail* 2012).

Germani saiu da TV Guaíba em 1984, após seis meses sem receber salários, sem peças de reposição para a manutenção do equipamento, com seu pessoal técnico desmotivado e enfrentando seguidos atritos com Francisco Antônio (*e-mail* de Germani, no Anexo 1).

Com a aquisição de todo o grupo, Ribeiro criou o que ele denominou Sistema Guaíba-Correio do Povo. O jornal Correio do Povo voltou a circular, transformado em um tabloide, com notícias enxutas, fotos pequenas, poucas páginas, mas mantendo o esquema de assinantes. Folha da Manhã e Folha da

Tarde saíram definitivamente de circulação. A Rádio Guaíba manteve sua linha de notícias e esportes, contratando novos profissionais para substituir os que haviam migrado para outras emissoras, especialmente para a Rádio Gaúcha. A TV Guaíba, a exemplo do Correio do Povo, sofreu profunda alteração em sua programação e formato.

Não tendo redes às quais filiar sua emissora, Ribeiro reduziu o pessoal a um mínimo operacional: quatro operadores de câmeras, dois operadores de áudio, um suíte, dois coordenadores de programação, um iluminador, um maquinista⁴⁰ e um técnico de manutenção. A área de jornalismo foi desativada, e produtores, apresentadores, assessores e outros foram demitidos. Assumiu a direção da emissora sua irmã, Helena Ribeiro.

O Departamento Comercial foi, praticamente, desativado, ficando ligado ao Administrativo. Ribeiro lançou o que seria a nova TV Guaíba: espaços vendidos a produtoras independentes. Para preencher os espaços entre um e outro programa independente, foram compradas, a baixo custo, antigas séries filmadas, que funcionavam como programas de espera.

Os contratos entre a TV Guaíba e as empresas produtoras tinham a mesma redação, variando apenas quanto aos valores financeiros estabelecidos. A TV Guaíba fornecia apenas o que se referisse à área técnica (estúdio, câmeras, áudio e iluminação) com os respectivos operadores. A produtora independente tinha o encargo de criar, produzir, construir cenários, colocar adereços de cena, contratar todo o pessoal que julgasse necessário, bem como despesas de telefonia, ECT, *web* e outras. A produtora era, também, a responsável pela venda de publicidade no programa, remunerando os profissionais envolvidos nesta e em outras atividades do programa.

O contrato era feito na base de parceria entre as partes. Assim, para um programa de 60 minutos, de 2ª a 6ª feira, a produtora se obrigava a pagar, mensalmente, no mínimo, R\$ 10.000,00. Caso o faturamento da produtora não atingisse o valor mínimo estipulado, isso significaria prejuízo à produtora, que completaria o valor de seu próprio bolso. Se o faturamento superasse o mínimo estabelecido, o excedente seria integralmente da produtora, até atingir R\$

40 Maquinista. Funcionário encarregado de montar, desmontar e mudar posições de cenários.

10.000,00. O que fosse faturado a partir destes R\$ 20.000,00 era dividido 50% para a TV Guaíba e 50% para a produtora independente. Os valores citados são apenas a título de exemplo, pois as quantias reais variavam em função da periodicidade, duração e horário de veiculação de cada programa contratado.

A TV Guaíba mantinha o controle das vendas, pois o faturamento contra os anunciantes era feito pela emissora que, uma vez tendo recebido dos clientes, repassava a parte da produtora (Carta de Jaime Keunecke no Anexo 5).

Graças a este esquema, surgiram programas de sucesso e forte audiência local: “Os Guerrilheiros da Notícia”, com Flávio Alcaraz Gomes e convidados, de 2ª a 6ª feira, das 19h às 20h15m; “Câmera 2”, com Clóvis Duarte e convidados, de 2ª a 6ª feira, das 22h à 0h30m; “Palavra de Mulher”, com Marley Soares e convidados, de 2ª a 6ª feira, das 16h30m às 18h30m; “Cadeira Cativa”, com Luiz Carlos Rech e comentaristas esportivos, na 2ª feira das 20h30m às 21h30m; “Atividade”, com José Silvas e convidados, de 2ª a 6ª feira, das 11h30m às 14h e outros, inclusive programas semanais, com Abraão Winogron, tratando de saúde; o “Projeto Arco Íris”, com Nelson Cardoso, citado no capítulo TV Piratini, desta Dissertação, abordando problemas ecológicos e o “Fórum”, aos domingos das 19h às 20h, também com Flávio Alcaraz Gomes e um entrevistado.

Este formato perdurou até 1º de julho de 2007, um domingo, quando, depois do anúncio de Renato Ribeiro, dias antes, informando sobre a venda de todo o grupo jornalístico para a Rede Record, a rede paulista assumiu oficialmente a programação do Canal 2. À meia-noite de sábado, 30 de junho daquele ano, a TV Guaíba saiu do ar para que, à zero hora de domingo, começasse a operar a Rede Record.

Assim desapareceu o último espaço televisivo totalmente voltado ao Rio Grande do Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há história da televisão no Brasil sem a história da televisão no Rio Grande do Sul; a televisão rio-grandense foi pioneira em transmissões a cores, pioneira em programa com transmissão simultânea de duas cidades, pioneira em grandes montagens de programas religiosos, pioneira em grandes reportagens, apresentando grandes eventos musicais e promoções lotando estádios de futebol.

Não obstante, como se viu nesta Dissertação de Mestrado, a inexorabilidade do avanço das redes nacionais impôs uma dura derrota aos sonhos de hegemonia e sobrevivência dos valores locais. Aos artistas, aos comunicadores, aos difusores de cultura, aos políticos, enfim, àqueles *locais* que teriam algo a dizer, restaram os espaços periféricos, os horários extremos dos madrugadores e dos notívagos. Fora destes, os tempos da televisão são contados em segundos.

As programações das cabeças de redes são via de mão única: do centro para as filiais, tanto no que se refere a programas de todos os tipos, quanto aos noticiários. Para que uma notícia de fora do eixo Rio de Janeiro/São Paulo, seja considerada nacional, com direito a alguns segundos em rede, é imprescindível que seja extremamente marcante, preferencialmente uma tragédia de grandes proporções.

Foi assim com a TV Piratini, primeira emissora dos Diários e Emissoras Associados a começar suas operações, em um prédio especialmente construído para televisão, diferentemente da TV Tupi de São Paulo ou da TV Tupi do Rio de Janeiro, que começaram em prédios adaptados, ou e da TV Itacolomi, que iniciou no 23º andar do Edifício Acaiaca, no centro de Belo Horizonte.

Na TV Piratini, nada foi adaptado; tudo foi previsto, desde os detalhes físicos da construção do prédio, até a formação do material humano que daria vida aos equipamentos. Um curso de profissionais de televisão, como nunca existira antes, foi criado para atender à demanda daquela emissora pioneira. Como está escrito no texto de seu primeiro folheto publicitário, mostrado no capítulo sobre a TV Piratini: “Um pioneirismo no Rio Grande que orgulha os gaúchos”.

Durante seus primeiros dois anos, a TV Piratini fez televisão para o Rio Grande do Sul, usando como matéria prima o próprio estado, especialmente no que se refere aos valores artísticos existentes no mercado local.

Os artistas de outros estados, que aqui se apresentavam, usavam mão de obra da emissora, o que significava o tratamento da personalidade local. Cenários, ritmo de sequencia do programa, adereços e outros, tudo tinha o modo Piratini de fazer televisão, diferente do que se fazia fora daqui.

Com o passar do tempo e os avanços tecnológicos que se seguiram, primeiro com o *vídeo-tape*, mais tarde com os micro-ondas da Embratel, a substituição das válvulas pelos transistores, as câmeras portáteis, os microfones sem fio e, por fim, com os satélites, a expansão dos dois grandes centros televisivos, São Paulo e Rio de Janeiro, sobre o Brasil, foi inevitável.

A TV Piratini, que começara sozinha e independente, foi sofrendo, paulatinamente, o avanço das geradoras de conteúdo da Rede Associada, as TVs Tupi de São Paulo e do Rio de Janeiro. O estado gaúcho, que se via na televisão, passou a ver, também, outros estados. O horizonte se apertava para o profissional, mas se ampliava para o telespectador.

Além dos nomes de astros nacionais que passaram a fazer parte do cotidiano dos telespectadores gaúchos, outro fator influenciou sobremaneira a abertura aos novos programas: os custos. Um programa feito no Rio de Janeiro ou em São Paulo tinha custo zero para a praça de Porto Alegre. Por mais simples que fosse um programa local, sempre haveria custos.

Desta forma, a TV Piratini, que teve, em um primeiro momento, muitos de seus programas cassados pelos diretores das emissoras paulistas e cariocas, que, graças ao *vídeo-tape*, substituíam programas locais, sem que nada pudesse ser feito pela emissora

local, terminou por ser cassada, definitivamente, pelo Governo Federal, em julho de 1980, como já referido nesta Dissertação. A subordinação da TV Piratini aos dois centros geradores, TV Tupi de São Paulo e TV Tupi do Rio de Janeiro, terminou por apequená-la. A TV Piratini foi cassada por erros administrativos do grupo Associados, que levaram a dívidas impagáveis para com a União. Seu espaço, nas ondas hertzianas, foi ocupado pelo SBT – Sistema Brasileiro de Televisão, no mesmo canal 5, já então de saudosa memória.

Vinte anos no ar desapareceram como num passe de mágica. E o espaço que o SBT destinou à programação local tornou-se mínimo, praticamente insignificante: “Jornal do Rio Grande”, de 2^a a 6^a feira, às 7 horas, com 30 minutos de duração; “SBT Rio Grande”, de 2^a a 6^a feira às 12h10m, com 20 minutos de duração e, no final de noite, “SBT Esportes”, comentários esportivos com Ricardo Vidarte e Edegar Schmidt, com dez minutos de duração. Trata-se de um mínimo possível, para que a emissora local não seja enquadrada como uma mera repetidora. Um total de 60 minutos diários.

A TV Difusora trilhou um caminho inverso ao da TV Piratini. A TV Difusora, e por Difusora entenda-se seus Superintendentes, Walmor Bergesch e José Salimen, nunca ambicionou filiar-se a nenhuma rede de televisão. A TV Difusora pensava em ser cabeça de rede e ter dezenas de filiadas.

Entrando no ar quase dez anos depois da TV Piratini, em outubro de 1969, a TV Difusora se caracterizou por grandes sonhos e ambições, por golpes de audácia que beiravam a temeridade, como as transmissões pioneiras do lançamento da televisão a cores no Brasil, a tentativa de reerguer a TV Rio, do Rio de Janeiro para, dali, juntamente com a TV Record de São Paulo, lançar uma nova rede nacional de televisão: a REI, Rede de Emissoras Independentes. Criada num formato diferente dos conceitos existentes naquela época, e que vigoram até hoje, de subordinação total das filiadas à matriz, a REI tinha por base a independência entre as filiadas, já que os programas poderiam ser gerados por qualquer uma delas, tendo as demais liberdade de aceitá-los ou não. A ausência de um comando único, dando liberdade às emissoras, gerou permissividade. Nunca funcionou.

A associação da TV Difusora com a TV Rio, do Rio de Janeiro, e a TV Rio, de Brasília, além da participação societária da TV Record, de São Paulo, criou um tripé de difícil sobrevivência. Em um dos pés, os freis da TV Difusora, que colocavam, na

sociedade, dinheiro e avais da emissora gaúcha em empréstimos bancários, em compras de equipamentos e de programação, notadamente filmes americanos; em outro dos pés, os profissionais José Salimen e Walmor Bergesch, que participavam com seu conhecimento profissional que, aliás, revelou-se insuficiente para enfrentar a Rede Globo em sua própria base operacional; e, por fim, o terceiro dos pés, os sócios da TV Record, a família Machado de Carvalho, que só participariam do negócio caso houvesse lucro a dividir. Ou seja: um dos pés, TV Record, não perderia nada e talvez ganhasse; o outro dos pés, Salimen e Bergesch, poderia perder a oportunidade de crescer profissionalmente e auferir ganhos, mas ficando em um empate em caso de insucesso; e o terceiro dos pés, os freis, tinha a perder dinheiro e um patrimônio chamado TV Difusora, e pouco a ganhar, pois dividiriam os eventuais lucros com os outros dois pés do tripé.

Audácia em excesso, falta de precaução, erros de planejamento dos Diretores e dos Superintendentes da TV Difusora, acabaram por liquidar a TV Rio, do Rio de Janeiro e a de Brasília, apequenando paulatinamente a TV Difusora, num processo autofágico, até seu total desaparecimento, afogada em dívidas, que foram repassadas para a Rede Bandeirantes de Televisão, em troca da concessão do canal 10 e de todo o patrimônio da empresa, incluídos os bens imóveis e equipamentos.

Isto abriu espaço para a entrada, no estado do Rio Grande do Sul, da Rede Bandeirantes de Televisão, um grupo paulista, dono de uma poderosa rede nacional de comunicações. Mais uma vez, fecharam-se as portas de inúmeros espaços locais.

A Rede Bandeirantes tem, agora, em Porto Alegre, não uma filiada, mas uma emissora própria, com total subordinação à matriz paulista. O que é feito localmente é muito mais do que apresenta o SBT, mas ainda assim pouco significativo como espaço para manifestações e discussões aprofundadas dos fatos e problemas locais. São poucas horas de noticiários diários.

Comprovando-se a afirmativa acima, observe-se o conjunto de programas locais da Band TV, no Rio Grande do Sul: “Jogo aberto RS” - de 2ª a 6ª feira, às 12h30m, com 50 minutos de duração, ao vivo; “Brasil urgente RS” – 1ª edição, de 2ª a 6ª feira, às 13h 20m, com 40 minutos de duração, ao vivo; “Brasil urgente RS” - 2ª edição, de 2ª a 6ª feira, às 17h50m, com 60 minutos de duração, ao vivo; “Band cidade” - de 2ª a sábado às 18h50m, com 30 minutos de duração, ao vivo; “Agroband” – aos sábados, com 30

minutos de duração, em *vídeo-tape*. Estes programas são produzidos e realizados pela própria TV Bandeirantes. Um total de 3 horas e 20 minutos diárias. Nenhum programa em horário nobre.

Nos períodos de eleições, a TV Bandeirantes veicula "Eleições", na 2ª feira, com 25 minutos de duração, em *vídeo-tape*, e realiza "Debates" entre os candidatos a cargos majoritários.

Os programas a seguir são realizados por produtoras independentes, que compram espaço na TV Bandeirantes para apresentá-los, com seus próprios patrocinadores: "Imovelclass", aos sábados, com 30 minutos de duração, em *vídeo-tape*; "Carmem Flores com você", aos sábados, com 30 minutos de duração, em *vídeo-tape*; "Abraão Winogron", aos domingos, com 30 minutos de duração, em *vídeo-tape*; "Um gordo na cozinha", aos sábados, com 30 minutos de duração, em *vídeo-tape*; "Vozes rurais com Volmir Martins", aos domingos, com 60 minutos de duração, em *vídeo-tape*; "Dr. Sorriso", aos domingos, com 30 minutos de duração, em *vídeo-tape*; "Motor show", aos domingos, com 30 minutos de duração, em *vídeo-tape*. Mesmo que sejam programas de produtoras independentes, são essencialmente locais, ocupando quatro horas semanais na grade de programação da emissora. Na média, pouco mais de 40 minutos por dia. Nenhum programa em horário nobre.

Mais recentemente, fatos como os acima narrados, sobre a TV Piratini e a TV Difusora, aconteceram com a TV Guaíba. Desde julho de 2007, quando comprou a emissora, até os dias atuais, a, agora, Rede Record RS, ou TV Record Sul (a empresa usa ambos os nomes), abre espaços na grade da rede para a inserção de programas locais. São programas jornalísticos e de variedades. Anunciada como uma grande reformulação, com ênfase em espaços privilegiados na programação para assuntos locais, isso não aconteceu. A Rede Record oferece, para o Rio Grande do Sul, mais espaços locais do que o SBT, a TV Bandeirantes ou a RBS TV, como se constata a seguir. A TV Record RS transmite os seguintes programas locais, todos ao vivo: "Direto da redação", telejornal de 2ª a 6ª feira, às 6h30m, com 50 minutos de duração, ao vivo; "Rio Grande no ar", telejornal de 2ª a 6ª feira, às 7h20m, com 25 minutos de duração; "Hoje em dia", variedades, de 2ª a 6ª feira, às 10h15m, com uma hora e 45 minutos de duração; "Balanço geral", jornalístico de 2ª à sábado, às 12h45m, com duas horas de duração; "Rio Grande Record", jornalístico de 2ª a 6ª feira, às 19h15m, com 30

minutos de duração; “Esporte Record”, programa esportivo, aos sábados a partir das 13h45m, com 15 minutos de duração. Um total de 5 horas e 45 minutos diários com programação local. Nenhum programa em horário nobre.

A TV Record também gera, localmente, a programação regional da Igreja Universal do Reino de Deus, transmitida durante a madrugada, que não incluímos neste cálculo de programação local, por não se tratar de programação dirigida ao público diversificado das programações de televisões abertas.

Se compararmos ao tempo utilizado pela TV Guaíba, na administração de Renato Ribeiro (“Atividade”, de José Silvas, de 2ª a 6ª feira, a partir das 11h, com 90 minutos de duração; “Palavra de mulher”, de Marley Soares, de 2ª a 6ª feira, a partir das 16h, com duas horas de duração; “Guerrilheiros da notícia”, de Flávio Alcaraz Gomes, de 2ª a 6ª feira, a partir das 19h, com 75 minutos de duração; “Câmera 2”, de Clóvis Duarte, de 2ª a 6ª feira, a partir das 22h, com duas horas de duração; “Fórum” de Flávio Alcaraz Gomes, aos domingos às 19h, com 60 minutos de duração; “Cadeira cativa”, de Luiz Carlos Reche, às segundas feiras, a partir das 20h30m, com 60 minutos de duração, sendo o restante dos horários ocupados por filmes, num total médio, considerando “Cadeira cativa” e “Fórum”, de 7 horas e 40 minutos diárias), constatamos que a TV Guaíba colocava no ar 2 horas a mais, de programação local, do que coloca hoje a TV Record. Ou seja, houve uma perda, com a mudança de proprietário, de cerca de 30% do espaço ocupado por programas locais. Alguns programas eram em horário nobre.

A TV Guaíba foi substituída por uma rede de televisão paulista, repetindo o episódio da TV Difusora no que diz respeito à compra da emissora. O corte na programação local foi menor do que o da TV Difusora, mas, ainda assim, significativo. Além do tempo, saíram do ar figuras locais íntimas do público telespectador.

Restou, das quatro antigas emissoras, a RBS TV, nome novo da antiga TV Gaúcha, emissora voltada para a comunidade e que, se comparada a programação de hoje com aquela que apresentava em seus primeiros anos de vida, teve, como as demais, seus espaços locais extremamente reduzidos. Louve-se a abertura de emissoras de televisão nas principais cidades do interior do Rio Grande do Sul, como já relatado nesta Dissertação, usando parte dos espaços cedidos pela Rede Globo à RBS TV de Porto Alegre. São as *filiadas da filiada*. Os poucos minutos cedidos pela Rede Globo

são divididos entre a capital do estado e os municípios onde há emissoras geradoras, conforme relatado no capítulo da TV Gaúcha.

Porém, maciça e hegemônica, a Rede Globo se impõe. A RBS TV, ao mesmo tempo em que busca manter sua identidade local, adapta-se ao visual metalizado e ao modo de fazer televisão da matriz carioca. Não podia ser de outra forma: o menor se adapta ao maior.

Como a TV Bandeirantes e o SBT, a RBS TV tem poucos espaços disponíveis para apresentar sua programação local: “Bom dia, Rio Grande”, telejornal de 2ª a 6ª feira, com 60 minutos de duração, ao vivo; “Jornal do almoço”, programa jornalístico de 2ª à sábado, ao meio-dia, com 50 minutos de duração, ao vivo; “RBS notícias”, telejornal de 2ª à sábado, às 19h10m, com 20 minutos de duração, ao vivo; “Galpão crioulo”, programa tradicionalista e musical, aos domingos, às 6h20m, com 60 minutos de duração; “Tele domingo”, programa jornalístico, aos domingos, às 23h05m, com 35 minutos de duração. Um total de duas horas e dez minutos diárias, excluindo-se deste cálculo os programas “Galpão crioulo” e “Tele domingo”, por irem ao ar uma vez por semana. Nenhum programa em horário nobre.

Como se constata, em tempo e em número de programas, a RBS TV perde em volume de espaços para a TV Bandeirantes e para a TV Record.

A RBS TV busca suprir a carência provocada por estes poucos espaços, realizando, periodicamente, promoções locais, premiando autores, cineastas e historiadores gaúchos, com temas do estado do Rio Grande do Sul, buscando uma integração com a comunidade.

Assim, desde 1999, a RBS TV apresenta, através de seu Núcleo de Especiais, dirigido por Alice Urbim e Gilberto Perin, diversos programas e programetes especiais, criados e produzidos por produtores independentes do Rio Grande do Sul, escolhidos por comissão julgadora. “Histórias curtas”, “Mini-metragem”, “Histórias extraordinárias”, “Curtas gaúchos”. As durações dos programas variam, raramente ultrapassando 15 minutos. As produções vão ao ar em diversos horários da grade da emissora. O objetivo é abrir espaço e difundir a criatividade local.

A RBS TV oferece todas as facilidades técnicas e operacionais, sem qualquer custo, aos participantes. Caso estes desejem usar equipamentos próprios isso é aceito, após avaliação da qualidade técnica.

Segundo informação de Gilberto Perin, desde 1999 até agosto de 2012, foram 691 programas produzidos, em 303 cidades, em 17 estados e 35 países. Os programas tiveram 794 exibições e o envolvimento de 1.216 profissionais (*e mail* de Perin no Anexo 1).

Nestes 13 anos e seis meses de existência, 69 programas foram exibidos pela Globo Internacional, 708 foram exibidos e reprisados pelo Canal Brasil, além de apresentações em entidades, universidades e mostras nacionais e internacionais, recebendo prêmios no Brasil e no exterior (*e mail* de Perin, no Anexo 1).

Trata-se, como já explicitado, de uma fórmula compensatória aos poucos espaços locais na programação regular.

Como se constata, emissoras locais, não filiadas a redes, só sobrevivem, num mercado tão competitivo, se realizarem programações modestas, sem a utilização de sofisticados recursos eletrônicos e ampla gama de comunicações, como satélites, correspondentes em outras praças, etc.. Caso contrário seus custos serão impagáveis. É que tais custos operacionais devem ser minimizados ao máximo. Televisão se faz, basicamente, com dois itens: forma e conteúdo. Quanto menos conteúdo um programa tiver, mais forma deverá conter. Ou seja, haverá necessidade de inúmeros equipamentos, de alto custo, eletrônicos, operados por profissionais regamente pagos, buscando manter o telespectador cativo ao canal, fundamentalmente pela imagem. Grandes eventos exigem grandes despesas para suas realizações. No caminho inverso, quanto maior for o conteúdo, mais simples poderá, e deverá, ser a forma, minimizando as despesas. Apenas a título de exemplo, um entrevistado que tenha muito a dizer deverá ter seu enquadramento simplificado, sem o uso de recursos que distraiam o telespectador, para que o conteúdo de sua fala não se perca, prejudicando a cognição através da audição pela distração da visão.

Emissoras locais, ou independentes, têm dificuldade em conseguir verbas de clientes para cobrir seus custos. Os anunciantes nacionais já estão cobertos pelas veiculações de seus comerciais nas emissoras cabeças de rede. Não há porque veicular

em uma emissora independente, por pequeno que seja o custo da veiculação, pois a grande resposta publicitária virá da rede nacional.

Restam os dois tipos de anunciantes locais: os que têm algum potencial de verba publicitária e os que têm potencial mínimo.

Os primeiros preferem as emissoras filiadas às redes, pois seus comerciais são veiculados no mesmo canal usado por grandes anunciantes. Isso traz algum prestígio, além do retorno auferido com a audiência de uma emissora que reproduz programação nacional.

Já os de potencial mínimo não possuem cacife para veicular seus comerciais nos intervalos das emissoras filiadas. Os valores são elevados e o custo da simples produção de um comercial é caro. Alguns destes clientes usam as emissoras locais em espaços de programas independentes. São negociações difíceis, com vendas, muitas vezes, realizadas pelo produtor do programa, num corpo a corpo cansativo.

Existem clientes que, sequer, têm agência de publicidade para assessorá-los, havendo necessidade de o comercial ser criado e realizado pelo vendedor.

Em resumo, uma emissora independente está fadada a realizar programas de bancada, sem a possibilidade de disputar espaços com grandes produções, conquistando baixas audiências, segmentadas, compatíveis com os preços de suas veiculações.

No Rio Grande do Sul, a última tentativa, quase quixotesca, de emissora independente, foi a da TV Guaíba, no período em que era de propriedade de Breno Caldas. Na época, tentando fazer uma programação nos moldes das emissoras nacionais, não conseguiu equilibrar receita e despesa, apresentando prejuízo constante.

Já na fase de Renato Ribeiro, quando optou por uma programação de características assumidamente locais, com programas de bancada, modestos em sua forma e ambiciosos em seus conteúdos, usando convidados que, geralmente, tinham algo a dizer e que valia a pena serem ouvidos, numa parceria com produtoras independentes, conforme já explicitado nesta Dissertação, a emissora conseguiu equilibrar-se.

A venda para a Rede Record, que é, das reprodutoras locais, a que mais abre espaços em sua grade nacional para a programação local, não significou uma simples

troca de nomes. Significou uma mudança de linguagem! Os programas locais perderam a forma gaúcha de fazer televisão, por modestas que fossem as produções de então.

Os programas que a filiada põe no ar têm a mesma forma dos programas da matriz. Isso acontece com a TV Bandeirantes, o SBT, a TV Record e a RBS TV: mesmo padrão de letras, tipos e cores de cenários, ângulos e enquadramentos de câmeras, posturas e roupas de apresentadores. O telespectador sabe que houve troca da transmissão de seu estado para uma transmissão nacional, ou vice-versa, pela mudança do conteúdo e não pela mudança de forma. Não há diferença visível entre um programa nacional e um local. O telespectador, não sentindo a diferença entre um e outro, estabelece um padrão neutro, um meio termo. Com isto, o que é local fica neutralizado pela difusa linha divisória que separa as fontes geradoras.

As características visuais e de conteúdo dos programas locais, especialmente noticiários, são iguais às dos que ocupam os espaços nacionais. A prevalência é, sempre, do nacional.

Assim, quando a Rede Record, por exemplo, abre espaços para o Rio Grande do Sul, os programas que ocupam estes espaços não têm mais a forma e o conteúdo dos da antiga TV Guaíba. Eles são programas que tratam de assuntos gaúchos, mas com forma paulista, mesmo quando apresentados por âncoras do Rio Grande do Sul. O mesmo acontece com a TV Bandeirantes e o SBT. Também acontece com a RBS TV, em que pese a presença de alguns apresentadores da televisão ocuparem espaços em outros veículos do grupo, como o jornal Zero Hora e a Rádio Gaúcha, o que vincula uma imagem local à televisão.

A televisão é vista, pela maioria dos telespectadores, como o veículo do lazer e da informação. De onde vêm este lazer e esta informação, pouco lhe importa. Se fizer com ele rir, se distraia e fique informado, tudo estará bem, independentemente da origem. Se um humorista carioca provocar mais risos do que um gaúcho, o carioca será preferido e o gaúcho preterido.

Aparentemente, não há mais espaços para emissoras como as que existiam há 30 anos. Uma TV Piratini, nos moldes em que ela começou a operar, em 20 de dezembro de 1959, hoje se inviabilizaria operacionalmente. Duas, entre outras razões: os patrocinadores nacionais, como Varig, Real Aerovias, Brastemp, Esso, Shell e outros,

que, na época, anunciavam maciçamente na emissora, hoje anunciariam na geradora nacional. É inimaginável que se realizassem, atualmente, grandes produções como as que foram referidas nos capítulos da TV Piratini e da TV Gaúcha. Seus custos não teriam como ser diluídos por outras praças e os clientes locais não teriam aporte financeiro para, com seus comerciais, cobrir, sequer, as despesas.

Televisões locais independentes, de programações ecléticas, é um sonho que parece cada vez mais distante. Esta é uma realidade socioeconômica.

A tecnologia, inicialmente, criou as possibilidades e as modalidades de programações locais. Posteriormente, esta mesma tecnologia, evoluindo com o *vídeo-tape*, os micro-ondas, os satélites, fechou estes espaços locais, ocupando-os com as gerações de programas nacionais. Agora, temos uma volta às origens, com a tecnologia mais uma vez abrindo espaços às programações de todos os pontos do planeta.

O que se vislumbra é a segmentação, com canais voltados a um único segmento mercadológico, servindo de elo entre quem tenha algo para vender e quem quer comprar o que está à venda. A locação de satélites possibilita que o sinal destas pequenas emissoras seja transmitido para qualquer ponto do planeta, ampliando seu potencial de comercialização, especialmente em casos de leilões e congêneres.

Das quatro emissoras analisadas, três, literalmente, desapareceram e uma, a TV Gaúcha, trocou de nome e de personalidade. Sumiram fisicamente e, agora, esvanecem-se na memória dos telespectadores que, acostumados com as programações das grandes redes televisivas, não sentem falta dos espaços interativos de emissoras de televisão que uniam e integravam as comunidades, discutindo a busca do bem comum.

Mais do que uma realidade social, é um fato econômico atual, que será alterado pelas novas mídias e pela convergência digital. Atualmente, a internet mostra que os espaços locais, mesmo que artesanais e rudimentares, podem usar uma nova mídia, mesclando-se com temas nacionais e internacionais.

No entanto, e surpreendentemente, grandes mudanças estão acontecendo, não tanto pela criatividade de profissionais da área, mas pela tecnologia colocada à disposição dos operadores em comunicação. Estamos vivendo um fantástico período de mudanças para o qual não se vislumbra um fim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Vida. **TV Tupi: Uma linda história de amor**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2008
- BERGESCH, Walmor. **Os Televisionários**. Porto Alegre, Edições Ar do tempo, 2010
- CASTRO, J. de Almeida. **Tupi: Pioneira da televisão brasileira**. São Paulo, Fund. Assis Chateaubriand, 2000.
- GRANDI, Celito de. **Diário de Notícias – O romance de um jornal**. Porto Alegre, L&PM Editores, 2005
- KILPP, Suzana. **Apontamentos para uma história da televisão no Rio Grande do sul**. São Leopoldo, Editora Unisinos, 2000
- MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: Uma visão econômica, social e política**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- REIS, Sérgio. **Making Off: Histórias bem-humoradas dos primeiros anos do rádio e da TV**. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1995
- SOSA, Wladimir Victorio. **Vereda luminosa**. Porto Alegre, Forma diagramação, 2010
- VIANNA, Gaspar Luiz Grani. **Direito de telecomunicações**. Rio de Janeiro, Editora Rio, 1976
- WALLACH, Joe. **Meu capítulo na TV Globo**. Rio de Janeiro, Topbooks, 2011

E-MAILS

- ALVES, José Maurício Pires– ex-produtor da TV Piratini de Porto Alegre. Empresário. Entrevista por *e-mail* 2011
- CASTRO, J. Almeida. Empresário, ex- diretor dos Diários e Emissoras Associados. Entrevistas por *e-mail* 2011
- _____. Almeida. Empresário, ex- diretor dos Diários e Emissoras Associados. Entrevistas por *e-mail* 2012

GERMANI, Higino. Engenheiro eletrônico. Ex-diretor técnico da TV Guaíba.
Entrevista por *e-mail* 2011

KAUFMAN, Celso– ex-produtor da TV Piratini de Porto Alegre. Empresário Entrevista
por *e-mail* 2011

JORNAIS

CORREIO DO POVO. Edição de 20/12/1959

..... **. Edição de 07/09/1962**

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Edição de 15 /09/ 1962

FOLHA DA TARDE. Edição de 20/12/1962

..... **. Edição de 10/10/1966**

ÚLTIMA HORA. Edição de 27/08/62

REVISTAS

TV SUL PROGRAMAS. Edição de 1º /11/1963

..... **. Edição nº 2 de 1º/09/1963**

..... **. Edição nº 3 de 15 /10/ 1963**

..... **. Edição nº 06 de 1º /11/ 1963**

..... **. Edição nº 8 de 15/12/1963**

..... **. Edição nº 09 de 15/12/1963**

..... **. Edição nº 10 de 1º /01/ 1964**

..... **. Edição nº 12 de 1º /02/ 1964**

..... **. Edição nº 16 de 1º/04/1964**

..... **. Edição nº 19 de 15 /05/ 1964**

..... **Edição nº 58 de 1º/01/1966**

..... **Edição nº 60 de 15/02/1966**

..... **Edição nº 67 de 1º /05/ 1966**

..... **Edição nº 76 de 1º /10/1966**

INTERNET

LETTIERI, Iris. Disponível em: <www.irislettieri.com.br> acessado em 18.11.2011

MUSEU TV CÂMERA. Disponível em: <<http://www.tvcameramuseum.org>> acessado em 22 /01/ 2012

TV PIRATINI CANAL 5 RS. Disponível em: <<http://tvpiratinicanal5rs.blogspot.com> > acessado em 12.02.2012

ANEXO 1

E-MAIL ENTREVISTADOS



Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Spot - Telecontrole

3 mensagens

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>**17 de janeiro de 2012 19:45**

Para: José Mauricio <josemauricio@terra.com.br>

Meu caro Zé Mau.

Em minha dissertação de Mestrado vou falar no Telecontrole (SPOT) que tu, Walmor e Celso fizeram.

O Clovis me passou alguns dados, mas preciso de teu depoimento respondendo algumas perguntas.

1. Só começou depois que a TV Gaúcha entrou no ar, em 1963?

2. Ele disse que o vídeo dos intervalos era gravado em fita? Que tipo de VT vcs usavam?

Eu tinha a impressão que no início era um cara que assistia o intervalo comercial e ia anotando o que acontecia em uma planilha e depois passava isso em stencil, num mimeógrafo. Essa sofisticação de gravação me surpreendeu!

Te aguardo.

Fraternal abraço.

Sérgio

José Mauricio <josemauricio@terra.com.br>**18 de janeiro de 2012 19:17**

Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Cc: Celso Kaufman <ckaufman@uol.com.br>

Sergio, boa noite,

O Telecontrole teve início em 1961 e, de fato, a operação de coleta das informações e distribuição dos boletins era feita conforme você aqui relata.

Vou passar cópia deste e-mail para o Celso Kaufman que, por ser mais idoso que eu, tem melhor abrangência de conhecimentos e aprimorada memória histórica.

Ele poderá enriquecer sua narrativa com diversos episódios que viveu por lá...

Abração do Zé Mauricio

De: Sergio Reis [<mailto:sergio.reis@gmail.com>]**Enviada em:** terça-feira, 17 de janeiro de 2012 19:46**Para:** José Mauricio**Assunto:** Spot - Telecontrole

[Texto das mensagens anteriores oculto]

E-mail verificado pelo Terra Anti-Spam.Para classificar esta mensagem como spam ou não spam, [clique aqui](#).

Verifique periodicamente a pasta Spam para garantir que apenas mensagens indesejadas sejam classificadas como Spam.

Esta mensagem foi verificada pelo E-mail Protegido Terra.

Atualizado em 05/09/2011

**Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>**

spot

2 mensagens

Celso Kaufman <ckaufman@uol.com.br>**19 de janeiro de 2012 12:41**

Para: sergio.reis@gmail.com

Cc: zemaucio <josemaucio@terra.com.br>

Sergio querido, depois dessas gracinhas do Zé, creio que podemos falar serio e posso ajudar neste teu trabalho.

A Spot foi fundada em 1961 com nome de Sul Promoções, e depois em 1963 transformou-se em Spot. Inicialmente os socios eram Walmor, Jose Mauricio, Milton Ferreira e Celso.

Em 1962 começou o telecontrole, por sugestão do Plinio Cabral que era o diretor da Norton Publicidade. O primeiro gerente do telecontrole foi o Gilson Rosa.

O telecontrole era realizado totalmente a mão, com planilhas e cronometros Heuer. Hoje é totalmente informatizado.

Em 1965 iniciou o Radiocontrole, realizado inteiramente por cegos e quase cegos. Este serviço durou muitos anos dentro do Instituto Santa Luzia, e posteriormente passou para a Associação dos Cegos.

Sergio, se tiveres duvida ou precisares mais informações conte comigo.

forte abraço do amigo, celso

P.S. grande abraço e beijo para Vera.

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>**19 de janeiro de 2012 21:35**

Para: Celso Kaufman <ckaufman@uol.com.br>

Querido amigo.

Grato pelas informações.

Vou incluir os dados em minha Dissertação e usarei este teu mail como Fonte.

Fraternal abraço para ti e para a querida Celina.

Sérgio

Em 19 de janeiro de 2012 12:41, Celso Kaufman <ckaufman@uol.com.br> escreveu:

[Texto das mensagens anteriores oculto]



Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Documento1

2 mensagens

Frei Borghetti <borghetti@alsb.org.br>

13 de outubro de 2011 11:15

Para: sergio.reis@gmail.com

Meu caro

Sergio Reis

Logo após tua ligação, abri o computador porque eu sabia que tinha escrito alguma coisa a respeito de TV Rio, TV Difusora, Freis e profissionais gaúchos que andaram por lá. Faço um teste e estou te enviando este material.

Quanto a outras observações, vou prepará-las e te enviá-las.

Frei Borghetti

borghetti@alsb.org.br

Fone: 54.3220.9503



Documento1.doc

24K

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

13 de outubro de 2011 11:40

Para: Frei Borghetti <borghetti@alsb.org.br>

Borghetti, querido amigo.

Obrigado pela presteza no envio deste material.

Certamente me será útil. Estamos em um bom começo.

Aguardo o restante prometido.

Fraternal abraço.

Sérgio

Em 13 de outubro de 2011 11:15, Frei Borghetti <borghetti@alsb.org.br> escreveu:

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Rede nacional

Um capítulo especial na história da Difusora diz respeito à rede nacional de Televisão. O sistema de redes vinha aflorando no mundo inteiro. A cada dia melhoravam os sistemas de interconexão entre localidades distantes. Aos poucos iam se acabando as disputas pelos poucos canais de transmissão de sinal à distância, fornecidos pela Embratel.

Não havia outra alternativa. Nenhuma emissora conseguiria fazer frente aos custos totais de programação de sua respectiva programação. Era preciso dividir e partilhar. Além disso, os grandes artistas que produziam novelas, shows e outros programas de repercussão nacional se encontravam no centro do país.

Um acontecimento que praticamente foi esquecido aconteceu em Porto Alegre com a idéia de formar uma rede nacional de rádio e televisão. Iria surgir a REI, Rede de Emissoras Independentes. Para comprovar a vantagem, durante um certo tempo a Rádio Difusora de Porto Alegre, apresentou o Jornal da REI, um noticioso com a participação de diversas emissoras de rádio do país, feito ao vivo. Foi nessa ocasião que a Rádio Difusora trouxe para o setor de radiojornalismo, Sergio Zambiasi, que, além de redator, fazia intervenções ao vivo no estúdio. Zambiasi sonhava com a capital, e havia trabalhado na Rádio Cristal de Soledade, uma emissora dos Freis Capuchinhos.

Foi a partir disso que, por volta de 1971/1972, os executivos da TV Difusora propuseram à TV Record, de São Paulo, uma parceria para formar uma rede nacional de Televisão. A Record tinha tudo, instalações, equipes, programas e uma imagem muito boa em S. Paulo.

A tentativa da Difusora não funcionou. Mas a idéia não foi esquecida. Houve outra tentativa com apoio até mesmo de recursos financeiros que um empresário portoalegrense adiantou contribuíram para estimular o andamento do projeto, nem da REI e nem de outra Rede Nacional de Televisão.

A solução foi desistir.

Poucos meses depois, a mesma equipe decidiu aceitar a proposta da Record e assumir a TV Rio, do Rio de Janeiro, emissora do grupo da Record, mas que se encontrava sucateada e quase abandonada na zona Norte do Rio de Janeiro. Acertado o negócio, a equipe da Difusora escalou alguns profissionais e partiu para o Rio de Janeiro.

Decidiram implantar a nova emissora, cabeça de rede, num prédio em construção em Ipanema, onde seria construído um Hotel de primeira categoria, encravado num morro de pedra, mas que se encontrava parado por falta de recursos. Pertencia a uma empresa chamada Orbitur.

Para isso foi montado um projeto monstro. Equipamentos novos de estúdio, transmissores, microondas, instalações belíssimas, equipe de profissionais de primeira linha e tentativas de iniciar programas de nível nacional, naquele tempo, do nível de Flávio Cavalcanti, Chacrinha e outros...

Eis que, de repente, quando o projeto começa a andar, surge a TV Globo, que também se estruturava como rede nacional e começava levar os astros da TV Rio. Com poucos recursos e sem cacife para enfrentar a poderosa Globo, a TV Rio despenca. E com ela despenca a TV Difusora, que havia dado todo o suporte financeiro e estratégico para montar a referida cabeça nacional de Rede.

Aos poucos, os executivos do grupo se afastaram, começando por Walmor Bergesch, Frei Mattiello e outros e o negócio termina não dando certo.

No mesmo projeto também entrou a TV Brasília, que até chegou a ser inaugurada. Iria ser a emissora referência junto ao governo em Brasília.

O sonho era tão audacioso e tão importante que chegou a ser classificado pelos executivos da TV Difusora e TV Rio como o Modelo Brasileiro de Televisão. (Ver livrinho em cópia). Era coragem, mas sem coragem nada se faz.

E a TV Record não se envolveu nestes negócios. Ficou olhando. A emissora do Rio não interessava a eles e como a TV Difusora tinha assumido eles se viram livres de um problema.

De parte da Difusora permaneceu na TV Rio, assumindo todos os riscos, incomodações e sem recursos, Frei Antônio Guizzardi. Merece também um registro a presença do contador Fernando Etcheverry, de Porto Alegre, que fez de tudo para segurar a decadência da emissora carioca, mas que não conseguiu. Também lutou muito até sua falência o sr. Ramon da TV Rio.

Os inúmeros processos trabalhistas da TV Rio que repercutiram na Difusora, a falta de recursos para fazer frente ao futuro da TV Rio, as fracassadas tentativas de vender a emissora a quem a assumisse de verdade, acabaram levando a emissora à falência. Foi assumida por pastores e toda aquela estrutura fantástica que tinha sido construída no prédio de Ipanema, com uma imponência de primeiro mundo, se acabou por volta de 1977 e 1978.



Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

TV Difusora e os Capuchinhos

2 mensagens

Frei Borghetti <borghetti@alsb.org.br>

14 de outubro de 2011 10:44

Para: sergio.reis@gmail.com

Sergio,

Reuni mais alguns dados. Vais encontrar a citação de três livros que podem te ajudar como fonte bibliográfica.

Se achares que estes dados te servem, revise-os e aproveite-os.

Se falar algum dado me avise.

Se precisares de alguma cópia, sobretudo do episódio da TV em cores, de Caxias, mande-me o endereço.

Frei Borghetti



TV Difusora e os Capuchinhos.doc

38K

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

14 de outubro de 2011 11:14

Para: Frei Borghetti <borghetti@alsb.org.br>

Caro amigo.

Obrigado pela atenção e, mais do isso, pelo carinho.

Vou atrás dos livros.

Ficamos em contato.

Fraternal abraço.

Sérgio

Em 14 de outubro de 2011 10:44, Frei Borghetti <borghetti@alsb.org.br> escreveu:

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Rede nacional

Um capítulo especial na história da Difusora diz respeito à rede nacional de Televisão. O sistema de redes vinha aflorando no mundo inteiro. A cada dia melhoravam os sistemas de interconexão entre localidades distantes. Aos poucos iam se acabando as disputas pelos poucos canais de transmissão de sinal à distância, fornecidos pela Embratel.

Não havia outra alternativa. Nenhuma emissora conseguiria fazer frente aos custos totais de programação de sua respectiva programação. Era preciso dividir e partilhar. Além disso, os grandes artistas que produziam novelas, shows e outros programas de repercussão nacional se encontravam no centro do país.

Um acontecimento que praticamente foi esquecido aconteceu em Porto Alegre com a idéia de formar uma rede nacional de rádio e televisão. Iria surgir a REI, Rede de Emissoras Independentes. Para comprovar a vantagem, durante um certo tempo a Rádio Difusora de Porto Alegre, apresentou o Jornal da REI, um noticioso com a participação de diversas emissoras de rádio do país, feito ao vivo. Foi nessa ocasião que a Rádio Difusora trouxe para o setor de radiojornalismo, Sergio Zambiasi, que, além de redator, fazia intervenções ao vivo no estúdio. Zambiasi sonhava com a capital, e havia trabalhado na Rádio Cristal de Soledade, uma emissora dos Freis Capuchinhos.

Foi a partir disso que, por volta de 1971/1972, os executivos da TV Difusora propuseram à TV Record, de São Paulo, uma parceria para formar uma rede nacional de Televisão. A Record tinha tudo, instalações, equipes, programas e uma imagem muito boa em S. Paulo.

A tentativa da Difusora não funcionou. Mas a idéia não foi esquecida. Houve outra tentativa com apoio até mesmo de recursos financeiros que um empresário portoalegrense adiantou contribuíram para estimular o andamento do projeto, nem da REI e nem de outra Rede Nacional de Televisão.

A solução foi desistir.

Poucos meses depois, a mesma equipe decidiu aceitar a proposta da Record e assumir a TV Rio, do Rio de Janeiro, emissora do grupo da Record, mas que se encontrava sucateada e quase abandonada na zona Norte do Rio de Janeiro. Acertado o negócio, a equipe da Difusora escalou alguns profissionais e partiu para o Rio de Janeiro.

Decidiram implantar a nova emissora, cabeça de rede, num prédio em construção em Ipanema, onde seria construído um Hotel de primeira categoria, encravado num morro de pedra, mas que se encontrava parado por falta de recursos. Pertencia a uma empresa chamada Orbitur.

Para isso foi montado um projeto monstro. Equipamentos novos de estúdio, transmissores, microondas, instalações belíssimas, equipe de profissionais de primeira linha e tentativas de iniciar programas de nível nacional, naquele tempo, do nível de Flávio Cavalcanti, Chacrinha e outros...

Eis que, de repente, quando o projeto começa a andar, surge a TV Globo, que também se estruturava como rede nacional e começava levar os astros da TV Rio. Com poucos recursos e sem cacife para enfrentar a poderosa Globo, a TV Rio despenca. E com ela despenca a TV Difusora, que havia dado todo o suporte financeiro e estratégico para montar a referida cabeça nacional de Rede.

Aos poucos, os executivos do grupo se afastaram, começando por Walmor Bergesch, Frei Mattiello e outros e o negócio termina não dando certo.

No mesmo projeto também entrou a TV Brasília, que até chegou a ser inaugurada. Iria ser a emissora referência junto ao governo em Brasília.

O sonho era tão audacioso e tão importante que chegou a ser classificado pelos executivos da TV Difusora e TV Rio como o Modelo Brasileiro de Televisão. (Ver livrinho em cópia). Era coragem, mas sem coragem nada se faz.

E a TV Record não se envolveu nestes negócios. Ficou olhando. A emissora do Rio não interessava a eles e como a TV Difusora tinha assumido eles se viram livres de um problema.

De parte da Difusora permaneceu na TV Rio, assumindo todos os riscos, incomodações e sem recursos, Frei Antônio Guizzardi. Merece também um registro a presença do contador Fernando Etcheverry, de Porto Alegre, que fez de tudo para segurar a decadência da emissora carioca, mas que não conseguiu. Também lutou muito até sua falência o sr. Ramon da TV Rio.

Os inúmeros processos trabalhistas da TV Rio que repercutiram na Difusora, a falta de recursos para fazer frente ao futuro da TV Rio, as fracassadas tentativas de vender a emissora a quem a assumisse de verdade, acabaram levando a emissora à falência. Foi assumida por pastores e toda aquela estrutura fantástica que tinha sido construída no prédio de Ipanema, com uma imponência de primeiro mundo, se acabou por volta de 1977 e 1978.

Presença dos Freis Capuchinhos gaúchos no Rádio e TV

De certo modo, a presença dos Freis Capuchinhos gaúchos no rádio e na Televisão está ligada ao trabalho do Correio Riogradense e das Missões Populares, que teriam nestes meios uma cobertura e complementação. Começou em Garibaldi em 1951 com a instalação de uma pequena emissora de rádio que tinha como objetivo ampliar o serviço de alto-falantes da Igreja matriz. Outras comunidades do interior seguiram o exemplo. Lagoa Vermelha, Soledade, Vacaria, Caxias do Sul, Marau e Veranópolis.

A passagem para Porto Alegre foi uma consequência. Sentia-se a necessidade de uma emissora maior que pudesse articular a programação e possíveis cadeias de rádios. Em 31 de maio de 1958, foi fechado contrato de compra da Rádio Difusora Portolaegrense, até então pertencente aos Diários e Emissoras Associados. Com os estúdios na Rua Uruguai, 155, 4º andar, no centro da cidade, e os transmissores no Bairro Mathias Velho em Canoas, esta rádio passou a funcionar com 10kwts. Foi seu primeiro diretor Flávio Sebben Ramos, em seguida Casemiro Zafonato e Antônio Guizzardi.

Em 1961, foi consignada a concessão para a instalação de um canal de televisão, o Canal 10. Quem assumiria a organização e administração da nova emissora? A Arquidiocese, os bispos, os Paulinos não se sentiram em condições. Em 1962, através de Cyrillo Mattiello, foram adquiridos equipamentos velhos de uma emissora de TV americana e instalados na Capital do Estado. Em 1967, deu-se início à construção de um prédio próprio, num terreno onde funcionava o campo de futebol dos estudantes de Teologia, próximo do Convento, onde funciona a emissora.

A inauguração da nova emissora de televisão foi em 10 de outubro de 1969. Anos mais tarde, em 19.02.1972, o Canal 10 seria o pioneiro no Brasil a fazer suas transmissões em cores, por ocasião da Festa da Uva de Caxias do Sul.

A Rádio Difusora teve alguns programas religiosos e de mensagem bastante famosos, como "Um Novo Dia Começa para ti", às 06 horas da manhã, a Missa Dominical, inicialmente da catedral e depois da Igreja Santo Antônio do Partenon, até ser suspensa em 1969 por pressões e denúncias feitas na época da ditadura. Nunca mais voltou. Em compensação a "A Missa pelo [Dez]" vem acompanhando este canal todos os domingos desde sua instalação. (Saiu do ar após ter sido o Canal transferido à TV Bandeirantes).

O endividamento crescente da emissora determinou sua venda em contrato assinado em 1 de julho de 1980. Foi perdido o canal 10 e com ele a emissora de rádio. (Também uma emissora de FM).

A Difusora, Rádio e TV, foi assumida pela Bandeirantes.

Cumpra lembrar a grande popularidade que teve na Década de 60 e final de 50, o Coral dos Capuchinhos, regido por Gil de Roca Sales, com participação especial em canais de televisão, publicação de dois Lps bem sucedidos e presença no Festival de Corais de Porto Alegre, sempre com a primeira classificação.

(Transcrito do Livro História das Fraternidades Capuchinhas, Província do RS, pág. 63. Edição Pax et Bonum. Caxias do Sul, RS).

A experiência da TV Difusora

O sonho de montar uma emissora de televisão perpassava pela cabeça de alguns frades capuchinhos gaúchos na década de 1960. Eles administravam algumas emissoras de rádio no interior e sentiam a importância do uso destes meios para ampliar o campo da atividade missionária.

Naquele tempo, a televisão era novidade e, mesmo em preto e branco, as pessoas se encantavam com a nova tecnologia.

Foi assim que surgiu a idéia de redigir numa folha de papel em branco o pedido de um canal de televisão para Porto Alegre, concedido pelo presidente Juscelino no mesmo papel em duas linhas escritas a mão, por ocasião de um encontro casual dos dirigentes da Difusora com o presidente.

Da concessão à realidade havia uma enorme distância. Alguns anos mais tarde, foi construído um prédio próprio para a emissora, reservando parte do prédio para os estúdios da Rádio Difusora AM e, um pouco mais tarde, para a Difusora FM.

Em junho de 1969, pressionados pelo prazo de colocar a emissora de TV no ar, os frades capuchinhos contrataram dois superintendentes, Walmor Bergesch e Salimen Junior, leigos profissionais que tinham como missão montar a parte técnica, organizar a programação e dar início às atividades da emissora.. Foi escolhido o dia 10 de outubro de 1969.

A inauguração da nova emissora de TV teve grande repercussão em Porto Alegre e no Estado, embora seus sinais atingissem apenas a grande Porto

Alegre. O então presidente Emilio Garrastazu Médici saudou os dirigentes da emissora “já apta para o televisionamento em cores”. (Mensagem pronunciada em 10 de outubro de 1969, dia da inauguração da TV Difusora, Canal 10. (Citação do livro “Nosso Objetivo: O modelo brasileiro de Televisão”. 1ª edição – 1972 pág. 3). Por sua vez, o diretor superintendente, Salimen Junior, falando em nome da direção, lembrou que “não conseguimos disfarçar o orgulho de inaugurarmos a Televisão Difusora, Canal 10, no momento em que a história do Brasil sente o sopro forte do minuano”. (Idem, pág. 5).

O modelo brasileiro de televisão incluía na oportunidade, a TV Rio, canal 13, do Rio de Janeiro, inaugurada em 04 de abril de 1972 e a TV Rio, canal 8, de Brasília, inaugurada em 9 de setembro de 1972.

Este objetivo era procedente, pois as redes ainda engatinhavam e a TV Difusora se ressentia de fontes de produção de caráter nacional. Para isso tentou um acordo com a TV Record, de São Paulo, que acabou sendo frustrado. Restava como alternativa, a TV Rio, canal 13, do Rio de Janeiro que também pertencia aos mesmos proprietários das emissoras da Record de São Paulo.

No livro “... e o Verbo se faz Imagem. Igreja Católica e os Meios de Comunicação no Brasil: 1962-1989. Ralph Della Cava e Paula Monteiro. Editora Vozes. 1991, os autores fazem uma análise da tentativa da TV Difusora, Canal 10, de Porto Alegre, de incorporar a emissora carioca no grupo para que a mesma liderasse uma rede nacional como fonte produtora e geradora de produtos de alta qualidade para as emissoras da Rede.

Para isso foram investidos pesados recursos. A emissora foi instalada nas obras de um hotel em construção em Ipanema. A TV Rio começou a funcionar, mas “já apresentava agudos sinais de falência”. O projeto se tornou inviabilizado porque o presidente, General Ernesto Geisel cassou a concessão do sinal em abril de 1977. A cassação do canal 13, do Rio de Janeiro, custou aos dirigentes da TV Rio e aos capuchinhos gaúchos, proprietários da TV Difusora de Porto Alegre, um ônus financeiro de tal porte que não conseguiram pagar as dívidas e tiveram que desfazer-se da emissora gaúcha., entregando-a à Rede Bandeirantes em 1º de julho de 1980, em troca das dívidas da emissora. O sonho custou aos frades a perda dos 3 canais, ou seja, da TV Difusora, de Porto Alegre, da TV Rio, Canal 13, do Rio de Janeiro, e da TV Rio de Brasília, canal 8. Com a entrega da TV Difusora, Canal 10, ao Grupo Bandeirantes, foram incluídas também a Rádio Difusora Portoalgrencense, com 50 kilowatts e uma concessão de uma emissora de FM, Classe A, em fase de montagem.

Concluía-se assim a passagem dos Frades Capuchinhos Gaúchos no campo das comunicações eletrônicas na capital Estado que durou menos de 25 anos.

Embora em tempo tão curto, o trabalho dos capuchinhos deixou marcas profundas, especialmente em programas religiosos, entre eles a transmissão da Missa pela Rádio Difusora, o programa das 6 horas da manhã “Um Novo Dia Começa para Ti”, bem como outros programas infantis como Clube Lacta e outros.

A TV Difusora, Canal 10, marcou muitos pontos positivos nas pesquisas do IBOPE. Chegou-se até a cunhar a frase “Em Porto Alegre só dá Difusora”, para confirmar os excelentes índices de audiência da emissora. Foram destaques programas como Portovisão, ao meio-dia, Câmara 10, à noite, e séries de filmes

que ficaram na história da televisão portoalegrense. Também a população ainda recorda das lindas imagens da Missa pelo Dez dos domingos de manhã.

No entanto, o evento que ficou na história da televisão brasileira e da América Latina, é a transmissão externa pioneira de Televisão em Cores, feita em 19 de fevereiro de 1972, diretamente da Praça Dante Alighieri de Caxias do Sul, RS. Com a colaboração da Embratel, a experiência foi transmitida a todo o Brasil. Os noticiários da imprensa da época, há exatos 40 anos, repercutiram o fato, destacando o pioneirismo da emissora gaúcha. Embora existissem poucos receptores em PAL-M, a população se aglomerava na frentes de lojas que expuseram televisores exibindo excelentes imagens externas da TV Difusora, Canal 10, transmitidas da Praça Dante Alighieri, de Caxias do Sul.

Assistiram à demonstração técnica, na arquibancada da Praça Dante Alighieri, o presidente Emilio Garrastazu Médici, o ministro das Comunicações, o caxiense, Higino Corsetti, os diretores da TV Difusora, diretores da Festa da Uva, autoridades locais e o público caxiense.

(Observações feitas pelo jornalista Osébio Borghetti, que foi diretor de Rádio e TV Difusora Portolegrense s/a de 1967 a 1980).



Gmail - Informações TV Difusora

Informações TV Difusora

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>
Para: Osébio Borghetti <borghetti@alsb.org.br>

5 de maio de 2012 01:30

Meu querido amigo, Frei Borghetti.
Estou trabalhando no episódio TV Difusora, para minha dissertação de mestrado.
Surgiu uma dúvida.
Seguinte: Walmor vendeu suas ações para um empresário nordestino em 1973.
Salimen continuou na Difusora e TV Rio.

Perguntas:

Quando saiu Salimen? Sabes o que ele fez com as ações dele?
Qual o nome completo do frei Ferronato?
Ficaram na Difusora você, Mattiello, Ferronato... quem era o 4º frei que substituiu Pagno? Guizzardi?
A TV Difusora terminou por ser vendida (quase que pelas dívidas) para a TV Band.
Como vocês se desfizeram da TV Rio? Venderam os 27% que tinham em ações para quem?
Te aguardo, antecipando meus melhores agradecimentos.
Fica com Deus.
Abração.
Sérgio

Borghetti <borghetti@alsb.org.br>
Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

7 de maio de 2012 09:49

Sergio,

Como o tempo vai passando, eu também tenho dúvidas.
No entanto, gostaria te esclarecer que Walmor Bergesh e José Salimen, que foram contratados pela direção da Difusora, em 1º de julho de 1969, como superintendentes, não eram acionistas da empresa Rádio e TV Difusora Portoalegrense s/a. Os únicos acionistas oficiais, legalizados na Junta Comercial e perante o Ministério das Comunicações eram os 11 freis. Por volta de 1966, através do trabalho de dois corretores, o Motta e o Paulo Gerhardt, foram colocados títulos provisórios no mercado para serem, posteriormente, transformados em ações, o que jamais aconteceu porque a empresa acabou por entrar em situação falimentar. Por isso, não procede a informação de que o Walmor teria vendido suas ações na Difusora a um empresário nordestino. Da mesma forma, Salimen também não tinha ações na empresa Difusora.

Na verdade, Salimen permaneceu mais tempo, tanto na TV Difusora, como também na TV Rio. A saída dele coincidiu com a cassação da TV Rio por parte do Ministério das Comunicações. (Não me lembro em que data foi). Salimen deixou a TV Rio quando também o Antônio Guizzardi saiu. Guizzardi era o único frei que permaneceu mais tempo no Rio de Janeiro.

—
O nome completo do Ferronato, que veio à TV Difusora substituir o Frei Cynillo Mattiello, quando este desistiu da empresa e da Ordem Capuchinha, chamava-se, Frei José Ferronato (também conhecido como Frei Nestor). O quadro completo dos 4 diretores da Difusora, quando foi negociada com a TV Bandeirantes, de São Paulo, eram: Pedro Miszewski, José Ferronato, José Pagno e Osébio Borghetti.

—
Quanto à venda da Difusora à Rede Bandeirantes de São Paulo, é bom esclarecer que os freis Capuchinhos do RS fizeram tudo para manter a empresa como de sua propriedade, mas não tiveram como enfrentar as dívidas. Neste processo participaram, como representantes dos Capuchinhos junto à direção da Bandeirantes, os Freis Clementino Dotti e Alécio Turcatel. A empresa Difusora não foi vendida à Bandeirantes, o que decidiu a direção da Difusora foi entregar as concessões dos canais da Televisão, feita

em 1º de julho de 1980, da Rádio Difusora AM e da então Difusora FM, (em instalação), e junho de 1981, a uma nova empresa constituída por representantes da família Saad em troca do compromisso da Bandeirantes de liquidar as dívidas que a Difusora tinha junto a bancos e fornecedores. Posteriormente, a direção da Difusora entregou à Bandeirantes as instalações, prédios, máquinas e equipamentos, como complemento aos termos do contrato da Bandeirantes de liquidar os compromissos que a Difusora tinha. Em poucos meses, a Bandeirantes cumpriu seu compromisso e honrou as dívidas pendentes. Por sua vez, os freis ficaram com a responsabilidade de encerrar as atividades de sua empresa.

Com respeito à saída dos acionistas da TV Rio, Walmor Bergesch, José Salimen, Cyrillo Mattiello, Antônio Guizzardi, José Pagno e Osébio Borghetti, nada ficou bem claro. Com a cassação do Canal da TV Rio, o pessoal não teve mais nada a fazer a não ser tentar encerrar da melhor maneira possível as atividades. A situação não era bem clara, porque o Ministério das Comunicações não havia aprovado a negociação da compra da TV Rio e, por isso mesmo, a Junta Comercial do Rio não tinha oficializado a transação. Os freis não venderam suas ações a ninguém, ao menos esta é a informação mais certa existente. Não tenho ideia do que fizeram Walmor e Salimen.

Sergio, Estas eram as informações que eu poderia te fornecer. Com o passar do tempo, a gente vai esquecendo.

Frei Borghetti

Digo isto porque havia tanta informação quanto à situação da TV Rio que ninguém sabia mesmo o que era ou não verdade. O fato é que ela fechou suas portas, encerrou as atividades, deixou compromissos financeiros e fiscais que, aos poucos, foram se perdendo com o passar do tempo.

De: Sergio Reis [mailto:sergio.reis@gmail.com]

Enviada em: sábado, 5 de maio de 2012 01:30

Para: Osébio Borghetti

Assunto: Informações TV Difusora

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>
Para: Borghetti <borghetti@alsb.org.br>

7 de maio de 2012 10:56

Caro amigo Borghetti.

Grato pelas informações. Muuuito grato. São preciosas para meu trabalho.

Quando aos acionistas da TV Difusora, penso que me expressei mal. Sempre soube que Walmor e Salimen não eram acionistas do Canal 10.

Quando falei em acionistas juntando os freis e Walmor e Salimen, falava da TV Rio, quando, aí sim, vocês todos eram acionistas.

Quando falei em Walmor vender suas ações para um empresário nordestino, referia-me as ações da TV Rio. E essas ele vendeu. Como eram 13,5%, não significavam nada no mando da empresa.

Estranhei uma informação tua. Dizes que Salimen ficou na TV Rio até a cassação da emissora. A cassação foi em abril de 1977, pelo Presidente Geisel.

Tenho um mail do Gudy Emunds no qual ele afirma ter iniciado seu trabalho na TV Difusora em maio de 1975, ficando lá até 1994.

Gudy diz, também, que quando chegou à Difusora, em maio de 1975, Salimen não estava mais por lá.

Tens certeza da data de 1977?

Desculpa estar te incomodando, mas, penso, amigos são para estas coisas.

Abração.

Sérgio

Em 7 de maio de 2012 09:49, Borghetti <borghetti@alsb.org.br> escreveu:

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Borghetti <borghetti@alsb.org.br>
Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

7 de maio de 2012 14:22

Sergio,

Obrigado por ter retornado. Vejo que estás produzindo um trabalho sério. Parabens. Como existem poucos documentos a este respeito é importante deixar um bom registro. Fica para a história.

Sergio, não tenho certeza a respeito da data da saída do Salimen ser em 1977, como também não tenho certeza de quando ele teria deixado a Difusora e a tV Rio. Não tenho registros da saída de Salimen da Difusora e da Rio. Nos últimos anos, ele ficava mais na Difusora do que no Rio.

Quando o Fr. Mattiello deixou a Difusora, (isto aconteceu em 12 de dezembro de 1978), ele já não estava e o Gudy era o superintendente.

Quanto às observações a respeito de Walmor e Salimen acionistas, está correto.

Saudações

Frei Borghetti

De: Sergio Reis [mailto:sergio.reis@gmail.com]
Enviada em: segunda-feira, 7 de maio de 2012 10:56
Para: Borghetti
Assunto: Re: Informações TV Difusora

[Texto das mensagens anteriores oculto]

**Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>**

Fico às ordens, com enorme prazer

2 mensagens

Direção Geral LVT <josecastro@lvtours.com.br>**19 de junho de 2011 23:50**

Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Sergio

Parabéns pelo grande esforço e excelentes resultados. Ao ler sua mensagem, fiquei na dúvida se v. conhece o material anexo

Na dúvida, imaginando que de alguma forma pode ser útil decidi mandar

**SEMPRE PIONEIROS.docx**

18K

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>**20 de junho de 2011 00:14**

Para: Direção Geral LVT <josecastro@lvtours.com.br>

Castro.

Não tinha. Certamente será útil.

Obrigado.

Abr

Sérgio

Em 19 de junho de 2011 23:50, Direção Geral LVT <josecastro@lvtours.com.br> escreveu:

Sergio

Parabéns pelo grande esforço e excelentes resultados. Ao ler sua mensagem, fiquei na dúvida se v. conhece o material anexo

Na dúvida, imaginando que de alguma forma pode ser útil decidi mandar

(PUBLICADO NO BOLETIM N. 82 – ABRIL 2010 – DA PRO-TV) –

“SEMPRE PIONEIROS”

Por José de ALMEIDA CASTRO

Em fins de 1958, duas importantes etapas do nosso trabalho estavam sendo vencidas. Em Belo Horizonte, ajudara a consolidar a TV Itacolomy, primeira emissora de televisão fora do eixo Rio-São Paulo e no Rio de Janeiro, a TV Tupi já operava integralmente em suas novas instalações no antigo edifício do Casino da Urca. João Calmon determinou então, que, cumulativamente com a direção geral do Canal 6 carioca., assumisse o comando do programa de expansão das emissoras associadas de televisão. Assis Chateaubriand, então Embaixador do Brasil em Londres, decidira que, começando por Porto Alegre, emissoras associadas de TV seriam pioneiras em todo o Brasil. Um plano elaborado, sob nossa orientação, pelas equipes da Tupi do Rio foi considerado “audacioso” e difícil, mas finalmente aprovado e respeitado na sua execução. Três linhas mestras foram: a) – padronização obrigatória dos equipamentos de estúdios e transmissores; b) – realização de cursos em tempo integral, por conta dos Associados, para formação das equipes de novos profissionais selecionados em cada um dos estados que sediariam as novas emissoras de TV.; c) – meta de celebrar os dez anos das pioneiras TVs Tupi (Rio/SPaulo) inaugurando emissoras associadas de televisão do Extremo Norte ao Rio Grande do Sul.

Na execução, respeitados os conceitos básicos, houve uma pequena alteração no “modus operandi”. São Paulo, isoladamente, ficou encarregado do Paraná e, sob nossa supervisão, Vitor Purri, que comandara a instalação da TV Itacolomy, cuidou, com Edilson Varela na Superintendência, da TV Brasília. Igor Olimpiew dirigiu toda a parte técnica, com o apoio, no Rio, de Orazio Pagliari e de Herbert Guzman. A Tupi do Rio se

re-equiparara, com grande êxito, na Urca, com equipamentos RCA, os escolhidos para a cumprir o plano de padronização, inclusive com a compra de 10 máquinas de gravação de imagens em fita magnética, os TV Tapes. (a Ampex era a detentora da denominação "vídeo-tape)

O fundamental ponto "b" se tornou efetivo em meados de 1959, quando o diretor geral dos Associados, João Calmon , numa sala da TV Tupi na Urca , falou aos 40 alunos do 1º Curso de Preparação de Profissionais de Televisão do Brasil, vindos de Porto Alegre, de Salvador e do Recife, na presença dos Superintendentes Regionais Nelson Dimas de Oliveira, (Rio Grande do Sul) Odorico Tavares (Bahia) Edilson Varela (Brasília) e dois convidados especiais – Carlos Lage, da J. Walter Thompson e Emil Farhat, da Mc Cann Erickson Como responsável pelo Curso coube-me apresentar os "mestres" – Alinor de Azevedo, Alcino Diniz, Herbert Guzman, Mauricio Dantas, Pericles Leal. (Pericles depois foi o grande mestre de cearenses e paraenses).

Após quatro meses de aulas diárias e provas práticas, aqueles entusiastas profissionais realizaram programas, com a participação de artistas veteranos, como exames finais, transmitidos nas madrugadas da Tupi. Os gaúchos logo retornaram a Porto Alegre para os trabalhos preparatórios da inauguração da sua TV. E convidaram todos do Curso para a " prova de fogo".. Em 20 de dezembro de 1959, num fim de tarde com sol de 40 graus, de lá do alto do morro de Santa Teresa,. surgiram as imagens da TV Piratini. Seguiu-se o planejado. Há 50 anos, em 1960, no décimo aniversário da pioneira paulista, se inauguravam tevês pioneiras em Brasília, em Curitiba, em Salvador, em Fortaleza, no Recife e em Belém do Pará. Em Brasília, João Batista do Amaral com a sua repetidora da TV Rio, marcava sua presença em seguida, E no Recife um destaque: inaugurado 15 dias depois do Canal 6 associado, o Canal 2 foi também legítimo pioneiro. E como Assis Chateaubriand é impossível esquecer outro notável nordestino , o grande líder e

realizador, o Dr. Francisco Pessoa de Queiroz, e sua primorosa realização a TV Jornal do Comercio, do Recife.

NOTA – Vida Alves concedeu-me a honra de solicitar uma palavra sobre a historia acima descrita. Sou muito grato. E extrapolando o solicitado, volto a Porto Alegre: Walmor Bergesch, um pioneiro aluno do Curso de 1959 entregou ao publico, no dia 24 de março de 2010,, em festa gaucha, o seu livro “Os Televisionarios” Convidado, não pude comparecer.Tive, porem, a alegria de receber mensagens de participantes presentes. Destaco parte da que veio de Sergio Reis. Revigora-me ver, 50 anos depois, a lição transmitida àqueles jovens. Diz ele com muito carinho:

“Castro, mais do que nos ensinar televisão, você nos fez ver a importância e o poder do veículo que operaríamos e a responsabilidade que estávamos assumindo. O meu encantamento pela televisão começou com você e não parou até hoje (ancoro o programa Tribuna Independente pela Rede Vida de Televisão todas às quintas feiras, às 22,15h) Como vc ensinou, é ao vivo!).Mais do que uma profissão, vc me deu uma carreira que preencheu minha vida. Receba meu abraço de agradecimento
Sérgio



Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

TENTANDO ESCLARDECER SUAS DUVIDAS

2 mensagens

Almeida Castro <jac30@globocom.com>

24 de agosto de 2011 15:55

Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Alegria, meu caro Sergio em receber as suas noticias. Prazer em esclarecer prontamente tudo que possa. Veja as primeiras

From: sergio.redevida@gmail.com [mailto:sergio.redevida@gmail.com] **On Behalf Of** Sergio Reis**Sent:** quarta-feira, 24 de agosto de 2011 14:33**To:** José de Almeida Castro**Subject:** Dúvida

Caro Mestre.

Vou começar a lhe incomodar. Estou iniciando minha dissertação. Coletando dados, escrevendo alguns terchos para depois colocar em ordem. E dúvidas começam a surgir. A medida que surgirem, vou lhe mandando mails buscando esclarecimentos. - ISTO MANDE TUDO QUE PRECISAR

Vamos lá!

A televisão americana era (e é) 525 linhas/60 ciclos. É, COMO SEMPRE FOI. O NUMERO DE LINHAS NÃO IMPORTA NO CASO. OS CICLOS SIM, POIS ELES REGULAM O NUMERO DE QUADROS POR SEGUNDO. OU SEJA 60 CICLOS - 30 QUADROS.

Na página 110 de teu livro "Tupi - Pioneira da Televisão Brasileira", que me mandaste, falas sobre as 525 linhas e 60 ciclos e informas que o Rio de Janeiro (diferentemente de São Paulo que tinha 60 ciclos) fornecia energia elétrica em 50 ciclos e que o equipamento da RCA teve que ser adaptado para operar em 50 ciclos. O AUTOR DE "TUPI A PIONEIRA" NÃO FOI MUITO CLARO. E PEDE DESCULPAS. VAMOS ENTÃO ESCLARECER PARA QUE NÃO PAIREM DUVIDAS. EM 1950 O BRASIL NÃO TINHA GERAÇÃO, TRANSMISSÃO E FORNECIMENTO DE ENERGIA ELÉTRICA IGUAL EM TODO O PAÍS. SÃO PAULO OPERAVA EM 60 CICLOS E O RIO DE JANEIRO EM 50 CICLOS, CRIANDO INCLUSIVE ALGO MUITO ESTRANHO: A VITROLA QUE TOCAVA EM SÃO PAULO NÃO TOCAVA NO RIO. CONVERSOR SOMENTE DE VOLTAGEM (110/ 220 VOLTS) (**PADRONIZAÇÃO SÃO OCORREU EM 1956 QUANDO TODO O PAÍS FOI OBRIGADO A OPERAR EM 60 CICLOS.** SALIENTO QUE A CICLAGEM SÓ AFETAVA A PARTE DE GERAÇÃO DE IMAGEM,(GERADOR DE SINCRONISMO- POWER GENERATOR) E NÃO OS TRANSMISSORES QUE ERAM CAPAZES DE EMITIR OS SINAIS EXATAMENTE COMO RECEBIDO DOS ESTÚDIOS..

Pergunto:

1. Não seria mais fácil usar um conversor de energia (de 50 para 60 ciclos) como o que foi feito na Piratini? PRIMEIRO : EM 1950 NÃO HAVIA AINDA PROCESSO DE CONVERSÃO DE CICLAGEM. QUANDO HOVE MUDANÇA TODOS OS EQUIPAMENTOS PASSARAM A SER ASSÍNCRONOS. CONSTITUI NOVIDADE PARA MIM A PIRATINI PRECISAR CONVERSOR DE CICLAGEM. EM 1959, QUANDO ENCOMENDAMOS O EQUIPAMENTO ELE CHEGOU AO BRASIL, JUNTAMENTE COMO O DE TODAS AS NOVAS EMISSORAS DENTRO DOS PADRÕES LEGAIS - 60 CICLOS - IMPLANTADOS EM 1956.

2. Quando o Rio passou a distribuir energia em 60 ciclos, o que aconteceu com o equipamento? O EQUIPAMENTO ORIGINAL DO CANAL 6 - GE-DUMONT- JÁ TINHA SIDO SUBSTITUÍDO POR EQUIPAMENTO RCA (estúdio e transmissor) PARA IMPLANTAÇÃO DO NOVO PADRÃO, QUANDO O TRANSMISSOR TAMBÉM MUDOU DO ALTO DO PÃO DE AÇÚCAR PARA O SUMARÉ

3. Informas que o transmissor era GE. A RCA não fabricava transmissores? O autor do "Tupi a pioneira" vejo também não foi suficientemente claro. Entenda-se o que foi dito assim: Transmissor e câmeras eram GE. Não houve propriamente adaptação de câmeras. Houve sim fabricação especial, fora de serie na GE - Estados Unidos. Em atenção especial fabricaram apenas duas

câmeras.que deviam atender às especificações dos 50 ciclos. Daí a redução do material inicialmente contratado e a informação livro de que só foi autorizado o inicio das obras de adaptação do pequeno estúdio da Avenida Venezuela 43, quando a GE garantiu que faria as alterações de ciclagem, em regime especial.). Transmissor e câmeras eram GE. A RCA fabricava todo o equipamento para TV. mas não participou dos entendimentos para o Rio de Janeiro.

Recebe meu fraternal abraço. Retribuo seu fraternal abraço e continuo afirmando que me sinto honrado em poder colaborar para o seu trabalho;
Sérgio

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

24 de agosto de 2011 20:32

Para: Almeida Castro <jac30@globocom.com>

Querido amigo.

Obrigado, obrigado!

A presteza na resposta evidencia o carinho que tens por mim, o que muito me envaidece.

A Piratini usava um conversor (que ficava instalado na frente do prédio em uma casamata), pois Porto Alegre ainda operava com 50 ciclos em 1959.

Mais uma vez, obrigado.

Recebe meu afetuoso abraço.

Sérgio

Em 24 de agosto de 2011 15:55, Almeida Castro <jac30@globocom.com> escreveu:

[Texto das mensagens anteriores oculto]



Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Rebatendo duvida na hora

2 mensagens

Almeida Castro <jac30@globo.com>

28 de agosto de 2011 12:22

Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Bom dia e olhe que, pelo que se refere ao tempo, um belo dia. Neste momento, ceu azul, sem nuvens, sol e 23 graus. Dizem os experts que assim será por estas bandas até o início da noite.

Acho ótimo o critério de pontuar para esclarecer certos momentos "misteriosos". Transmissões "ao vivo" para todo o país só mesmo com a Copa de 70, onde houve um desagradável episódio narrado brevemente no meu livro "25 anos de televisão via satélite", quando tínhamos a exclusividade das transmissões e fomos obrigados a abrir para todas as emissoras brasileiras. Oportunamente, se desejar, voltarei outro dia, ao triste episódio.

Vamos às suas questões. A primeira rede brasileira foi, tristemente para nós, a nova Rede Globo, com seu "Jornal Nacional". Aliás este foi o momento da primeira grande ameaça à liderança da Tupi. Mais uma vez fruto da competição entre os poderes maiores de São Paulo-Paraná-Santa Catarina (Edmundo Monteiro) e do Rio (Calmon, demais emissoras associadas). Na grade de programação a área Calmon era baseada no esquema com o "Reporter Esso" às 20.00, líder absoluto de audiência. Mas a Tupi de São Paulo apresentava o seu Esso local às 19.45, entre duas novelas. Quando a Embratel disponibilizou um canal nacional para às 20 horas, e a Mc Cann aprovou o Repórter Esso Nacional, a direção de São Paulo vetou, alegando seus compromissos comerciais. E nasceu o Jornal Nacional da Globo. Anos mais tarde, com Antonio Lucena na direção, a Tupi do Rio alterou a sua grade de programação e seguiu São Paulo. Começou a queda.

1964 - Direito de Nascer - Esta é outra demonstração da máxima afirmativa: "quem tem certos amigos nem precisa de inimigos para ser derrotado". Eu pessoalmente começara a negociar a compra dos direitos da novela de Felix Cagnet, embora a Tupi de São Paulo (pelo acordo Edmundo-Calmon) concentrasse a produção de novelas e o Rio os shows. Costalima seguia a tendência interna do Sumaré de escolha de originais para as novelas e não se entusiasmou com a história de Mamãe Dolores. David Raw era ligado à TV Rio, segunda emissora carioca em audiência, onde estava Walter Clark com programação tipo "Casamento na TV" e "Dercy Gonçalves". David, atuando de forma independente junto a contatos no México, fez um pré contrato com os representantes de Cagnet e procurou os caminhos para produzir a novela aqui no Brasil. A TV Rio não tinha qualquer condição de produzir e gravar a novela e, fazendo o que lhe cabia para segurar o contrato, confidencialmente David negociou com São Paulo algo muito estranho: a Tupi de São Paulo assumiria a produção e em troca teria direitos exclusivos de transmissão em São Paulo, para Paraná e Santa Catarina. cedendo uma cópia do tape para a TV Rio no Rio de Janeiro e demais praças. Ao saber da negociação comuniquei ao Calmon e protestei. Apenas me desgastei e fui cuidar de outras áreas. **ESTA É A HISTÓRIA**, em síntese. Posso afirmar que não é a única no relacionamento.

Como pode notar, ao responder prontamente à sua dúvida sobre co-irmãs, não fui consultar nenhum documento ou papel (os arquivos de computador nem eram sonhados ainda)

Acionei o disco rígido da minha memória, tão marcante e triste foi o episódio. que não se apagou após tantas décadas.

Há muitos episódios e momentos de luta em duplo front. Os mais difíceis foram no front interno. Duvido que, hoje como ontem, despertem maior interesse. Daí, contrariando norma de vida, aos 89 anos de idade, trabalhando duro para viver dignamente, recolho-me no trato das disputas associadas e prefiro lembramos os momentos lindos, como aqueles em que tive a honra e a alegria de poder falar de algo bom a gente tão importante e carinhosa como você e seus colegas das históricas jornadas de implantação, no braço, na raça e na dedicação plena, da TV brasileira.

Bom domingo, bom trabalho

abraços

Almeida Castro



Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

ENC: TV Piratini e Dissertação

2 mensagens

Almeida Castro <jac30@globo.com>

22 de janeiro de 2012 01:19

Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Meu caro

Boa noite

Vou dividir esta mensagem em duas partes: na primeira pedindo desculpas por não ter podido comentar sobre o dia da sua dissertação e pela indesculpável má educação de não lhe dar uma palavra sobre a linda homenagem que você e sua família estão me prestando. É uma dádiva única você me permitir estar ao seu lado no dia de mais uma grande vitória. Além do carinho da pequena família que cerca este envelhecido e saudável nonagenário, estar aí também celebrando meus 90 anos é grande e insuperável homenagem. Só desígnios divinos em contrario me impedirão de sorrir ao seu lado. Combinaremos tudo a tempo e hora.

A outra parte é a tentativa de lhe fornecer melhores elementos para a compreensão da história da construção do prédio do morro de Santa Tereza. Procurarei ser direto e claro: A primeira vez que me envolvi com Porto Alegre foi a convite do Jesuino Antonio D'Avila, quando dei pequeníssima contribuição ao trabalho magnífico de recuperação da Radio Farroupilha, destrozada com os conhecidos acontecimentos de agosto-setembro de 1954. Jamais esqueci a demonstração de solidariedade dos promotores e realizadores das caravanas artísticas que, fazendo shows, por todo o Rio Grande, levantaram "fundos" para ajudar a reerguer a grande emissora. Quando colaborei na modernização do equipamento da Tv Tupi - Rio - estive, convidado pelo Calmon, na RCA, com o Chateaubriand no alto do edifício do Rockefeller Center. (nunca entendi exatamente porque fui lá para um encontro dos chefões com David Sarnoff e Wladimir Zworikin.) O assunto era compra de modernos e mais potentes transmissores para as rádios associadas, o primeiro deles para a Radio Farroupilha e os equipamentos para os novos estúdios do Canal 6. As rádios tiveram seus transmissores, e aproveitando a oportunidade a TV Itacolomi ficou definida. Dois anos depois, Calmon me disse que eu comandaria a expansão e a Piratini seria a quarta televisora do grupo. Em 11 de janeiro de 1955, Calmon e Nereu desceram no aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro num Convair da Cruzeiro do Sul vindos do Recife. Assim começou a era Calmon de expansão. No Nordeste a nossa "bussola" econômico-financeira era meu querido amigo Nelson Dimas de Oliveira, Pai. Para indicar os rumos salvadores das Associadas Gauchas, Dimas foi de mala e cuia para Porto Alegre, apenas como auditor. O cearense não era entusiasta de gastos novos. Diziam que ele tinha espírito de contador. Voei para os Pampas e quem esteve comigo vendo terreno e outros detalhes foi o Franklin Peres.. Aliás - parece-me - que os gaúchos foram injustos com ele e pouca gente se lembra que o Franklin Peres foi quem indicou para a Superintendencia o Dimas e o convenceu de assumir o comando. Já estava decidida a instalação e a inauguração da Piratini o mais tarde até 1959. Igor e eu planejamos, com o apoio do Nereu e de alguns recursos da caixa da Radio Tupi do Rio a nossa parte. Com a condição estabelecida cabia ao Dimas a construção do prédio e conseguir a urbanização do morro. **UM PARENTESE** - Certamente leu no livro do Walmor a versão porque não fui condômino e aí pode ver uma data muito significativa: agosto de 1959. Era a data estabelecida para estrear no Brasil, no morro de Santa Teresa, a Orquestra Sinfônica de Praga, com seus 300 elementos iniciando uma programação de inauguração de seis novas emissoras de televisão associadas. Chateaubriand me chamou a Londres e me hospedou na embaixada do Brasil, mas em breve encontro pouco me explicou. Apenas mandou que retirasse numerário e instruções e fosse imediatamente concluir um acordo com o ministro da Cultura da Checoslováquia. **Naquele tempo os passaportes tinham uma declaração destacada: não vale para os países do Leste Europeu.** O embaixador Chateaubriand, sabendo do problema mandou que eu falasse com o Hugo Gouthier, que era nosso Embaixador em Bruxelas. Viajei para a Belgica e o casal Gouthier me hospedou como príncipe mas não resolveu o impasse. Fiquei passeando e aguardando. Aí morreu o Papa e, a pedido do Dimas, o Calmon mandou que fosse para Roma e conseguisse providenciar circuitos e autorizações para mim e D. Vicente Scherer, que estava indo para transmitir da Basílica de São Pedro as missas solenes do funeral do

Papa (Pio ???) e a eleição do novo Papa (que demorou e foi o João XXI - acho) . Consegui tudo com o Vaticano e transmitimos pela Radional a missa. Depois o aparecimento da fumacinha. Sem dinheiro, sem notícias do embaixador Gouthier, num hotel em Roma sem ter o que fazer enviei um telex e o Calmon mandou que retornasse ao Rio.

Fiquei sem saber que acordo era aquele que eu assinaia. Logo depois, o Calmon informou ao Chateaubriand que eu não tinha ido à Praga. O chefe ficou zangado, passou a ir à Urca e não ver, nem falar comigo. Avisei ao Calmon: se não me querem é só avisar quem é meu substituto. Não toparam. Convivi muito tempo em situação muito engraçada. O dono da casa não me perdoava, mas não queria me ver fora da luta pelas televisões.

Voltemos à Piratini. No final de 1958, o Dimas disse que tinha equilibrado as empresas. Nós já tínhamos visto o material em fabricação na fabrica da RCA em Trento. Thompson e Mc Cann tinham apoiado o plano do Curso, Mas a construção "ralentava" quase parando. Rui Rezende já enviara a lista dos indicados para o treinamento, a Tupi ia muito bem, mas Dimas dizia: sem dinheiro novo não posso fazer nada mais do que está sendo feito a duras penas, Uma velha proposta de negocio reapareceu: os frades capuchinhos tinham dinheiro vivo e queriam começar fortes como uma boa radio em Porto Alegre. Se não me engano o porta voz da solução foi o Ibanor Tartorroti. Em 31 de maio de 1959, três frades pagaram o exigido e ficaram com a Rádio Difusora, que era quase um peso morto no reinado do Dimas. Assim, o Sol voltou a brilhar e eu pessoalmente tive a felicidade – e por que negar – o orgulho de realizar um sonho. Tudo Ok com Porto Alegre, Odorico Tavares me apoiou incluindo a Bahia. Com muita insistência pessoalmente ganhei de Fernando Chateaubriand a promessa de mandar jovens a serem escolhidos também para o curso no Rio. (somente estive lá o Antigenes Tavares, meu velho companheiro da Radio Tamandaré).

O resto você já sabe e até melhor do que eu.

PROMETI E NÃO CUMPRI. Fui longo e detalhista e tomei demais o seu tempo. Mas saiba que esta é a primeira vez que confirmo a historia de Praga. Pessoal e sinceramente, não acredito que ela me afastou do Condominio. Pode até ter justificado para alguns. Fator mais relevante foi ontem, como seria hoje. Considero-me disciplinado, dedicado e leal e acredito na minha capacidade de fazer. Mas não bajulo, não barganho, não troco convicção por comissão ou promoção. Orgulhoso, confiado, auto suficiente, mascarado dizem alguns ou muitos. Mas jamais ouvi dizerem que sou desonesto ou desleal.

Outra vez é hora de pedir mil perdões.

Abraços e toda a confiança para lhe dizer: se considerar valido falar do assunto, faça-o. Tem minha total aprovação.

Grande abraço

Castro

De: Sergio Reis [<mailto:sergio.reis@gmail.com>]

Enviada em: sexta-feira, 20 de janeiro de 2012 23:25

Para: Almeida Castro

Assunto: Re: Construção prédio TV Piratini

Caro Mestre.

Grato pela sempre pronta resposta.

Pelo que dizes o prédio foi construido em menos de um ano, pois em novembro de 1959 já estávamos fazendo testes e preparando programas.

Uau!

Imaginei que tivesse levado algum tempo ao redor dois/três anos.

Valeu meu caro amigo.

Fraternal abraço

Sérgio

PS: Não me respondeste se aceitas meu convite para vires à minha defesa de Dissertação. Vens só ou acompanhando?

Em 19 de janeiro de 2012 23:46, Almeida Castro <jac30@globo.com> escreveu:

Caríssimo Sergio

Boa noite

Perdoe a demora da resposta. Internet, temporais, panes estão se sucedendo neste úmido verão paulistano. Mas, mesmo sem consulta uma primeira notícia sobre a sua pergunta, em duas partes:

1 – Chateaubriand – neste aspecto como em outros – era imprevisível. Posso dizer que não havia um padrão de comportamento. Se algo fosse padronizado era a falta de padrão do ilustre senhor. Era capaz de projetar determinada ação para cinco depois e esquecer quando

não era realizada e nem mesmo lhe interessava mais. Concretamente no caso da expansão das televisões podemos dizer que foi muito firme nos planos. Em 1957 o João Calmon me disse; Prepare um plano geral porque d. Assis vai pedir definição para instalarmos mais cinco ou seis canais, logo depois de Belo Horizonte e você será o carregado. Depois que a Itacolomi foi inaugurada em Belo Horizonte

Juscelino garantiu licenças de importação para junto com os vídeo tapes destinados à inauguração de Brasília serem comprados todos os

equipamentos. Apresentei então o plano comemorativo dos dez anos da TV no Brasil chegar ao fim dos anos 60 com dez canais associados no ar, começando por Porto Alegre, depois Brasília até no fim do ano com Belem do Pará.

Construção do prédio da TV Piratini. – Em 1958, vencendo algumas resistências internas em Porto Alegre, Dimas começou a tomar as primeiras providências. A pedido Igor Olimpiew foi até lá e, em companhia do Franklin Peres, conheceu o desabitado morro de Santa Tereza. Fui informado de que deveríamos fazer o esboço do que pretendíamos, mas a parte civil da obra e a construção do prédio seria

Tocada diretamente pelo Nelson Dimas de Oliveira – Pai - A obra deveria começar no primeiro trimestre de 1959. Houve atrasos, falta de verba, dificuldades com autoridades locais e quando o material já estava chegando um ‘minuano’ em agosto levou todo o telhado.

Mas enquanto enfrentávamos dificuldades em Porto Alegre o planejamento inicial de engenharia eletrônica e formação de pessoal seguia

firme. Etapa que v. conheceu e viveu intensamente no entusiasmo dos seus 21 anos Mantivemos assim o plano inicial: primeiro Piratini, em dezembro; depois Brasília, Curitiba, Recife, Salvador, Fortaleza, Belém do Pará. Em janeiro de 1961 tínhamos as DEZ no ar. As três primeiras Tupi-SP – 50; Tupi – RJ – 51 e TV Itacolomi – 58.,

Para melhor precisão sobre o tempo real de construção, desde o desbravamento do morro de Santa Tereza (entremado com as jornadas da casa da Monica) até o dezembro de 1959 conto com as suas pesquisas locais. Por isso me alonguei nas linhas gerais de todo o processo para ilustrar suas conclusões.

Espero tenha sido útil.

Abraços

Castro



falando dos capuchinhos

1 mensagem

Almeida Castro <jac30@globo.com>

23 de janeiro de 2012 14:24

Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Obrigado, garoto, pelas bondosas palavras. Complemento a "velha novidade": a Radio Difusora Porto-alegrense tinha dois sócios majoritários : Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello e Leão Gondim de Oliveira; e dois quotistas locais: Ernesto Correa e Say Marques. Nelson Dimas exigia que todos os os quotistas assinassem a escritura de transferência das quotas, especialmente os locais, No final concordou com procuração por instrumento publico lavrado em cartório. Com plenos poderes específicos para vender e dar posse aos novos donos imediatamente, sem qualquer publicidade, assinou, em sala fechada do cartório, a venda. Pelos capuchinhos assinaram Narciso Estevão Doti, Horacio Mattana e Ernesto Zafonato, todos freis da ordem dos Frades Menores Capuchinhos. O documento confirma o recebimento, no ato, do total combinado e dá plena e total quitação aos novos quotistas. Não posso afirmar quem, junto com o Dimas, assinou pela antiga Difusora como testemunha.. Em meus rabiscos aparece apenas como testemunha dos Capuchinhos o frei Cyrilo Mattiello.

Acima estão fatos. Versões e boatos existiram, mas sem maior repercussão. Ao Rio de Janeiro, nada provado, chegavam registros de terceiros de que grandes industriais gaúchos financiaram os compradores e o Banco Português do Brasil teria atuado pelos empresários amigos dos Capuchinhos. Estava muito atarefado para me preocupar com o "dito" ou "ditos" financiadores. Nele maio que a luz acendera e tudo iria dar certo. Importante: o dinheiro não dava para pagar a instalação do sistema de ar condicionado e a RCA avisava que seria impossível. Igor Olimpiew e os técnicos previam panes nos equipamentos quando chegasse o verão gaúcho. Dimas, que não bicava com Brizzola e falava muito com o pessoal da Springer-Admiral por causa da refrigeração, se mantinha como o "contador". O dinheiro não dava e a Piratini tinha que ir para o ar. Ponto final. Ele encontrara um caminho de fuga para as preocupações; aceitando ser diretor da sociedade de Tradições Nordestinas. Com xaxado e forró conteve o desespero quando o minuano levantou parte dos telhados do prédio em construção. Fomos em frente, como sabe.

V. tem novas trilhas se desejar abordar a historia. Acho que quem sabe bem desta historia é o meu amigo Fernando Ernesto, atualmente dedicado apenas às lides jurídicas.

Toco o "acalanto" e saio do Ar.

Recomende-me a esposa. Al Neto e seu programa era, com o devido pedido de perdão por afirmar tal, a USIA na televisão carioca.

Reconheço a discrição e qualidade de muito do que a United States Information Agency fazia. Para Ibraim Sued cavalo não subia escada e

Al neto fumava bem cachimbo. Com "Half and Half" importado.

Grande abraço

Castro

De: Sergio Reis [mailto:sergio.reis@gmail.com]

Enviada em: segunda-feira, 23 de janeiro de 2012 11:28

Para: Almeida Castro

Assunto: Re: TV Piratini e Dissertação

Meu querido Mestre.

E mail longo coisa nenhuma! Muitas informações preciosas.

A da venda da Difusora para os Capuchinhos para fazer dinheiro novo é, para mim e e a torcida do Flamengo, absolutamente nova,

Nunca soube como a Difusora fora parar nas mãos dos religiosos. Taí a resposta que, logicamente, vou usar. Quanto ao fato de você não ter sido condômino, penso que, se alguém perdeu, foi a empresa.

Obrigado pelas pérolas de informações.

Fraternal abraço.

Sérgio

PS: Nos veremos na Dissertação. Quero exibir para minha família o amigo maravilhoso que tenho. À propósito, minha mulher é carioca, têm 68 anos e, quando garotinha, participava de programas na Tupi, especialmente o do AI Neto. Claro que ela lembra de você.

Em 22 de janeiro de 2012 01:19, Almeida Castro <jac30@globocom> escreveu:

Meu caro

Boa noite

Vou dividir esta mensagem em duas partes: na primeira pedindo desculpas por não ter podido comentar sobre o dia da sua dissertação e pela indesculpável má educação de não lhe dar uma palavra sobre a linda homenagem que você e sua família estão me prestando. É uma dádiva única você me permitir estar ao seu lado no dia de mais uma grande vitória. Além do carinho da pequena família que cerca este envelhecido e saudável nonagenário, estar ai também celebrando meus 90 anos é grande e insuperável homenagem. Só desígnios divinos em contrario me impedirão de sorrir ao seu lado. Combinaremos tudo a tempo e hora.

A outra parte é a tentativa de lhe fornecer melhores elementos para a compreensão da historia da construção do prédio do morro de Santa Tereza. Procurarei ser direto e claro: A primeira vez que me envolvi com Porto Alegre foi a convite do Jesuino Antonio D'Ávila, quando dei pequeníssima contribuição ao trabalho magnífico de recuperação da Radio Farroupilha, destroçada com os conhecidos acontecimentos de agosto-setembro de 1954. Jamais esqueci a demonstração de solidariedade dos promotores e realizadores das caravanas artísticas que, fazendo shows, por todo o Rio Grande, levantaram "fundos" para ajudar a reerguer a grande emissora. Quando colaborei na modernização do equipamento da Tv Tupi – Rio – estive, convidado pelo Calmon, na RCA, com o Chateaubriand no alto do edifício do Rockefeller Center. (nunca entendi exatamente porque fui lá para um encontro dos chefões com David Sarnoff e Wladimir Zworikin.) O assunto era compra de modernos e mais potentes transmissores para as rádios associadas, o primeiro deles para a Radio Farroupilha e os equipamentos para os novos estúdios do Canal 6. As rádios tiveram seus transmissores, e aproveitando a oportunidade a TV Itacolomi ficou definida. Dois anos depois, Calmon me disse que eu comandaria a expansão e a Piratini seria a quarta televisora do grupo. Em 11 de janeiro de 1955, Calmon e Nereu desceram no aeroporto do Galeão ,no Rio de Janeiro num Convair da Cruzeiro do Sul vindos do Recife. Assim começou a era Calmon de expansão. No Nordeste a nossa "bussola" econômico-financeira era meu querido amigo Nelson Dimas de Oliveira, Pai. Para indicar os rumos salvadores das Associadas Gauchas, Dimas foi de mala e cuia para Porto Alegre, apenas como auditor. O cearense não era entusiasta de gastos novos. Diziam que ele tinha espírito de contador. Voei para os Pampas e quem esteve comigo vendo terreno e outros detalhes foi o Franklin Peres.. Aliás – parece-me – que os gaúchos foram injustos com ele e pouca gente se lembra que o Franklin Peres foi quem indicou para a Superintendencia o Dimas e o convenceu de assumir o comando. Já estava decidida a instalação e a inauguração da Piratini o mais tarde até 1959. Igor e eu planejamos, com o apoio do Nereu e de alguns recursos da caixa da Radio Tupi do Rio a nossa parte. Com a condição estabelecida cabia ao Dimas a construção do prédio e conseguir a urbanização do morro. UM PARENTESE – Certamente leu no livro do Walmor a versão porque não fui condômino e aí pode ver uma data muito significativa: agosto de 1959. Era a data estabelecida para estrear no Brasil, no morro de Santa Teresa, a Orquestra Sinfônica de Praga, com

seus 300 elementos iniciando uma programação de inauguração de seis novas emissoras de televisão associadas. Chateaubriand me chamou a Londres e me hospedou na embaixada do Brasil, mas em breve encontro pouco me explicou. Apenas mandou que retirasse numerário e instruções e fosse imediatamente concluir um acordo com o ministro da Cultura da Checoslováquia. **Naquele tempo os passaportes tinham uma declaração destacada: não vale para os países do Leste Europeu.** O embaixador Chateaubriand, sabendo do problema mandou que eu falasse com o Hugo Gouthier, que era nosso Embaixador em Bruxelas. Viajei para a Bélgica e o casal Gouthier me hospedou como príncipe mas não resolveu o impasse. Fiquei passeando e aguardando. Ai morreu o Papa e, a pedido do Dimas, o Calmon mandou que fosse para Roma e conseguisse providenciar circuitos e autorizações para mim e D. Vicente Scherer, que estava indo para transmitir da Basílica de São Pedro as missas solenes do funeral do Papa (Pio ???) e a eleição do novo Papa (que demorou e foi o João XXI - acho) . Consegui tudo com o Vaticano e transmitimos pela Radional a missa. Depois o aparecimento da fumacinha. Sem dinheiro, sem notícias do embaixador Gouthier, num hotel em Roma sem ter o que fazer enviei um telex e o Calmon mandou que retornasse ao Rio.

Fiquei sem saber que acordo era aquele que eu assinava. Logo depois, o Calmon informou ao Chateaubriand que eu não tinha ido à Praga. O chefe ficou zangado, passou a ir à Urca e não ver, nem falar comigo. Avisei ao Calmon: se não me querem é só avisar quem é meu substituto. Não toparam. Convivi muito tempo em situação muito engraçada. O dono da casa não me perdoava, mas não queria me ver fora da luta pelas televisões.

Voltemos à Piratini. No final de 1958, o Dimas disse que tinha equilibrado as empresas. Nós já tínhamos visto o material em fabricação na fabrica da RCA em Trento. Thompson e Mc Cann tinham apoiado o plano do Curso, Mas a construção “ralentava” quase parando. Rui Rezende já enviara a lista dos indicados para o treinamento, a Tupi ia muito bem, mas Dimas dizia: sem dinheiro novo não posso fazer nada mais do que está sendo feito a duras penas, Uma velha proposta de negocio reapareceu: os frades capuchinhos tinham dinheiro vivo e queriam começar fortes como uma boa radio em Porto Alegre. Se não me engano o porta voz da solução foi o Ibanor Tartorroti. Em 31 de maio de 1959, três frades pagaram o exigido e ficaram com a Radio Difusora, que era quase um peso morto no reinado do Dimas. Assim, o Sol voltou a brilhar e eu pessoalmente tive a felicidade – e por que negar – o orgulho de realizar um sonho. Tudo Ok com Porto Alegre, Odorico Tavares me apoiou incluindo a Bahia. Com muita insistência pessoalmente ganhei de Fernando Chateaubriand a promessa de mandar jovens a serem escolhidos também para o curso no Rio. (somente estive lá o Antiogenes Tavares, meu velho companheiro da Radio Tamandaré).

O resto você já sabe e até melhor do que eu.

PROMETI E NÃO CUMPRI. Fui longo e detalhista e tomei demais o seu tempo. Mas saiba que esta é a primeira vez que confirmo a historia de Praga. Pessoal e sinceramente, não acredito que ela me afastou do Condominio. Pode até ter justificado para alguns. Fator mais relevante foi ontem, como seria hoje. Considero-me disciplinado, dedicado e leal e acredito na minha capacidade de fazer. Mas não bajulo, não barganho, não troco convicção por comissão ou promoção. Orgulhoso, confiado, auto suficiente, mascarado dizem alguns ou muitos. Mas jamais ouvi dizerem que sou desonesto ou desleal.

Outra vez é hora de pedir mil perdões.

Abraços e toda a confiança para lhe dizer: se considerar valido falar do assunto, faça-o. Tem minha total aprovação.

Grande abraço

Castro

De: Sergio Reis [mailto:sergio.reis@gmail.com]
Enviada em: sexta-feira, 20 de janeiro de 2012 23:25
Para: Almeida Castro
Assunto: Re: Construção prédio TV Piratini

Caro Mestre.

Grato pela sempre pronta resposta.

Pelo que dizes o prédio foi construído em menos de um ano, pois em novembro de 1959 já estávamos fazendo testes e preparando programas.

Uau!

Imaginei que tivesse levado algum tempo ao redor dois/três anos.

Valeu meu caro amigo.

Fraternal abraço

Sérgio

PS: Não me respondeste se aceitas meu convite para vires à minha defesa de Dissertação. Vens só ou acompanhando?

Em 19 de janeiro de 2012 23:46, Almeida Castro <jac30@globo.com> escreveu:

Caríssimo Sergio

Boa noite

Perdoe a demora da resposta. Internet, temporais, panes estão se sucedendo neste úmido verão paulistano. Mas, mesmo sem consulta uma primeira notícia sobre a sua pergunta, em duas partes:

1 – Chateaubriand – neste aspecto como em outros – era imprevisível. Posso dizer que não havia um padrão de comportamento. Se algo fosse padronizado era a falta de padrão do ilustre senhor. Era capaz de projetar determinada ação para cinco depois e esquecer quando

não era realizada e nem mesmo lhe interessava mais. Concretamente no caso da expansão das televisões podemos dizer que foi muito firme nos planos. Em 1957 o João Calmon me disse; Prepare um plano geral porque d. Assis vai pedir definição para instalarmos mais cinco ou seis canais, logo depois de Belo Horizonte e você será o carregado. Depois que a Itacolomi foi inaugurada em Belo Horizonte

Juscelino garantiu licenças de importação para junto com os vídeo tapes destinados à inauguração de Brasília serem comprados todos os

equipamentos. Apresentei então o plano comemorativo dos dez anos da TV no Brasil chegar ao fim dos anos 60 com dez canais associados no ar, começando por Porto Alegre, depois Brasília até no fim do ano com Belém do Pará.

Construção do prédio da TV Piratini. – Em 1958, vencendo algumas resistências internas em Porto Alegre, Dimas começou a tomar as primeiras providências. A pedido Igor Olimpiew foi até lá e, em companhia do Franklin Peres, conheceu o desabitado morro de Santa Tereza. Fui informado de que deveríamos fazer o esboço do que pretendíamos, mas a parte civil da obra e a construção do prédio seria

Tocada diretamente pelo Nelson Dimas de Oliveira – Pai - A obra deveria começar no primeiro trimestre de 1959. Houve atrasos, falta de verba, dificuldades com autoridades locais e quando o material já estava chegando um ‘minuano’ em agosto levou todo o telhado.

Mas enquanto enfrentávamos dificuldades em Porto Alegre o planejamento inicial de engenharia eletrônica e formação de pessoal seguia

firme. Etapa que v. conheceu e viveu intensamente no entusiasmo dos seus 21 anos. Mantivemos assim o plano inicial: primeiro Piratini, em dezembro; depois Brasília, Curitiba, Recife, Salvador, Fortaleza, Belém do Pará. Em janeiro de 1961 tínhamos as DEZ no ar. As três primeiras Tupi-SP – 50; Tupi – RJ – 51 e TV Itacolomi – 58.,

Para melhor precisão sobre o tempo real de construção, desde o desbravamento do morro de Santa Tereza (entremeadado com as jornadas da casa da Monica) até o dezembro de 1959 conto com as suas pesquisas locais. Por isso me alonguei nas linhas gerais de todo o processo para ilustrar suas conclusões.

Espero tenha sido útil.

Abraços

Castro

De: Sergio Reis [mailto:sergio.reis@gmail.com]

Enviada em: quarta-feira, 18 de janeiro de 2012 22:21

Para: José de Almeida Castro

Assunto: Construção prédio TV Piratini

Mestre.

Um detalhe apenas, mas ilustrativo de com que antecedencia Chateaubriand trabalhava em seus projetos.

Lembras, aproximadamente, quanto tempo levou a construção do prédio a TV Piratini?

Abração.

Sérgio

**Sergio Reis** <sergio.reis@gmail.com>**TV2GUAIBA**

1 mensagem

Jorge Cunha <jorgecunha@redevida.com.br>
Para: sergio.reis@gmail.com

3 de julho de 2012 12:09

Caro amigo Sergio, um breve relato da minha passagem pela TV2 GUAIBA.

Entrei na TV2 GUAIBA em 1978, em meados de 1983 assumi a Direção de Programação e permaneci ate Outubro de 1984.

O Telecentro de Produções Comerciais se manteve ativo somente ate Abril de 1984, a programação se manteve normal no horário das 07:00 às 02:00.

Quando assumi a Direção de Programação, alguns funcionários pediram demissão pois a parte financeira da TV estava enfrentando problemas e os salários já estavam atrasados na proporção de 15 dias.

O Diretor Técnico Higino Germani saiu em 1984 e eu assumi juntamente com meu pai o Engenheiro Raul Cunha a Direção Técnica.

Á partir de 1984 as Áreas Comerciais e Técnica apresentaram grandes dificuldades, somente a Área Operacional e Produção se mantiveram.

As maiores dificuldades para Gerir a TV , foram as financeiras, passei a dar vale semanal aos funcionários, para manter a TV no ar.

Mantinha uma relação profissional com o Dr. Breno e o Francisco Antônio Caldas, sempre acreditando nas promessas de solução dos problemas.

Sempre incentivei a Equipe Operacional a acreditar que haveria novos horizontes para TV2 GUAIBA, quando eu mesmo deixei de acreditar na possibilidade de mudanças, pedi demissão em Outubro de 1984, a TV permaneceu no ar.

O Sérgio Jockyman assumiu meu lugar com mais promessas de melhorias.

Após 15 dias da minha saída por conta de uma revolta dos funcionários que cobravam as soluções, a TV ficou fora do ar por 02 dias e á partir dai o horário de permanência da TV no ar foi reduzido.

O período que trabalhei na TV2 GUAIBA foi muito difícil, mas por outro lado foi uma experiência que trouxe um amadurecimento que me serviu até os dias de hoje.



Dissertação mestrado Sérgio

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

20 de abril de 2012 20:34

Para: Gudy Emunds <gudy@mmaa.adv.br>

Meu querido amigo Gudy.

Foi um prazer te ouvir ao telefone. A voz continua mesma. Dizem que a minha também não mudou...

Seguinte, meu caro.

Estou fazendo mestrado em Comunicação Social na PUC. Já terminei os créditos e faço a qualificação no dia 17 de maio. Defesa em agosto.

Estou abordando as quatro primeiras emissoras no RS; o que foi a epopeia pioneira, o que mudou no estado e o que foi acontecendo ao longo do tempo até agora. Piratini e Gaúcha estão prontas (serão a Qualificação). Já estou escrevendo sobre a Difusora.

Preciso de tua ajuda no seguinte: como foi o final da passagem do Salimen (Walmor saíra meses antes), a negociação com a Band e a saída dos freis. E o que a Band fez ao entrar e como foi tua gestão como Superintendente.

Pode ser por e mail, texto simples, com o que lembrares. Se possível com mês e ano.

Antecipo meus melhores agradecimentos.

Bj na Aninha.

Fraternal abraço prá ti.

Sérgio

PS: Estou com 74 ou, como diz um amigo: 26 AC = 26 Antes dos Cem! E tu, quantos AC?

Gudy <gudy@mmaa.adv.br>

23 de abril de 2012 10:41

Responder a: Gudy <gudy@mmaa.adv.br>

Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Olá, Sérgio - velho amigo de guerra!!!!!!!

Em matéria de "velhice" estamos mais ou menos empatados: faço 74 no próximo mês de agosto.

E te cumprimento pelo fato de permaneceres tão vigorosamente na ativa, estou convencido de que é isso que vai nos mantendo de pé.

Fui admitido na Rádio e TV Difusora Portoalegrense S.A. em maio de 1975, como "Supervisor Comercial", a convite de Ronald Dias Pinto, que fora contratado dois meses antes para Superintendente. Vínhamos os dois da RBS, onde Ronald fora Diretor Comercial/TV e eu Gerente Comercial/TV.

Não encontrei mais José Salimen, nem Walmor na Difusora. (Era Diretor Comercial Waldomiro Salimen, irmão)

A empresa estava sob o comando de 4 freis capuchinhos, sendo Diretor Presidente Frei Cyrillo Mattiello, Diretor Executivo Frei Ozébio (assim!) Borghetti. Cuidava da Rádio Difusora um tal de Frei (...) Ferronato. (O 4.º frei já não me lembro mais).

Poucos meses antes os freis haviam assinado com a TV Bandeirantes (aliás, com a CADEIA VERDE AMARELA REPRESENTAÇÕES S.A.) como afiliada.

Não sei exatamente (foi lá por meados de 1980), Ronald saiu para dirigir a filial da TV Globo no RS.

Nomeado pelos freis, veio a ser superintendente um tal de (...) Delfim.

Lá por 1984 saiu Delfim e fui nomeado Superintendente.

Em julho de 1987 toda a empresa (Rádio e TV) foi transferida para a Rede Bandeirantes em troca das dívidas (muito volumosas, especialmente junto a fornecedores de filmes).

Imediatamente, os freis se retiraram de cena.

A Bandeirantes passou a gerir a empresa sob a denominação de Rádio e TV Portovisão S.A.

A Bandeirantes me manteve como "Diretor Geral/RS" até agosto de 1994.

Quem te dirá com maiores detalhes sobre os primórdios da Difusora é o Frei Ozébio Borghetti que hoje vive na casa dos capuchinhos em Caxias do Sul.

Não sei se pude ser útil. Disponha sempre.

Grande abraço.

GUDY.

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

23 de abril de 2012 11:16

Para: Gudy <gudy@mmaa.adv.br>

Meu caro Gudy.

Muito obrigado pelas informações. Importantíssimas para meu trabalho de dissertação.

Já contatei com frei Borghetti e tenho informações dele.

Me faltava, justamente, este "rito de passagem" em que a TV Difusora *desaparece* e entra a Band.

Valeu.

E vamos em frente. Estamos jovens aos 74!!!

Abraço fraterno.

Sérgio

PS: Bj prá Aninha

Em 23 de abril de 2012 10:41, Gudy <gudy@mmaa.adv.br> escreveu:

[Texto das mensagens anteriores oculto]



Porto Visão

Porto Visão

Compartilhado

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>
Para: Gudy Emunds <gudy@mmaa.adv.br>

29 de maio de 2012 21:20

Meu caro Gudy.

Como vês, ainda estou às voltas com meu Mestrado. Já Qualifiquei e vou Defender em setembro.

Estou no capítulo TV Difusora.

Uma dúvida: o programa Porto Visão ficou no ar de quando à quando? Já estava no ar quando chegaste?

Grato pelo que puderes me ajudar.

Fraternal abraço.

Sérgio

Gudy <gudy@mmaa.adv.br>
Responder a: Gudy <gudy@mmaa.adv.br>
Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

30 de maio de 2012 10:23

Olá, Sérgio:

Sim, o Porto Visão já estava no ar, "arrendado" pelo Clóvis Duarte. Havia um acordo entre a emissora e o Clóvis, segundo o qual o apresentador/produtor ficava com uma parte determinada das inserções comerciais.

Lá pelas tantas, o Clóvis abusou e fui obrigado a pedir-lhe que buscasse outra freguesia.

Mas sou ruim de datas: não saberia te dizer até quando durou o programa.

Grande abraço.

GUDY.

[Texto das mensagens anteriores oculto]



Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Falecimento Chico Carlos

5 mensagens

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>
Para: Paco <pacoescajedo@terra.com.br>

3 de junho de 2012 22:39

Meu caro Paco.

Estou concluindo minha Dissertação de Mestrado.

O trabalho é sobre as TVs Piratini, Gaúcha, Difusora e Guaíba.

Estou na Guaíba e tenho duas dúvidas que, penso, poderás esclarecer: quando morreu o Chico Carlos?

Quando ele veio de SP para PAlegre para dirigir a Guaíba?

Grato pelo que puderes ajudar.

Fraternal abraço.

Sérgio

PS: Preciso que me respondas por e mail, pois trabalho acadêmico tem que ser documentado, como bem sabes.

Paco Escajedo <pacoescajedo@terra.com.br>
Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

4 de junho de 2012 11:51

Caro Sérgio

Estou aqui puxando pela memória para lembrar de uma fase que me foi muito difícil e doida.

Pelo que me lembro o Chico foi operado em SP no dia 07/07/77.

Abriram e fecharam. Deram 06 meses de vida.

E logo em seguida veio para POA.

No final de julho, um domingo pela manhã, o Tonho Caldas apareceu na casa do Chico.

Eu o recebi, e fui chamar o Chico que estava dormindo.

O Tonho quis conversar em particular e os dois saíram de carro.

Duas horas depois o Chico voltou e disse: A partir de agora estamos trabalhando na TV Guaíba.

Seis meses depois, cumprindo o prazo dado, ele morreu.

Janeiro de 1978.

Se puder te ajudar em algo mais estou a teu dispor.

Fiquei curioso e com vontade de ler a dissertação.

Se me mandares uma cópia vou adorar, afinal fui coadjuvante de vários momentos dessa história, e creio que em dois deles com algum destaque: Primeiro repórter sonoro da TV no RS.

Meu amigo Sergio Reis me chamou e me mandou para Caxias fazer a cobertura do lançamento da Festa da Uva,

O Negão Darcy fazendo imagem com uma BH e eu entrevistando com um K7, e depois montando áudio e vídeo.

O segundo como produtor executivo da primeira transmissão a cores.

Lembras que no dia anterior ao desfile a imagem parou de chegar repentinamente.

E que o Jorge Rondon que tinha sido demitido pelo Sosa, deixou de embarcar para SAO e foi direto para Caxias,

pois ninguém achava o problema. E ele achou.

Lembro com saudades e recordo que foi muito bom trabalhar contigo.

Competência e bom humor com excelente caráter.

Abraço grande e conta comigo.

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>
Para: Paco Escajedo <pacoescajedo@terra.com.br>

6 de junho de 2012 00:15

Meu caro Paco.

Grato pela pronta resposta.

Valeram as lembranças. Altri tempi.

Com relação a tua informação sobre o Chico Carlos, preciso que faças uma alteração.

Explico.

Todo trabalho acadêmico, como bem sabes, precisa ser documentado. Algumas informações estou dando de memória, outras nem tanto. Mas, preciso documentar o máximo possível para ter credibilidade.

No caso, teu mail fará parte da documentação, em um anexo, sobre o episódio Chico Carlos/Tv Guaíba.

O que contas do Chico, penso, não deve ser transcrito com toda a tua sinceridade. Vai parecer que Chico, sabendo de seu pouco tempo de vida, ou não acreditando nos prognósticos médicos, aceitou trabalhar em uma emissora, para ter remuneração durante alguns meses, mesmo sabendo que não conseguiria dar conta do trabalho.

Mesmo num modesto trabalho acadêmico como este meu, quero preservar a memória de meu amigo.

Isto posto, te peço o seguinte: vou te mandar novamente o mail e me responderás sucintamente que Chico chegou de São Paulo no mês tal, assumiu na Guaíba em tal e morreu de câncer no mês tal.

Pode ser?

Recebe meu fraternal e carinhoso abraço.

Sérgio

Em 4 de junho de 2012 11:51, Paco Escajedo <pacoescajedo@terra.com.br> escreveu:

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

6 de junho de 2012 01:41

Para: Paco Escajedo <pacoescajedo@terra.com.br>

Paco:

Eu de novo.

Parece que há um engano de datas.

Explico. A TV Guaíba foi inaugurada em **12 de março de 1979**.

Em teu mail informas que Chico foi operado em **7/7/77**, que Tonho o contratou em **fins de julho de 77** e que Chico morreu em **janeiro de 78**

Ora, a TV entrou no ar em março de 79.

Lembro (eu estava lá no Telecentro) que Breno parecia estar esperando a morte de Chico para por a TV no ar. Dias depois do falecimento ele contratou o Clóvis Prates e foi a merda que sabemos...

Pergunto: **Chico não foi operado em 7/7/78, contratado em 78 e morto em jan 79?**

Te aguardo.

Abraço.

Sérgio

Em 6 de junho de 2012 00:15, Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com> escreveu:

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Paco Escajedo <pacoescajedo@terra.com.br>

6 de junho de 2012 13:36

Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Oi Sérgio

A memória me traiu.

Fui consultar minha carteira de trabalho e achei as seguintes datas:

Fui admitido na TV Guaíba em 08 de maio de 1978.

Logo o início do Chico foi na mesma data.

Fui demitido em 31 de janeiro de 1979.

Logo o Chico faleceu de 10 a 15 dias antes.

A operação foi realmente em 07/07/77. Lembro porque foi dois dias antes da morte de meu pai.

O Chico não sabia que durante a operação nada tinha sido feito.

Eu estava com a Nanci quando o médico que fez a cirurgia deu a notícia.

E aconselhou que disséssemos que o câncer tinha sido retirado.

E assim foi feito. Até os primeiros meses de Guaíba ele estava bem.

06/06/12

Gmail - Falecimento Chico Carlos

No inverno é que ele começou a piorar.

Na realidade quando foi contratado ele acreditava que estava curado.

Acho que agora a cronologia está certa.

Se este texto não está adequado ao que precisas, manda o que quiseres que eu te reenvio.

Abraço

— Original Message —

From: Sergio Reis

[Texto das mensagens anteriores oculto]



Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Rádio Difusora

1 mensagem

Higino Germani <higino_germani@uol.com.br>

12 de outubro de 2011 21:10

Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Prezado Sérgio

Como falamos por telefone, tenho as seguintes considerações a fazer a respeito da antiga instalação da Rádio Difusora na década de 30 do Século passado:

- consta que a mesma operava com transmissor de apenas 500 Watts (meio quilowatt) com antena de polarização horizontal tipo "Marconi";

- a antena Marconi se resume num fio isolado estendido na horizontal sustentado por duas torres (ou mastros);

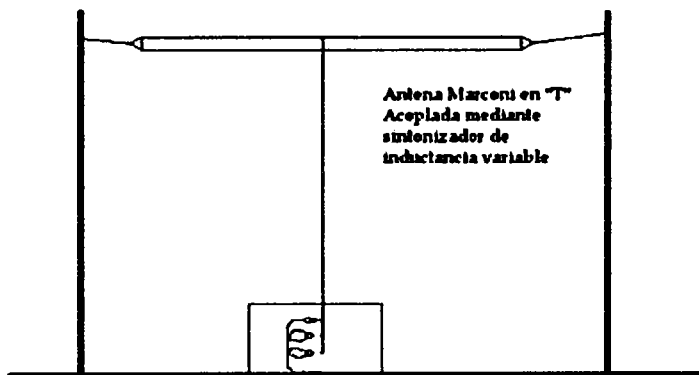
- consta que o local original da antena era no Morro Santa Teresa no mesmo local que décadas após seria instalada a torre da TV Piratini, canal 5 (primeira estação de TV do RGS);

- aparentemente as duas torres que sustentavam a antena Marconi eram de madeira, não muito altas (acredito que uns 30 m, no máximo);

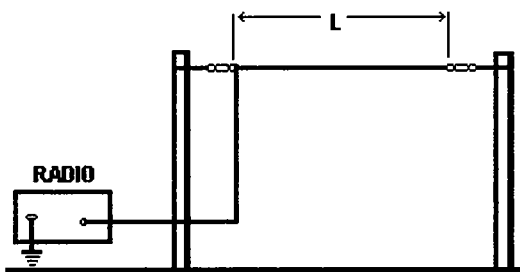
- uma das torres ficava onde seria a futura torre de aço do canal 5 e a outra onde hoje se encontra a torre da Rádio Cidade; como pode-se ver, a distância entre as torres praticamente coincide com $1/4$ de comprimento de onda da frequência 640 KHz, ou seja: $300.000 / 640 = 469$ m (velocidade da luz dividida pela frequência em KHz = comprimento da onda)

$469 / 4 = 117$ m = $1/4$ de onda = comprimento da antena Marconi = distância entre as torres atuais.

- é claro que, na época, desconheciam as condições de propagação da faixa de Ondas Médias e usavam antenas de polarização horizontal (fio na horizontal); hoje não se utiliza mais antenas deste tipo para a faixa de OM e sim antenas verticais (a própria torre é a antena) as quais proporcionam rendimento muito maior na onda terrestre (que acompanha o solo e depende da condutividade deste); outro problema da antena Marconi é a "banda passante" muito estreita devido ao uso de um fio singelo; como as antenas atuais são a largura da torre, possuem, em consequência banda mais larga, possibilitando melhor qualidade de áudio.



Esquema de Antena Marconi. Comparar con la ubicada en el Titanic. Pueden obtener sus fotografías o diagramas en Internet



$L = 1/4$ de onda



www.google.com.br/mail/pt

Data decisão Min Comunicações pelo PAL M

1 mensagem

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

26 de abril de 2012 00:03

Para: Higino Germani <higino_germani@uol.com.br>

Meu caro amigo.

Sabes me informar quando foi decidido pelo Ministério das Comunicações que o Brasil adotaria o sistema PAL com padrão M?

Pode ser aproximada: mês e ano. Imagino que o ano tenha sido 1971.

Antecipadamente grato.

Fraternal abraço.

Sérgio

Higino Germani <higino_germani@uol.com.br>

26 de abril de 2012 10:53

Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Meu caro Sérgio

Acredito que a decisão a respeito do PAL M tenha sido em 1970 ou 71.

Quem fez a análise foram engenheiros do IME (em 1972 tive em mãos o original do relatório que optava pelo PAL M e não imaginei que era um documento histórico e sabe lá onde foi parar...).

A análise da turma do IME estava correta. O que estava errado foi a pressa em implantar o sistema a cores, pois se o Brasil tivesse aguardado um ano mais, o NTSC teria corrigido (como efetivamente ocorreu) o seu problema de erro de fase e o custo de tudo teria sido muito mais barato. O preço dos televisores e de todo o equipamento das estações de TV ficou, no mínimo, 10 % mais caro em decorrência da necessidade de adaptar equipamento NTSC para PAL-M. Como quase todo o equipamento usado no Brasil era procedente dos EUA...

As estações analógicas, hoje, são, internamente, todas NTSC, e converte para PAL-M na saída...

O Brasil e o Lesoto (uma tribo que fica incrustada dentro da África do Sul) são os únicos países do mundo a adotar o PAL-M...

De qualquer forma, com a técnica digital em implantação, tudo isto é passado...

Espero ter ajudado.

Abraço

Higino

[Texto das mensagens anteriores oculto]



1 mensagem encontrada

NTSC e saída em PAL M

1 mensagem

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

26 de abril de 2012 12:24

Para: Higino Germani <higino_germani@uol.com.br>

Caríssimo.

Tens ideia em que ano o Ministério autorizou que os rádio difusores operassem em NTSC e convertessem na saída para PAL M?

Abr

Sérgio

Higino Germani <higino_germani@uol.com.br>

26 de abril de 2012 12:35

Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Sérgio: acredito que foi em torno do ano 2000 (ainda quando a Embratel era do governo). Aparentemente, o obstáculo era a Embratel pois alegava que se trafegassem sinais em NTSC ela não teria como monitorar uma vez que seu equipamento de medida era todo PAL-M. Acho que ocorreu um ano antes da privatização da empresa.

Abraço

Higino

[Texto das mensagens anteriores oculto]



Mestrado / Falência TV Guaíba

Mestrado / Falência TV Guaíba

2 mensagens

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

1 de junho de 2012 23:20

Para: Higino Germani <higino_germani@uol.com.br>

Caríssimo.

Eu te avisei que voltaria!!!

Seguinte: a Caldas Junior (TV Guaíba junto) faliu em 1984. Renato Ribeiro comprou o que sobrava dois anos depois, ou seja, 1986.

O que aconteceu neste interregno? A TV continuou no ar? Com o quê?

Que raio de falência é essa em que as coisas continuam? Isso, nos meus modestos conhecimentos jurídicos, se chama *concordata* e não *falência*.

Por favor, me dá um help!

Abbraccione.

Sérgio

Higino Germani <higino_germani@uol.com.br>

2 de junho de 2012 19:56

Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Prezado Sérgio

Na realidade a empresa "Caldas Júnior" não existia.

O que existia eram três empresas:

- A "Empresa Jornalística Caldas Júnior" (era a Companhia Jornalística Caldas Júnior, mas foi modificada para Limitada por causa da Lei das S/A);

- A Rádio Guaíba S/A;

- A TV Guaíba Ltda. (dois sócios: Breno e o filho).

Em todas, o majoritário era o Breno.

Os jornais pararam de circular uma semana após ter ido embora da TV (muitos acharam que eu tinha informação privilegiada, mas, na realidade, foi apenas uma coincidência quando me convenci que a guerra estava perdida).

O principal motivo da parada dos jornais foi o cancelamento de fornecimento de papel pela Cia. T. Janer. Como o papel de imprensa é monopólio mundial de determinada etnia (Klabin, no Brasil), acredito que ocorreu um "esforço" neste sentido.

Como o carro chefe das empresas era o jornal, as outras duas foram afetadas (salários atrasados, sucateamento, etc.).

A Rádio Guaíba não tinha problema algum e era superavitária. Por isto, continuou operando normalmente (com alguns problemas internos, como a atitude do Lazier que tentou tomar conta das Rádios com idéias de criação de uma cooperativa. Breno deu o troco depois, propondo ao Renato Ribeiro que o demitisse por traição).

A TV sim, era um grande problema devido à dívida atrasada com a RCA (cerca de 1 milhão de US\$). O caminhão de externas foi remontado como originalmente e negociado (pela RCA) com TV da região centro-oeste. O resto da dívida acredito que foi amortizado fruto de acordo com os Bancos credores que se adonaram do patrimônio pessoal do Breno (nenhum sócio colocou um centavo para amortizar as dívidas; Breno assumiu tudo sozinho e, no

final, ficou apenas com o Aras do Arado).

Até onde sei, nenhum credor executou judicialmente alguma das empresas. Breno tinha patrimônio para garantir (cerca de 40.000 hectares de terras distribuídas em três fazendas - uma em Viamão, e duas em Guaíba) mais o Aras do Arado (cerca de 1.700 hectares). Estimo que hoje, este patrimônio represente algo em torno de meio bilhão! Breno não ofereceu nenhuma resistência aos credores, daí não terem executado nada. Apenas fechou questão com relação ao Aras pois era sua residência e tinha que "reservar algo para seu próprio sustento e de sua família". Interessante que, apesar da situação crítica, Breno jamais pensou ou propôs a demissão de funcionários.

Um dado interessante: soube que apenas um assinante dos jornais exigiu a devolução do dinheiro da assinatura !

Então, na prática, a tal de "falência" se resumiu na parada de circulação dos jornais, uma vez que a TV e as Rádios continuaram operando (qualquer pedido de falência de uma empresa de Radiodifusão significa a perda da concessão e aí o credor estaria dando um tiro no pé...). Desconheço qualquer concordata judicial que tenha sido feita. Quem pode te dar mais informações a respeito da programação da TV na época é o Cunha, que assumiu tudo por lá...

O Ribeiro, quando assumiu, as empresas estavam praticamente saneadas, apenas não tinham capital para alavancar qualquer coisa ou tentar fazer voltar a circular os jornais. Acredito que o problema maior do Ribeiro foram as causas trabalhistas que eram muitas.

Se quiseres, oportunamente te conto do porque o Ribeiro comprou as empresas de uma hora para outra e do porque se meteu num negócio que absolutamente desconhecia.

Abraço

Higino

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>
Para: Higino Germani <higino_germani@uol.com.br>

2 de junho de 2012 20:46

Amigo.
Obrigado, obrigado, mil vezes obrigado.
Quando quiseres me contar o "porquê" do Ribeiro assumir a bronca, estou à espera.
Abração.
Sérgio

Em 2 de junho de 2012 19:56, Higino Germani <higino_germani@uol.com.br> escreveu:

[Texto das mensagens anteriores oculto]



Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Jornais pararam de circular

5 mensagens

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

2 de junho de 2012 22:59

Para: Higino Germani <higino_germani@uol.com.br>

Caríssimo.

Disseste, em teu último mail, que os jornais da Caldas Júnior pararam de circular uma semana depois de tua saída da TV.

Quando foi isso? Tens na memória ou na Carteira de Trabalho? Pode ser só o mês. Se der o dia, melhor!

Abbracci

Sérgio

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

2 de junho de 2012 23:41

Para: Higino Germani <higino_germani@uol.com.br>

Eu de novo!

Em que ano foi esta outorga da TV para a Rádio Guaíba?

A Rádio, sabemos, entrou no ar em 30 de abril de 1957. A concessão da TV veio junto com a da rádio?

Sérgio

Em 2 de junho de 2012 22:59, Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com> escreveu:

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

3 de junho de 2012 00:00

Para: Higino Germani <higino_germani@uol.com.br>

Eu de novo "outra vez":

Qual a altura da torre da TV Guaíba?

O transmissor continua no morro de Santa Tereza ou, como as demais, foi transferido para o Morro da Polícia?

Abr

Sérgio

Em 2 de junho de 2012 23:41, Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com> escreveu:

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

3 de junho de 2012 01:14

Para: Higino Germani <higino_germani@uol.com.br>

Eu, *again outra vez de novo*.

Por que a potência de 40kw inviabilizou a colocação da planta transmissora no Morro da Polícia?

Abr

Sérgio

Em 3 de junho de 2012 00:00, Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com> escreveu:

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>
Para: Higino Germani <higino_germani@uol.com.br>

3 de junho de 2012 01:28

Once more:
Quantos metros quadrados tem o prédio?
E os estúdios?
E o terreno?
Grazzie tanti.
Sérgio

Em 3 de junho de 2012 01:14, Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com> escreveu:
[Texto das mensagens anteriores oculto]

Higino Germani <higino_germani@uol.com.br>
Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

4 de junho de 2012 11:38

Prezado Sérgio

Respostas (algumas parciais):

Prédio da TV : 2.500 m²

Estúdios: principal : 10 x 15 m (150 m²) - de telejornalismo : 5 x 7,5 m (37,5 m²)

Terreno: aprox. 2 hectares (20.000 m²)

Com relação à potência da TV:

Na época, os canais 12 e 5 estavam no Sta. Teresa. Apenas o 10 que havia ido recentemente para o Morro da Polícia (com prejuízo para a recepção em P. Alegre pois, quando estava no Morro Sto. Antônio era o de melhor cobertura na área urbana; com a transferência para o Morro da Polícia ficou fora do feixe das antenas receptoras e a maior parte do sinal passava por cima da cidade - excelente alcance mas recepção ruim na área próxima).

A potência dos canais de TV (também as rádios FM) é determinada tendo como referência a altura da antena sobre o nível médio do terreno. O nível médio é calculado como se fosse terraplanada toda a área de 3 a 15 km ao redor da antena. Toma-se a cota da base da torre somada com a altura do centro geométrico da antena e subtraída do valor do nível médio do terreno. Este número é que estabelece a altura da antena sobre o nível médio do terreno.

A potência ERP (Efetive Radiation Power) é o produto da potência do transmissor versus ganho da antena descontadas as perdas de acoplamento e no cabo coaxial. Se o Plano de TV diz que a potência ERP é de 40 kW ele quer dizer que esta é a potência que a emissora pode operar na altura de referência de 150 m sobre o nível médio do terreno. Se, no local escolhido, resultar um valor maior que 150 m, tenho que reduzir a potência proporcionalmente de maneira que o alcance final permaneça o mesmo. Se der um resultado inferior a 150 m, posso aumentar a potência também proporcionalmente.

Pois bem: no Santa Teresa, com torre de concreto de 46,60 m e tubulão de quase 30 m livre (na época o maior tubulão livre do Brasil pois foi projetado para abrigar também a antena da FM), cheguei a valor muito próximo dos 150 m o que me permitia operar com transmissor de 15 kW e antena superturnstile de 3 seções, resultando uma potência efetiva muito próxima dos 40 kW.

Se optasse por instalar no Morro da Polícia, o valor da altura sobre o nível médio ficaria o dobro em relação ao Sta. Teresa e teria de reduzir a potência a níveis tais (da ordem de 15 kW) que apareceria outro problema: o nível de RF (radiofrequência) seria por demais baixo na área urbana para resultar numa relação sinal/ruído satisfatória (o ruído aqui é ruído radioelétrico - as "pipoquinhas" que ficam na imagem). Então, veja: se colocasse no Morro da Polícia, certamente cairia no mesmo problema do canal 10: excelente cobertura (alcance) mas péssima recepção na área urbana. Como se tratava de canal 2, o problema era mais grave: é mais suscetível ao ruído radioelétrico e o comprimento ideal das varetas da antena receptora deve ser mais que o dobro das varetas

para captar um canal "alto" (10 ou 12).

De qualquer forma, dimensionei tudo (cabo, antena e TX) para um futuro aumento de potência, o que levei 3 anos para conseguir e aí passei o mesmo TX para 25 kW. A potência aumentou 67 % e a recepção melhorou, mas não o suficiente uma vez que demos o azar de inaugurar a emissora justamente num período de máximo de atividade solar o que faz com que os canais baixos de TV virem onda curta (sofríamos interferências da TV Jornal do Comércio do Recife - também canal 2 - o que foi atenuado mediante o recurso da "decalagem" que é deslocar 2/3 da varredura horizontal a frequência da portadora de vídeo - em contrapartida recebia cartas do interior do nordeste brasileiro elogiando a "potência" da nossa estação uma vez que assistiam programas inteiros....).

Hoje, todas as emissoras de TV estão no Morro da Polícia. Em que potência operam ? Muito acima do autorizado pelo governo Mas muito acima mesmo !!! Se fizesse isto, na época, seria massacrado... Como vai tudo desligar em 2016 (fim do analógico) acredito que o governo está fazendo vistas grossas...

Concessão da TV em nome da Rádio Guaíba S/A: não veio junto com a Rádio. Acredito que foi em torno de 1966.

Data que os jornais pararam de circular: acho que vais ter de ir no arquivo da empresa. Como não tinha carteira assinada, não tenho idéia mais da data da minha saída.

Continuo à disposição.

Abraço

Higino

[Texto das mensagens anteriores oculto]



Resposta de Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Tua saída TV Guaíba X Renato Ribeiro

2 mensagens

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

17 de junho de 2012 22:44

Para: Higino Germani <higino_germani@uol.com.br>

Meu querido amigo.

Ainda o Mestrado.

Disseste, em teu mail, que saíste da TV Guaíba em 1984

Pergunto: Jockymann já estava como Diretor de Programação ou era o Cunha?

Dizes, com muita propriedade, que a Caldas Junior não faliu.

Pergunto: A parada dos jornais, etc, foi em 1984. A entrada do Ribeiro foi em 1986. Quem ficou mandando geral durante estes dois anos? Breno?

Abbraccione

Sérgio

Higino Germani <higino_germani@uol.com.br>

18 de junho de 2012 10:12

Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Prezado Sérgio

Quando saí de lá a coisa estava acéfala. Deixaram a TV operando no "automático"... Para complicar, os filhos gêmeos do Francisco Antônio foram para a TV e começaram a se meter em tudo sem ter conhecimento de causa de nada. Acredito até que o Francisco Antônio tenha insuflado os filhos contra mim (ciúmes pela consideração que o pai sempre me tratou). Este fato, somado com 6 meses sem salário e a falta de perspectivas, fez com que eu caísse fora (era inevitável um conflito meu com os netos e, conseqüentemente com o Francisco Antônio e também queria poupar o velho Breno de mais isto).

Com a minha saída, o Cunha tomou conta. O Jockymann veio depois. Não sei a quem eles se reportavam. Idem para a Rádio Guaíba: continuou funcionando no "automático" e aí o Lasier tentou um golpe e se deu mal. Acredito que Breno se recolheu no Arado e dava orientações por telefone para o Francisco Antônio.

Abraço

Higino

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Pequeno histórico da TV Guaíba

O Grupo Caldas Júnior havia ganho duas outorgas anteriores (que caducaram) para instalar TV em POA. O canal já previamente escolhido era o 2 porque, teoricamente, iria mais longe que os outros. Assim o canal 2 ficou "reservado" durante décadas para a Caldas Jr.

Obs. 1 : A primeira outorga caducou porque o Projeto Técnico apresentado foi indeferido pela Aeronáutica (previa a instalação no Morro Santana). O Dr. Breno chegou a comprar uma área de 4 hectares no local a qual ficou inútil.

Obs. 2 : A Segunda outorga não progrediu porque o Projeto Técnico apresentado não foi aprovado pelo DENTEL (local : Morro da Polícia, a potência proposta excedia em muito a máxima permitida).

Obs. 3 : Na época, a tecnologia em frequências altas ainda não era dominada perfeitamente; assim, as estações de TV "fugiam" dos canais altos (7 ao 13) preferiam os "baixos" (2 ao 6); na atualidade ocorre o contrário... (os canais baixos sofrem interferências maiores devido à propagação troposférica).

Antes de receber a terceira outorga, o canal 2 foi dado ao Jornal do Brasil. Aparentemente foi uma decisão do Governo Militar diante da indiferença dos Grupos Caldas Jr., Estado de São Paulo e Jornal do Brasil em unirem-se e formar uma Rede de TV (consta que a idéia era do Ministro das Comunicações – Hygino Corsetti). O Decreto de outorga para o Jornal do Brasil foi assinado e "interceptado" a caminho do Diário Oficial : Breno Caldas fez a situação reverter e a outorga foi dada para a Televisão Guaíba Ltda. – sociedade que tinha somente dois sócios : Breno e seu filho Francisco Antônio.

Médici pressionou Breno para por no ar a TV. Breno, esgalado pelos problemas enfrentados nos Projetos Técnicos anteriores, decidiu contratar um engenheiro que havia trabalhado no Ministério das Comunicações/DENTEL e exercia a Direção Técnica da Rádio Nacional de Brasília (atual Radiobrás) na instalação de sistemas de alta potência (OM de 300 KW e Onda Curta de 250 KW). O

engenheiro (gaúcho, por sinal) não poderia transferir-se de imediato para Porto Alegre devido a compromissos profissionais assumidos com a Organização Jaime Câmara de Goiânia (Rádio e TV Anhanguera). Assim, ficou acertado que Breno contrataria de imediato um arquiteto (João Paulo de Abreu) para iniciar o projeto do prédio.

A esta altura todos os projetos já haviam sido aprovados pelo DENTEL e Breno adquiriu o terreno no Morro Santa Teresa (se não me engano o terreno era da FEBEM ou Asilo Padre Cacique). Isto tudo ocorreu em 1976.

O engenheiro vinha periodicamente acompanhar o trabalho do arquiteto e definir o "pacote" de equipamentos. Neste ponto, Breno facilitou as coisas : ao ser perguntado se tinha preferência por fabricante ele respondeu : "Meu filho, eu quero RCA e te digo porque : se os loucos da TV Piratini fizeram de tudo para destruir a estação e ela continua operando é porque o equipamento é muito bom e é RCA".

Na NAB de 1976 - maio - o engenheiro e o Dr. Flávio Alcaraz Gomes foram para Las Vegas para definir tudo o que efetivamente ocorreu : cerca de 45 dias após, Breno assinou o contrato do equipamento de transmissão, equipamento de estúdio e de externa (O . B. Van). A definição não foi fácil uma vez que tinha-se dois problemas :

- não existia uma definição do que a emissora iria por no ar ("meu filho : nós vamos por uns filmes, umas notícias e futebol ... há, e também uns *reclames* para pagar as contas ...); desta forma, o pacote de equipamentos foi definido da forma mais eclética possível;
- a linha de produção de equipamentos de TV estava sofrendo uma transição brusca : o video tape estava se consolidando (mas ainda "quadruplex") e o filme 16 mm para externas

saindo do mercado; é importante ter em mente que isto tudo estava acontecendo apenas 5 anos após o homem ter ido à Lua e a revolução tecnológica decorrente estava apenas começando: a câmera que foi no módulo lunar da Apollo 11 estava começando a ser vendida comercialmente; o tripé hidráulico em duralumínio idem, microondas de pequeno porte também ; para piorar as coisas apareceram uns japoneses na NAB com uma maquininha de vídeo – chamada U-Matic – que tinha a pretensão de desafiar as poderosas TR-600 da RCA tipo quadruplex ...

Diante deste quadro, o engenheiro optou por sobrestar qualquer decisão em termos de tecnologia pois havia tempo até a montagem da estação para decisão futura. O pacote RCA custou US\$ 1.724.000,00 o que, para as condições da época, não era muito (transmissores, antenas, equipamento de estúdio e caminhão de externas).

O primeiro projeto do prédio foi concluído e submetido a Breno. Não foi aprovado. Breno achou o prédio muito grande e decidiu que no Morro Santa Teresa ficaria apenas a parte de transmissão (havia conversado com Roberto Marinho e este havia lhe aconselhado a investir em equipamentos e não em instalações). Os estúdios ficariam em complexo de Rádio, TV e Jornal em área de 4 hectares que Breno possuía na Av. Cristiano Fischer. Foram iniciados então, projetos neste sentido.

Em agosto de 76 o engenheiro transferiu-se de Brasília para Porto Alegre. Encontrou a situação muito complicada: Breno parecia inseguro com relação à opção de fazer um novo complexo para o Grupo Caldas Júnior. O engenheiro argumentou que, em breve os equipamentos estariam chegando e existia um prazo limite para por a estação no ar (julho/97). Após muita discussão ficou estabelecido o início das obras para abrigar o sistema de transmissão no Morro Santa Teresa.

O equipamento começou a chegar e foi estocado em prédio (garagem) da Caldas Jr. no centro de Porto Alegre.

O prazo transcorrendo e as obras se arrastando e o engenheiro perdendo o sono ...

Para resumir : o sinal experimental da TV Guaíba entrou no ar em torno de 20,00 hs do último dia de prazo ... (julho/77). Para ter idéia do sufoco : a torre (46 m de concreto) foi construída em 14 dias por meio de formas deslizantes. O pior foi montar a antena com chuva, vento e frio...

Cumprida esta etapa, faltava a decisão a respeito do local dos estúdios. O arquiteto e o engenheiro em reunião com Breno (que, para descontrair havia tirado um garrafa de whisky de dentro de uma gaveta de sua mesa no escritório de agropecuária) argumentavam e não saía a decisão. Em determinado ponto, o engenheiro pegou uma folha de papel e rabiscou um lay out no qual proponha a transformação do prédio dos transmissores no Morro Santa Teresa em prédio para os estúdios com a construção de uma ala em forma de "U" com um jardim no centro. Claro que o arquiteto não gostou muito da idéia mas Breno levantando-se disse que era a melhor opção e saiu...

O arquiteto foi muito feliz na adaptação. Conceitos novos foram aplicados (como, por exemplo, não existir visada direta da central técnica para os estúdios; estúdios pequenos e funcionais; pouca cenografia; uso de fundo infinito; não acúmulo de material de cenografia dentro do prédio – fonte de todos os incêndios em estações de TV; concentração de todo o equipamento em determinada área – Central Técnica). Hoje, a TV Guaíba possui um prédio ainda atual em termos de Televisão. Na época, no entanto, houve muitas opiniões em contrário.

A aquisição de um caminhão de externas – face o momento de transição tecnológica – era imperativo; o problema era que o equipamento do caminhão ficaria ocioso em grande parte do tempo. A solução foi integrar o caminhão à estação e, quando se encontrava parado, estava sempre em operação como central de produção totalmente independente (com exceção do telecine, o caminhão tinha todos os demais recursos técnicos).

A obra transcorreu sem problemas e a montagem de toda a estação foi concluída em fins de 78.

A estas alturas começaram as contratações de pessoal da área de programação. Neste estágio, o engenheiro surpreendeu-se muito com a idéia de Televisão que predominava no Rio Grande : acreditavam ser possível operar uma geradora independente, com produção própria, telejornalismo com externas, etc... Não havia ainda, no RGS, a noção do poderio da Rede Globo e do custo operacional de uma estação de TV (custa em US\$ e fatura em R\$).

Após reuniões tensas, o engenheiro foi voto vencido e foi decidida a compra de mais US\$ 1.500.000,00 em equipamentos de externa (portáteis) e para a produção de comerciais (Telecentro).

O Telecentro foi um grande problema pois somente após o prédio construído e o equipamento instalado é que falaram nele. Somente quase dois anos depois é que foi possível remanejar salas do prédio auxiliar para instalar o Telecentro com um mínimo de condições. Até lá sempre foi uma briga tremenda conciliar o Telecentro com a produção normal da TV.

O fato mais importante antes da inauguração da TV ocorreu no início de 1979 : Breno foi ao Rio de Janeiro falar com Roberto Marinho. Na volta, perguntei a ele como tinha sido a conversa. Respondeu que muito boa, muito amável mas que não queria ficar na mão dele.

Breno deu a entender que Marinho teria acenado com a possibilidade de lhe fornecer a programação da Rede Globo mas em troca queria participação nos jornais da Caldas Jr. !!!

Sem opção, Breno optou por montar programação independente. Os custos de pessoal e de manutenção e o desgaste do equipamento fizeram com que o engenheiro entrasse em desespero, fazendo ver a Breno que não era possível a empresa dar certo desta maneira e que pensava em ir embora. Não se via ninguém preocupado com custos de coisa alguma e os programas eram produzidos e vendidos sem nenhum controle de qualquer espécie. Breno substituiu a Direção de Programação e a coisa melhorou mas o dano havia sido irreparável e o grupo todo começou a soçobrar.

Hoje, decorridos todos estes anos e distantes da emoção daqueles tempos, destacamos os seguintes fatores que contribuíram para o rumo que as coisas tomaram :

- ignorância e incompetência de muita gente que atuou nas áreas de produção, programação e comercialização;
- má fé de alguns que atuaram nas áreas acima citadas; acredito que estivessem a soldo da concorrência para "detonar" com a Caldas Jr. ("para que economizar ? o Dr. Breno é um dos homens mais ricos do Estado !!!") ; tanto esta suspeita é verdadeira que muitos ainda hoje trabalham na concorrente para onde foram tão logo o barco começou a adernar; é sabido e comprovado que a concorrência utiliza estes métodos.
- dificuldade da família Caldas em fazer parcerias.

Resta a falsa imagem que foi a TV Guaíba que fez com que o Grupo Caldas Jr. entrasse em colapso. Podemos afiançar que isto não é verdade. Na realidade, a TV Guaíba prolongou a vida da Caldas Jr. a qual já vinha perdendo terreno a cerca de 5 anos antes da entrada no ar da TV. Um levantamento das dívidas do Grupo por ocasião do colapso poderá comprovar que o montante correspondente à TV era inferior a 1/5 do total.

Qual a explicação ? Simplesmente Breno tinha que ter um pretexto para pedir dinheiro emprestado. O pretexto foi a TV. A maior parte dos empréstimos foi para manter os jornais rodando. Aí entra em cena um outro aspecto : existe a grande diferença em ter dinheiro e ter patrimônio. Breno tinha patrimônio. Na situação crítica em que se encontrava, não tinha equipe que o auxiliasse a encontrar uma saída, uma vez que seus principais colaboradores morreram ou se afastaram por motivos diversos. E, o pior: não tinha descendência ...

De qualquer forma, Breno teve a fortaleza de não ceder às pressões do Governo Federal para abrir sociedade com pessoas que ele abominava. Afundou com o navio, por opção pessoal.

A TV Guaíba sobreviveu e constituiu-se num marco da TV brasileira em termos de ser a única estação geradora de TV que se manteve independente em todos os sentidos.



Dissertação de Mestrado Higino

1 mensagem

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>
Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

19 de agosto de 2012 01:28

Conversa encaminhada

Assunto: **Dissertação de Mestrado**

De: **Sergio Reis** <sergio.reis@gmail.com>
Data: 20 de maio de 2012 22:51
Para: Higino Germani <higino_germani@uol.com.br>

Caríssimo.
Eu avisei! Estás ferrado!
Aqui vai a primeira leva de perguntas.

1. Quando começou o projeto da TV Guaíba?
2. Quem participava?
3. Por que foste escolhido?
4. Qual a história do terreno no Morro Sta tereza?
5. Quem planejou os equipamentos a serem comprados?
6. Quais foram os equipamentos adquiridos? Os mini MW!
7. Fala sobre a fase de transição filme x VT.
8. Quem comprou aquela máquina de revelação de filmes a cores?
9. Quem planejou o prédio? E os móveis?
10. Quando Chico Carlos entrou no esquema?
11. Fala sobre o Telecentro no Grêmio Náutico União e, depois, no estúdio. Quando foi aquilo?
12. Data inauguração?
13. Clóvis Prates e sua programação!!!
14. Rainha das Piscinas no Gigantinho: quando foi aquilo? Prates já tinha saído ou foi na inauguração com ele lá? Não me lembro dele participando daquela transmissão (que foi um show - a Guaíba dizia a que vinha...).
15. Fala alguma coisa sobre corridas em Tarumã.
16. Idem sobre transmissão da visita do Papa
17. Quando a coisa começa a degradingolar?
18. Até quando ficaste lá?
19. E o mais que julgares importante.

Não precisa ser tudo de uma vez. Podes me municiar em conta-gotas.
Há coisas, de minha parte, que farei direto, sem problemas. Mas outras, mesmo sabendo, tenho que comprovar através de depoimentos. E nisso conto contigo.
Grato por tudo.
Fraternal abraço.
Sérgio

De: **Higino Germani** <higino_germani@uol.com.br>

Data: 21 de maio de 2012 10:46

Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Prezado Sérgio

Vamos lá, sem problemas.

Para mim é uma satisfação que determinados fatos sejam registrados e esclarecidos.

Abraço

Higino

1. Quando começou o projeto da TV Guaíba?

O Projeto começou em 1975. Estava na Rádio Nacional de Brasília e recebi um telefonema do Dr. Edilberto Degrazia de que o Dr. Breno Caldas queria falar comigo. Como tinha compromisso diário com a Rádio Nacional, perguntei se não poderia ser num sábado, o que foi aceito.

Antes disto, procurei me informar a respeito da situação da concessão da TV Guaíba.

Resumidamente, a situação era a seguinte:

- Breno havia recebido uma concessão ainda em nome da Rádio Guaíba S/A mas não havia montado a TV. Logo que entrei no Ministério das Comunicações me deparei com um projeto para a mesma de autoria do eng. Homero Simon. O projeto não tinha como ser aprovado uma vez que excedia em muito a potência efetiva prevista para o canal. O Homero chegou ir no DENTEL e deu a entender que não aprovavam o projeto dele por perseguição política, o que não era verdade.

- Novo projeto do Homero foi apresentado, desta feita para o Morro Santana, o qual também não foi aprovado desta feita pela Aeronáutica (excedia o gabarito de vôo). Novamente o Homero alegou perseguição política... (também não era verdade).

- Neste meio tempo (fiquei sabendo depois, através do próprio Breno), que, do governo federal haviam contatado com ele para concordar em que fosse declarada perempta a outorga da TV e que dariam uma nova uma vez que a anterior estava "viciada". Isto feito, foi aberta nova concorrência, na qual o Breno participou com nova empresa: A Televisão Guaíba Ltda. composta apenas por ele (com 90 % das cotas) e pelo filho (Francisco Antônio, com 10 %). Contou-me que participou também o Grupo Jornal do Brasil e que, por meio de uma folha em branco assinada pelo Médici (sim, os presidentes deixam folhas em branco assinadas para atos de emergência...) a outorga foi dada para o Jornal do Brasil. Alguém avisou o Breno da trama e ele fez o Decreto voltar da Imprensa Nacional e ser refeito, dando a outorga para a Guaíba.

- Vim num sábado e me encontrei com Breno e Fco. Antônio no jornal. Breno propos que dessemos uma volta que queria me mostrar algumas coisas (achava que eu não era de P.Alegre, o que foi esclarecido depois). Estranhei que ele dispensou o filho, e saímos apenas nós dois na Mercedes. Acho que queria me conhecer melhor e, para tanto, bater papo furado. Em determinado momento, apurou para o Morro Santana, comentando que possuía um terreno de 4 hectares no topo do Morro e perguntou o que eu achava de colocar a TV no mesmo. Respondi que, além do problema com a aeronáutica (que eu já conhecia) tinha o grave inconveniente de ficar em quadratura (90º) com as antenas receptoras de TV, todas apontadas para o Morro Sta. Teresa. Além disto, a UFRGS estava instalando um observatório astronômico no topo do morro cujo instrumental não permitia instalações de radiofrequência nas proximidades. Breno ficou em silêncio uns minutos, acredito que remoendo o fato do Homero ter feito ele comprar 4 hectares que não poderia usar... Em função da minha visita, fiquei de estudar o assunto e apresentar proposta para assessoria.

2. Quem participava?

No início, somente Breno e eu. Depois, por sugestão minha, no início de 1976, foram contratados o arquiteto (João Paulo de Abreu) e o desenhista.

3. Por que foste escolhido?

Acredito que o fato de haver montado o transmissor de Ondas Médias de 300 kW e o de Ondas Curtas de 250 kW da Rádio Nacional me trouxe dividendos (foram, até hoje, os transmissores mais potentes instalados na América do Sul). O fato de haver trabalho no Ministério das Comunicações também. Um jornalista que trabalhava na sucursal de Brasília me contou, tempos depois, que, numa ida dele à Porto Alegre, Breno lhe havia perguntado quem era o engenheiro que havia montado aquelas "geringonças"... No entanto, o fato decisivo foi o insucesso do Homero em ter um projeto aprovado, fazendo com que Breno procurasse outro profissional. Contribuiu para isto também o fato de que a nova concessionária era uma limitada (apenas dois sócios) e o Homero era funcionário da Guaíba S/A. Por fim, acho que porque foi com a minha cara, caso contrário não iria entregar um projeto de milhões para um garoto de 27 anos...

4. Qual a história do terreno no Morro Sta tereza?

Depois de fecharmos o acordo de assessoria, comecei a pesquisar as opções de onde colocar a estação. Breno havia me mostrado um terreno que possuía na Cristiano Fischer (uns 4 hectares, se não me engano) dizendo que o sonho dele era colocar toda a empresa naquele lugar (Rádio, TV e Jornal). Argumentei que o ideal, pelo menos de início, seria montar estúdio e sistema de transmissão juntos por questões de tempo e dinheiro. Em princípio, concordou.

Neste meio tempo, o Ministério republicou o Plano de Canais de TV e, qual não era a surpresa, a potência prevista para os canais 2 e 4 foi rebaixada de 100 para 40 kW. Esta foi a primeira intervenção da RBS nos destinos da Caldas Jr. Com 40 kW inviabilizava colocar no Morro da Polícia além do fato de que a Piratini (canal 5) e a Gaúcha (canal 12) estavam no Sta. Teresa (lembrar orientação das antenas receptoras). Enviei relatório detalhado e Breno pediu para vir à P.Alegre. Cheguei num sábado pela manhã e quem me esperava, sozinho, tripulando sua Mercedes, no aeroporto? Breno em pessoa, com um chapéu de palha na cabeça, dizendo que iríamos fazer uma "expedição" nos morros... Quando me lembro destas coisas e me conscientizo que Breno, na época, tinha a idade que tenho agora ...

Entramos pela TV Piratini, estacionamos atrás do prédio que era da Rádio Farroupilha, pulamos a cerca, e nos sentamos numas pedras e ficamos conversando...

Creio que um mês depois, de volta à P. Alegre, Breno me mostra um cheque de elevado valor (não lembro quanto) e pergunta se poderia fechar o negócio da compra do terreno. Disse que sim, sem dúvida... E isto que o projeto nem tinha sido concluído e, conseqüentemente, nem aprovado... Quando se é jovem somos ousados...

A pedido do Francisco Antônio deixei de vir aos sábados pois alegou que era o único dia da semana que o "velho" não vinha para o Correio e que precisava dedicar o sábado ao descanso ou ir às fazendas. Pedi desculpas e mudei o dia da semana.

Um detalhe: quando acertamos minha vinda para P.Alegre, perguntei para Breno a quem me reportaria. Ele disse: a mim. Insisti: e a quem mais ? Responde: só a mim. Isto, certamente, me trouxe permanentes dificuldades com o filho...

5. Quem planejou os equipamentos a serem comprados?

O Breno me facilitou muito o trabalho: disse que queria RCA. Perguntei porque e respondeu que, o bando de loucos dos Associados massacraram os equipamentos da Piratini e a TV continua no ar, donde a RCA deve ser muito boa. Neste estágio, Francisco Antônio jamais opinou sobre nada.

O Oscar Stamatti (a quem devo muito pela correção e capacidade) da RCA veio de Buenos Aires e, numa sala da Rádio Guaíba, passamos vários dias a trocar idéias e montar o quebra-cabeças. O problema maior era definir o que a TV iria fazer. O que iria por no ar ? Não se tinha nenhum esboço de programação. O Flávio Alcaraz Gomes era o virtual Diretor de Programação mas não definia nada (acabei por concluir que não entendia nada de TV). Fomos - o Flávio e eu - para a NAB em Las Vegas (1975) e foi o mesmo que ir sozinho. Depois desta viagem conclui que seria impossível trabalhar com o Flávio. O afastamento do Flávio do processo é que viabilizou a minha

vinda para P. Alegre, caso contrário não viria de maneira alguma. Acredito que o Breno pode até ter pensado que estava me fazendo de difícil e queria mais dinheiro para vir. Como iria dizer para ele que não via possibilidade de trabalhar com o Flávio (primo-irmão do Breno) ?

6. Quais foram os equipamentos adquiridos? Os mini MW!

Foram feitos dois contratos com a RCA:

- Equipamento de transmissão + central técnica : US\$ 1.000.000,00
- O.B. Van: US\$ 724.000,00

Diante das indefinições com relação à programação e diante da fase de transição tecnológica, optei por uma estação compacta e eclética. A Central técnica tinha duas câmeras e o caminhão duas. Poderia deslocar com relativa facilidade duas câmeras para qualquer dos lados, operando com 4. Duas Câmeras eram TK-45 com grandes recursos de lentes e duas era TKP-45 com recurso de serem "transportáveis" (quase portáteis).

Abri mão de qualquer sofisticação em termos de VT e fiquei com 3 quadruplex (duas na central, com edição) e uma no O.B.Van. Foram as primeiras TR-600 no Brasil (corri um risco medonho pois não havia nenhuma operando em PAL-M - os gringos da RCA vieram várias vezes substituir "baby boards" para que as máquinas ficassem mais estáveis). O O.B. Van foi inspirado no caminhão da Bandeirantes de SP, através do qual ela começou as transmissões a cores, depois do incêndio (o Miguel Cipolla - Diretor Técnico da Bandeirantes - foi muito gentil comigo).

Alertei Breno que o pacote de equipamentos adquirido era o básico e que, dependendo da evolução da tecnologia e da programação a ser veiculada, seria necessário adquirir mais coisas mas aquilo era o essencial e indispensável. Breno concordou e disse que quando colocou a Rádio Guaíba no ar (um "vitrolão") foi massacrado e criticado por todos uma vez que as Rádios de então tinham até orquestra própria. Senti que ele queria seguir o mesmo paradigma.

7. Fala sobre a fase de transição filme x VT.

Na ida à NAB, me chamou a atenção o fato de que não tinha nenhum expositor com máquinas de filmar (16 mm, celulóide). Nem laboratórios, nada. Em troca, aparecia um pequeno cenário com uns bonequinhos se mexendo com um anúncio que eram imagens geradas por câmera com CCD (não tubo). Num horário que tinha pouca gente, um cara da RCA, muito honesto, me mostrou a realidade: a cena dos bonequinhos (feitos de amianto, para não pegar fogo), era vista através de vidro escuro sem os quais era impossível visualizar qualquer coisa tal a intensidade de luz necessária para excitar os CCD's...

Tinha um stand com uns japonezinhos mostrando uma máquina de VT chamada U-Matic que ninguém dava bola. Trouxe um catálogo e, meses depois, levei televisão para o norte de Goiás (hoje Tocantins) através da programação da TV Anhaguera (Globo) gravada em Goiânia e enviada por ônibus na Belém-Brasília. Viam o noticiário de ontem e achavam o máximo...

E aí, seu Zé ? O que fazer ? Não tinha mais equipamento de cinegrafia e o equipamento eletrônico não estava pronto... A solução era esperar, e foi o que fiz. É interessante observar que a indústria americana estava toda voltada para a conquista da Lua o que acelerou em muito as pesquisas e colocou coisas no mercado muito antes que o previsto. Por exemplo: a câmera portátil TK-76 (comprada depois) era cópia fiel da que foi para a Lua na Apollo-11; o tripé hidráulico idem (só que o que tínhamos era de ferro e que foi para a Lua era de alumínio). A técnica de integração em larga escala (LSI) - para reduzir o peso da nave - foi transferida para a TV e as câmeras ficaram leves e portáteis.

8. Quem comprou aquela máquina de revelação de filmes a cores?

O Chico Carlos. Isto prova o quanto ele estava desatualizado e superado. O problema é que foi arrogante. Arrogante porque descreveu para os Caldas um quadro de desastre com relação ao projeto da TV - isto sem falar comigo ou fazer qualquer pergunta. Disse para os Caldas que o prédio não servia, que os estúdios eram inúteis e que com o equipamento que tinha não dava para fazer nada.

Quando soube da compra da máquina de revelação fui até o Breno e disse que iria terminar a montagem da estação e iria embora. Breno ficou desnorteado...
A máquina de revelação jamais operou.

9. Quem planejou o prédio? E os móveis?

O arquiteto visitou várias estações em SP, Rio e Brasília (em especial a Globo). Fiz ver a ele que a tecnologia estava mudando muito e que os conceitos que nortearam as estações que visitou não mais valiam. Que tínhamos que bolar algo novo, funcional e de custo baixo.

O projeto original do prédio foi recusado pelo Breno (achou grande demais). Breno havia visitado Roberto Marinho e este lhe recomendou que investisse em equipamentos e não em prédios. Aliás, esta visita teve lances incríveis (contados a mim pelo próprio Breno):

- estava em reunião com Marinho quando um sujeito, sem se anunciar, entra e interrompe; Marinho se levanta e conduz o intruso para Breno que, surpreso, ouve: Breno, este é o Joe (Wallach), meu braço direito em assuntos de TV...

- foi cogitada a transferência da programação da Globo para a Guaíba; Marinho disse que faria mas, em troca, queria participação nos jornais da Caldas Jr. Breno olhou para mim e disse: Meu filho, sou marinho; como é que um barco pode navegar direito com dois caras no leme ?

Com a recusa do projeto inicial, ficamos (o arquiteto e eu) sem saber o que fazer. Estava definido que no Morro Sta. Teresa ficaria apenas o equipamento de transmissão e uma garagem para o caminhão de externas. O estúdio ficaria na Cristiano Fischer (por isto comprei um apto. na Anita Garibaldi). Havia me mudado para POA em agosto de 1979 com um contrato verbal com Breno. Trabalhei 8 anos com ele com este contrato verbal. Cumpru tudo à risca.

O tempo passando, os prazos ficando curtos, o equipamento chegando (e ficando estocado numa garagem da CJCJ no centro de P.Alegre) e eu sem dormir... Acho que foi nesta fase que comecei a perder cabelo...

Certa tarde, pegamos (o arquiteto e eu) o Breno no escritório de agropecuária dele (Ed. Ouvidor). Deixei claro que não poderia procrastinar mais e que não daria tempo para por a TV no ar no prazo estipulado pelo governo. Breno tentou fugir mas pedi, educadamente mas com firmeza, que ele não saísse e que terminássemos o assunto. O arquiteto queria tocar em frente o projeto na Cristiano Fischer e eu insistia em fazer tudo no Sta. Teresa pois não daria tempo. Breno só ouvia. Em determinado momento, peguei uma folha de papel e desenhei o prédio dos transmissores (em construção) fiz uma construção em forma de "U" ligada mesmo com um jardim no meio. Breno pegou o papel, ficou em silêncio um tempo, abriu uma gaveta da escrivaninha de aço na qual estava apoiado, tirou uma garrafa de whisky e um copo; tomou um gole, olhou para mim e disse: já que estás me ameaçando com os fogos dos infernos, vamos fazer isto, então... E foi embora. O arquiteto queria me matar mas acabei convencendo-o que era a única saída que restava. Até que a improvisação não ficou ruim, não?

Os móveis foi esquema do Francisco Antônio com o tal de Dr. Fortuna... Mandou fazer uma mesa igual à do Walter Clarck...

10. Quando Chico Carlos entrou no esquema? Paco Escajedo foi com Chico?

Chico apareceu quando estava em plena montagem da estação. Adotou uma atitude distante de todos, usando o Paco como sargento.

11. Fala sobre o Telecentro no Grêmio Náutico União e, depois, no estúdio. Quando foi aquilo?

Lembro que o Telecentro começou a operar via O.B.Van no Grêmio Gaúcho quando estava montando a Central Técnica. Enfiaram na cabeça no Francisco Antônio que o Telecentro era uma mina de ouro que a RBS ganhava muito dinheiro com ele. Independentemente de qualquer coisa, não era viável comparar a situação da TV Gaúcha com a da Guaíba. A Gaúcha recebia a programação pronta e, como consequência, tinha equipamento ocioso, e a Guaíba teria de produzi-la e usar o (pouco) equipamento ao máximo. Isto ocorreu em um período que Breno se afastou um pouco das coisas, não consegui descobrir o porque. Talvez tenha feito a experiência

de delegar um pouco para o filho, ou tenha se convencido de que os tempos eram outros e o desastre era inevitável ou a idade começou a pesar... O fato é que, um dia, Breno aparece na TV perguntando do porque a nova listagem de equipamentos a serem adquiridos que o Fco. Antônio tinha lhe entregue. Expliquei item por item e para qual finalidade. Expliquei também que havia sido vencido nas reuniões presididas pelo Fco. Antônio e que achava que o potencial de comercialização da estação era incompatível com o investimento e com os recursos humanos necessários para operar tudo aquilo. Disse que, num país como o Brasil, a bomba sempre estoura no engenheiro e dei a entender que iria cair fora antes de estourar. Breno olhou para mim e disse: Como vais fazer isto comigo se gosto de voce tanto quanto gosto do Tonho? Quem ficou desconcertado fui eu... Breno levantou e disse que iria falar com o Tonho a respeito. Nada adiantou: o equipamento do Telecentro foi comprado e um absurdo de equipamento ENG junto (ENG : Electronic News Gattering). Jornalismo dinâmico é o maior centro de custos de uma estação de TV...

12. Data inauguração?

Março de 1979 (não lembro o dia).

13. Clóvis Prates e sua programação!!!

Clóvis Prates é outro exemplo de cara que engana a si próprio. Exerceu a direção de uma emissora que recebia a programação pronta e achava que ele tinha algo a ver com aquilo. Não tinha noção alguma de custos nem do que era possível ou não fazer; do que era viável ou não realizar. Não tinha capacidade de elaborar uma grade de programação que permitisse que a área operacional planejasse seu trabalho. Conseqüência: dia a dia estressante, despesas inúteis e resultado píffio. Por incrível que pareça, não tinha noção do poderio da Globo e da realidade da televisão no Brasil (aliás, como eu havia vindo de fora, de dentro do governo, tinha esta visão e me surpreendi que era geral o desconhecimento desta realidade no RGS).

Uma semana antes da inauguração da emissora, Prates tentou um golpe: na presença de Breno e Fco. Antônio fez um rosário de críticas a respeito da minha área. Breno não se fez de rogado: mandou me chamar e repetiu as queixas do Prates. Para que ! O velho me conhecia bem e sabia que não iria engolir aquilo. Demoli o cretino com uma série de argumentos e fatos, declarando que não tinha competência para chefiar ninguém e nem sabia lidar com as pessoas. Que era incapaz de fazer qualquer planejamento e que iria por tudo a perder. Que queria ser o "rei" da TV (neste ponto, Breno não disfarçou um risinho irônico). Que a inauguração era dali a uma semana e ninguém na TV sabia o que iria ao ar. Em determinado ponto, Breno, vendo que a coisa estava séria, levantou e disse: Pelo amor de Deus, achem uma forma de se entenderem... Francisco Antônio também levantou-se furioso nos acusando de que estávamos judiando do pai dele. Antes de Breno sair, chamei o Prates, apertei a mão dele e disse que iria fazer tudo que ele quisesse, absolutamente tudo, que não iria sabotar nada, mas que dentro de seis meses faríamos outra reunião para avaliar os resultados. Breno se sentiu aliviado e Tonho me agradeceu. Não precisou seis meses, bastaram três...

14. Rainha das Piscinas no Gigantinho: quando foi aquilo? Prates já tinha saído ou foi na inauguração com ele lá? Não me lembro dele participando daquela transmissão.

O que contei acima foi justamente para responder a esta questão. Prates ficou "murcho" com o fracasso da tentativa de golpe. A inauguração foi num sábado mas já no domingo começou a por as garras de fora novamente.

15. Fala alguma coisa sobre corridas em Tarumã.

O que posso dizer é que fizemos a cobertura de muitas corridas sem falha técnica em nenhuma. Tínhamos pouco equipamento mas de excelente qualidade. A equipe operacional e de manutenção também era muito boa. Se for feito um levantamento onde se encontram os técnicos da TV Guaíba boa parte deles estão na direção de outras estações (por exemplo: Portalício na Pampa, Sady no SBT, etc.). Se tenho algum mérito nesta história, não se deve ter projetado e montado a TV uma vez que Breno me deu todas as condições possíveis; o mérito, se tiver, foi ter montado uma equipe na qual a maior parte era muito jovem e estudante.

16. Idem sobre transmissão da visita do Papa

Foi feita uma reunião com todas as estações de TV de POA para definir quem fazia o que. A nós coube o pior: a missa. Soube, mais tarde, que na RBS tiraram sarro de que haviam empurrado para a Guaíba o pior. Acho que foi o nosso melhor trabalho. Eles fracassaram na tarefa que lhes coube. Coloquei uma retrozoom na TK-76 do Candinho e foi possível mostrar em "close" o anel do Papa. O melhor foi a história da cena gravada pelo helicóptero: jogaram a fita na parte de trás do prédio da TV e ela foi parar nos matos da FEBEM. O pessoal se embrenhou mato a dentro, voltou todo ralado e cheio de espinhos e levamos a fita para a central. Não dava tempo de revisar, pois o Papa já estava saindo. Foi para o ar direto. Colocava um pouquinho e cortava para o caminhão. Mais um pouquinho e cortava. No último corte, numa fração de segundo após o corte, entrou um jogo de futebol... Sentei no chão da central...

17. Quando a coisa começa a degradingolar?

Certo dia, após a empresa já começar a atrasar salários, Breno me liga dizendo para atender um cara da RCA que vinha. Estranhei um pouco mas recebi o cara acompanhado pelo Leonardo Scheinner do Rio de Janeiro. O cara estava de cara amarrada e mostrava muitos papéis, nos quais constava uma coluna cujo cabeçalho dizia "Past Due". Olhei para o final e senti o chão se abrir: a dívida atrasada era da ordem de US\$ 800.000,00. Nesta época, já havia ocorrido a briga de Breno com o Amaralzinho (o Palmo e Meio, lembra). O motivo tinha sido a dívida com o Banrisul. Imaginei, na época, que Breno tinha aberto um rombo no Banrisul mas tinha pago a RCA. Não pagou. O cara da RCA deixou claro que não iria embora sem receber uma parte. Francisco Antônio também sumiu. Eu tinha uma Guia de Importação aberta para importação de peças de reposição no valor de US\$ 80.000,00. Ofereci o valor desta guia e o cara ficou satisfeito (10 % da dívida). Foram embora e fiquei sem peças de reposição... Aí começou a canibalização. Relatei tudo para Breno e ele me pareceu muito constrangido e desconfortável.

18. Até quando ficaste lá?

Saí em 1984 após minhas economias se exaurirem (seis meses sem salário). Saí também porque não tinha nada a fazer, não tinha peças de reposição, pessoal desmotivado e problemas com o Francisco Antônio e os filhos deste. Certo dia, delicadamente, disse para Breno que determinadas ações do Francisco Antônio e dos netos estavam piorando o quadro. Breno suspirou, tirou os óculos, me olhou com um ar de cansaço e me perguntou: Higino, tu és pai, não ? Pedi desculpas, levantei e fui embora.

19. E o mais que julgares importante.

Acho que vale lembrar o episódio com a Manchete, que estavas junto. Depois daquilo, fui falar com Breno perguntando (muito delicadamente) quais os planos e o que pretendia fazer. Deixou claro que ninguém iria obrigá-lo a fazer qualquer coisa. Diante da possibilidade de alguma parceria com o Grupo Abril, Breno reagiu: O que ? Com aqueles gangsters ? Meu filho, não é possível fazer parceria com caras que usam sapatos cheios de rococós e de duas cores... Insisti mais um pouco (ou até demais) e Breno disse: Eu sei que a água está subindo. Quando chegar aqui (indicando o nariz), eu faço assim (e tapou o nariz). Ali, naquele momento, me convenci que iria afundar com a empresa. Subi no morro, coloquei minhas coisas no carro e disse para o pessoal que havíamos perdido a guerra. Uma semana depois o jornal parou de circular...

P.S. Sugiro obter uma fita na TVE que tem uma entrevista com Breno feita pela Tânia Carvalho. Tem também um livro feito por um jornalista que entrevistou Breno após a falência da empresa (tenho um exemplar).



SOMENTE LUIS MENDES E ESTE TEU HUMILDE OPERARIO DAS COMUNICACOES

eldio macedo <eldiomac@yahoo.com.br>
Responder a: eldio macedo <eldiomac@yahoo.com.br>
Para: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>
Cc: eldio macedo <eldiomac@yahoo.com.br>

4 de maio de 2012 20:16

MEU SEMPRE AFETUOSO MANINHO DE ALMA, DON SERGIO REIS

ACONTECE, QUE NO SÁBADO, DIA 19 FOI A FESTA DA UVA, QUE TU COMANDAVAS, E ESTE MARRON FOI O REPORTER LATINO AMERICANA, A FAZER A PRIMEIRA ENTREVISTA DA TV A CORES, E ENTREVISTEI DONA CILA MEDICI, SEGUNDO O PRÓPRIO PRESIDENTE MEDICI, TERCEIRO, O MINISTRO GAUCHO TAMBEM HIGINO CORSETTI, E O QUARTO AMIGO MARIO RAMOS

SERGINHO!!

ACONTECE,QUE AS ESTRELAS CONVIDADAS, DO SABADO, DE INAUGURACAO, VOLTARAM DOMINGO PARA SAO PAUO E RIO DE JANEIRO, COMO BOLDRIN, ETC ETC

E ENTÃO, APENAS LUIS MENDES E EU, FOMOS AS VOZES DO DOMINGO, DO EMPATE DE GREMIO E CAXIAS

E, EU FUI REPORTER E COMENTARISTA

PELOS OBVIOS MOTIVOS, DE A TV GATINHAVA EM TODO O PAÍS

COMO O MENDES ERA, NA RADIO GLOBO, E NA TV RIO, NARRADOR E COMENTARISTA, E EU ERA REPORTER E COMENTARISTA, APENAS NÓS DOIS FOMOS OS ESCALADOS PARA A SEGUNDA JORNADA A CORES, E QUE FOI ALGO DECIDIDO EMCIMA DO LACO, JUSTAMENTE PARA A TV RIO, E NÓS, SERMOS PIONEIROS, EM DOIS BÁSICOS SENTIDOS: EVENTOS, ATOS, ACONTECIMENTOS, E ESPORTES, JOGO DE FUTEBOL.

E ASSIM RESPONDENDO-TE, APENAS LUIS MENDES E EU, NO DIA 20, VOCALMENTE, PARTICIPAMOS DA TRANSMISSAO...

INCLUSIVE, NO INICIO DO ANO PASSADO, ANTES DO MANO E AMIGO LUIS PINEDA MENDES, "PARTIR" DEFINITIVAMENTE, NA CASA DELE, AINDA RELEMBRAVAMOS ESTES FATOS.....

NO MAIS, SEMPRE AS ORDENS, CARINHOS PARA TODA TUA AMADA FAMILIA

E TEU FA E AMIGO AGRFADECIDO
TE ENVIO ABRICOS GAUDERIOS

Éldio Macedo

BUENOS AIRES - 04 DE MAIO DE 2012

De: Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Para: Eldio Macedo <eldiomac@yahoo.com.br>

Enviadas: Sexta-feira, 4 de Maio de 2012 17:38

Assunto: Futebol a cores 1972

Meu querido Marrom Mais Elegante do Brasil e de Buenos Aires e de Miami!!!

Espero que estejas bem.

Meu irmãozinho: estou trabalhando em minha Dissertação de Mestrado e preciso de uma informação sobre a qual minha memória apagou.

Seguinte: no dia 20 de fevereiro de 1972 houve a transmissão a cores (1ª no Brasil) do jogo entre Grêmio e Assoc Caxias.

Lembro que o narrador foi o Luiz Mendes e que o repórter foi você. Não lembro quem foi o comentarista.

Lembras o nome da figura?

Te aguardo.

Fraternal e carinho abraço meu e um beijo amoroso de tua fã Vera!

Sérgio

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

4 de maio de 2012 21:07

Rascunho para: eldio macedo <eldiomac@yahoo.com.br>

gGRANDE éLDIO!!!

Em 4 de maio de 2012 20:16, eldio macedo <eldiomac@yahoo.com.br> escreveu:

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Sérgio, talvez esses dados interessem para o teu mestrado. Abraço.

GPerin

2 mensagens

Gilberto Perin <gilberto.perin@rbstv.com.br>

9 de agosto de 2012 11:47

Para: Sérgio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Produção Curtas Gaúchos - (1999 até agosto de 2012)

atualização: 3 agosto 2012

- Produção em 303 cidades
- 17 estados
- 35 países
- 691 programas produzidos
- 794 programas exibidos
- 1216 profissionais envolvidos anualmente nas produções (base: ano de 2011)

Outras informações

- 69 programas exibidos pela Globo Internacional.
- 708 programas exibidos e reapresentados pelo Canal Brasil
- 606 programas exibidos em sessões de entidades, universidades, empresas e em mostras estaduais, federais e internacionais.
Exemplos: Trensurb, DMAE, Susepe, mostras em Ouro Preto, Rio de Janeiro, São Paulo, Itália, Uruguai, Rússia entre outras cidades e países.
- 120 programas reapresentados mensalmente pela TVCOM.
- 10 DVDs lançados através pela RBS Publicações.
- 61 prêmios e homenagens em festivais nacionais e internacionais
- 3 DVDs lançados com programas do Núcleo pela Programadora Brasil da Secretaria do Audiovisual vinculado ao Ministério da

Cultura; e também pela Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis (SC).

- 02 Livros publicados - “*Núcleo de Especiais RBS TV – ficção e documentário regional*” e “*Convergências Midiáticas: produção ficcional – RBS TV*” de Elizabeth Duarte e Maria Lília de Castro. Além de citações em outras obras sobre a teledramaturgia e documentários, diversas monografias e estudos sobre o Núcleo de Especiais.

- Site na página da RBS TV; perfil e fanpage no Facebook; e Twitter e Pinterest.

Gilberto Perin

Núcleo de Especiais - Curtas Gaúchos

RBS TV Porto Alegre

55 51 32 18 56 29

gilberto.perin@rbstv.com.br



rbstv.com.br/curtasgauchos



facebook.com/nucleodeespeciais
facebook.com/curtasgauchosrbstv



twitter.com/curtasgauchos



pinterest.com/curtasgauchos

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>
Rascunho para: Gilberto Perin <gilberto.perin@rbstv.com.br>

9 de agosto de 2012 12:29

Meu caro amigo.
Interessa, e como!
Mostra que não se trata de um reducionismo gaúcho, mas se expande internacionalmente.

Estes dados enfatizam a importância

Em 9 de agosto de 2012 11:47, Gilberto Perin <gilberto.perin@rbstv.com.br> escreveu:

[Texto das mensagens anteriores oculto]

LISTA GERAL DE PRODUÇÃO – NÚCLEO DE ESPECIAIS RBS TV

2012

Sonho de Guri – Entrando em Campo, de Liliana Sulzabach (7 jan).

Sonho de Guri – Teste Final, de Liliana Sulzabach (14 jan).

Sonho de Guri – A Via na Base, de Liliana Sulzabach (21 jan).

Sonho de Guri – Caindo na Real, de Liliana Sulzabach (28 jan).

Curtas Gaúchos (XII) – Sentimentário, de Carolina Araújo e Caio Mazzili (04 fev).

Curtas Gaúchos (XII) – A Conquista do Espaço, de Chico Deniz (11 fev).

Curtas Gaúchos (XII) – Aventuras no Carnaval, de Cristiano Trein (18 fev).

Curtas Gaúchos (XII) – Dormentes do Tempo, de Boca Migotto (25 fev).

Curtas Gaúchos (XII) – Elis por Elis, de Claudinho Pereira (03 mar).

A Maior Praia do Mundo – Origem, Piratarias e Naufrágios, de Pena Cabreira (10 mar).

A Maior Praia do Mundo – A Imensidão e seus personagens, de Pena Cabreira (17 mar).

A Maior Praia do Mundo – Os faróis e seus guardiões, de Pena Cabreira (24 mar).

A Maior Praia do Mundo – O Homem e a natureza, de Pena Cabreira (07 abr).

Curtas Gaúchos (XIII) – Se Milagres Desejais, de André Costantin e Nivaldo Pereira (14 abr).

Curtas Gaúchos (XIII) – Anabel – Homem Fornoalha / Voando no Tempo, de Lancast Mota (28 abr).

Mulheres em Transe – Nem Pensar, de Rafael Figueiredo (05 mai)

Mulheres em Transe – Beijo em Pé, de Rafael Figueiredo (12 mai)

Mulheres em Transe – Fora de Circulação, de Rafael Figueiredo (19 mai)

Mulheres em Transe – O Amor de Volta, de Rafael Figueiredo (02 jun)

Gre-Nal é Gre-Nal – Vizinho é Vizinho, de Cristiano Trein (09 jun)

Gre-Nal é Gre-Nal – Fiasco é Fiasco, de Cristiano Trein (16 jun)

Gre-Nal é Gre-Nal – Poupança é Poupança, de Cristiano Trein (23 jun)

Gre-Nal é Gre-Nal – Vizinha é Vizinha, de Cristiano Trein (30 jun)

Curtas Gaúchos (XIII) – Férias Animadas (Zimbú / Anabel), de (07 jul).

Curtas Gaúchos (XIII) – Férias Animadas (Leonel Pé de Vento), de Jair Giacomini (14 jul).

Curtas Gaúchos (XIII) – Férias Animadas (X-Coração), de Lisandro Santos (21 jul).

2011 83

Exibição Especial – As Férias de Lord Lucas, de Tatiana Nequete (01 jan).

Borghetti na Estrada – Euro Tour 2010 – O Homem, O Sonho, de Rene Goya Filho (08 jan).

Borghetti na Estrada – Euro Tour 2010 – As Origens dos Borghetti – A Família, de Rene Goya Filho (15 jan).

Borghetti na Estrada – Euro Tour 2010 – Borghetti e a Gaita – Música pelo Mundo, de Rene Goya Filho (22 jan).

Borghetti na Estrada – Euro Tour 2010 – Borghetti e a Gaita – A Música como Idioma – As Fronteiras, de Rene Goya Filho (29 jan).

Exibição Especial – Fevereiro

Traz Outro Amigo Também, de Frederico Cabral, Animake (05 fev).

Volto Logo, de Eduardo Wannmacher, Okna Produções (12 fev).

Gigante de Ferro, de Matheus Butzke Piccoli, Faculdade Cenecista de Bento Gonçalves (19 fev).

Amigos Bizarros do Ricardinho, de Augusto Canani, Tempo Produções (26 fev).

Folia no Pampa, de André Costantin, Transe (05 mar).

On Line (II) - O msn da minha melhor amiga, de Cristiano Trein, Sqma (19 mar)

On Line (II) - Como nossos pais, de Cristiano Trein, Sqma (26 mar)

On Line (II) - Pergunte ao Formspring, de Cristiano Trein, Sqma (02 abr)

On Line (II) - Até que o WWW nos separe, de Cristiano Trein, Sqma (09 abr)

Histórias Extraordinárias (XI) – Cartas de Luz, de Claudinho Pereira (16 abr)

Histórias Extraordinárias (XI) – Ruídos do Espírito, de Marta Biavaschi (23 abr)

Histórias Extraordinárias (XI) – Muitas Vidas, de Claudia Dreyer (30 abr)

Histórias Extraordinárias (XI) – À Sombra da Noite, de Juan Zapata (07 mai)

Fora do Ar (I) – Uma TV à beira de um ataque de nervos, de Márcio Schoenardie (14 mai)

Fora do Ar (I) – Luz, câmera... Corta!, de Márcio Schoenardie (21 mai)

Fora do Ar (I) – Um Chefe de FamíliaS, de Márcio Schoenardie (28 mai)

Fora do Ar (I) – A Previsão é Final Feliz, de Márcio Schoenardie (4 jun)

Fim do Mundo – Sabores do Sul, de Paulo Nascimento, Leonardo Machado e Voltaire Danckwardt (11 jun)

Fim do Mundo – Terra de Contrastes, de Paulo Nascimento, Leonardo Machado e Voltaire Danckwardt (18 jun)

Fim do Mundo – A Música do Silêncio, de Paulo Nascimento, Leonardo Machado e Voltaire Danckwardt (25 jun)

Fim do Mundo – O Povo do Silêncio, de Paulo Nascimento, Leonardo Machado e Voltaire Danckwardt (02 jul)

Gre-Nal é Gre-Nal – Revanche é Revanche, de Cristiano Trein (09 jul)

Gre-Nal é Gre-Nal – Sorte é Sorte, de Cristiano Trein (16 jul)

Gre-Nal é Gre-Nal – Fominha é Fominha, de Cristiano Trein (23 jul)

Gre-Nal é Gre-Nal – Campeão é Campeão, de Cristiano Trein (30 jul)

Legalidade – 50 Anos I, de Beto Souza (06 ago)

Legalidade – 50 Anos II, de Beto Souza (13 ago)

Sapore d'Italia – Demo Via!, de Boca Migotto e Rafael Ferretti (20 ago)

Sapore d'Italia – Venezianos, de Boca Migotto e Rafael Ferretti (27 ago)

Sapore d'Italia – La Mamma, de Boca Migotto e Rafael Ferretti (03 set)

Sapore d'Italia – No, Belluno, No!, de Boca Migotto e Rafael Ferretti (10 set)

Sapore d'Italia – Ciao Bella, de Boca Migotto e Rafael Ferretti (17 set)

Curtas Gaúchos (X) – Tricô e Pitangas, de Marília Garske e Iuli Gerbase (24 de setembro)

Curtas Gaúchos (X) – Um dia Daqueles, de José Rodolfo Masiero e Caio Pereira (01 de outubro)

Histórias Curtas (XI) - Todos os balões vão para o céu, de Frederico Cabral, Animake Imagem Virtual (08 out)

Histórias Curtas (XI) - Confidencial – Memória, Rock e Amizade, de Pablo Chasseraux, Estação Elétrica (15 out)

Histórias Curtas (XI) - Inca, de Bruno Carvalho, Matilha Filmes (22 out)

Histórias Curtas (XI) - Folha em Branco, de Iuli Gerbase, Besouro Filmes (29 out)

Histórias Curtas (XI) - Pequena Alma Terna Flutuante, de André Costantin, Transe Filmes (05 nov)

Histórias Curtas (XI) - Lá Longe, de Juliano Carpeggianni, Alecrim Produções (12 nov)

Histórias Curtas (XI) - O guitarrista no telhado, de Guto Bozzetti, Cartunaria Desenhos (19 nov)

Histórias Curtas (XI) - Dona Hertha, de Luis Mário Fontoura, Besouro Filmes (26 nov)

Curtas Gaúchos (XI) - Origens, de René Goya (03 dez)

Curtas Gaúchos (XI) - Marcovaldo, de Cíntia Langie e Rafael Andreazza (10 dez)

Curtas Gaúchos (XI) - Corneteiro não se mata, de Pablo Müller (17 dez)

Curtas Gaúchos (XI) - Menino Jesus, de Beto Souza (24 dez)

Curtas Gaúchos (XI) - O Segredo de Nina, de Lancast Mota (31 dez)

53

2010 - 49

Curtas Gaúchos (IX) - A Invasão do Alegrete, de Diego Muller (02 jan)
Curtas Gaúchos (IX) - Segura na Mão de Deus, de Elisa Simczak (09 jan)
Curtas Gaúchos (IX) - Vida de Personagem, de Alexandre Linck (16 jan)
Curtas Gaúchos (IX) - Dormindo no Escuro, de Cris Werle (23 jan)
Curtas Gaúchos (IX) - A Dimensão do Reflexo, de Rafael Onzi (30 jan)
Curtas Gaúchos (IX) - Mapa Mundi, de Pedro Zimmermann (06 fev)
Curtas Gaúchos (IX) - Futebol Sociedade Anônima, de Cíntia Lagie e Rafael Andreazza (13 fev)
Curtas Gaúchos (IX) - Caminhos, de Vinicius Bock e Fernanda Boff (27 fev)

Histórias Extraordinárias (V) - Águas de Santo Antônio, de Juan Zapata (06 mar)
Histórias Extraordinárias (V) - Os Últimos Charruas, de Vinicius Cruxen (13 mar)
Histórias Extraordinárias (V) - Frente a Frente, de Boca Migotto (20 mar)
Histórias Extraordinárias (V) - Abrigo das Almas Perdidas, de Pedro Zimmermann (27 mar)
Histórias Extraordinárias (V) - O Santo Presidiário, de Gustavo Fogaça (03 mar)

Longe de Casa (I) - Índia, Monge Gabriel, de Gilson Vargas (10 abr)
Longe de Casa (I) - Estados Unidos, Andrea Sturino, de Gilson Vargas (17 abr)
Longe de Casa (I) - Lisboa, Raquel Nicoletti, de Gilson Vargas (24 abr)
Longe de Casa (I) - África, Silvia Kelbert, de Gilson Vargas (01 mai)
Longe de Casa (I) - Nova Zelândia, Samuel Wanderer, de Gilson Vargas (08 mai)

On Line (I) - Tudo por uma Conexão, de Cristiano Trein (15 mai)
On Line (I) - CTRL C + CTRL V, de Cristiano Trein (22 mai)
On Line (I) - Uma Webcam entre Nós, de Cristiano Trein (29 mai)
On Line (I) - Quando o Windows Fecha Portas, de Cristiano Trein (05 jun)

Guerra e Paz (I) - O Falsário de Hitler, de Vicente Moreno (17 jul)
Guerra e Paz (I) - Ensaios de Guerra, de Claudinho Pereira (24 jul)
Guerra e Paz (I) - Aos Olhos de Santa Bárbara, de André Costantin (31 jul)
Guerra e Paz (I) - Soldado Kleine, de Marta Biavaschi (07 ago)
Guerra e Paz (I) - Prisioneiros, de Cláudia Dreyer (14 ago)

Programação noturna:

Revolução Farrroupilha (V) - Farrapos – Estrangeiros, de Gilson Vargas (19 set)
Com gravações nos Estados Unidos e Espanha.

Histórias Curtas (X) - Traz Outro Amigo Também, de Frederico Cabral, Animake Imagem Virtual (02 out)
Histórias Curtas (X) - Trocam-se Bolinhos por Histórias de Vida, de Denise Marchi, Surreal Filmes (09 out)
Histórias Curtas (X) - SMS, de Pablo Escajedo, TGD Filmes (16 out)
Histórias Curtas (X) - Silêncio, de Mariana Muller, Epifânia Filmes (23 out)
Histórias Curtas (X) - Amélia e Pippo, de Rafael Valles, Accorde Filmes (30 out)
Histórias Curtas (X) - Lembrancinha, de Luis Mário Fontoura, Cocinela Filmes (06 nov)
Histórias Curtas (X) - Mãos Dadas, de Vicente Moreno, Surreal Filmes (13 nov)
Histórias Curtas (X) - O Sabiá, de Zeca Brito, Manga Rosa Filmes (20 nov)

Exibido junto com Histórias Curtas:

MiniMetragem - Torcer!, de Mauricio Trilha de Vargas (02 out)
MiniMetragem - Déjà Vu, de William Bandeira Rodrigues (09 out)
MiniMetragem - Composto, de Gibran Sirena e Natália de Rissi (16 out)

40
MiniMetragem - Nostalgia, de Alexandre Guterres (23 out)
MiniMetragem - Atitude, de Bruno da Veiga Thurner (30 out)
MiniMetragem - A Transformação, de Luis Antonio Barcelos (06 nov)
MiniMetragem - O Homicídio, de Joel Vianna (13 nov)
MiniMetragem - Recheio de Tinta, de Marina Teixeira Kerber (20 nov)

Contos de Natal – O Correto e o Justo, de Paulo Nascimento e Voltaire Danckwardt, Accorde Filmes (27 nov).
Contos de Natal – Salvando a Pele, de Paulo Nascimento e Voltaire Danckwardt, Accorde Filmes (04 dez).
Contos de Natal – Presente de Natal, de Paulo Nascimento e Voltaire Danckwardt, Accorde Filmes (11 dez).
Contos de Natal - Entrega Urgente, de Paulo Nascimento e Voltaire Danckwardt, Accorde Filmes (18 dez).
Contos de Natal – Pequenos Detalhes, de Paulo Nascimento e Voltaire Danckwardt, Accorde Filmes (25 dez).

49

DRAMATURGIA

* Quando co-produção, após o nome do diretor, está indicada a companhia produtora.

** A data ao final corresponde à da primeira exibição.

2009

18
Curtas Gaúchos [VIII] – Eu acredito, de Karine Rocha e **Rango**, de Rodrigo Portela (3 jan)
Curtas Gaúchos [VIII] – Partir, de Márcia Paveck (10 jan)
Curtas Gaúchos [VIII] – O sete Trouxas, de Márcio Schoenardie (17 jan)
Curtas Gaúchos [VIII] – Luciano e a Ilha, de Roberta Santanna e **Antitreiler**, de Marco Arruda (24 jan)
Curtas Gaúchos [VIII] – 27 – Janela, de Fábio Rangel (31 jan)
Curtas Gaúchos [VIII] – Ilha das Flores, de Jorge Furtado (7 fev)
Curtas Gaúchos [VIII] – Cortejo Negro, de Diego Muller (14 fev)
Curtas Gaúchos [VIII] – Encontro, de Cristina Klein (21 fev)
Curtas Gaúchos [VIII] – Chá de Frutas Vermelhas, de Duca Leindecker (7 mar)

Porto Alegre dos Açores – O caminho de volta, de André Costantin (14 mar)
Porto Alegre dos Açores – Na Bruma dos Vulcões, de André Costantin (21 mar)
Porto Alegre dos Açores – Oceano das origens, de André Costantin (28 mar)
Porto Alegre dos Açores – Rio Grande do Alto-Mar, de André Costantin (4 abr)

Histórias Extraordinárias [IV] – O milagre de Dorotéia, de Marta Biavaschi (11 abr)
Histórias Extraordinárias [IV] – A maldição de Santa Isabel, de Bruno Carvalho (18 abr)
Histórias Extraordinárias [IV] – O homem dos raios, de Boca Migotto (25 abr)
Histórias Extraordinárias [IV] – Na rota dos imperadores, de Eduardo Wannmacher (2 mai)
Histórias Extraordinárias [IV] – O crime dos banhados, de Claudinho Pereira (9 mai)

18

2008

55
Curtas Gaúchos [VII] – A peste da Janice, de Rafael Figueiredo (5 jan)
Curtas Gaúchos [VII] – Tabuleiro Incompleto, de Pedro Karam (12 jan)
Curtas Gaúchos [VII] – Até que a morte os reúna, de Martina Dreyer (19 jan)
Curtas Gaúchos [VII] – O último almoço de domingo, de Daniel Laimer (26 jan)
Curtas Gaúchos [VII] – Os Viajantes, de Vini Nora (2 fev)
Compacto de Carnaval (9 fev)
Curtas Gaúchos [VII] – Arroz Doce, de Denise Marchi (15 fev)
Curtas Gaúchos [VII] – O Gritador, de Carlos Porto e Ulisses Costa (23 fev)
Curtas Gaúchos [VII] – Antônio, Santo do Povo, de Janete Krieger (1º mar)

Histórias Extraordinárias [VIII] – O Monstro do Jacuí, de Marcio Schoenardie (8 mar)
Histórias Extraordinárias [VIII] – A maldição dos Maragatos, de Carlos Ferreira (15 mar)
Histórias Extraordinárias [VIII] – O tesouro de Honorato Goularte, de Gustavo Fogaça (22mar)
Histórias Extraordinárias [VIII] – Alienados, de Marta Biavaschi (29 mar)
Histórias Extraordinárias [VIII] – O Santo Acorrentado, de Claudinho Pereira (5 abr)

Histórias Extraordinárias [VIII] – O Holandês Misterioso, de Pedro Guindani (12 abr)
Histórias Extraordinárias [VIII] – A Lista, de Jerri Dias e Rodinério da Rosa (19 abr)
Histórias Extraordinárias [VIII] – Naufrágio no Sul, de Juan Zapata (26 abr)

Na trilha dos rios - Uruguai, um rio cortado pelo tempo, de Rene Goya Filho. Co-produção Estação Elétrica (3 mai)
Na trilha dos rios - Rio das Antas, Vale da Fé, de Boca Migotto. Co-produção Estação Elétrica (10 mai)
Na trilha dos rios - Ibicuí, rio das areias, de René Goya Filho. Co-produção Estação Elétrica (17 mai)
Na trilha dos rios - Lagoa dos Patos, Mar de Dentro, de Juan Zapata. Co-produção Estação Elétrica (24 mai)
Na trilha dos rios - Jacuí, no coração do Rio Grande, de Juan Zapata. Co-produção Estação Elétrica (31 mai)

Fantasia de uma dona de casa – Inicializando, de Ana Luiza Azevedo. Co-produção Casa de Cinema (7 jun)
Fantasia de uma dona de casa – São tantas emoções, de Ana Luiza Azevedo. Co-produção Casa de Cinema (14 jun)
Fantasia de uma dona de casa – Que Viagem, de Ana Luiza Azevedo. Co-produção Casa de Cinema (21 jun)
Fantasia de uma dona de casa – Quem não dança, dança, de Ana Luiza Azevedo. Co-produção Casa de Cinema (28 jun)

Primeira Geração – Marino, de Rafael Figueiredo (5 jul)
Primeira Geração – Guido e Gaspar, de Márcio Schoenardie (12 jul)
Primeira Geração – Ana, de Márcio Schoenardie (19 jul)
Primeira Geração – Catarina, de Rafael Figueiredo (26 jul)
Primeira Geração – Ramiro, de Rafael Figueiredo (2 ago)
Primeira Geração – Kata, de Márcio Schoenardie (9 ago)

Reapresentação Thol, Imagem e Sonho, de Joice Bruhn (16 ago)

ELEIÇÕES (23 de agosto a 27 setembro)

Histórias Curtas [VIII] – Gol a gol, de Bruno Carvalho (4 de out)
Histórias Curtas [VIII] - Quando Casar Sara, de Hique Montanari (11 de out)
Histórias Curtas [VIII] - O pequeno cavaleiro, de Eduardo Muniz (18 de out)
Histórias Curtas [VIII] - Um risco no céu, de Rene Goya Filho (25 de out)
Histórias Curtas [VIII] - As férias de Lord Lucas, de Tatiana Nequete (1 de out)
Histórias Curtas [VIII] - Nada mau para uma terça de madrugada, de Guilherme Castro (8 de out)
Histórias Curtas [VIII] - A princesa e o violinista, de Guto Bozzetti (15 de nov)
Histórias Curtas [VIII] - Céu Azul, de Denise Marchi (22 de nov)

Exibido junto com Histórias Curtas

Mini-metragem [III] – Terra dos guarda-chuvas, de Sthefânia Pernigotti Handler e André Stefan de Azeredo (4 de out)
Mini-metragem [III] - Déjà vu, de Fábio Canale (11 de out)
Mini-metragem [II] - Maria sem alma, de Mariana Moraga (18 de out)
Mini-metragem [III] - Fome de groove, de Gibran Sirena Teixeira (25 de out)
Mini-metragem [III] - Hitchianas, de Lisiane Cohen (1 de out)
Mini-metragem [III] - Poeminho do contra, de Wagner Passos (8 de out)
Mini-metragem [III] - A despedida, de Alfredo Barros (15 de nov)
Mini-metragem [II] - Homem de lata, de Pedro Gutierrez (22 de nov)

Viagem à Terra do Papai Noel – 4 episódios, de Rafael Figueiredo (29 de novembro, 6, 13 e 20 de dezembro)

Curtas Gaúchos [VIII] – Tratado de Liligrafia, de Frederico Pinto (27 de dezembro)

GRADE NOTURNA:

- **O Legado Lutzenberger**, de Frank Coe (8 jun)

- **Mistério Farroupilha**, de Marta Biavaschi (14 set)

- **4 Destinos**, de Márcio Schoenardie (7, 14, 21 e 28 de dezembro)

PROGRAMETES:

- **O legado Lutzenberger**, de Frank Coe (5 programas de 60 segundos exibidos entre 17 de maio e 8 de junho)

- **Mistério Farrroupilha**, de Kiko Ferraz (5 programas de 60 segundos exibidos entre 1º a 20 de setembro)

2007 70

Curtas gaúchos [VI] - Os olhos do pianista, de Frederico Pinto (6 jan)

Curtas gaúchos [VI] - Terra prometida, de Guilherme Castro (13 jan)

Curtas gaúchos [VI] - Hoje tem felicidade, de Lisiane Cohen (20 jan)

Curtas gaúchos [VI] - Messalina, de Cristiane Oliveira (27 jan)

Curtas gaúchos [VI] - Prato do dia, de Rafael Figueiredo (3 fev)

Curtas gaúchos [VI] - Júlia, de Caca Nazário (10 fev)

Compacto de Carnaval (17 fev)

Curtas gaúchos [VI] - Leonel pé-de-vento, de Jair Giacomini (24 fev)

Viajantes - Viagem ao Rio Grande do Sul - Auguste de Saint-Hilaire, de Hique Montanari (03 mar)

Viajantes - Viagem ao Rio Grande do Sul - Alexandre Baguet, de Saturnino Rocha (10 mar)

Viajantes - Michael George Mulhall: olhar de viajante, de Claudinho Pereira (17 mar)

FUTEBOL (24 de março)

Viajantes - Vittorio Buccelli: viaggio a Rio Grande del Sud, de André Costantin (31 mar)

Viajantes - Wolfgang Hoffman Harnisch - O viajante das imagens, de Rafael Figueiredo (07 abr)

Fundo do mar- Águas do Arvoredo, de Rafael Figueiredo (14 abr)

Fundo do mar - Dia e Noite na Moleques do Sul, de Rafael Figueiredo (21 abr)

Fundo do mar - Irmãs do mar, de Rafael Figueiredo (28 abr)

Fundo do mar - Pesca de Lulas, de Rafael Figueiredo (5 mai)

Histórias Extraordinárias [VII] - A feiticeira de Tucunduva, de Marcio Schoenardie (12 mai)

Histórias Extraordinárias [VII] - Mistério no céu de Pelotas, de Marta Biavaschi (19 mai)

Histórias Extraordinárias [VII] - Cartas da ilha, de Claudinho Pereira (26 mai)

Histórias Extraordinárias [VII] - Maria Bugra, de Fernando Mantelli (2 jun)

Histórias Extraordinárias [VII] - Um anjo em Uruguaiana, de Carlos Ferreira (9 jun)

Histórias Extraordinárias [VII] - O grito do Quinzote, de Tomás Créus (16 jun)

Histórias Extraordinárias [VII] - Lendas da pedrada segredo, de Gustavo Brandau (23 jun)

Antártida - Rumo ao sul, de André Costantin (30 jun)

Antártida - Seres amantes do gelo, de André Costantin (7 de jul)

Antártida - Ilha Decepção, de André Costantin (14 jul)

Jogos do Pan (22 jul)

Antártida - Tão longe, tão perto, de André Costantin (28 jul)

Pé na Porta- Um dia a casa cai, de Jerri Dias (4 ago)

Pé na Porta - Que droga de vida, de Jerri Dias (11 ago)

Pé na Porta - Ritmo quente, de Jerri Dias (18 ago)

Pé na Porta - O silêncio dos inocentes, de Jerri Dias (25 ago)

Pé na Porta - A hora do pesadelo, de Jerri Dias (01 set)

Loja da Esquina - O rádio foi só o começo, de Camila Gonzatto e Frederico Pinto (8 set)

Loja da Esquina - Além do futebol, queremos anistia, de Camila Gonzatto e Frederico Pinto (15 set)

Loja da Esquina - Quando o muro caiu, de Camila Gonzatto e Frederico Pinto (22 set)

Loja da Esquina - Um céu cheio de estrelas, de Camila Gonzatto e Frederico Pinto (29 set)

Histórias Curtas [VII] - O Desvio, de Fernando Mantelli/ Sequência Cinema e TV (6 out)

Histórias Curtas [VII] - Penalidade máxima, de Lisiane Cohen/ Margem Cinema Brasil (13 out)

Histórias Curtas [VII] - Os olhos de Capitu, de Pedro Guindani/ Regra Três Filmes (20 out)

Histórias Curtas [VII] - Stress, de Karine Emerich/ Modus Produtora (27 out)

Histórias Curtas [VII] – Gaúchos Canarinhos, de Rene Goya Filho / Estação elétrica (3 nov)
Histórias Curtas [VII] – O Mujica, de Hique Montanari/ Casanova Filmes (10 nov)
Histórias Curtas [VII] – A fórmula da felicidade, de Airton Tomazzoni/ Panda Filmes (17 nov)
Histórias Curtas [VII] – X-Coração, de Lisandro Santos/ Cartunaria Desenhos (24 nov)

Exibido junto com Histórias Curtas

Mini-metragem [I]- Arthur, de Zeca Brito (6 out)
Mini-metragem [I]- Seu carro não é brinquedo, de Gustavo Fogaça (13 out)
Mini-metragem [I]- Summertime, de Claudia Barbisan (20 out)
Mini-metragem [I]- O barato do vovô, de Felipe Antonioli (27 out)
Mini-metragem [I]- E.T. Justiceiro, de Adriano Silveira Machado (3 nov)
Mini-metragem [I]- Acupuntura de elefante, de Juliano Reina (10 nov)
Mini-metragem [I]- Salvou a vida e foi ao cinema, de Manoel Nunes (17 nov)
Mini-metragem [I]- Precoce, de Pedro Barbosa (24 nov)/ **Cubo**, de Alexandre Nickel (24 nov)

Minha história de Natal [Alegrete, Bossoroca, Santa Maria e Erechin], de Hique Montanari (1 dez)
Minha história de Natal [Bagé, Novo Hamburgo, Passo Fundo e Pelotas], de Hique Montanari (8 dez)
Minha história de Natal [Caxias do Sul, Taquari, Cruz Alta e Rio Grande], de Hique Montanari (15 dez)
Minha história de Natal [Taquari, Bagé e Alegrete], de Hique Montanari (22 dez)

Curtas Gaúchos [VII] – Melancia e Coco Verde, de André Macedo (29 dez)

GRADE NOTURNA:

Escritores- Mistérios de Porto Alegre, de Cristiano Trein e Chico Deniz/ Sanguetom Filmes (29 jul)
Escritores – Minha mãe, de Marta Biavaschi/ Surreal (26 ago)
Escritores – Um menino vai para o colégio, de Liliana Sulzbach e Marcello Lima/ Zeppelin Filmes (23 set)
Escritores – A visita, de Gilberto Perin/ RBS TV (21 out)
Escritores – O louco, de Fabiano de Souza/ Clube Silêncio (18 nov)
Escritores – O padeiro e as revoluções, de Ana Luiza Azevedo/ Casa de Cinema de Porto Alegre (9 dez)

Herança Farroupilha, de Hique Montanari (16 set)

PROGRAMETES:

Capitais Farroupilhas, de Kiko Ferraz (5 programetes de 1 min exibidos durante a programação da RBS TV)
Escritores (5 programetes de 1 min cada sobre cada escritor, exibidos durante a programação da RBS TV)
- Moacyr Scliar, de Cristiano Trein e Chico Deniz
- Lya Luft, de Marta Biavaschi
- Cyro Martins, de Liliana Sulzbach e Marcello Lima
- Caio Fernando Abreu, de Gilberto Perin
- Dyonélio Machado, de Fabiano de Souza
- Luiz Antonio de Assis Brasil, de Ana Luiza Azevedo

2006

Aventura [III] - Caçadores de vento, de Rafael Moreira (7 jan)
Aventura [III] - Janela do tempo, de Rafael Moreira (14 jan) com Guga Arruda
Aventura [III] - O sol por testemunha, de Rafael Moreira (21 jan) com Eduardo Fischer
Aventura [III] - O surfista e a montanha, de Rafael Moreira (28 jan) com Teco Padaratz
Aventura [III] - Travessia no tempo, de Rafael Moreira (4 fev) com Mano Changes
Aventura [III] - O último refúgio, de Rafael Moreira (11 fev) com Airton Ortiz
Aventura [III] - 200 metros de coragem, de Rafael Moreira (18 fev) com Daniela Cecconello
Aventura [III] - A aventura de fazer o Aventura, de Rafael Moreira (25 fev) os bastidores da série

7 pecados - Ira, de Rafael Figueiredo (4 mar)
7 pecados - Avareza, de Hique Montanari (11 mar)
7 pecados - Luxúria, de Hique Montanari (18 mar)
7 pecados - Inveja, de Rafael Figueiredo (25 mar)
7 pecados - Preguiça, de Rafael Figueiredo (1º abr)

7 pecados - Soberba, de Hique Montanari (8 abr)

7 pecados - Gula, de Rafael Figueiredo (15 abr)

Amor de mãe - Tempo de colher, de André Costantin (22 abr)

Amor de mãe - Tradição de mãe para filha, de Jerri Dias (29 abr)

Amor de mãe - Mãe: imagem e sonho, de Gustavo Gogaça (6 maio)

Amor de mãe - Mãe roqueira, de Marcio Schoenardie (13 maio)

Histórias extraordinárias [VI] - As bolas de fogo de Rodeio Bonito, de Gustavo Brandau (20 maio)

Histórias extraordinárias [VI] - A vítima da serpente, de Drégus de Oliveira (27 maio)

Histórias extraordinárias [VI] - A mulher do sol, de Marta Biavaschi (3 jun)

Histórias extraordinárias [VI] - A tragédia da Rua da Praia, de Rogério Brasil Ferrari (8 jul)

Histórias extraordinárias [VI] - Silvestre, o justiceiro, de Juan Zapata (15 jul)

Histórias extraordinárias [VI] - O canibal de Erechim, de Fernando Mantelli (22 jul)

Histórias extraordinárias [VI] - As noivas de Rio Pardo, de Jerri Dias (29 jul)

Histórias extraordinárias [VI] - Fuzilados, de Claudinho Pereira (5 ago)

Histórias extraordinárias [VI] - O mistério dos túneis, de Gilberto Perin (12 ago)

Histórias curtas [VI] - Megaman, de Gustavo Fogaça / Oceano Produções (30 set)

Histórias curtas [VI] - Desaparecido, de Jerri Dias / Martins Produções (7 out)

Histórias curtas [VI] - É pra presente, de Camila Gonzatto / Armazém de Imagens (14 out)

Histórias curtas [VI] - No balanço, de Mirela Kruehl / Modus Vivendi Produtora (28 out)

Histórias curtas [VI] - A oitava, de Saturnino Rocha e Antonio Candido / Panda Filmes (4 nov)

Histórias curtas [VI] - Diferente, de Ivana Verle / Armazém de Imagens (11 nov)

Histórias curtas [VI] - O menino e o santo, de Rodrigo John / Frankenstoon (18 nov)

Histórias curtas [VI] - Verso inverso, de Rodrigo Dubal / M&S Audiovisual (25 nov)

Minha história de Natal [Cruz Alta, Uruguaiana, Passo Fundo, Taquari], de Hique Montanari (2 dez)

Minha história de Natal [Santa Rosa, Rio Grande, Santiago, Erechim], de Hique Montanari (9 dez)

Minha história de Natal [Bagé, Camaquã, Caxias do Sul e Capão da Canoa], de Hique Montanari (16 dez)

Tholl, imagem e sonho, de Joice Bruhn (30 dez)

GRADE NOTURNA:

Quintana anjo poeta - Sou eu mesmo, de João Guilherme Barone (16 jul, dom)

Quintana anjo poeta - Quintana inventa o mundo, de Camila Gonzatto e Frederico Pinto / Armazém de Imagens (23 jul, dom)

Quintana anjo poeta - Porto Alegre de Quintana, de Gilson Vargas e Fabiano de Souza / Clube Silêncio (30 jul, dom)

Quintana anjo poeta - Quintana e as musas, de Marcio Schoenardie / Casa de Cinema de Porto Alegre (6 ago, dom)

Josué Guimarães - Muitas histórias, de Silvio Barbizan (5 nov, dom)

A ferro e fogo - Tempo de solidão (minissérie), de Gilberto Perin (12, 19 e 26 nov, dom)

Garibaldi, herói de dois mundos, de João Guilherme Barone e Guilherme Castro (17 set, dom)

PROGRAMETES:

Quintana anjo poeta - Quintanares, de Cristiano Trein (16 programas de 45" de fev a ju)

Heróis farroupilhas, de Kiko Ferraz (cinco programas curtos exibidos nos intervalos da programação) 49

2005 58

Aventura [II] - Na trilha dos tropeiros, de Rubens Bandeira (1º jan)

Aventura [II] - A descida do Rio Mampituba, de Rubens Bandeira (8 jan)

Aventura [II] - Um mergulho no Arvoredo, de Rubens Bandeira (15 jan)

Aventura [II] - Pico do Morcego, de Rubens Bandeira (22 jan)

Aventura [II] - A volta à Ilha de Santa Catarina, de Rubens Bandeira (29 jan)

Aventura [II] - Morro do Cambirela, de Rubens Bandeira (5 fev)

Aventura [III] - Pico da Canastra, de Rubens Bandeira (12 fev)
Aventura [III] - Expedição no Rio Tijucas, de Rubens Bandeira (19 fev)
Aventura [III] - A travessia do cânion, de Rubens Bandeira (26 fev)

Histórias extraordinárias [V] - A lenda do tesouro de Itapoã, de Fernando Mantelli (5 mar)
Histórias extraordinárias [V] - O gigante de botas, de Marta Biavaschi (12 mar)
Histórias extraordinárias [V] - Cabo Toco, de Claudinho Pereira (19 mar)
Histórias extraordinárias [V] - O servo de Deus, de Saturnino Rocha (26 mar)
Histórias extraordinárias [V] - O massacre dos Bugres, de Guilherme Castro (2 abr)
Histórias extraordinárias [V] - Ivo e suas meninas, de Betânia Furtado (9 abr)
Histórias extraordinárias [V] - O amor de Ayres por Diacuí, de Hique Montanari (16 abr)
Histórias extraordinárias [V] - O queixinho da Merência, de Rogério Brasil Ferrari (23 abr)
Histórias extraordinárias [V] - Negras nuvens de guerra, de Roger Bundt (30 abr)

Festa de casamento - Carla & Lucio, de Joice Bruhn (7 maio)
Festa de casamento - Beatriz & Douglas, de Rene Goya Filho (14 maio)
Festa de casamento - Marthina & Dudu, de Marcio Schoenardie (21 maio)
Festa de casamento - Néia & Caio, de Camila Gonzatto e Fred Pinto (28 maio)

Fazendas & estâncias - Fazenda do Socorro, de Saturnino Rocha (4 jun)
Fazendas & estâncias - Charqueada São João, de Claudinho Pereira (11 jun)
Fazendas & estâncias - Fazenda Santa Catharina, de Rafael Figueiredo (18 jun)

JORNAL DO ALMOÇO especial (25 de junho)

Fazendas & estâncias - Castelo de Pedras Altas, de Hique Montanari (2 jul)
Fazendas & estâncias - Fazenda Itú, de Guilherme Castro (16 jul)
Fazendas & estâncias - Cabanha Azul, de João Guilherme Barone (23 jul)

Curtas gaúchos [V] - A feijoada, de Jaime Lerner (30 jul);
Curtas gaúchos [V] - Isaura, de Alex Sernambi (6 ago)
Curtas gaúchos [V] - O príncipe das águas, de Werner Schunemann (13 ago)

Ordem e progresso - Já que tudo tem um começo..., de Rafael Figueiredo (20 ago)
Ordem e progresso - Dia de estrela, de Rafael Figueiredo (27 ago)
Ordem e progresso - Com que roupa eu vou, de Rafael Figueiredo (3 set)
Ordem e progresso - Pé na estrada, de Rafael Figueiredo (10 set)
Ordem e progresso - Caminhando contra a corrente, de Rafael Figueiredo (17 set)

JORNAL DO ALMOÇO especial (24 setembro)

Ordem e progresso - Fim de jogo, de Rafael Figueiredo (1º out)

Histórias curtas [V] - Me apaixonei ontem entre 21h e 23h, de Michele Caetano / Martins Produções (8 out)
Histórias curtas [V] - O álbum da Copa, de Cristiano Trein / TGD Filmes (15 out)
Histórias curtas [V] - Foi onde deu pra chegar de bicicleta, de Frederico Pinto / Armazém de Imagens (22 out)
Histórias curtas [V] - Reencontro, de Ronaldo Sant'Anna / Panda Filmes (29 out)
Histórias curtas [V] - Café da tarde, de Marcelo Antônio Allgayer / Martins Produções (5 nov)
Histórias curtas [V] - Versículo, de Lena Maciel / Zeppelin Filmes (12 nov)
Histórias curtas [V] - Fazendo um novo fim, de Luís Henrique Zucatti / Tide Produções (19 nov)
Histórias curtas [V] - Amor à primeira vista, de Claudio Fagundes / Eixo Z (26 nov)

Minha história de Natal, de Rubens Bandeira (3, 10, 17 e 24 dez)

Reapresentação Histórias Curtas “Foi onde deu pra chegar de bicicleta”, de Frederico Pinto (31 de dez)

GRADE NOTURNA:

Brasile – 180 anos da Imigração Italiana, de André Costantin (15 maio)

5X Erico - Memórias de um escritor, de Rafael Figueiredo (2 out, dom)

5X Erico - Olhai os lírios do campo, de Cristiano Trein / TGD Filmes (9 out, dom)

5X Erico - Caminhos cruzados, de Gilberto Perin (16 out, dom)
5X Erico - O resto é silêncio, de Marcio Schoenardie / Casa de Cinema de Porto Alegre (23 out, dom)
5X Erico - Noite, de Gilson Vargas / Clube Silêncio (30 out, dom)

Farrapos além do Rio Grande, de Hique Montanari (18 set, dom)

Teixeirinha - O gaúcho coração do Rio Grande, de Hique Montanari (20 nov, dom)
Teixeirinha - Coração de luto, de Eduardo Llorente (27 nov, dom)
Teixeirinha - Especial, de René Goya Filho (4 dez, dom)

PROGRAMETES:

Farrapos de Norte a Sul, de René Goya Filho (8 programas de 1 min) (8 a 21 set)
Erico por Erico, de Horácio Duarte (8 programas de 1 min) (11 jul) Veiculado por três meses

2004

Curtas Gaúchos [IV] – Pesadelo, de Tomas Créus (3 jan)
Curtas Gaúchos [IV] – Dona Cristina perdeu a memória, de Ana Luiza Azevedo (10 jan)
Curtas Gaúchos [IV] – Miriam, de Cristiano Trein (17 jan)
Curtas Gaúchos [IV] – Oitavo selo, de Tomas Créus (24 jan)
Curtas Gaúchos [IV] – O Poço, de Tarcísio Lara Puiati (31 jan)
Curtas Gaúchos [IV] - Club, de Cristiano Zanella e Drégus de Oliveira (7 fev)
Curtas Gaúchos [IV] – Barbosa, de Ana Luiza Azevedo e Jorge Furtado (14 fev)
Curtas Gaúchos [IV] – O príncipe das águas, de Werner Schunemann (21 fev)
Curtas Gaúchos [IV] – Domingo, de Gustavo Spolidoro (28 fev)
Curtas Gaúchos [IV] – Isaura, de Alex Sernambi (7 mar)
Curtas Gaúchos [IV] – Ilha das Flores, de Jorge Furtado (14 mar)

Histórias extraordinárias [IV] - A viagem ao planeta Acart, de Hique Montanari (20 mar)
Histórias extraordinárias [IV] - A prisioneira do castelo, de Betânia Furtado (27 mar)
Histórias extraordinárias [IV] - Guapa, uma santa prostituta, de Cristiano Trein (3 abr)
Histórias extraordinárias [IV] - A história do Galo, de André Costantin (10 abr)
Histórias extraordinárias [IV] - Na trilha de Artur Arão, de João Guilherme Barone (17 abr)
Histórias extraordinárias [IV] - Uma carta para Elisabeth, de Eduardo Wannmacher (24 abr)
Histórias extraordinárias [IV] - Um italiano genial, de Saturnino Rocha (1º maio)
Histórias extraordinárias [IV] - Mariazinha, de Guilherme Castro (8 maio)
Histórias extraordinárias [IV] - O príncipe negro, de Claudinho Pereira (15 maio)
Histórias extraordinárias [IV] - Os crimes da Rua do Arvoredo, de Rogério Ferrari (22 maio)

A conquista do oeste - Origem, de Gilberto Perin, Joice Bruhn, Rafael Figueiredo e Rafael Bandeira (29 maio)
A conquista do oeste - Santa Catarina, de Rafael Figueiredo (5 jun)
A conquista do oeste - Paraná, de Rafael Figueiredo (12 jun)
A conquista do oeste - Paraguai, de Rafael Figueiredo (19 jun)
A conquista do oeste - Mato Grosso do Sul, de Rafael Figueiredo (26 jun)
A conquista do oeste - Mato Grosso do Sul - 2ª parte, de Rubens Bandeira (3 jul)
A conquista do oeste - Mato Grosso, de Rubens Bandeira (10 jul)
A conquista do oeste - Goiás, de Rubens Bandeira (17 jul)
A conquista do oeste - A febre do ouro, de Joice Bruhn (24 jul)
A conquista do oeste - E o pago virou floresta, de Joice Bruhn (31 jul)
A conquista do oeste - Abrindo caminhos na floresta, de Joice Bruhn (7 ago)

ELEIÇÕES: 14 agosto a 25 de setembro

Histórias curtas [IV] - Viajantes, de Lisiane Cohen / Margem Cinema Brasil (2 out)
Histórias curtas [IV] - De 10 a 14 anos, de Marcio Schoenardie / Cápsula Cinematográfica (9 out)
Histórias curtas [IV] - O encontro, de Geraldo Borowski / Casanova Filmes (16 out)
JORNAL DO ALMOÇO especial (23 de outubro)
Histórias curtas [IV] - Salão Aurora, de Camila Gonzatto e Frederico Pinto / Armazém de Imagens (30 out)

Histórias curtas [IV] - Colapso, de Juliano Lopes Fortes e Lena Maciel / Atena produções (6 nov)
Histórias curtas [IV] - Feliz ano novo, meu velho, de Cláudio Verissimo / Cápsula Cinematográfica (13 nov)
Histórias curtas [IV] - Estrada, de Jerri Dias / Drops Filmes (20 nov)
Histórias curtas [IV] - De corpo presente, de Tide Carvalho / Tide Produções (27 nov)

Minha história de Natal, de André Costantin (4, 11, 18 e 25 dez)

GRADE NOTURNA:

Neue Welt - Novo mundo, de Roberto Tietzmann (25 jul, dom)

50 anos sem Getúlio - O dia em que o Brasil parou, de João Guilherme Barone (22 ago, dom)

Esses moços, de Gilberto Perin (19 set, dom)

PROGRAMETES:

Minuto do imigrante, de Marta Biavaschi (20 programas de 1 min) (15 jul a 15 ago) 48

2003 48

Curtas gaúchos [III] – O Poço, de Tarcísio Lara Puiati (4 jan)

Curtas gaúchos [III] – Dedos de pianista, de Paulo Nascimento (11 jan)

Curtas gaúchos [III] – Cinzas da História, de Leonardo Roat (18 jan)

Curtas gaúchos [III] – Três minutos, de Ana Luiza Azevedo (25 jan)

Compacto de Carnaval (1º fev/ 8 fev)

Curtas gaúchos [III] – Domingo, de Gustavo Spolidoro (15 fev)

Curtas gaúchos [III] – Vaga Lume, de Gilson Vargas (22 fev)

Curtas gaúchos [III] – Docinhos, de José Maia e Frederico Pinto (1º mar)

Curtas gaúchos [III] – Última Trincheira, de Rondon de Castro (8 mar)

Curtas gaúchos [III] – Lembra meu velho?, de Gisele Jacques (15 mar)

A ferro e fogo - Guerra da Cisplatina, de Rafael Figueiredo (22 mar)

A ferro e fogo - A revolução farroupilha 1835-1845, de Hique Montanari (29 mar)

A ferro e fogo - Os Mucker - Sangue e fé em Ferrabraz, de Marta Biavaschi (5 abr)

A ferro e fogo - Guerra contra Rosas, de Carlos Ferreira e João Guilherme Barone (12 abr)

A ferro e fogo - Guerra do Paraguai, de Rondon de Castro (19 abr)

A ferro e fogo - Maragatos e pica-paus, de Hique Montanari (26 abr)

A ferro e fogo - A revolução federalista (1893-1895), de João Guilherme Barone (3 maio)

A ferro e fogo - O fim das degolas, de Cristiano Trein (10 maio)

A ferro e fogo - Maragatos e chimangos - A lança contra a metralhadora, de Glênio Póvoas (17 maio)

A ferro e fogo - Revolta nos quartéis, de Rafael Figueiredo (24 maio)

A ferro e fogo - Não permita Deus que eu morra, de Roberto Tietzmann (31 maio)

A ferro e fogo - Cicatrizes da Segunda Guerra, de Roberto Tietzmann (7 jun)

A ferro e fogo - Tanques nas ruas, de Hique Montanari (14 jun)

Fábulas modernas - Um pouco de cigarra, um pouco de formiga, de Gilberto Perin (21 jun)

Fábulas modernas - Na idade da bela adormecida, de Gilberto Perin (28 jun)

Fábulas modernas - A torre de Rapunzel, de Gilberto Perin (5 jul)

Fábulas modernas - No caminho do mágico de Oz, de Gilberto Perin (12 jul)

Fábulas modernas - A criação de Pinóquio, de Gilberto Perin (19 jul)

Fábulas modernas - Procura-se um príncipe, de Gilberto Perin (26 jul)

Fábulas modernas - Eternamente Cinderela, de Gilberto Perin (2 ago)

Fábulas modernas - Maravilhosas Alices, de Gilberto Perin (9 ago)

Histórias extraordinárias [III] - As visões do padre Reus, de Marta Biavaschi (16 ago)

Histórias extraordinárias [III] - Gre-Nal de assombrações, de Claudinho Pereira (23 ago)

Histórias extraordinárias [III] - Os monges barbudos, de Rafael Figueiredo (30 ago)

Histórias extraordinárias [III] - Neco e Chiquinha - Amor e estircina, de Cristiano Trein (6 set)
Histórias extraordinárias [III] - As loucuras de Qorpo Santo, de Hique Montanari (13 set)
Histórias extraordinárias [III] - Menino Diabo, de João Guilherme Barone (20 set)
Histórias extraordinárias [III] - Maria da Conceição, a Santa da Vila, de Rogério Brasil Ferrari (27 set)
Histórias extraordinárias [III] - Bandoleiro Paco, de Saturnino Rocha (4 out)

Histórias curtas [III] - Sobre aquele que nada fazia e um dia fez, de Rafael Figueiredo / Cooperativa de Vídeo (11 out)
Histórias curtas [III] - Pessoas incertas, de Drégus de Oliveira e Carlos Ferreira / Estação Elétrica Filme e Vídeo (18 out)
Histórias curtas [III] - Paris ou rubis, de Ana Luz / Nuclear (25 out)
Histórias curtas [III] - Perfeição, de Rafael Ferretti / Snif Snif Filmes (1º nov)
Histórias curtas [III] - Descompassado coração, de Cacá Nazario e Airton Tomazzoni / Solaris (8 nov)
Histórias curtas [III] - Ponto de vista, de Betânia Furtado / Cooperativa de Vídeo (15 nov)
Histórias curtas [III] - Control Z, de Antonio Sacomory / Iniciativa Produções (22 nov)
Histórias curtas [III] - Francisca, a rainha dos pampas, de Hique Montanari / Hique Montanari (29 nov)

Minha História de Natal, de Rubens Bandeira (6, 13 e 20 de dez; 3 histórias apresentadas 12h20min)

Reapresentação Histórias Curtas “Sobre aquele que nada fazia e um dia fez”, de Rafael Figueiredo (27 dez) ⁴⁸

2002 ⁴⁸

Aventura [I] - O desafio do Cânion, de Rafael Moreira (5 jan)
Aventura [I] - A travessia, de Rafael Moreira (12 jan)
Aventura [I] - Rafting à Italiana, de Rafael Moreira (19 jan)
Aventura [I] - Em busca do Caminho, de Rafael Moreira (26 jan)
Aventura [I] - Horizonte sem fim, de Rafael Moreira (2 fev)
Aventura [I] - Rota do Sol- De mil a zero, de Rafael Moreira (9 fev)
Aventura [I] - Guiadas pelo vento, de Rafael Moreira (16 fev)
Aventura [I] - A Conquista do Mirador, de Rafael Moreira (23 fev)

Continente de São Pedro - A aurora do Rio Grande, de Roberto Tietzmann (2 mar)
Continente de São Pedro - Os pioneiros, de Roberto Tietzmann (9 mar)
Continente de São Pedro - Sob os olhares de todos, de Roberto Tietzmann (16 mar)
Continente de São Pedro - Um sonho ao sul do mundo, de Roberto Tietzmann (23 mar)
Continente de São Pedro - A guerra dos mundos, de Roberto Tietzmann (30 mar)
Continente de São Pedro - Os tropeiros, de Hique Montanari (6 abr)
Continente de São Pedro - A escravidão, de Hique Montanari (13 abr)
Continente de São Pedro - As charqueadas, de Hique Montanari (20 abr)
Continente de São Pedro - A Colônia de Sacramento, de Beto Souza (27 abr)
Continente de São Pedro - Os limites do continente, de Beto Souza (4 maio)
Continente de São Pedro - Fronteiras do Rio Grande, de Beto Souza (11 maio)
Continente de São Pedro - Histórias dos açorianos, de Fabiano de Souza e Eduardo Wannmacher (18 maio)
Continente de São Pedro - Porto Alegre de muitas vidas, de Fabiano de Souza e Eduardo Wannmacher (25 maio)

JUNHO- COPA DO MUNDO

Contos de inverno [II] - Aeroplanos, de Alex Sernambi / Casa de Cinema de Porto Alegre (6 jul)
Contos de inverno [II] - A fome e a vontade de comer, de Cristiano Trein e Drégus de Oliveira / Casa de Cinema de Porto Alegre (13 jul)
Contos de inverno [II] - Faustina, de Carlos Gerbase / Casa de Cinema de Porto Alegre (20 jul)
Contos de inverno [II] - A coisa certa, de Gilberto Perin / Casa de Cinema de Porto Alegre (27 jul)
Contos de inverno [II] - O último desejo do dr. Genarinho, de Fabiano de Souza / Casa de Cinema de Porto Alegre (3 ago)
Contos de inverno [II] - O bochecha, de Ana Luiza Azevedo / Casa de Cinema de Porto Alegre (10 ago)

Histórias extraordinárias [II] - Cabos negros, de Hique Montanari (17 ago)
Histórias extraordinárias [II] - Lagoa da Música / A herança de Faustino Corrêa, de Carlos Ferreira (24 ago)
Histórias extraordinárias [II] - O cemitério dos Barbosa, de Kitta Tonetto / **A lenda do arroz**, de Tomás Creus (31 ago)
Histórias extraordinárias [II] - O monge de Botucaraí, de Tomás Creus / **Imembuí**, de Kitta Tonetto (7 set)
Histórias extraordinárias [II] - Os mártires de Nonoi / A lenda do João-de-Barro, de Fabiano de Souza (14 set)

- Histórias extraordinárias [III] - O boi das aspas de ouro**, de Hique Montanari (21 set)
- Histórias extraordinárias [III] - Lagoa Vermelha / São José do Ouro**, de Eduardo Wannmacher (28 set)
- Histórias extraordinárias [III] - Arroio do Conde / Rodeio dos Ventos**, de Beto Souza e Carlos Ferreira (5 out)

- Histórias curtas [III] - O lugar das coisas**, de Rafael Figueiredo / Cooperativa de Vídeo (12 out)
- Histórias curtas [III] - Orangotangos**, de Muriel Paraboni e Otávio Feldens / Margem Cinematográfica (19 out)
- Histórias curtas [III] - O caso do ar**, de Ivana Verle / GusGus Cinema (26 out)
- Histórias curtas [III] - Teoria do caos**, de Giselle Jacques / 2.8 Cinema e Vídeo (2 nov)
- Histórias curtas [III] - Identidade**, de Gustavo Brandau e Laís Chaffe / TGD Filmes (9 nov)
- Histórias curtas [III] - História natural**, de Tomás Creus / Zeppelin Filmes (16 nov)
- Histórias curtas [III] - 24 horas**, de Frederico Pinto e Gabriel Daudt / Armazém de Imagens (23 nov)
- Histórias curtas [III] - O julgamento de Átila**, de Paulo Nascimento / Accorde Filmes (30 nov)

- Curtas gaúchos [III] - Isaura**, de Alex Sernambi (7 dez)
- Curtas gaúchos [III] - O negócio**, de Aletéia Selonk, Diego de Otero e Roberto Tietzmann (14 dez)
- Curtas gaúchos [III] - O príncipe das águas**, de Werner Schunemann (21 dez)
- Curtas gaúchos [III] - O limpador de chaminés**, de Rodrigo Jhon (28 de dez)

Minha história de Natal, de Rubens Bandeira (11 a 24 dez; 12 histórias de 3 min cada exibidas no Jornal do Almoço) ¹²

2001 ⁴³

GAROTA VERÃO- de 06 de janeiro a 10 de março

- Mundo grande do sul - Além do além mar**, de Sérgio de Assis Brasil (17 mar)
- Mundo grande do sul - Spassibo Brasil**, de Roberto Tietzmann (24 mar)

JORNAL DO ALMOÇO especial (31 de março)

- Mundo grande do sul - Os holandeses - O homem e a paisagem / Os belgas - A máquina e o homem**, de Marta Biavaschi (7 abr)
- Mundo grande do sul - Viagem à terra da fartura - Italianos**, de João Guilherme Barone (14 abr)
- Mundo grande do sul - Uma crônica sueca**, de Cristiano Trein (21 abr)
- Mundo grande do sul - Em nome de Alá - Histórias de sírios e libaneses**, de Maria Henriqueta Satt (28 abr)
- Mundo grande do sul - Os alemães no Rio Grande do Sul**, de Werner Schünemann (5 maio)
- Mundo grande do sul - O sol sobre o sul - Um road-movie pela imigração japonesa**, de Fabiano de Souza (12 maio)
- Mundo grande do sul - Nowa Polska - Nova Polônia**, de Wagner da Rosa (19 maio)
- Mundo grande do sul - Os tchecos - Fragmentos de uma etnia / Os austríacos - Valsas no Rio Grande**, de Hique Montanari (26 maio)
- Mundo grande do sul - Negras imagens**, de Claudinho Pereira (2 jun)
- Mundo grande do sul - Conexões francesas / Um lugar para os suíços**, de João Guilherme Barone (9 jun)
- Mundo grande do sul - Paella com chimarrão**, de Rafael Figueiredo (16 jun)
- Mundo grande do sul - O povo do livro**, de Flávia Seligman (23 jun)

- Contos de inverno [I] - A importância do currículo na carreira artística**, de Ana Luiza Azevedo / Casa de Cinema de Porto Alegre (30 jun)
- Contos de inverno [I] - Jogos do amor e do acaso**, de Gilberto Perin / Casa de Cinema de Porto Alegre (7 jul)
- Contos de inverno [I] - Tudo num dia só**, de Fabiano de Souza / Casa de Cinema de Porto Alegre (14 jul)
- Contos de inverno [I] - O amante amador**, de Carlos Gerbase / Casa de Cinema de Porto Alegre (21 jul)

- Curtas gaúchos [III] A hora da verdade**, de Henrique de Freitas lima (28 jul)
- Curtas gaúchos [III] A invenção da infância**, de Liliana Sulzbach (4 ago)
- Curtas gaúchos [III] Club**, de Cristiano Zanella e Drégus de Oliveira (11 ago)
- Curtas gaúchos [III] A voz da felicidade**, de Nelson Nadotti (18 ago)

- Memória especial - Legalidade - 40 anos Parte I**, de Beto Souza (25 ago)
- Memória especial - Legalidade - 40 anos Parte II**, de Beto Souza (1º set)
- Memória especial - Na trilha dos Farrapos - Testemunhas da guerra**, de João Guilherme Barone (8 set)
- Memória especial - Na trilha dos Farrapos - A República Rio-Grandense**, de João Guilherme Barone (15 set)
- Histórias curtas [I] - Phil**, de Carlos Ferreira, Cristiano Trein e Drégus de Oliveira / TGD Filmes (22 set)
- Histórias curtas [I] - Miss**, de Tarcísio Lara Puiati / 2.8 Produtora de Cinema e Vídeo (29 set)
- Histórias curtas [I] - Amizade**, de Kitta Tonetto / Milímetros Produções Audiovisuais (trechos em 16 mm) (6 out)

- Histórias curtas [I] - O homem da lua**, de Giselle Jacques / 2.8 Produtora de Cinema e Vídeo (13 out)
- Histórias curtas [I] - O sangue do dragão**, de Eduardo Wannmacher / TGD Filmes (20 out)
- Histórias curtas [I] - Pois é, vizinha...**, de Leo Sassen / Clip Produtora de Cinema e Vídeo (27 out)
- Histórias curtas [I] - Amar**, de Lisiane Cohen / Margem Cinematográfica (3 nov)
- Histórias curtas [I] - O dia em que Jesus falou português**, de Tide Carvalho e Gina O'Donnell (10 nov)

- Histórias extraordinárias [I] - O Negrinho do Pastoreio / A Lagoa dos Barros**, de Hique Montanari (17 nov)
- Histórias extraordinárias [I] - As torres malditas / A lenda da erva-mate**, de Hique Montanari (24 nov)
- Histórias extraordinárias [I] - Mboitatá / A Salamanca do Jarau**, de Marta Biavaschi (1º dez)
- Histórias extraordinárias [I] - O lunar de Sepé / As lágrimas de Obirici**, de Marta Biavaschi (8 dez)
- Histórias extraordinárias [I] - Menino Jesus / A lenda do quero-quero / A lenda do gambá**, de Beto Souza (15 dez)

Natal grande do sul, de Roberto Tietzmann (22 dez)

Minha história de Natal, de Rubens Bandeira (11 a 24 dez; 12 histórias de 3 min cada exibida no Jornal do Almoço)

Natal luz, de René Goya Filho (25 dez) – {Programa especial de Natal que entrou no lugar do Jornal do Almoço}

Especial 2002, de Claudinho Pereira (29 dez) 43

2000 42

Pra sempre, de Claudinho Pereira (1º jan) {Programa especial de Ano Novo que entrou no lugar do Jornal do Almoço}

GAROTA VERÃO – 8 de janeiro a 11 de março

- Curtas Gaúchos [I] Ilhas das Flores**, de Jorge Furtado (18 mar)
- Curtas Gaúchos [II] O Pulso**, de José Pedro Goularte (25 mar)
- Curtas Gaúchos [I] Deus Ex-Machina**, de Carlos Gerbase (1º abr)
- Curtas Gaúchos [I] Ângelo anda sumido**, de Jorge Furtado (8 abr)
- Curtas Gaúchos [I] Barbosa**, de Jorge Furtado e Ana Luiza Azevedo (15 abr)
- Curtas Gaúchos [I] Um homem sério**, de Daianara Toffoli e Diego de Godoy (22 abr)
- Curtas Gaúchos [I] As cobras**, de Otto Guerra (29 abr)
- Curtas Gaúchos [I] Sonho**, de José Pedro Goulart (6 mai)
- Curtas Gaúchos [I] Esta não é a sua vida**, de Jorge Furtado (13 mai)
- Curtas Gaúchos [I] O caso do linguiceiro**, de Flavia Seligman (20 mai)
- Curtas Gaúchos [I] A Agenda**, de Cícero Aragon (27 mai)
- Curtas Gaúchos [I] O velho do saco**, de Milton do Prado (3 jun)
- Curtas Gaúchos [I] Cidade Fantasma**, de Lisandro dos Santos (10 jun)
- Curtas Gaúchos [I] Madame Cartô**, de Nelson Nadotti (17 jun)
- Curtas Gaúchos [I] Mazel Tov**, de Flávia Seligman (24 jun)
- ***Curtas Gaúchos [I] Jogos**, de Mariângela Grando (1º jul)
- ***Curtas Gaúchos [I] Passageiros**, de Glênio Póvoas (1º jul)
- Curtas Gaúchos [I] A próxima estação**, de Fernando Mantelli (8 jul)
- Curtas Gaúchos [I] O dia em que Dorival encarou a guarda**, de José Pedro Goulart e Jorge Furtado (15 jul)
- Curtas Gaúchos [I] O macaco e o candidato**, de Henrique de Freitas Lima (22 jul)
- Curtas Gaúchos [I] O Zepelin passou por aqui**, de Sérgio Silva (29 jul)
- Curtas Gaúchos [I] Oitavo selo**, de Tomás Créus (5 ago)
- Curtas Gaúchos [I] Fora de controle**, de Maurício Borges de Medeiros (12 ago)
- Curtas Gaúchos [I] Disparos**, de Tarcísio Lara Puiatti (19 ago)
- Curtas Gaúchos [I] Outros**, de Gustavo Spollidoro (26 ago)
- Curtas Gaúchos [I] O chapéu**, de Paulo Nascimento (2 set)
- Curtas Gaúchos [I] No amor**, de Nelson Nadotti (9 set)
- Curtas Gaúchos [I] O duelo**, de Jaime Lerner (16 set)
- Curtas Gaúchos [I] Interlúdio**, de Giba Assis Brasil e Carlos Gerbase (23 set)
- Curtas Gaúchos [I] Estrada**, de Jorge Furtado (30 set)
- Curtas Gaúchos [I] Estrada**, de Jorge Furtado (30 set)
- Curtas Gaúchos [I] Batalha Naval**, de Liliana Sulzbach (14 out)
- Curtas Gaúchos [I] Velhinhas**, de Gustavo Spollidoro (21 out)

- 2
- Curtas Gaúchos [I] Intestino Grosso**, de Augusto Canani (11 nov)
Curtas Gaúchos [I] Um estrangeiro em Porto, de Fabiano de Souza (18 nov)
Curtas Gaúchos [I] A Matadeira, de Jorge Furtado (25 nov)
Curtas Gaúchos [I] Trampolim, de Fiapo Barth (2 dez)
Curtas Gaúchos [I] O Branco, de Liliana Sulzbach e Ângela Pires (9 dez)
Curtas Gaúchos [I] Sanduíche, de Jorge Furtado (16 dez)

* *Foram exibidos no mesmo dia.*

Minha história de Natal, de Marta Biavaschi e Hique Montanari (18 a 23 de dez; 6 histórias de 3 min cada exibidas no Jornal do Almoço)

Natal luz, de René Goya Filho (25 dez) - {Programa especial de Natal que entrou no lugar do Jornal do Almoço} 42

JORNAL DO ALMOÇO especial (30 de dezembro)

1999 21

- 20 Gaúchos que marcaram o Século XX: Mario Quintana**, de Rosane Marchetti (31 jul)
20 Gaúchos que marcaram o Século XX: João Goulart, de João Guilherme Barone (7 ago)
20 Gaúchos que marcaram o Século XX: Erico Verissimo, de Silvio Barbizan (14 ago)
20 Gaúchos que marcaram o Século XX: Ruben Berta, de Cláudia Daré (21 ago)
20 Gaúchos que marcaram o Século XX: Getúlio Vargas, de Rene Goya Filho (28 ago)
20 Gaúchos que marcaram o Século XX: Padre Landell de Moura, de João Guilherme Barone (4 set)
20 Gaúchos que marcaram o Século XX: Assis Brasil, de Jaime Lerner (11 set)
20 Gaúchos que marcaram o Século XX: Paixão Côrtes, de Edson Erdman (18 set)
20 Gaúchos que marcaram o Século XX: Francisco Bastos, de Aloíso Rocha (25 set)
20 Gaúchos que marcaram o Século XX: Teixeira, de Edson Erdman (2 out)
20 Gaúchos que marcaram o Século XX: Dom Vicente Scherer, de Roberto Tieztmann e Diego de Otero (9 out)
20 Gaúchos que marcaram o Século XX: A.J. Renner, de Maria Henriqueta Satt (16 out)
20 Gaúchos que marcaram o Século XX: Ieda Maria Vargas, de Gustavo Spolidoro e Cristiano Zanella (23 out)
20 Gaúchos que marcaram o Século XX: Alberto Pasqualini, de Gilson Vargas (30 out)
20 Gaúchos que marcaram o Século XX: Elis Regina, de Claudinho Pereira (6 nov)
20 Gaúchos que marcaram o Século XX: Mariano da Rocha, de Sérgio Assis Brasil (13 nov)
20 Gaúchos que marcaram o Século XX: Lya Luft, de Marta Biavaschi (20 nov)
20 Gaúchos que marcaram o Século XX: Oswaldo Aranha, de Diego de Godói (27 nov)
20 Gaúchos que marcaram o Século XX: Barbosa Lessa, de João Guilherme Barone (4 dez)
20 Gaúchos que marcaram o Século XX: Lupicínio Rodrigues, de Maria Henriqueta Satt (11 dez)

JORNAL DO ALMOÇO especial (18 de dezembro)

Minha história de Natal, de Fabiano de Souza (25 dez) – Exibido no Jornal do Almoço 21



Enviar e receber e-mail grátis.

Tv Piratini...

Enviar e receber e-mail grátis.

Enio Rockenbach <enio.rockenbach@hotmail.com>

28 de maio de 2012 22:11

Para: sergio.reis@gmail.com

Oi Sérgio

Prazer imenso em receber notícias tuas.

Até parece que vivemos numa grande cidade, onde a gente passa anos sem ver.

Quanto a tua dúvida, a lembrança que tenho - e se vão 30 anos - é que o governo federal condicionou a cedência do Canal 5 ao Silvío Santos

se o empresário paulista incorporasse os funcionários à nova empresa. Ele topou. Assim foi feito. Me parece que esta é a versão correta.

Brasileiro Reis, Batista Filho, Ciro Machado, eu e uma uma grande de colegas foi transferida para o SBT. TVs, naquele tempo.

Para confirmar - ou não - esta informação te sugiro ligar para o Batista Filho (Tel resid. 3233-4384).

Um grande abraço e os meus votos de êxito no teu Mestrado em Comunicação Social.

Enio

20/03/12

Vídeo mostra batalha mortal entre Sosa e Walmor - Yahoo! Notícias Brasil

Abraço

Higino

— Original Message —

From: Sergio Reis

To: Higino Germani ; Wladimir Sosa

Sent: Saturday, March 17, 2012 11:16 PM

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>
Para: Higino Germani <higino_germani@uol.com.br>

19 de março de 2012 11:34

Caro amigo Higino.

Grato pela resposta.

O Sosa já me tirou a dúvida quanto aos equipamentos. Qdo Walmor e Salimen lá chegaram, os eqptos RCA já estavam comprados e instalados. Eles só participaram da compra da EMI com as câmeras cores, inclusive telecine.

Vou ligar para o número que me deste.

Fica à postos pois, já já, entro na TV Guaiba e aí vou te explorar muito.

Abração.

Sérgio

Em 19 de março de 2012 11:17, Higino Germani <higino_germani@uol.com.br> escreveu:

[Texto das mensagens anteriores oculto]



Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

Difusora X TV Rio

2 mensagens

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

29 de outubro de 2011 15:07

Para: Nelson Vaccari <nvaccari@westnet.com.br>

Meu caríssimo Vaccari.

Pois estou às voltas com minha dissertação de mestrado.

Preciso confirmar uma informação que tenho mas, sabes que este negócio de faculdade tudo tem que ser comprovado, só a palavra do babaca que está escrevendo não é suficiente.

Seguinte: lembro que Walmor e Salimen me disseram que o negócio dos 54% da TV Rio e TV Alvorada foi feito com eles e apenas com eles, 27% prá cada um! Quando eles começaram a se revezar na administração da Difusora, um no Rio e outro em PAlegre e na semana seguinte trocavam, os freis mostraram prá eles a cláusula de exclusividade laboral. E fizeram a oferta irrecusável, como diria Don Corleone: ou saiam da Difusora (e iam ganhar dinheiro onde?) ou dividiam com eles, freis, as ações que receberam dos Machado de Carvalho, ficando assim o quadro: Salimen e Walmor 13,5% cada um e os 4 freis 6,75% cada um. Junto vinham os avais da Difusora. Deu o que sabemos e os freis (e a Ordem) se fuderam pela ganância.

Confirmas?

Se puderes me manda um pequeno texto relatando isso.

Fraternal abraço.

Sérgio

PS: Muito boa a dos cabelos brancos. Grato.

Nelson Vaccari <nvaccari@westnet.com.br>

29 de outubro de 2011 16:12

Para: Sérgio Luis Puggina Reis <sergio.reis@gmail.com>

Caro Sérgio

A composição acionária da Radio Rio (não lembro e era Ltda. ou S.A.) proprietária da TV Rio e da TV Alvorada, era:

Grupo Machado de Carvalho 46%

Walmor e Salimen 27%

Ordem (TV Difusora) 27%

O Walmor comentou comigo, na época, que a Ordem ficou com os 27% e colaboraria na administração e daria os avais necessários.

Logo eu voltei para a TV Tupi.

Abbracci a tutti.

Vaccari

From: Sergio Reis

Sent: Saturday, October 29, 2011 3:07 PM

To: Nelson Vaccari

Subject: ***SPAM*** Difusora X TV Rio

[Texto das mensagens anteriores oculto]



www.google.com.br

Informações para meu Mestrado

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

17 de março de 2012 22:21

Para: Nelson Vaccari <nvaccari@westnet.com.br>, Nelson Vaccari - Máster
<masterrp.nvaccari@institutoembelleze.com>

Meu querido amigo.
Preciso que me esclareças alguns pontos.

1. Quando saíste da TV Gaúcha e onde foste trabalhar?
2. Alguma vez trabalhaste na TV Difusora? (Há uma foto tua com Salimen junto aos freis).
3. Quando foste para a TV Rio?
4. Onde trabalhavas antes de ires para a TV Rio?
5. Quando saíste da TV Rio e para onde foste?

Te aguardo.
Fraternal abraço.
Sérgio

Nelson Vaccari <nvaccari@westnet.com.br>

19 de março de 2012 21:41

Para: Sérgio Luis Puggina Reis <sergio.reis@gmail.com>

Caro Sérgio

Vamos responder os itens:

1 - Sai da Rádio e Televisão Gaúcha em 10/03/1965 para poder atender como sócio a nossa loja Veículos e Aparelhos Domésticos Dakar Ltda., onde fiquei até 30/09/1966 (quando fui assumir a TV Guajará de Belém).

2 - Nunca trabalhei na Difusora (a foto foi na TV Rio - senão me engano, na inauguração de Brasília).

3 - Fui para a TV RIO (ou Radio Rio Ltda.) em 01.11.71.

4 - Eu estava na TV Tupi e fui convidado assumir a Direção de Programação da TV Record (uma vergonha) e de lá fui para TV Rio.

5 - Sai da TV RIO 13/03/1973 e em 15/05/1973 assumi a Direção da TV Piratini e Rádio Farroupilha. Somente fui para a Rádio e TV Gaúcha novamente em 13/10/1976 e para a TV Globo em 18/09/1985 e permaneci até 30/06/1998.

Consegui te ajudar?

Um abraço.

Vaccari

From: Sergio Reis

Sent: Saturday, March 17, 2012 10:21 PM

To: Nelson Vaccari ; Nelson Vaccari - Máster

Subject: ***SPAM*** Informações para meu Mestrado

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Sergio Reis <sergio.reis@gmail.com>

19 de março de 2012 23:13

Para: Nelson Vaccari <nvaccari@westnet.com.br>

Querido Vaccari.

M Dúvida TV Rio e TV Record**Sergio Reis** <sergio.reis@gmail.com>

1 de abril de 2012 23:40

Para: Nelson Vaccari <nvaccari@westnet.com.br>, Nelson Vaccari - Máster <masterp.nvaccari@institutoembelleze.com>

Querido Vaccari.

Por favor, me dá um help.

1. Em que ano foste para a TV Record, no episódio da compra de 50% pelo Jorge Gerdau?
2. Disseste que foste para a TV Rio em novembro de 1971. Pergunto: Walmor e Salimen já andavam por lá? Tens ideia de quando (pelo menos o ano) eles receberam os 54% da TV Rio e da TV Alvorada?

Minha dúvida é que, se foi em novembro de 1971, então a negociação com o governo e oferta de fazer TV a cores, etc. foi toda ela apoiada na TV Difusora e a TV Rio veio pro esquema já com o bonde andando. Né?

Abração.

Sérgio

Nelson Vaccari - Máster <masterp.nvaccari@institutoembelleze.com>

2 de abril de 2012 11:00

Para: Sérgio Luis Puggina Reis <sergio.reis@gmail.com>

Caro Sérgio

No momento estou em viagem no interior (...do interior de São Paulo), mais precisamente Presidente Prudente e não tenho onde consultar datas precisas. As datas eu já informei. Vamos somente na lembrança.

Temos que ter muita atenção e não trazer "convulsões" para o que já passou e não será modificado jamais.

Eu fui assumir a Direção de Programação da TV Record quando o Jorge adquiriu os 50%. Depois, diante da impossibilidade de harmonia entre as partes (sócios) o grupo Machado de Carvalho nos afastou e reassumiu o controle administrativo da Record.

Foi quando surgiu a "palhaçada" de montar num hotel (enquanto eram discutidas soluções pelos advogados e proprietários) a "direção paralela" ou de "resistência".

Logo a seguir fomos par a TV RIO (que estava num barracão nas calçadas musicais de Vila Isabel) e contratamos o Gilberto Santa Thereza e o Gerardo Lucas (meu querido amigo de infância - falecido recentemente) para assumir (por em ordem) , enquanto estávamos negociando outro local (PANORAMA - na Lagoa Rodrigo de Freitas - Rua Nascimento Silva).

A negociação com o Ministro Higino Corsetti para o lançamento da TV a cores no Brasil, foi feito pela Difusora e utilizado o equipamento já adquirido da RCA, da TV RIO.

Um abração.**Vaccari****From:** Sergio Reis**Sent:** Sunday, April 01, 2012 11:40 PM**To:** Nelson Vaccari ; Nelson Vaccari - Máster**Subject:** Dúvida TV Rio e TV Record

[Texto das mensagens anteriores oculto]

ANEXO 2

TV PIRATINI



ESQUINA DE PORTO ALEGRE

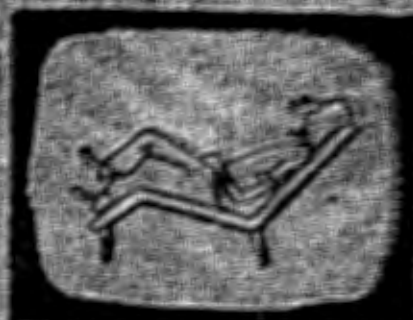
Serviço e Tele-Radio-Jornalismo

É pena que não dispomos de mais espaço para relatar aqui, em todos os detalhes, o que é a Associação Central dos Diários e Emissoras Associadas, na Esquina de Porto Alegre. Por que realmente ali se encontra um centro de trabalho jornalístico só existente em grandes capitais e uma organização de serviço ao público que é um valioso presente à nossa gente.

No Departamento de Tele-Radio-Jornalismo, temos uma equipe que trabalha diuturnamente para fornecer notícias irradiadas, impressas e televisionadas, prestando pois um serviço de real valor ao povo riograndense de modo especial.

No setor de Serviço ao Público, encontramos um atendimento primoroso que se presta à informação, ao telefonar, ao telegráfico, ao cambial, ao que diz respeito à máquina de escrever, para quem dela precisa fazer uso.

E podemos acrescentar que em breve esse serviço será ampliado, o público poderá colher suas informações imediatamente, por carta ou telefone, sobre os mais variados assuntos, quer estatísticos, quer econômicos, industriais e comerciais.



A primeira organização no Brasil de assistência técnica integral ao seu Teleseguuro.



Assista tranquilamente seus programas de televisão. Garantia especial que o telespectador possui, o seu Teleseguuro.



Faça nos uma visita ou solicite pelo telefone 2-24-54 a presença de um representante, sem qualquer compromisso de V.S.

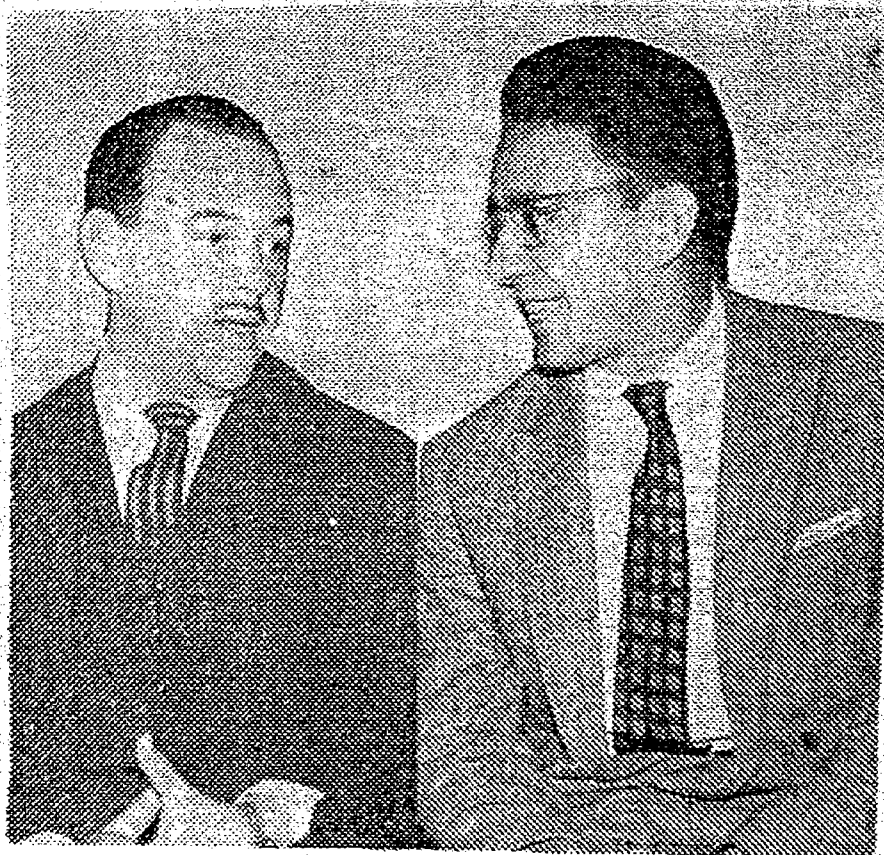
TELESEGURO

(Reg. Dep. Nac. de Prop. Industrial sob n.º 4285109)

Rua Dr. Flores, 333 - 1.º andar
Porto Alegre

GUILHERME SIBEMBERG

veterano do rádio,
médico e comenta-
rista de esporte
na TV



Sibemberg e Renato Cardoso

TV SUL continua revelando os nossos valores do rádio e televisão, até agora muito conhecidos pela voz e pela imagem, porém, biograficamente desconhecidos do grande público, pela ausência de uma revista especializada até o nosso aparecimento. Daí precisamente o interesse despertado pelos nossos "flashes biográficos", nos quais damos especial preferência às "pratas da casa". Pode-se dizer, sem medo de errar, que praticamente não há telespectador que consulta a programação da revista que não leia o que escrevemos sobre nossa gente de televisão. E são nada menos do que oitenta mil pessoas que lêem TV SUL...

Mas vamos conhecer Guilherme Sibemberg, que o espaço é curto e há muito o que dizer.

Começamos pelo rádio, onde tem vinte e meio anos ininterruptos de atuação! Começou na Farroupilha, 1943. Em 1949, foi dirigir o Departamento de Esportes da Rádio Gaúcha, onde permaneceu até fins de 1959, quando foi chamado a ser o primeiro narrador de futebol em televisão no Estado, através do Canal 5. Fato mais importante em sua carreira: assistir e comentar para todo o Brasil, pelo microfone das Rádios Nacional e Gaúcha, a primeira Copa do Mundo conquistada pelo Brasil em 1958 na Suécia.

Quando deixou, posteriormen-

omédicos?

DROGABIR



1962. As agências de publicidade começavam a ousar nos comerciais ao vivo na TV Piratini. Agências e clientes buscavam a criatividade procurando fugir do, já clássico, “anunciadora em frente ao produto”.

Nos dias de hoje, com a infinidade de recursos eletrônicos existentes, tudo pode ser imaginado, pois qualquer idéia pode ser realizada. O único problema é o custo. Naquela época, com câmeras grandes, pesadas e sem mobilidade, sem video-

teipe, sem computação gráfica, sem mesas de efeitos, era imperioso que a criatividade andasse de mãos dadas com os poucos recursos. Por esta razão muitas vezes os profissionais da TV eram procurados para bolar e executar comerciais. Era uma excelente fonte de receita, pois ganhávamos a cada veiculação. Era tanto dinheiro que desprezávamos o salário.

Uma vez fui convidado para criar e dirigir um comercial para a empresa Apiavama, que revendia no Rio Grande do Sul os caminhões FNM e os carros de luxo JK, fabricados pela Alfa Romeo. Os dois produtos deveriam aparecer juntos. Criei o seguinte comercial.

Ambiente:

Cenário bellissimo de uma frente de casa com colunas, chafariz e folhagens, iluminação marcada ressaltando os ângulos; em cena, ao lado de uma das colunas, uma bonita loura, com um vestido longo, branco e justo e, em primeiro plano, um carro JK, com iluminação em seu interior. As folhagens do jardim se estendiam por cerca de 20 metros. O tamanho do estúdio permitia isso.

Ação:

Ayrton Fagundes (locutor e apresentador da TV, que fora motorista de caminhão anos antes) entrava em cena, frente os 20 metros de folhagens, dirigindo um FNM. A câmera acompanhava o caminhão, ainda sem mostrar o jardim, até que Ayrton desse uma freada forte. Desligava o motor, descia da cabine, usando um comprido casacão de couro e um cachecol branco em volta do pescoço e dizia um texto, com sotaque de italiano, mais ou menos, assim:

“Freio de súpico, buzina de corentela (freio de suspiro e

buzina de corrente), esse é o FENEMÊ- que voxe encontra na Apiavama”. E aí, tirava o cachecol e o casacão, mostrando que vestia um elegante smoking, e começava a se dirigir para o jardim, passando a falar sem sotaque:

“Na Apiavama você tem, além da potência do FNM, o luxo do maravilhoso JK etc etc.” Ia até a mulher, beijava-a e entravam os dois no carro, arrancando em direção à câmera.

Cena final, tomada aberta no cenário onde eram superpostos o nome e o endereço do cliente, com texto de locutor de cabine. Foi ao ar a primeira vez e o sucesso superou qualquer expectativa, inclusive a do patrocinador que telefonou autorizando a veiculação, naquele mesmo dia, de mais três inserções. E mais, acertou duas exibições por dia, durante 30 dias! Ayrton e eu ficamos exultantes. Íamos ganhar dinheiro como nunca. No dia seguinte, euforia no auge, nos preparamos para mais duas edições. As veiculações da véspera nos davam confiança a ponto de dispensarmos ensaios. O tempo livre nos levou a comemorar no Cafofo, o único restaurante/bar que existia no morro de Santa Tereza, nos fundos da casa da família do Sr. Henrique. Afora o Cafofo só existia o bar da TV. A diferença entre os dois era que o Cafofo vendia bebidas alcoólicas!

Sáimos dali, para o primeiro comercial do dia, *altos* e com ganas de inovar, melhorar.

Falei para Ayrton:

– Magrão, capricha. Acelera firme, entra a bala no cenário e dá uma freada forte, quase no jardim. Canta pneu e desce batendo a porta com força.

– Deixa comigo. Deixa comigo. Vou lembrar meus velhos bons tempos.

E assim fez, com apenas um leve engano. Seu pé escapou no freio e o FNM entrou cenário a dentro, levando o chafariz, obrigando a loura a levantar o vestido para fugir aos gritos, e destruindo a traseira do JK. Um apalermado e zonzó Ayrton olhava tudo da boléia, sem entender nada. O que era para ser nossa redenção econômica se transformou em grande prejuízo. Mas, pelo menos, Ayrton e eu, fomos os pioneiros em mostrar ao vivo, pela TV, um acidente de trânsito.

☆

1956. Rádio Farroupilha no auge: novelas, shows, musicais, notícias e humorismo. Excelentes programas de humor, com scripts vindos do Rio de Janeiro, assinados por Max Nunes, Haroldo Barbosa e outros nomes famosos, ou escritos em Porto Alegre por Serrão Vieira, Erico Cramer e outros. Mas não só os textos eram bons, nossos atores valorizavam tudo o que lhes caía nas mãos. Do elenco de humoristas destacava-se, indiscutivelmente, a dupla Walter Broda e Pinguinho. Fisicamente eram os modernos *O Gordo e o Magro*. Broda grandalhão, barriga proeminente, vozeirão de cantor de ópera, faces coradas de alemão em festa da cerveja; Pinguinho, de origem circense, era magrinho, miudinho, voz esganiçada, parecia um Jeca Tatu com pouco mais de 1m 50cm de altura.

Os programas humorísticos eram, sempre, apresentados em auditório. As risadas do público esquentavam o clima. E, quase sempre, haviam os cacós. Cacós são falas que não constam do script e que os atores inventam na hora, surpreendendo público e, principalmente, colegas. Pinguinho e Broda eram mestres

em cacós. Uma noite, durante o programa *Uma Pulga na Camisola*, os dois apresentavam um quadro. Lá pelas tantas Pinguinho devia dizer:

– ... e passou correndo um lagarto!

Mas errou a fala e disse:

– ... e passou correndo um largato!

Broda sentiu a falha e resolveu sacanear o colega. Fez uma pausa e perguntou, fora do texto:

– Largato ou lagarto?

E Pinguinho, de bate-pronto:

– Olha cumpadre, passou tão ligeiro que eu nem vi direito.

☆

Cientistas americanos passaram anos estudando o que chamavam de “a maldade das coisas”. Trata-se do conjunto de fatos, sem interferência intencional humana, que conduzem ao desastre. Mais ou menos algo como o corolário de uma das leis de Murphy que diz:

“Se alguma coisa pode dar errado, ela dará errado!”

Em 1960 ocorreu na TV Piratini um fato que ilustra perfeitamente esta teoria. A iluminação dos estúdios era feita com armações de canos, em forma de quadriláteros, onde eram presos nove painéis (como se fossem grandes secadores de cabeleiros), cada um com uma lâmpada de 1.500 watts. Estas armações subiam para iluminar os cenários, ou desciam para serem reguladas, presas a um cabo de aço com roldana.

Em menos de um ano de uso começaram a apresentar defeitos, com os cabos arrebentando ou as roldanas desenroscando

ANEXO 3

TV GAÚCHA

POR FAVOR, MUDEM O HORÁRIO DE UM DÉLES!

Dezenas de pessoas nos pediram para fazer este apêlo: TV, agência de publicidade e anunciante, procurem mudar a dualidade de horário dos maiores shows em video-tape que o telespectador portoalegrense tem a graça de assistir: Noites Cariocas e Chico Anísio Show Semp.

Não é possível esta «birra» de apresentar os dois programas de maior teleaudiência domingueira, precisamente no mesmo horário das 21,35!

Somente um argumento já é suficiente para a alteração tão desejada: é que sendo ambos os programas praticamente iguais em valor e teleaudiência, logicamente os patrocinadores são prejudicados, por que cada um só ganha 50% dos telespectadores! Tratando-se de um dos programas mais caros em video-tapes, é incrível que os anunciantes estejam perdendo audiência quando cada um poderia ga-

nhá-la em 100%. Francamente, se fôssemos os patrocinadores, não teríamos dúvida em autorizar um horário diferente. Vamos mais adiante: já teríamos feito isso, passando nosso programa para a 21,40, por exemplo, deixando o outro nas 20,40 (horário a partir do dia 10). Todo mundo ligaria o televisor para o canal do programa, mesmo mais tarde, pois assistir estes shows é o programa favorito de todos os telespectadores aos domingos. Vamos vêr qual dos patrocinadores vai tomar a iniciativa! Terá os aplausos e a simpatia de seus clientes ou futuros clientes, não há dúvida. Façam isto, e terão a prova.

-:-

Um abaixo-assinado contendo mais de 130 assinaturas foi enviado à direção da TV PIRATINI, solicitando a apresentação da novela «Cavaleiro da Lagoa Azul», história que foi ao ar meses atrás pela Rádio Farroupilha. A direção do Canal 5 está estudando a possibilidade de uma adaptação para a televisão e se esta for possível, então, não resta a menor dúvida, atenderá ao pedido das telespectadoras que escreveram.



REELEJA OS BONS

VOTE EM

LARRY FARIA - N.º 409

A CARTEIRA PROFISSIONAL

Esta carteira que fornece a portabilidade e a continuidade dos seus conhecimentos e habilidades para os diversos trabalhos.

Elaboração de currículo vitae, cartas de apresentação, cartas profissionais, e inserções profissionais, além de outros serviços relacionados com a área de recursos humanos e administração.

Esta carteira, além de proporcionar aos profissionais a portabilidade de seus conhecimentos, oferece a eles a possibilidade de serem reconhecidos e valorizados em qualquer atividade profissional, além de proporcionar a eles a possibilidade de serem reconhecidos e valorizados em qualquer atividade profissional.

Carteira Profissional de Recursos Humanos

Carteira Profissional de Recursos Humanos

Carteira Profissional



109
2733

CONTRATO DE TRABALHO

[Handwritten text in cursive script, likely the terms and conditions of the employment contract.]

CONTRATO DE TRABALHO

DENISON PROPAGANDA S.A.
RUA GRANDE 100 BCL

[Handwritten text in cursive script, including names like 'Felix Rappa' and 'Rui Francisco de Lenc' and other details of the contract.]



Esta são a equipe de apresentação do «Teleobjetiva CREFISUL»: Jotaká, Marlene Rupertti, Manoel Braga Gastal, Jélio Cesar Pacheco,

Sérgio Schüller, Egon Bueno e Ivette Brandalise. (FOTOS DE PETER DROUY).

OS QUE FAZEM (BEM) O TELE-JORNAL CREFISUL

2ª REPORTAGEM DE UMA SÉRIE DE 3, POR NEY FONSECA

TELEOBJETIVA

a notícia bem de perto

TELEOBJETIVA CREFISUL - é o telejornal que, com a mudança de patrocínio, passou a substituir o «Show de Notícias» no horário das 23,00 horas, na TV Gaúcha Canal 12. Um régio presente ao público riograndense da Cia. Crédito, Financiamento e Investimento do Sul, sob a supervisão publicitária da MPM Propaganda. É a exemplo daquele noticioso, que inaugurou uma nova dimensão de telejornalismo no Sul, TELEOBJETIVA passou a obedecer a uma nova estrutura, com outras inovações no campo de tele-jornal:

1 - Não só a notícia, mas também a opinião, através de comentário de abertura feito por Manoel Braga Gastal e Heron Domingues.

2 - Uma seção para a mulher, atendendo ao interesse do público feminino que também assiste telejornal.

3 - O lado humano da notícia, através de um destaque diário de um fato mostrando gente que é notícia.

4 - Um recado final que mantém o interesse até o «boa noite» de Ivette Brandalise, que encerra o programa com uma «brasa» endereçada aos responsáveis pelas reclamações do público.

QUEM PRODUZ

Equipe de cinegrafistas: Odilon Lopez, René Ruduit, Telmo Curcio da Silva, Adalberto Preis, Bernardo Gothe, Nelci Castro e Nazareno Michelin. Repórteres: Carlos Fehlberg, Jaime Keuneck (Jotaká), Edson Capp, Carlos Alberto Kolecska. **Redação** - Na redação, além de seu diretor, conta a equipe com vários profissionais de larga experiência: **Carlos Bastos** - Começou em jornal em «A Hora», passando depois a chefiar a reportagem política de «Última Hora», trabalhando também no «Jornal do Dia» e no departamento de notícias da Rádio Gaúcha. Agora trabalha exclusivamente para «Teleobjetiva», secretariando sua redação. **Vicente**

Soares - Fêz jornal em «Última Hora», em televisão foi redator do «Repórter Esso» no Canal 5, e há pouco voltou ao jornalismo de TV, com «Teleobjetiva». **Florianos Soares** - Começou no jornal «O Clarim», tendo trabalhado sempre como «copy-desk», sucessivamente em «A Hora», «Última Hora» e «Zero Hora», trabalhando também no departamento de notícias da Rádio Gaúcha. **Célia Ribeiro** - Nome conhecido de jornal e TV, que dirige o «Jornal Feminino» e produz a seção feminina de «Teleobjetiva».

A redação ainda conta com o trabalho do desenhista Flávio, autocr das charges que ilustram o programa e o humorista Carlos Nobre, que escreve uma piada por dia para «Teleobjetiva CREFISUL».

EQUIPE NACIONAL

Em «video-tape» recebido diariamente da TV Rio, as notícias nacio-

nais são apresentadas por outra grande equipe:

Heron Domingues - Gaúcho que foi «Repórter Esso» da Rádio Nacional e é o maior nome, hoje, de jornalismo de TV.

Ibrahim Sued - Famoso colunista com suas boias brancas e pretas.

Geórgia Quental - Manequim e atriz de cinema que agora também lê notícias.

E os locutores, **Léo Batista** e **Glauco Fassheber**.

SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES

A notícia chega à redação do «Teleobjetiva» através de diversos serviços:

A cobertura local é feita pela equipe da emissora, em colaboração com a reportagem do jornal «Zero Hora».

O noticiário nacional vem em VT da TV Rio, e o internacional, além do teletipo da «France-Press», conta com filmes e rádio-fotos da UPI.

TV 35

QUEM APRESENTA

A apresentação de «Teleobjetiva» é feita por uma grande equipe:

Sérgio Schueller - Locutor que começou na Guaíba e no Canal 5. **Ivete Brandalise** - Trocou o teatro pela TV para dizer as «brasas» do programa. **Júlio Cesar Pacheco** - Locutor que começou fazendo cabine no 12, e passou a ser companheiro de Sérgio. **Marlene Rupertl** - Veio do teatro para o «Jornal Feminino» do 12 e apresenta as notícias de «O Assunto E' Mulher» e, também, o lado humano da notícia. **Egon Bueno** - Era o «Sombra» do «Show de Notícias» e passou a aparecer «ao vivo» apresentando as notícias internacionais de «Teleobjetiva». **Jotaká** - Repórter político, também apresenta «ao vivo»

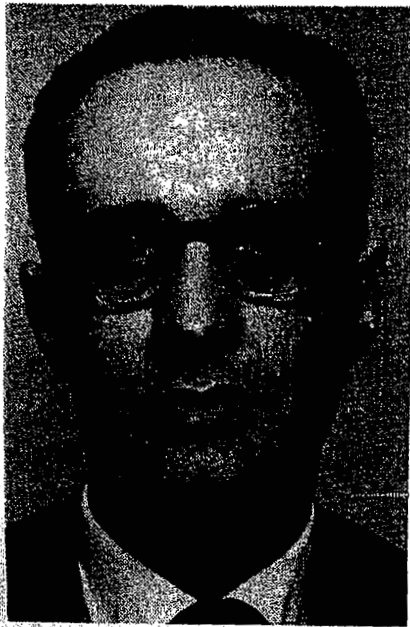


Heron Domingues

três notas políticas. (Em nossa reportagem anterior, por um lapso, constou como fazendo parte do Jornal Ipiranga). **Manoel Braga Gastal** - Professor de economia, que começou no rádio com seu comentário «Dois Dedos de Prosa», faz a análise lógica da notícia, na abertura do telejornal.

QUEM DIRIGE

O Departamento de Telejornalismo do Canal 12 é dirigido pelo jornalista **Lauro Schirmer**, que começou em rádio e jornal muito cedo, em Cachoeira do Sul. Veio para Porto Alegre quando foi fundado o jornal «A Hora», do qual foi secretário de redação, passando para o departamento de notícias do Canal 5, ao surgir a televisão no Sul. E trocou o 5 pelo 12, para assumir as funções que ocupa, lançando o «Show de Notícias» que revolucionou aqui a notícia em TV e lhe valeu o prêmio de «Personalidade do Ano - em TV», numa promoção instituída pelo Cctil-lon Clube.



Lauro Schirmer

ARMANDO BÓGUS

ARMANDO BÓGUS e a reportagem, quando o aplaudido galã do Teatro e TV informava sobre a vinda, nos próximos dias, da comédia **Megera Domada**, cartaz há muitas semanas em São Paulo. (Foto Peter Brody).



BREVE EM P. A. COM MEGERA DOMADA

ARMANDO ASSAD BÓGUS, tão apreciado pela platéia gaúcha, veio a Porto Alegre afim de tratar da vinda de um próximo cartaz para a temporada atual, no Teatro Leopoldina.

UM RÉGIO PRESENTE

A peça em questão é uma sucessão de lauréis através de sua apresentação em São Paulo, logrando exitoso período de apresentação. «**A MEGERA DOMADA**», seu título e estará em cartaz no melhor teatro do Sul, no próximo mês de junho.

E' distinguida como «**MELHOR**»: Escripto, Direção, Cenário, Figurino, proporcionando ainda a Mário Alimari o título de «**Ator Revelação**».

O ELENCO

Sob a direção de Antunes Filho, interpretam os principais papéis os seguintes atores: Regina Duarte (Bianca), Armando Bógus, Irina Greco (Catarina - a megera), Silvio Rocha e Paulo Goulart, este, substituindo, temporariamente, Armando Bógus.

O afastamento temporário de Bógus, do primeiro papel masculino na comédia se deve ao fato de estar o festejado galã em fase de recuperação e com um aparelho metálico no pulso esquerdo que tolhe um pouco os movimentos.

Uma espécie de fratura no pulso esquerdo, reconhecido pela ciência como «sisto embrionário», surpreendeu a Bógus em pleno trabalho, causando-lhe de certa maneira algum transtorno. Poderá trabalhar, é verdade, porém dosando os movimentos e longe de qualquer esforço com a mão esquerda. Por dois ou três meses permanecerá com uma ligadura metálica no pulso afetado.

ALMAS DE PEDRA

E' uma das «almas de pedra», nosso versátil entrevistado. Logo, foi alvo de indagações sobre o que poderia adiantar para os próximos dias, sobre o desenrolar da série de «vinganças», na tele-novela do momento. Foi um «pôço», o «tenente», nada revelando sobre os acontecimentos futuros na estória. Sigilo absoluto.



VÔVO JOAQUIM PREPARA-SE PARA SEU RETORNO EM "O REINO DA ALEGRIA"

TV Gaúcha e TV Sul
na maior promoção
junto aos colegiais
de Pôrto Alegre!

Os milhares de netinhos-teleespectadores do Vovô Joaquim (Dozelândia, Canal 12), tiveram em 65 uma programação maravilhosa e terão ainda melhor para o corrente ano, a partir de breves dias. Muitas novidades e promoções para a alegria e a valorização das crianças gaúchas.

O QUE FOI O PROGRAMA EM 65

Em rápidas pinceladas, eis o que foi o «Vovô Joaquim» no programa «Dozelândia - o Reino da Alegria»:

— Aventuras do Vovô Joaquim, contando passagens de sua vida nos mais diferentes lugares do mundo.

— Trabalhos manuais para as crianças, com prêmios para os melhores, ou seja um passeio com Vovô Joaquim pelos lugares mais pitorescos da cidade e arredores.

— Programa de incentivo aos dotes artísticos da criança, com números de poesia e música.

— Correspondência das crianças e conselhos de incentivo, de boas maneiras e dedicação aos estudos.

— No final do programa em 65, escolha da Rainha da Dozelândia, conforme noticiamos na edição passada. Mas não deixemos de mencionar a participação do Vovô Joaquim nas Festas Natalinas, com a chegada

do Papai Noel à TV Gaúcha. E o concurso de trabalhos manuais sobre o Natal, nada menos de 528, com 180 concorrentes e vários prêmios distribuídos entre os melhores.

Tanto o patrocinador, como grande número de firmas comerciais colaboraram para o êxito do programa, oferecendo prêmios que foram entregues às crianças vencedoras do certame.

Depois de toda a trabalhadeira em 65, mas que Vovô Joaquim gostou muito por que para ele a criança é o maior bem da Terra, o programa foi interrompido para o período de férias. E dentro em pouco estará de volta.

SURPRESAS EM 66

Pois vocês, amiguinhos da Dozelândia, do Vovô Joaquim e da TV SUL, vão ficar maravilhados com as novidades para 66. Dentro de breves dias Dozelândia estará de volta. E Vovô Joaquim não descansou durante a ausência do programa. Estudou, estudou muito mesmo, para que as crianças do Rio Grande do Sul tivessem o melhor no ano corrente.

Não queremos antecipar as iniciativas do Vovô, mas uma nós podemos anunciar, por que é NOSSA, da TV SUL:

ARACÍ CARDOSO SEGUIU A VOCAÇÃO

NASCEU no Rio de Janeiro, num 17 de junho. Olhos castanhos, cabelos loiros, com 63 quilos contidos em 1,61 de altura. Casada com o produtor e diretor cinematográfico Ibanez Filho, é mãe de duas garotas, Patrícia e Beatriz, a alegria do casal.

Arací Cardoso estreou profissionalmente em 1953 no Teatro Cultura Artística (hoje TV Excelsior de São Paulo), ao lado de Mário Brasini, Lídia Vani e Ibanez Filho na peça «Massacre». Em 1958 veio para Pôrto Alegre para estrelar na peça «A Canção de Bernardete», encenada pela TV Piratini, fazendo o papel título. Essa apresentação lhe valeu o troféu de melhor atriz em 1958, quando encenada no Rio de Janeiro.

«Creio ter seguido minha vocação e isto tornou-se minha profissão», nos diz textualmente Arací.

Já trabalhou em cinema, sendo destaque «China em Apuros», o primeiro filme brasileiro colorido, em 1962. Mais recentemente fez «Teus Olhos Castanhos», ao lado de Elisabeth Gáspar e Francisco José.

De todos seus papéis gostou mais de «Catarina», em «A Indomável», pois deu-lhe oportunidade de protagonizar algo diferente e inédito até então.

«Dentre as novelas que assisti, destaco «A Outra Face de Anita», pela sua história vibrante e bonita e pelo elenco que soube dar vida a seus personagens».

Arací Cardoso de Almeida Lima também trabalhou em «Os Quatro Filhos». Serena e compreensiva, Arací Cardoso projeta-se a cada dia que passa com mais destaque. E breve a teremos de novo entre nós, na novela «Os Filhos do Destino», com Armando Bógus.

(De Sanders Nick, Corresp. em SP).



A partir de março (depois que todo mundo estiver de volta à escola), faremos uma grande campanha de assinaturas de TV SUL, no meio colegial. Vovô Joaquim já prometeu trabalhar conosco. E o programa DOZELÂNDIA não estará ausente. De mãos dadas, faremos uma enorme promoção e nenhuma criança, nenhum colegial será esquecido. Inclu-

sive haverá concursos, e quando se fala em concursos, se fala em prêmios. Vocês vão ver que beleza! Em março, Vovô Joaquim (incógnito), estará iniciando a campanha — «nenhum Papai sem fazer uma assinatura de TV SUL para toda a família». Aguardem. Será uma promoção de «arromba»!

TV Sul 66

TV GAÇCHA INSTALA REPELIDORAS

Ema noite, alvareira para os telespectadores do Interior do Estado: a TV Gaçcha Canal 12 já tem instaladas as 3 primeiras estações repelidoras, nas cidades de Pelotas, Rio Grande e Caxias do Sul, levando assim sua imagem às regiões além desses municípios.

A partir de janeiro, a TV Gaçcha pretende instalar novas repelidoras, no seu plano de projetar o Canal 12 através de todo o Rio Grande do Sul. Parabéns à TV Gaçcha por esses melhoramentos, cujos elevados custos demonstram o interesse que tem de servir bem aos telespectadores rio-grandenses.

E WALLIG, NO CINCO-DOZE

Durante muito tempo os telespectadores gaúchos assistiram o Grande Show Wallig, apresentado simultaneamente pelos Canais 5 e 12. Embora constituído invariavelmente de bons espetáculos, é de se presumir que nem sempre agradasse a todos os olhos e predilectos. No entanto, ocupando os dois canais, ao mesmo tempo, não havia outra alternativa para o telespectador, do que assistir o programa ou desligar o televisor. E Indústrias Wallig, numa iniciativa simpática e democrática, não tiveram dúvidas (sob a orientação publicitária da prestigiosa MC Cana Fielson), em aproveitar o espaço com dois programas diferentes, ensajando no telespectador exigente de escolher o melhor para seu gosto. Assim, temos agora dois shows no horário das 20/10 — *cf. Wallig o espetáculo*, no 5, e *cf. Wallig o nome nacional e internacional* são trazidos ao público, como já nos foram apresentados — Maurice Chevalier, Chubby Checker, Dalida, Ayon Cury, etc. E muitos outros que virão por aí.

Telespark

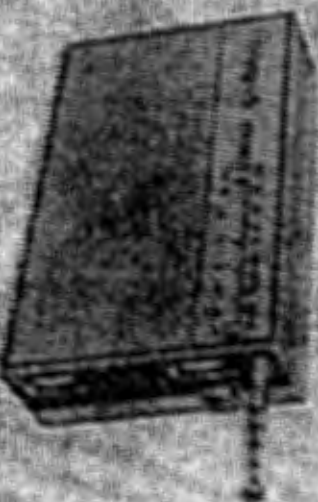
o que há de mais novo em RADIOS TRANSISTORES!

TRANSCOBMOS



Rádio portátil com 1, 3 e 5 faixas de ondas, funciona com pilhas comuns. Melhor conceito! Sonoridade perfeita!

MINISPARK



Rádio de bolso de alta qualidade, ondas médias e curtas, funciona com pilhas tipo lapsoiro. É leve e portatíssimo!

TELESPARK

rádios e fonóias superiores pela qualidade

FEIGENSON S/A

Filial Porto Alegre

Rua Hoffmann, 126

Fone 2-26-34

CURSOS DE FÉRIAS AO CENTRO ACADÊ BULAR NA FACULD. — FORMANDOS I

CAMARA MUNICIPAL

Concedida licença por 120 dias ao sr. Alberto André

Na última sessão da presente convocação extraordinária a Câmara Municipal rejeitou ontem, por 14 votos contra três (e mais um em branco) um veto do prefeito à antista que uma emenda do vereador Aloisio Filho concebeu e construiu clandestinamente inadequadas. O assunto deu origem a longa discussão. Aproveitou

o Plenário por 12 votos contra três (os dos srs. Marques Fernandes, Say Marques e Aloisio Filho) o pedido de licença por 120 dias formulado pelo sr. Alberto André, que hoje, às 15 horas, tomará posse do cargo do ministro do Tribunal de Contas do Município. Pareceu aos vereadores que se opuseram à licença

que o caso seria de afastamento definitivo, e não de simples licenciamento. Por julgarem incompatíveis as duas funções, a de vereador e a de ministro. Sustentando tese contrária, os srs. José Sanseverino, em parecer, e Abio Hervé, da tribuna, opinaram que a incompatibilidade existe é para o exercício simultâneo das duas funções, e que, demais a mais, o cargo de ministro do Tribunal de Contas não é de demissão "ad nutum". Esta foi o ponto-de-visa que triunfou na votação. Durante os debates, voltaram à tela todas as objeções à criação daquele organismo, falando com particular veemência o sr. Say Marques. O sr. Marques Fernandes reafirmou sua intenção de entrar em juízo contra o referido tribunal, anunciando também que comparecerá ao ato da posse, na tarde de hoje.

NA HORA DO EXPEDIENTE

Na hora do expediente, foi primeiro orador o sr. Marques Fernandes, que apresentou um apelo ao ministro da Guerra para que seja aumentado o número de matrículas do Colégio Militar de Porto Alegre, uma vez que alunos aprovados com notas altíssimas não conseguem ingressar. Também apresentou reivindicações do bairro Santana, pediu providências para que a Prefeitura obrigue os ônibus a colocar seus canos de descarga voltados para cima e sugeriu a construção de uma nova estação rodoviária.

TV Gaúcha - Canal 12 será inaugurada hoje

Depois de um breve período de transmissões experimentais, iniciado no mês corrente, entrará em funcionamento oficial o equipamento da TV Gaúcha-Canal 12, em transmissão em sistema de uso na América Latina. O ato inaugural da nova estação de TV deverá contar com a presença do presidente da República, sr. João Goulart, além de inúmeras outras autoridades, estando marcado para às 18 horas de hoje.

Em nota distribuída à imprensa a direção da TV Gaúcha informou haver elaborado o seguinte programa para o início de suas atividades: 17.30 horas — Programa intitulado "Só Risos", dedicado às crianças, que incluirá uma seleção dos melhores desenhos animados; 18 horas — Ato inaugural da inauguração, com a fita simbólica pelo presidente da República, benção de D. Vicente Scherer, arcebispo metropolitano, discursos protocolares e visita às instalações da TV pelas autoridades e convidados; 19 horas — Programa "Assim é a TV Gaúcha", em que o apresentador, em companhia dos instaladores da emissora, com um "show" especialmente organizado para esse fim: 20 horas — "Show de Inauguração"

ELEVADA PARA CR\$ 500,00 A MENSALIDADE DA ABI

RIO, 28 (C. P.) — A Associação Brasileira de Imprensa, autorizada pela sua assembleia geral, fixou em 500 cruzeiros as mensalidades de seus associados, a partir de 1963. A taxa para a carteira social foi fixada em 200 cruzeiros.

ESTATIZAÇÃO DA JUSTIÇA

PROTESTO E APELO DA ASS. DOS ADVOGADOS

O presidente da Assembleia Legislativa recebeu ontem o seguinte ofício: "A Associação dos Advogados do Rio Grande do Sul, por seu presidente sr. Américo de Moraes, em presença de V. Excia. fazer um protesto e um apelo. Protestar contra a forma pela qual se está encaminhando o problema de tamanha envergadura e profundidade como é a estatização da Justiça, sem ouvir previamente as classes e órgãos interessados. Não entramos de momento no mérito do problema, isto é, sobre a necessidade ou conveniência de sua instituição, pois, como disse-me, demandaria uma larga consulta e estudos mais aprofundados. Queremos, apenas, fazer o nosso vemente protesto contra a pressa com que estão as autoridades responsáveis encaminhando o problema sem ouvir as partes mais interessadas."

Finalmente, apelamos aos ilustres deputados da colenda Assembleia Legislativa do Estado, para que suspendam a discussão e votação do projeto de estatização da Justiça por prazo de noventa dias, prazo que seria dado às entidades e órgãos interessados para que se pronunciassem por escrito sobre matéria de tamanha relevância e de tão grande importância para o futuro do Rio Grande. Agradecemos a atenção dispensada e subscrevemo-nos atenciosamente: FRANCISCO TALIAI O'DONNELL, presidente."

Durante a crise...

(Continuação da 1.ª página) dy e Kruschew. Finalmente, segundo os informantes, Mikoyan perguntou-lhe qual das duas coisas preferia: ficar com os bombardeiros e perder a ajuda econômica soviética, ou concordar com a sua retirada em troca da continuação dessa ajuda.

Trinta entidades...

(Continuação da última pag.) dências; quando pouco crédito no Exterior foi de tal maneira vilipendiado que corremos o risco de sermos considerados um País de irresponsáveis e nada se faz para salvar a dignidade da Nação e impedir a crise econômica e social, é porque estamos entregues à anarquia e ameaçados da guerra civil. Se os poderes constituídos não tomam as providências capazes de pôr cobro a tal situação e de preservar a vida de nossos filhos, incumbe a nós, parcela organizada do povo depositário do poder soberano da Nação, dar o brado de alarme e comprometermo-nos publicamente perante Deus a tudo fazer para impedir que se chegue a dias mais sombrios. Nossa última esperança vai, neste momento, naqueles que assumiram o perante Deus e de Pátria o compromisso de defender o povo, suas tradições e sua liberdade. Hoje, o bravo almirante Silvio Heck aparece como símbolo do que ainda não renegaram sua fé no Brasil e sua democracia autêntica e renovada.

PEQUIM NÃO ACEITA A POLÍTICA DE MOSCOW

A propósito dessa campanha de Pequim contra a saída dos bombardeiros soviéticos do território cubano, os especialistas norte-americanos estão agora convencidos de que Cuba continua sendo um dos muitos pontos onde a versão soviética da coexistência pacífica se chocava violentamente com a ideologia comunista muito mais violenta da China de Mao Tse-Tung, que não admite, atualmente, a linha política adotada pelo Kremlin.

A meta e o homem...

(Continuação da 4.ª página) maior segurança na proteção ao vôo, bem como um número crescente de aeroportos e campos de

HOMENAGEM À DIREÇÃO DO INSTITUTO PIRATINI

A foto acima reproduz um flagrante da homenagem antes prestada pelos professores e funcionários do Instituto Piratini à sua direção, em rezojojo pela encampação daquele conceituado educandário pelo governo do Estado. Ao centro a diretora dr. Eloah Maristany Bina, ladeada pelas manifestantes e senhoras da Sociedade Mantenedora, fundadoras do Instituto.

Organizam-se estudantes cearenses nos moldes dos voluntários da paz

Oferecendo um sugestivo exemplo de auto-ajuda, os estudantes cearenses de Fortaleza, Ceará, resolveram sair do comodismo de seus lares e formar uma agremiação inspirada nos princípios da "Linha para o Progresso", destinada à busca de soluções visando a erradicação dos males que assolam aquela região do Nordeste do Brasil. O grupo realizou uma "anquê-te" para a escolha da denominação, tendo a "Operação Natal" vencido a luta da criação dos "Voluntários da Paz do Ceará", ora em teste em vista a similitude do termo com o de uma agremiação de caráter religioso. O grupo se propôs a trabalhar com os corpos de "Voluntários da Paz", instituídos pelo Presidente Kennedy, nos Estados Unidos, em virtude dos quais atuam em vários programas de recuperação econômica na América Latina, inclusive no Brasil, sob os auspícios da "Aliança para o Progresso". O primeiro plano de ação do recém-formado "Voluntários da

Paz do Ceará" compreende o que se chamou de "Operação Alfabetização", para a qual contam com o apoio do Inspetor Seccional do Ministério da Educação e Cultura do Estado da Paraíba, o Adido Cultural do Serviço de Divulgação e Relações Culturais dos E. U. A., Sr. Stanley Williams e de numerosas firmas comerciais de Fortaleza. Foi realizada recentemente a "campanha do jornal velho", cujo lucro foi investido na aquisição de material didático para "Operação Alfabetização", ora em teste em vista a primeira turma receber os certificados de habilitação no mês de fevereiro do próximo ano, quando então estarão em condições de transmitir a outro grupo os conhecimentos adquiridos. Também se inclui entre os projetos dos "Voluntários da Paz do Ceará" a "Operação Natal", iniciada há poucos dias, com a finalidade de dar aos meninos favorecidos um Natal mais feliz. (IPS)

Estudantes brasileiros e dos EE.UU. cooperam num programa para o Ceará

NOVA YORK — Abundou o "New York Times" que está sendo feita uma investigação de fato da Califórnia, em Los Angeles. Um raro projeto de ajuda a uma área deprimida do Brasil. O grupo de estudantes diplomados da Califórnia se reuniu no mês de passado, com um grupo de estudantes diplomados brasileiros, a fim de investigar as possibilidades no Estado do Ceará.

"O grupo de 1 milhão de dólares foi levantado com a venda de ações de uma empresa de seguros. As ações foram compradas a prazo, muitas por negociantes profissionais nas três cidades cearenses de maior população. Cada corporação tem de 25 a 40 acionistas. "Esta soma de 1 milhão de dólares foi usada para comprar um igual concedida pelo Banco para o Desenvolvimento Econômico do Nordeste.

O projeto, foi concebido pelo dr. Maurício Assunção, Professor de Engenharia da Universidade da Califórnia. O grupo de novo estudantes da Califórnia inclui seis engenheiros, dois antropólogos, um e um especialista em Administração de Negócios. O grupo brasileiro compreende quatro engenheiros, dois economistas e dois agrônomos.

"O seu trabalho de verão tornou-se possível graças à assistência do Banco do Nordeste do Brasil, ao Programa de Bolsas da Organização dos Estados Americanos e à ajuda da Fundação Ford e da Universidade da Califórnia". Disse o dr. Assunção: "Superamos-nos admiravelmente o fato de não ter sido necessária muita persuasão para despertar o interesse dos brasileiros na região do Ceará e levantar o capital preciso".

O grupo brasileiro, depois de sua estada em Los Angeles, no próximo ano deverá formar o núcleo de um novo Departamento de Engenharia Industrial na Universidade do Ceará. (IPS)

MEC terá palácio na capital baiana

RIO, 28 (C. P.) — Um edifício de três pavimentos, com duas entradas, em Salvador, marcará a presença do Ministério da Educação e Cultura no Estado da Bahia. O imóvel foi adquirido pelo MEC, depois de minuciosos estudos efetuados pela Inspeção Seccional de Ensino Secundário. Não funcionará como sede das Inspeções do MEC no Estado, compreendendo os setores de ensino secundário, comercial, industrial e educado físico, além das delegacias das disciplinas, que mantêm

MEC terá palácio na capital baiana

Ministério da Educação e Cultura Universidade do Rio Grande do Sul INSTITUTO DE BELAS ARTES DO RIO GRANDE DO SUL EDITAL N.º 78/62 CONCURSO DE HABILITAÇÃO Em nome da Exma. sra. Professora Aurora Desidério, Diretora do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, faço público, para conhecimento dos interessados, que esta-

A Alfabia Francesa informa que fará funcionar durante os meses de férias (Janeiro e fevereiro), cursos especiais de verão, superintensivos, com cinco aulas semanais, possibilitando assim aos alunos de concluírem em dois meses um ano normal. Haverá turmas para todos os níveis de ensino, cursos de conversação, além de um curso especial de correspondência comercial, em francês.

Os horários estarão assim distribuídos: pela manhã, das 8 às 11 horas; à tarde das 15 às 17 e à noite, das 18 às 21 horas.

Os exames serão previstos para a segunda quinzena de fevereiro, podendo o aluno, após a conclusão do curso e a obtenção do diploma nos exames finais, ingressar num outro adiantamento no mês do março. Para os candidatos que já possuem algum conhecimento da língua francesa, e quiserem ingressar diretamente no 2.º, 3.º ou 4.º ano, haverá a disposição dos mesmos, um professor para realizar um pequeno teste. O infólio das aulas está previsto para o próximo dia 2 de janeiro, sendo que as inscrições desde já podem ser feitas na Secretária, à rua Senhor dos Passos, 255, L.º andar, das 9 às 12 horas, e de terça-feira, em seu escritório, poderão fazer-lo das 8.30 às 11.30 e das 15 às 18 horas.

AUXILIARES DE ENFERMAGEM

A direção da Escola de Auxiliares de Enfermagem, da Secretaria da Saúde, comunica que estão abertas as inscrições para matrícula na Escola, até o dia 31 de janeiro de 1963. O curso é gratuito, e tem duração de 18 meses com o limite de frequência de 20 em 20 dias. O exame de seleção dos candidatos inscritos, terá início dia 11 de fevereiro e consistirá das seguintes matérias do programa de admissão: Português, Aritmética, Geografia e História do Brasil. Os candidatos deverão apresentar as seguintes documentações no ato da inscrição: registro de nascimento, atestado de boas antecedentes, atestado de idoneidade moral, atestado de vacina antitífica e anti-tuberculosa, atestado de saúde física e mental, atestado de conclusão do curso primário, certificado de reservista, 2 fotos 2.ª. Os interessados deverão dirigir-se à Secretaria de Saúde, à rua Jerônimo de Orleans, 135, 2.º andar, sala 32, diariamente, das 15 às 18 horas.

C. A. MAURICIO CARDOSO

O Centro Acadêmico Maurício Cardoso solicita a presença numérica dos estudantes presentes para tratar de assuntos de seu interesse: Anselmo Cabral Dan, Renato Moraes Santos Reis, Leonor Moraes Quadros, Manoel de Jesus Quintos, Abilio Brilh Góes Karl Aulerter, Romão Fereiroley, Rodolfo Pflitscher, Jaime Strelitzky, Milton de Paiva, Paulo de Paiva, Elbio Xavier Gonzales, Pedro Oliva de Carvalho, Lorenzo Otto Schurr, Hermínia Machado, Claudio Carlos Froehel, Luis Antônio de Paiva. Devem os alunos citados comparecer ao Centro no horário das 9 às 11 horas, de segunda à sexta-feira.

COLEGIO PIO XII

A direção do Colégio Estadual Pio XII, de Viamão, tem o prazer de anunciar que a partir de janeiro as inscrições para as provas de seleção ao curso Clássico, 1.º ano, a documentação necessária é a seguinte: ficha nº. 13; certificado de conclusão do 1.º Ciclo; 2 fotos 2.ª. As provas realizar-se-ão em 24 de janeiro, havendo 35 vagas.

FACULDADE DE PUNONFIA CRISTO REI

As inscrições para os Exames Vestibulares na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Cristo Rei", de São Leopoldo, estarão abertas de 2 a 30 de janeiro para os cursos de Filosofia, Pedagogia, Ciências Sociais, História Natural e Letras.

C. A. SEDES SAPIENTIAE

A presidência do Centro Acadêmico "Sedes Sapientiae" da Fa-

DEBUTANTES DE ENCANTADO



Estas jovens, da sociedade de Encantado, estarão debutando no baile do dia 31, promoção do Clube Recreativo, devendo atuar Bactlo e sua orquestra.

PROGRAMAÇÃO DA GUAÍBA

- | | |
|---|--|
| HOJE | AMANHÃ |
| 20,05 — Música... Apenas Música | 20,05 — Audição Eletro Mercantil Ltda. |
| 20,30 — Bola Branca | 20,30 — Bola Branca |
| comentário de Mendes Ribeiro para Construtora Asmuz Ltda. | comentário de Mendes Ribeiro para Construtora Asmuz Ltda. |
| 20,35 — Brasil em Alta Fidelidade | 20,35 — Convite à Música |
| programa de Pepsi-Cola | audição do Hospital de Clínicas Dr. Lazurotto |
| 21,00 — Correspondente Renner | 21,00 — Correspondente Renner |
| síntese noticiosa de A. J. Renner — Indústria do Vestuário | síntese noticiosa de A. J. Renner — Indústria do Vestuário |
| 21,05 — Festival | 21,05 — Grande Teatro Orniex |
| programa da Protetora, Companhia Nacional de Seguros Gerais | encenando o original de Henri Gheon, adaptação de Dias Gomes; "O NATAL NA PRAGA". — Oferecimento do Lustra Móveis Shell e Detergente ODD |
| 21,35 — Rádio Baile Brahma | 22,05 — Rádio Manchetas Fôlha da Tarde Esportiva |
| oferecimento da Cia. Cervejaria Brahma | apresentando "OS MELHORES EM 1962 NO FUTEBOL GAÚCHO" |
| 22,30 — Rádio Jornal Correio do Povo-Sulbanco | 23,00 — Para Dançar |
| patrocínio do Banco Industrial e Comercial do Sul S. A. | 23,30 — Rádio Jornal Sulbanco |
| 23,00 — Para dançar | 00,00 — Boa Noite Musical |
| 01,00 — Encerramento das transmissões | 01,00 — Encerramento das transmissões |

INAUGURAÇÃO HOJE DA TV GAÚCHA CANAL 12

Com a presença de altas autoridades, inclusive o presidente João Goulart, cuja chegada foi ontem confirmada pelo Palácio Piratini, será inaugurada hoje à tarde, nova emissora de televisão no Rio Grande do Sul, a TV Gaúcha, Canal 12. Fôlha da Tarde deseja ao Canal 12, na pessoa de seu diretor-presidente Frederico Arnaldo Balvé, êxito nas suas atividades artísticas, culturais e informativas, aos leitores, a partir de hoje, e ao lado da programação do Canal 5, também o roteiro diário do Canal 12.

A qualidade da imagem e som do novo canal de televisão do R. G. S., que em caráter experimental vem transmitindo há vários dias, já antecipa sucesso nas suas atividades de entretenimento dos gaúchos.

CANTEGRIL CLUBE

CONVITE PARA O "REVEILLON"



O Cantegril Clube tem o prazer de convidar os seus associados e assim, famílias para o "Reveillon" — que fará realizar no próximo dia 31 do corrente em sua Sede Campestre: Estrada P. Alegre-Viamão — Parada 45.

Início: 23 horas.
Serviço do restaurante: das 20 horas em diante.

Orquestra: Maurício Kahn.
Traje: Passêlo.
Ingresso mediante a apresentação da Carteira Social ou de Dependente e comprovante da Taxa de Administração relativo ao 2.º Semestre de 1962. Reservas de mesas na Secretaria do Clube à Av. Borges de Medeiros — 308, conj. 06 — 6.º andar.

Ninguém será mais linda que você.

com Leite de Colonia indispensável em seu flocador!

PROGRAMAS DE TV

- | | |
|--|---|
| HOJE | AMANHÃ |
| CANAL 5 | CANAL 5 |
| 12,55 — Abertura. | 11,30 — A Grande Jornada |
| 13,02 — O esporte está na mesa | 12,00 — A Semana aos Domingos |
| 13,32 — Vale a pena ver de novo | 12,30 — O Gordo e o Magro |
| 14,00 — Vespéral Farroupilha — Com Sallmem Junior | 13,00 — Teatro de Comédia |
| 16,00 — Festival de brotos | 14,00 — Esportistas |
| 17,25 — Vida médica | 14,00 — Esperando o Futebol |
| 17,55 — Filmmoteca mirim | 14,40 — Tarde Esportiva |
| 18,15 — Enquanto a roda gira | 18,00 — Em Primeira Audição |
| 18,35 — Denis, o travesso | 18,20 — Rin Tin Tin |
| 19,10 — Agarre o que puder | 18,55 — Sessão Passatempo |
| 19,40 — Antigamente era assim | 19,20 — Flamboyant Show |
| 20,00 — O Seu Repórter Essa — Helmar Hugo | 19,40 — Atrações Wallig |
| 20,20 — Este mundo curioso | 20,40 — Tele-Semana Sulbanco |
| 20,40 — Ivanhoé | 21,00 — Tele Teatro Brasstemp |
| 21,13 — Grande Jornal Ipiranga — 1.ª edição — Aírtom Fagundes | 22,05 — Robert Taylor |
| 21,25 — Hebe Camargo sou eu | 22,40 — Suplemento Esportivo |
| 21,55 — Boas festas Semp | |
| 22,23 — Grande Jornal Ipiranga — 2.ª edição | CANAL 12 |
| 22,35 — TV Ríngue Napoleon | 16,50 — Abertura |
| 23,35 — Suplemento Esportivo Ipiranga | 17,00 — Ginkana da Jovem Guarda (transmissão externa) |
| 23,50 — Encerramento. | 18,35 — Entrevista |
| | 19,05 — Show com artistas da Rádio Gaúcha |
| CANAL 12 | 20,00 — Trallier da programação |
| 17,30 — Só Risos (apresentação dos melhores desenhos animados para o público mirim) | 21,00 — Apresentação do elenco artístico da TV |
| 18,00 — Ao solene de inauguração (Corte da fita simbólica pelo presidente da República e bênção de paz, D. Vicente Scherer, Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre, seguindo-se os discursos protocolares e visita às instalações da TV pelas autoridades e convidados). | 21,50 — Juca Chaves |
| 19,00 — Assim é a TV Gaúcha — "Show" especialmente organizado para esse fim | 21,50 — Tudo é Nobre (Show com o comediante Carlos Nobre) |
| 20,00 — Show de inauguração — No Salão de Atos da URS grande espetáculo inaugural com a presença de Leny Eversong, Agnaldo Rayol, Carminha Mascarenhas, Roberto Luna, Juca Chaves, Francisco Egídio, Tony Campelo, Alberto Salinas, Marco Antonio e outros, sob comando de Hamilton Fernandes, todos contemplados com o laurel de "Melhores de 1962", em Rádio, TV e Discos. | 23,50 — Encerramento. |
| 22,10 — Visita de uma velha senhora (Grande Teatro com Caçula, Becker e Sérgio Cardoso encabeçando um elenco de 60 artistas. | |

DECIDA-SE PELO TELEVISOR

Empire

em dia com as conquistas da eletrônica!

Peca hoje mesmo uma demonstração do Televisor-super-114, no REVENDEDOR AUTORIZADO.

CASA VICTOR S.A. ANDRADAS, 1212

VIOLINO VESTIBULAR

Prepare seu vestibular no Palestrina.

Prof. Nicolau Richter.

Andrade Neves, 155, 5.º andar.

ACORDEÃO VESTIBULAR

Prepare o vestibular no Palestrina.

Os mais renomados mestres.

Andrade Neves, 155, 5.º andar

PIANO VESTIBULAR

Prepare seu vestibular no PALESTRINA

Professoras DULCE MACHADO, LEA KIEFER e MARIA ABREU

ANDRADE NEVES, 155 5.º ANDAR

MÓVEIS

Compre direto da fábrica: quartos completos e desmontáveis. Marfim, cereja, pau-óleo, etc., a partir de 22.000,00 — Varandas a partir de Cr\$ 20.000,00. Sábados até as 17 horas. Benjamin Constant, 586 — Floresta.

INSTRUMENTOS DE SOPRO VESTIBULAR

Prepare com os professores: ZACHEU BARBOSA DA SILVA e ZACARIAS VALIATTI.

PALESTRINA - Andrade Neves, 155, 5.º andar.

VIOLÃO VESTIBULAR

Prepare no PALESTRINA

Prof. Juan Mateos

ANDRADE NEVES, 155 5.º andar

GAITA-PIANO

Marcas famosas: "MASCARENHAS", "SUPREMO" e "TODES-CHIN" desde Cr\$ 31.000,00 em "SULACORDEON LOJAS", e Lar da Música 1.º ano de ensino GRATUITO nas ACADEMIAS MASCARENHAS, os compradores. Centro: Rua Mal. Floriano, 13, Edifício City. 13.º andar. conjunto 132 — Passo da Aveia: Rua Brasiliano de Moraes, 864 — Volta do Guerinio — Fone: 7261.



retor da TV Gaúcha que hoje se inaugura

COMPOSIÇÃO VESTIBULAR

Prepare regência e composição no Palestrina.

Prof. ENIO DE FREITAS E CASTRO

Andrade Neves, 155, 5.º andar.

BALANÇO FONOGRAFICO

62 FOI O ANO DE OURO PARA OS ARTISTAS GAÚCHOS

- * Mais de uma centena de cantores, cantoras e compositores se destacaram no mundo dos discos
- * Teixeira, recordista absoluto da venda de discos
- * Paixão Côrtes, a mais alta laurea — Ademair Silva, sucesso em tôda a América do Sul

O Rio Grande do Sul disse presente ao movimento fonográfico brasileiro de 62, e o disse da maneira positiva, atuante e consagrada. Ninguém ignora a importância da indústria do disco, hoje uma das maiores do país e, diga-se de passagem, uma das mais proveitosas, pois além do fator econômico que representa, é também um efetivo veículo de divulgação artística e cultural. O Rio Grande, entretanto, em que pesem ser autêntico celeiro de músicos, cantores e compositores, ainda não possui a sua indústria fonográfica, o que é uma pena. Mas isso é assunto para outra reportagem e hoje vamos apenas fazer um retrospecto da atividade dos gaúchos no disco, em 1962.

CANTORES

Diversos cantores do sul gravaram este ano, no Rio e São Paulo. Clovis Candal, Ademair Silva, Guilherme Braga, Edgard Pozzer, Talvain Decker, Mario Rios, Nery Soares, El Chamaco, Elyo Teodoro, Paixão Côrtes, Teixeira. Tiarráju, entre outros, tiveram suas vozes perpetuadas na cera. E como dizem que gravar não é ludo, vale registrar aqui o sucesso que obtiveram, particularmente, os cantores Clovis Candal (agora radicado em São Paulo e brilhando no rádio e na TV), Guilherme Braga (que gravou um excelente compacto na chanteleer) e Ademair Silva (o artista da Philips que mais vendeu discos e que está fazendo sucesso em toda a América do Sul).

TEIXEIRA: UM FENÔMENO A PARTE

Mas há um fenômeno a parte nesse capítulo de cantores, que se chama Vitor Mateus Teixeira, o popular Teixeira. Em 1962 ele arrebatou quase todos os prêmios em São Paulo, sendo o primeiro e único artista gaúcho a receber o famoso troféu "Chico Viola", Instituição pela TV Record. Está com seis LPs gravados e foi apontado pela imprensa paulista como um dos milionários do disco, ao lado de Nelson Gonçalves. Angela Maria e outros campeões da venda de discos.

PAIXÃO CÔRTEZ: A MAIS ALTA LAUREA

E o nosso J. C. Paixão Côrtes, que gravou de pretenciosamente um LP na Philips (Polcore no Pampa), e arrebatou a mais alta laurea nacional para destaque em discos. Obteve o prêmio Euterpe, instituído pelo Ministério da Educação, como a melhor realização folclórica do ano. Isso, convenhamos, é uma vitória maiscul e consagrada.

CANTORAS

Não foi grande a safra de cantoras gaúchas que gravaram em 62. Elis Regina, Marcia Elisa, E-

dilij Nunes, Noemia Silva e Mary Teresinha, conseguiram gravar, mas apenas a última (Mary Teresinha) conseguiu um destaque especial e assim mesmo agora no fim do ano, com uma canção de Natal gravada na Chanteleer, que é sucesso em São Paulo e Rio.

DUPLAS, TRIOS E CONJUNTOS VOCAIS

Este capítulo é grande, pois foi imenso o movimento de duplas e trios gaúchos atuando e gravando no Rio e em São Paulo. De relance, lembramos-nos dos seguintes nomes: Kará e Timbaúva, Leopoldo e Leonardo, Norinho - Edilij Nunes, Nair e Nairzinho, Zé Junior e Rancheirinho, Duo Quaraí, Osvaldinho e Zé Bernardes, Canarinhos do Sul, Zé Junior e Rancheirinho, Nhô Zé e Nhô Pinho, Trio Gonçalves, Dupla Mirim, Tropelios da Querença, Dorico e Darinho, Irmãos Ibi, Trio Charua; Os Tropelios e outros. Mas de todos esses, o mais recente registro especial a dupla Norinho - Edilij Nunes, pelo excelente LP (Viver Cantando) gravado na RCA, a dupla Kará e Timbaúva, que fez um LP na Continental, a dupla Leopoldo e Leonardo que estreou no disco com sucesso e a Dupla Mirim que fez do rasqueado "Barbaramoda" um êxito nacional.

SOLISTAS E CONJUNTOS

Albino Manique, Lidinho e Osvaldinho, solistas de acordeon, também gravaram, sendo de justiça ressaltar o LP "Limpa-banco" gravado no Copacabana, pelo conhecido Osvaldinho.

Conjuntos gravaram tres: Baldauf, Flamingo e Monte Carlos. E também a "Bandinha dos Carijós" perpetuou um 33 na RCA, todos com relativo êxito. O conjunto Flamingo merece citação especial, porque gravou também um LP para ser lançado nos Estados Unidos.

COMPOSITORES

Os compositores do Rio Grande, aproveitando a trilha aberta por Lupicínio Rodrigues, são os



* ELLIS REGINA

que mais gravam no Brasil, fora os radicados no Rio e em São Paulo. Vejamos só que lista imensa, e por certo incompleta, de autores gaúchos que gravaram em 62: Lupicínio Rodrigues, Demóstenes Gonzalez, Eleu Salvador, Luis Menezes, Tullo Piva, Osmar Safeti, Justino Lima, Leopoldo Santos, Mojica, Silvio Pinto, Rubens Santos, Alcides Gonçalves, Ivo Gomes, Valentim Segovia, Ayala, Portela Delavi, Paixão Côrtes, Osvaldinho, Thierry Castro, Zé Bernardes, Pinheiro, J. B. Fialho, Ney Fernandes, Belão, Labib Halal, Hamilton Chaves, Zedar Matos, Itach Flores, Cesar Celente, Jader Teixeira, Genil Vargas, Nilson, Paulo Medeiros, Plauto Cruz, Antoninho Maciel, Marcia Elisa, Edi Bertoloti e Cleber Mércio.

O compositor que mais gravou foi Demóstenes Gonzalez, seguido de Eleu Salvador. Confirmando a velha classe, o velho Lupi, que todos os anos "abre uma flor", como se diz na gíria musical, este ano abriu duas: "Contando os Dias" e "Meu Natal". E isso sem falar no sucesso de "Paciência", que atravessou 61 e veio "incomodar" em 62. Mas o compositor mais atuante de 62 foi sem dúvida Demóstenes Gonzalez, que realizou dois recitais, levou a sua música à Montevideu, lançou um programa especializado ("O Compositor faz o programa", Itai), teve uma composição apresentada no programa Brasil 62 ("Meu Conselho", com Germano Matias) e propiciou o aparecimento em discos do cantor Guilherme Braga e da dupla Leopoldo e Leonardo. O bem ritmado Tullo Piva não ficou atrás e também apresentou-se, com o seu violão, no "Brasil-62". Piva teve ainda duas novas gravações de samba "Gente da Noite", e gravou mais tres numeros com Luis Vieira, Conjunto Monte Carlo e Elis Regina. O compositor regionalista que mais gravou foi Leopoldo Santos, enquanto o internacional Osmar Safeti conseguiu mais uma gravação de "La Maderera", desta vez na Argélia francesa. E para finalizar, vale registrar que os compositores Demóstenes Gonzalez, Osmar Safeti, Silvio Pinto e Alcides Gonçalves estarão presentes no carnaval brasileiro de 63, de vez que já gravaram e editaram musicas para o reinado de Momo.

APRENDA A DANÇAR



O professor argentino de danças modernas, P E R E Y R A, criou um sistema de ensino, que lhe garante uma aprendizagem perfeita de: tango, samba, balão, fox, bolero, chá-chá-chá, valsa, e etc., em 10 dias. Aulas individuais. Das 9 às 12 e das 14 às 20 h. Vig. José Inácio, 371, 13. — Conj. 1308. Galeria Rosário

AS MELHORES MUSICAS

Uma pesquisa feita de relance, entre balconistas, disk-jockeys e aficionados da música popular, sem caracter de seleção definitiva, indicou as 10 melhores musicas de autores gaúchos em 62, a saber: "Pregões de Pôrto Alegre" (Thierry Castro-Paixão Côrtes); "Meu Natal" (Lupicínio Rodrigues); "Noite Escura" (Demóstenes Gonzalez); "Gaúcho Guapo" (Justino Lima); "Gente da Noite" (Tullo Piva); "Coração biruta" (Eleu Salvador); "Contando os Dias" (Lupicínio Rodrigues); "Restos de Amor" (Demóstenes Gonzalez); "Sonambulismo" (Portela Delavi-Ademair Silva) e "Quem Ama não causa" (Rubens Santos).

CONCLUSAO

Como se vê, já existe no Rio Grande do Sul um movimento fonográfico dos maiores e dos me-



* LUPICINIO RODRIGUES

lhores. Por outro lado, as sociedades arrecadoras (UBC e Sba-cem) arrecadam mensalmente, em nosso Estado, cerca de cinco milhões de cruzetões de diretos autorais, dinheiro esse, que em quase a sua totalidade é carreado para o Rio e São Paulo. Já é tempo, pois, para o Rio Grande possuir uma gravadora e uma editora de musicas. Com a palavra os interessados e os entendidos.

INAUGURADA A TV GAUCHA



Com a presença do presidente da República, do Ministro da Saúde, do Governador do Estado, altas autoridades civis e militares, e municipais, inaugurou-se sábado último, no Morro Santa Teresa, mais um canal de televisão no Rio Grande do Sul, a TV Gaúcha, canal 12. O flagrante mostra a primeira dama do Estado, ao lado de seu irmão, o presidente João Goulart, quando cortava a fita simbólica que dava acesso ao estúdio em que se desenvolveu o ato inaugural da nova emissora de TV. Após os discursos do sr. João Goulart, Leonel Brizola, Hélio Carlomagno, Maurício Siroski e Frederico Arnaldo Balvé, realizou-se uma entrevista coletiva no Canal 12, a primeira, em que o presidente da República respondeu as perguntas feitas por um grupo de jornalistas. Depois, os convidados participaram de um coquetel na URGS, onde, à noite, realizou-se o grande show inaugural.

LICEU MUSICAL PALESTRINA CASA DE ENSINO SUPERIOR DA MÚSICA

OBSERVAÇÃO IMPORTANTE — O Liceu Musical Palestrina está em vias de reconhecimento oficial de seus cursos por parte do Ministério de Educação e Cultura, equiparando-se ao Instituto de Belas Artes do E. G. S. Seu pedido recebeu parecer favorável do prof. Arnaldo Estrella, devidamente nomeado pelo M.E.C. para inspeccioná-lo, encontrando-se em tramitação final no Conselho Federal de Educação o respectivo Regulamento. Abrem-se assim, no próximo ano — 1963 — no Liceu, em cujo corpo docente figuram os professores seguintes: Enio de Freitas e Castro, Eny Camargo, Maria Abreu, Débora Kac, Dulce Machado, Léa Roland Kiefer, Nicolau Richter, Victor R. Neves, Zacarias Valliatti, Zacheu Barbosa da Silva, Ilka C. Menezes, Antonio Crivellaro, Juan Matos e Antonio Barbosa.

COMUNICA, outrossim, que em fevereiro fará realizar exames de vestibulares, na condição de casa de ensino superior, equivalente à faculdade, para os seguintes cursos: Piano, canto, violino, acordeão, instrumentos de sopro em geral, violão, composição e regência. Para tanto, está mantendo um "curso" preparatório isento de taxas.

Informações e programas podem ser obtidos no Liceu, à Rua Andrade Neves, 155, 5.º andar, e chama atenção dos interessados para o Edital a ser publicado amanhã, dia 1.º de janeiro, no Correio do Povo.



ADEMAIR SILVA, recordista na América do Sul em venda de disco, artista da Philips, foi um dos destaques do ano que hoje termina. Já está ele em companhia de Demóstenes Gonzalez, um de nossos bons compositores

TELEVISÃO PIRATINI INAUGURADA SOLENEMENTE NO DIA DE ONTEM

Foi inaugurada ontem, em solenidade que teve início às 19 horas, e presidida pelo sr. Ernani do Amaral Peixoto, ministro da Viação e Obras Públicas, a estação de televisão de propriedade dos Diários Associados.

Compareceram às solenidades inaugurais altas autoridades civis e militares. Também esteve presente o arcebispo metropolitano D. Vicente Scherer. O embaixador Assis Chateaubriand veio especialmente para a instalação da emissora de TV, que tem a denominação de TV-Piratini. O governador do Estado,

fazendo alusão ao que representa a iniciativa dos Associados para a vida do Estado, externou votos de êxito aos realizadores do empreendimento.

Transmitindo em caráter experimental desde algum tempo, a TV-Piratini já demonstrou excelência em seu quadro operacional e ótimos resultados relativamente às condições técnicas.

Depois de Rio, São Paulo e Minas Gerais, onde existe há tempos, a televisão, espera-se que o Rio Grande do Sul venha a se destacar neste setor, dado o enorme interesse que a novidade despertou nos gaúchos.

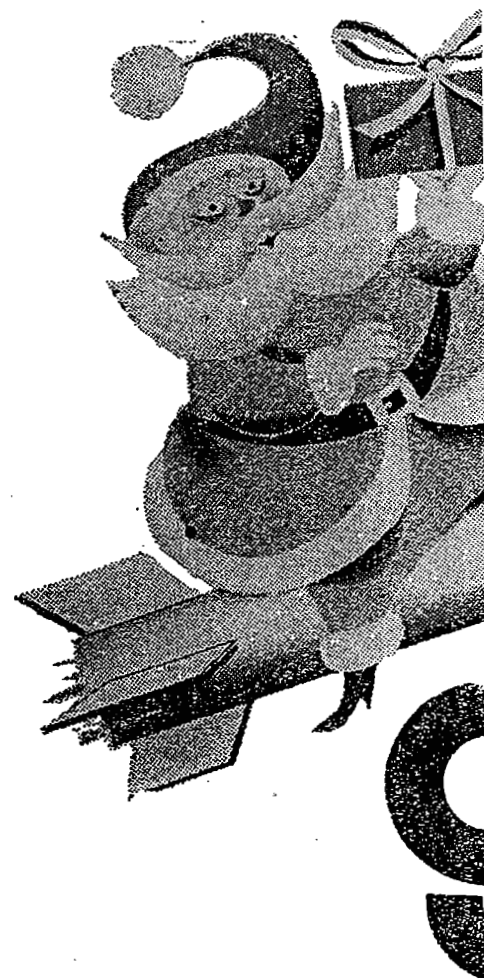


TRÂNSITO EM NOVO HAMBURGO É UM CASO DE POLÍCIA — As fotos acima reproduzem cenas comuns na Cidade Industrial, onde as ruas são estreitas e grande o movimento de veículos. Desrespeitando não só as leis de trânsito, como principalmente a segurança dos demais motoristas, o cargueiro de uma empresa particular estacionou na posição que se vê nas fotos, criando dificuldades ao tráfego. É um abuso que em Novo Hamburgo vem se tornando crônico e que está a exigir providências enérgicas. Vejam se é possível dirigir numa confusão destas...

NECROLOGIA

Clavasio Alves da Silva — Faleceu nesta capital, o sr. Clavasio Alves da Silva, criador estabelecido no município de Sautana do Maranhão, que formou natal, Car-

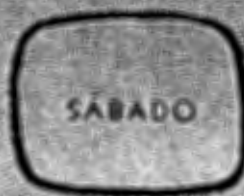
rolina Schmidt e seus filhos srs. Werni Schmidt, Hugo Schmidt, Lindi Schmidt e Artur Schmidt. Era ainda sógro dos srs. Alípio Blumira



TODOS OS PRE

A MAIOR VARIEDADE

EM ARTIGOS DO VESTIR



CANAL
12

1, 8 e 15/2/64

- 14,50 Abertura
- 15,00 Cinema em Casa
- 16,35 Século XX
- 17,30 Gente que surge
- 17,40 Sessão de Cinema
- 18,00 Grande circo Arcoflex
- 19,00 Colé o Show



19,35

- 19,55 Musical
- 20,30 Viva o vovo Deville
- 21,30 Caravana
- 22,35 Aladin's Bar

ERONTEX

O TROPICAL NACIONAL DE SUCESSO
INTERNACIONAL

QUALIDADE
OPORTUNIDADE
PREMIOS



BOLA BRANCA PARA O «SHOW DE NOTÍCIAS»

A gente fica satisfeito e mais otimista quando vê do que é capaz uma equipe, disposta a realizar o melhor em TV. Isto vem comprovar aquilo que tem sido repetido aqui, nesta revista, por tantos elementos ligados à vida artística, jornalística e à técnica dos nossos Canais. Temos ótima "matéria prima", o que falta muitas vezes, é iniciativa, e confiança no elemento humano de que dispõem as direções de TV.

Está aí o exemplo que nos dá um programa como o "Show de Notícias" (Admiral) que tomou tudo para agradar e que mostra em técnica, originalidade, capacidade e inteligência, do que se pode fazer a nossa "plata de prata".

"Bola Branca" para seus diretores e toda a excelente equipe do programa.

PROGRAMAS GERAIS



ÊLES FAZEM SHOWS EM NOTÍCIAS!

Esta é mais uma parte da série de reportagens sobre como é a notícia no 12. E no clichê ao lado, está o Assessor de Tele-Jornalismo da Gaúcha, LAURO SCHIRMER.

Natural de Cachoeira, Schirmer trabalhou primeiramente em jornal, para depois ingressar no canal 5, onde chefiou o Departamento de Cinema e Reportagem. Fazia também programa sobre os cinemas da capital. No canal 12, além de chefiar o Tele-Jornalismo, é ele quem faz as entrevistas do "Show de Notícias", e o programa "Cartazes", apresentado agora pela Ivette, é criação sua.

Ele é de Uruguaiana, faz anos em novembro, é casado e tem três filhos: Tânia Maria, César Augusto e Marco Antônio. Começou na Rádio Imembuí de Santa Maria em 1944 como locutor. Depois veio para Porto Alegre, ingressando na Farrroupilha. Foi além de locutor comercial, locutor esportivo, narrador e cantor. Cantor, sim! E não poucos hão de lembrar EUCLIDES PRADO, que com sua voz romântica encantava os ouvintes da PRH-2!... Em dezembro de 63, se transferiu para a RTV Gaúcha, e sua mão tem feito sucesso, juntamente com sua voz, no "Show de Notícias".



FERNANDO ERNESTO CORRÊA. "Filho de peixe sabe nadar". Seu pai é o diretor do Diário de Notícias, Ernesto Corrêa, onde faz o jornal há mais de 30 anos. Fernando começou desde cedo suas lides jornalísticas; vivia praticamente dentro do Diário, e aos 15 anos começou mesmo a trabalhar. Já fez de tudo dentro do jornal, e em julho de 1963 iniciou na Rádio Gaúcha, trabalhando no Departamento de Esportes. E agora, no "Show de Notícias", é o "dono" das notícias esportivas.

Tôda a equipe do "Show", dirigida por Lauro Schirmer, tem feito vibrar a cidade com seu noticioso original e



de bom gosto, que conta inclusive com a presença nacional de Luis Jabot, Stanislaw Ponte Preta, através de "tapes" vindos do Rio, especialmente.

No clichê ao lado, está o nosso conhecidíssimo JOSE' M. P. SAMPAIO, ou simplesmente SAMPAIO, o caricaturista do "Show", e dos programas esportivos do 12. Ele é de S. Luis Gonzaga (27/7/27) é casado e tem dois filhos. Já trabalhou em jornais, levando sua arte ao público, que sempre sabe apreciar seus bons trabalhos.

SÉRGIO NUNES, estreou em televisão com as "Atualidades Admiral", mas já trabalhou em rádio e além disso é técnico em Educação Audiovisual. Já foi biografado por TV SUL (7.a



RUI FIGUEIRA e CARLOS BASTOS são os outros que fazem o noticioso mais movimentado da cidade. Bem como o eficiente IBSEN PINHEIRO, secretário do "Show". Por absoluta falta de espaço figurarão na próxima edição de TV SUL, que apresentando o pessoal que aparece no vídeo dos noticiosos da Gaúcha, encerra a série de reportagens sobre a Assessoria de tele-jornalismo do 12.

E por trás das câmeras e microfones está tôda a equipe da Assessoria: redatores, montadores, laboratoristas, arquivistas além da equipe técnica, cenógrafo, que possibilitam ao telespectador se informar e divertir nas "Atualidades" e no "Show de Notícias Admiral".

TELE-JORNALISMO

(última reportagem de uma série de 4).



edição), que agora o destaca como um dos bons participantes do "Show".

A única môça da Assessoria de tele-jornalismo se chama IVETTE BRANDALISE, Ela vem da Escola de Arte Dramática da URS e do teatro — de Equipe, de Estúdio, Universitário. — Durante um ano escreveu uma página feminina para o Diário de Notícias. Na TV estreou fazendo o "Pare, olhe, ganhe", para J. H. Santos, sendo depois convidada por Célia Ribeiro para a "Revista Social". E agora Ivette se divide entre a Standar Propaganda, onde é "Public Relations" e a TV Gaúcha, onde além da "Revista" faz o programa de cinema "Cartazes" e o "Show".



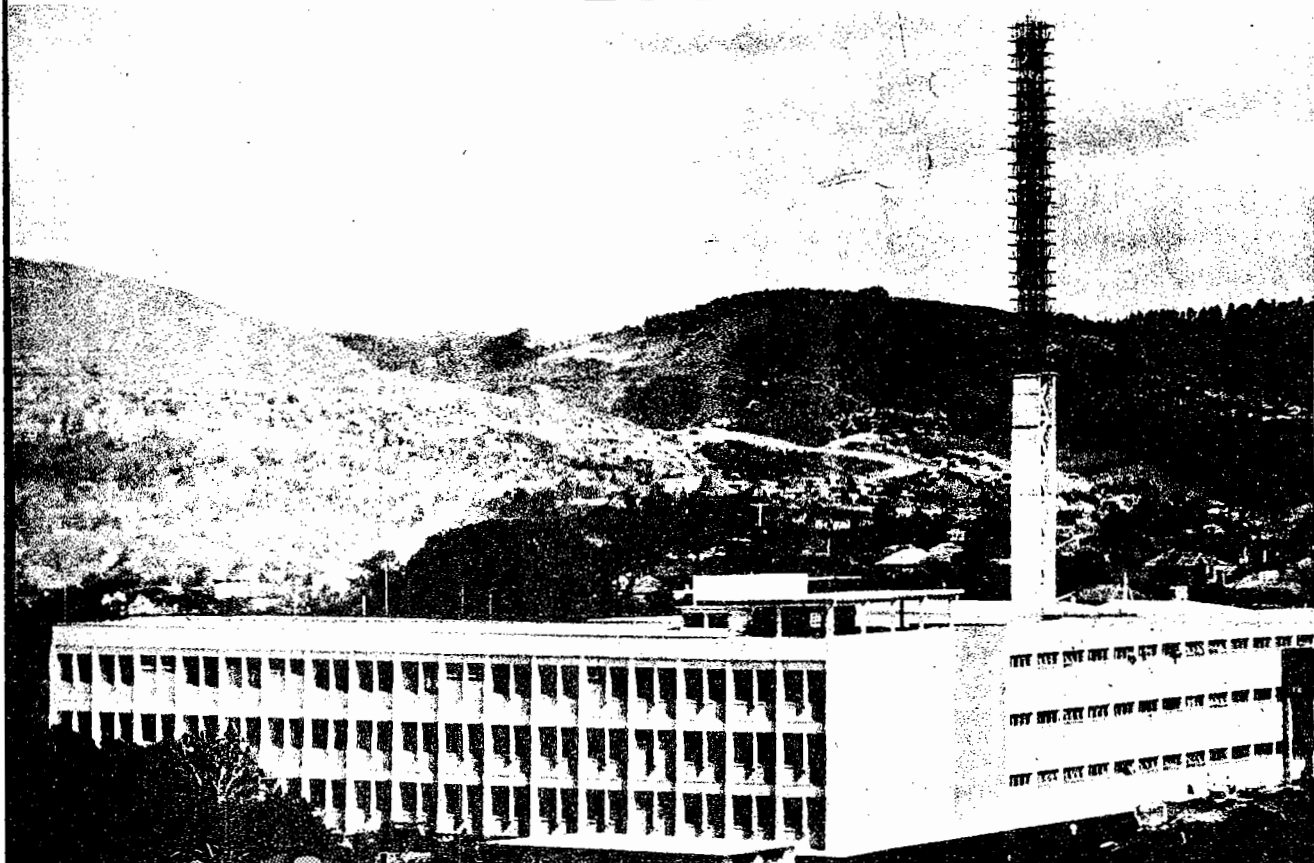
ANEXO 4

TV DIFUSORA

HOJE, DIA 10, A INAUGURAÇÃO OFICIAL CHEGOU O 10 QUE O RIO GRANDE ESPERAVA



067



-"ESTAREI COM VOCÊS NA MAIOR EMISSORA DE TELEVISÃO COMERCIAL DA AMÉRICA DO SUL!"

1 Um novo Canal de Televisão é, agora, inaugurado em Porto Alegre, e - com isto - há uma nova dimensão da tv no Rio Grande do Sul, porque, graças a potência de 200 quilowatts de sua antena penta-direcional, a Tv Difusora atinge, já de início, com imagem e som perfeitos, mais de 150 municípios.

2 Dois prefixos estão unidos, sob uma mesma Empresa inteiramente riograndense: o Canal 10 (Tv Difusora) e a ZVH-89 (Rádio Difusora), cujas equipes trabalham diariamente para levar música, alegria e informação, para milhões de brasileiros.

3 Três pilares básicos constituem o novo conceito de televisão para o Rio Grande do Sul: 10 em imagem, 10 em som, 10 em programação. E a Tv Difusora tem tudo isto. Você mesmo que acompanhou a nossa operação em caráter experimental e que, agora, está ao nosso lado, a partir do início das nossas atividades oficiais, comprova nossa afirmação.

4 Quatro milhões e seiscentas mil pessoas constituem o grupo populacional gaúcho residente nas diversas regiões do nosso Rio Grande e que recebem, já de início, nosso sinal de tv. Em seguida, vamos nos dedicar a implantação de rede de repetidoras, para chegarmos ainda mais longe.

5 Cinco itens constituem o nosso 10 em programação: filmes, o que há de melhor em disponibilidade; shows, tudo o que de bom é apresentado pelo elenco famoso da Tv Record, de São Paulo e programas que, em Porto Alegre, serão realizados ao vivo; educação, através de programas produzidos pela TV Cultura, de São Paulo;

informação - que será divulgada, "em cima da hora", através de dois noticiosos diários; e novela - num horário, com um espetáculo de extraordinário sucesso.

6 Seis mil metros quadrados formam a área construída de nossas instalações situadas no Morro de Santo Antônio, em Porto Alegre. É o mais moderno prédio do Brasil de tantos quantos foram especialmente planejados para estúdios de rádio e televisão.

7 Sete dias na semana estaremos empenhados em oferecer ao público gaúcho a melhor programação do Sul, carinhosamente preparada pela mais experimentada equipe de profissionais de tv no Rio Grande do Sul. Quem tem capacidade está conosco. Afinal - como diz Sérgio Jockmann - "no Canal 10 quem tem nota 9 é reprovado".

8 Oito componentes do moderníssimo equipamento RCA que importamos dos Estados Unidos, Canadá e Itália nos dão a certeza de que estaremos chegando, em seu lar, com som e imagem perfeitos. Temos superioridade em: iluminação - tele-cine - sala de controle e seleção de imagens (154 efeitos, que você ainda não tinha visto...) - controle automático de imagem e som - vídeo-tape - antena penta-direcional - equipamento de áudio e dois transmissores moderníssimos.

9 Nove mil cartas nos chegaram, em menos de duas semanas, enviadas pela comunidade riograndense. A tônica de toda a correspondência: "Estamos assistindo perfeitamente bem à nova Estação de Tv, da qual tanto precisávamos".

10 Dez é a nota máxima. Você que leu isto, atentamente, já sabe porque nós somos "O 10 QUE O RIO GRANDE ESPERAVA".



ESPECIAL

10 de outubro de 1969

JORNAL PIONEIRO EM OFFSET NO R. GR. DO SUL.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

FUNDADO EM 1933

ADMINISTRAÇÃO
Paqueta do Comércio
Conjunto 127/129
Fones: 24-7464 e 24-3464

REDACÇÃO E OFICINAS
Av. João Pessoa, 1232
Fones: 23-1010 e 23-2322

JORNAL DO COMÉRCIO

ANO XXXVII — PÓRTO ALEGRE, SEXTA, FEIRA, 10 DE OUTUBRO DE 1969 — N.º 198

JENOR C. JARROS
Diretor-Superintendente

DELMAR J. JARROS
Diretor-Administrativo

ISMAEL VARELLA
Gerente



1981969

Instruir em vez de punir é a nova mentalidade do fisco

Domingo é seu dia

O Dia da Criança, data mundialmente comemorada a 12 de outubro, transcorrerá domingo próximo para alegria da petizada. Nesse dia os carinhos são muitos e os presentes também, as preocupações ficam para depois. Entretanto, os problemas das crianças também são tratados com seriedade em todo o mundo, o que ficou demonstrado com a promulgação pela ONU da «Carta Magna dos Direitos da Criança», cuja edição ocorreu a 12 de outubro de 1960, coincidindo com a data dedicada ao Dia Mundial da Paz. A «Carta Magna dos Direitos da Criança» mostra o sentido universal do destino humano, quando afirma que a criança deve ser protegida contra as práticas que levam à discriminação racial, religiosa, entre outras, devendo ser formada com a finalidade de dedicar suas qualidades ao serviço dos semelhantes. Que seu espírito seja pois convenientemente formado, até mesmo durante a recreação (foto).



O Rio Grande do Sul vive uma nova fase tanto na área de Fiscalização Federal como estadual. Tanto a Secretaria da Fazenda como a Superintendência da Receita Federal empenham-se atualmente em imprimir à ação fiscalizadora uma função de esclarecer antes e só depois punir. Dessa forma os contribuintes começam a ver no fisco não um elemento punitivo, mas alguém que lhe pode prestar informações precisas de como deve agir. A nova orientação não é uma realidade total pois alguns fiscais federais não se integraram ainda no novo espírito, segundo afirmou o superintendente da Receita Federal, Sr. Eduardo Batista, em palestra na Associação Comercial esta semana. Assegurou, no entanto, que se caminha a passos largos para a consecução do objetivo.

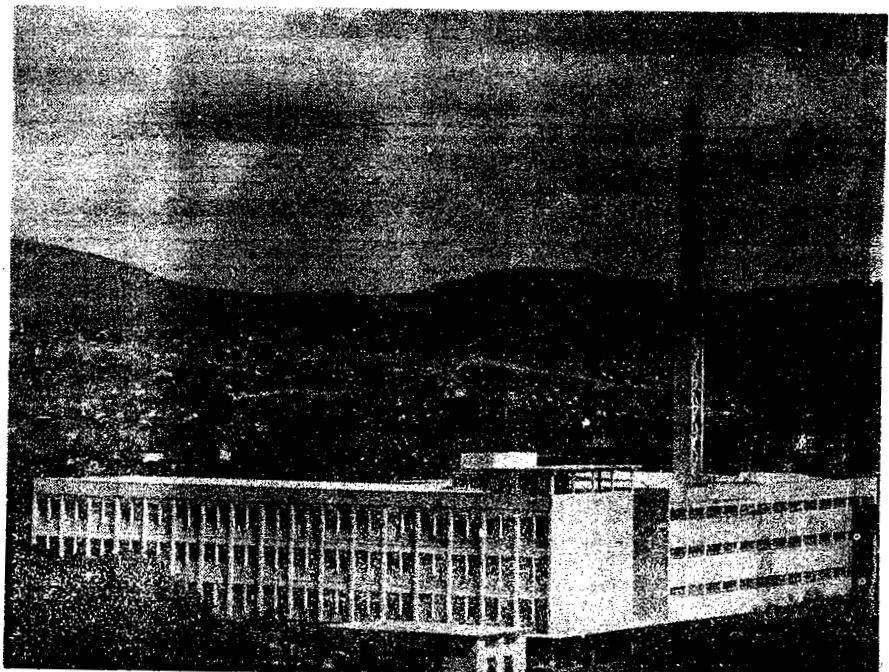
Por seu turno, a Secretaria da Fazenda desde o ano passado vem pondo em prática a realização de conferências em todo o interior do Estado no intuito de esclarecer os contribuintes sobre os principais pontos da sistemática do ICM. Segundo declarações dos técnicos fazendários se verifica no momento um grande número de infrações cometidas não por má fé, mas por ignorância da legislação. A par disso, a fiscalização vem sendo orientada em sucessivas reuniões para ser intransigente com os sonegadores contumazes e bastante branda com as faltas cometidas por ignorância.

VERBA DE 99 MILHÕES PARA PORTOS DO PAÍS

RIO (AN) — Decreto dos Ministros Militares no exercício temporário da Presidência da República, ontem assinado, destina a verba de 99 milhões de cruzeiros novos, para serem aplicados no aparelhamento dos portos nacionais, incluindo-se os fluviais e lacustres.

Chegou o 10!

Com a melhor imagem, o melhor som, a melhor equipe e a melhor programação, inaugura-se oficialmente hoje, às 17,30 horas, a TV Difusora Pôrto-alegrense, Canal 10. Os atos contarão com a presença de altas autoridades. A programação de estréia prevê, inclusive, uma mensagem ecumênica do Papa Paulo VI e uma saudação do Ministro de Telecomunicações. Nesta edição, o JORNAL DO COMÉRCIO em sua coluna «TV Programa» e em reportagem especial, à página 29, apresenta amplo material informativo sobre «O 10 que o Rio Grande esperava».



ANEXO 5

TV GUAÍBA

Porto Alegre, 16 de agosto de 2012.

Meu caro Sérgio.

Explico como eram os contratos entre as produtoras independentes e a TV Guaíba, durante os cerca de 15 anos em que, além de participar do programa Guerrilheiros da Notícia, de nosso comum amigo Flávio Alcaraz Gomes, eu era vendedor dos comerciais que eram veiculados no programa.

Funcionava assim: os contratos tinham a mesma redação, variando apenas quanto aos valores financeiros estabelecidos. A TV Guaíba fornecia apenas o que se referisse à área técnica (estúdio, câmeras, áudio e iluminação) com os respectivos operadores. A produtora independente tinha o encargo de criar, produzir, construir cenários, colocar adereços de cena, contratar todo o pessoal que julgasse necessário, bem como despesas de telefonia, ECT, *web* e outras. A produtora era, também, a responsável pela venda de publicidade no programa, remunerando os profissionais envolvidos nesta e em outras atividade do programa.

O contrato era feito na base de parceria entre as partes. Assim, para um programa de 60 minutos, de 2ª a 6ª feira, a produtora se obrigava a pagar, mensalmente, no mínimo, R\$ 10.000,00. Caso o faturamento da produtora não atingisse o valor mínimo estipulado, isso significaria prejuízo à produtora, que completaria o valor de seu próprio bolso. Se o faturamento superasse o mínimo estabelecido, o excedente seria integralmente da produtora, até atingir R\$ 10.000,00. O que fosse faturado a partir destes R\$ 20.000,00 era dividido 50% para a TV Guaíba e 50% para a produtora independente. Os valores citados são apenas a título de exemplo, pois as quantias reais variavam em função da periodicidade, duração e horário de veiculação de cada programa contratado.

A TV Guaíba mantinha o controle das vendas, pois o faturamento contra os anunciantes era feito pela emissora que, uma vez tendo recebido dos clientes, repassava a parte da produtora.

Basicamente, este era o esquema.

Qualquer dúvida é só me procurar.

Um forte abraço.

Jaimé Keunecke - JK

CPF:

054855090-57